3 1761 07047009 1

Alberto Pimentel

O LOBO DA MADRAGÔA

ROMANCE ORIGINAL

ILLUSTRADO COM 40 GRAVURAS

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 50, 52 e 54
1904

O Lobo da Madragôa

Alberto Pimentel

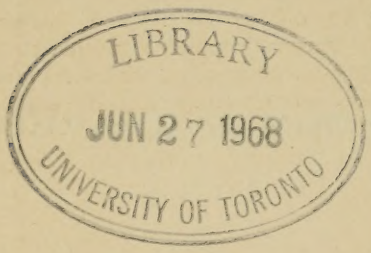
O LOBO DA MADRAGÔA

ROMANCE ORIGINAL

ILLUSTRADO COM 40 GRAVURAS

LISBOA
PARCERIA A. M. PEREIRA — LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 50, 52 e 54
1904

PQ
9261
P46L6



Officinas typographica e de encadernação, movidas a vapor
DA
PARCERIA A. M. PEREIRA
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1904

O poeta Diógenes, o Lobo,
Sem capa, bolsa, ou lar, mordendo em todos.

CASTILHO — *Excavações poeticas.*

Antonio Lobo de Carvalho, quando se levanta do cinismo habitual, e não imita a sordidez de Baffo, é critico engenhoso, e faz lamentar o talento polluido em levianas devassidões.

REBELLO DA SILVA. — *Panorama,* XI.

PARTE I

Peccados da mocidade

I

A explosão da pesqueira

Esboçava-se na tenue claridade do ceu o primeiro sorriso da aurora, e já a Therezinha de Villalva, madrugadora como a toutinegra, atravessava por Argemil para a beira do rio Ave.

Ella não tinha outro relogio que a despertasse, além do seu coração. Quem anda de amores não dorme, diz o povo. Aquella linda cachopa de Villalva dormia, cançada de mourejar um dia inteiro na faina dos campos, e talvez não sonhasse. Mas accordava mais cedo que toda a sua aldea; primeiro aínda que os passaros no arvoredo, exceptuando a toutinegra e o tentilhão. Era o coração que a despertava, muito de mansinho, para que ninguem mais ouvisse. E quando a Therezinha saltava do leito, certificava-se olhando para a janella: lá estava já o sol a dizer-lhe «Tu e eu não faltamos nunca.» Então, bem accordada, principiava a sonhar, que só para os namorados a vida é sonho. O proverbio popular: — Quem anda de amores não dorme — applicado á raça forte do Minho, não impõe a insomnia como indispensavel condição pathologica; exprime apenas o alvoroço madrugador do coração amoroso.

Escusamos de phantasiar requintes e devaneios de poesia, que brigam com a realidade dos factos. Digamos o que é; como as coisas são. O amor, para ser poesia e sonho, não precisa que o vamos procurar ao ceu e lhe ponhamos duas azas brancas que o tragam mais facilmente até nós. Elle é já de si mesmo uma força mysteriosa que eleva a creatura; e na mulher

do campo não ha outro sentimento que possa tornal-a immaterial.

A Therezinha de Villalva sahia de casa pé-ante-pé, lavava-se na corrente do Sanguinhêdo, riacho da sua aldea, como faziam mais tarde todas as outras raparigas. Via-se no espelho ainda baço da agua, que o sol illuminava frouxamente, e compunha o cabello, anediando-o com as mãos, que tambem tratava com excepcional cuidado entre camponezas. Depois partia alegre, cantando, mais feliz do que uma princeza, sem pensamentos maus que perturbassem a castidade da sua vida.

A mulher do campo, se é honesta, não teme os perigos do caminho, nem as vozes do mundo. A sua mesma honra é uma escolta que a acompanha, que a defende e guarda. Não a intimida a solidão, que ella parece supprimir cantando. N'isto se differença das aves suas patricias: ellas gostam de cantar pousadas; a camponeza canta caminhando.

De mais a mais Therezinha não atravessava um deserto. Entre Villalva e Argemil, dois povoados, apenas havia alguns trechos de pinheiral, que ella cortava em linha recta. Pelo caminho já ia encontrando alguem, quasi sempre algum velho, que lhe dizia benevolamente: «Vai com Deus, cachopa». Os velhos dormem menos que os moços, talvez por um movimento instinctivo da natureza, que se apéga á vida para aproveitar melhor a pouca que ainda lhe resta.

Chegando a Argemil, havia sempre mais gente que não deixava passar ninguem em segredo. Eram os criados da quinta da Batalha, que rondavam em som de guerra a beira do rio.

Therezinha parava um momento para ajoelhar á porta da capellinha de Nossa Senhora da Piedade. Rezava por costume uma «Ave-Maria», com as mãos erguidas. Depois descia á orla do pinhal para o rio. Logo ali, poucos passos andados, estava o Ave, onde a agua espumava cahindo do açude. Parava e batia de rijo trez palmadas, que o écco do valle repetia longamente. Respondia-lhe um assobio estridulo; era o barqueiro dos cruzios da Palmeira que dava signal de que não tardaria com a barca da passagem.

Os criados da Batalha diziam sempre a Therezinha alguma chalaça por galanteria:

— Ah! cachopa! pudessemos nós desviar o rio, que nem tu o passarias, nem os cruzios nos fariam passar tão má vida.

—Tu és uma flôr da margem esquerda: não enraizes além, que nos roubas.

— S. Bento faça o milagre de que venhas a querer mais á Batalha do que á Palmeira.

Therezinha sorria, e tinha sempre que responder, porque a mulher do Minho é destra e graciosa na réplica:

— Se vós pudesseis desviar o rio, ficarieis sem pesqueiras nem azenhas. E se quereis perder tudo isso, dai-o de boamente aos cruzios; escusaes de andar em guerra com elles.

Aspecto de Villalva, do lado do Alto do Pedro

— Fosse eu flôr, e seria como todas as outras, que não sabem onde hão de viver, senão onde Deus manda.

— Eu quero tanto á Batalha como á Palmeira. Sou como as vossas azenhas, que teem duas rodas e nenhuma d'ellas trabalha mais de uma banda que da outra.

Os criados dos benedictinos riam de ouvir Therezinha papaguear todos estes chistes, que lhe eram salvo-conducto com que livremente podia atravessar o rio, privilegio que a outra qualquer pessoa tão affeiçoada á Palmeira seria violentamente disputado.

Amanheceu o dia 23 de julho de 1758 e, como sempre, a Therezinha de Villalva accordou despertada pelo coração. Olhou para a janella e lá viu o sol a dizer-lhe: «Tu e eu não faltamos nunca». Poz-se a pé, mas estava menos tranquilla e contente do que nos outros dias. A si mesma perguntou com so-

bresalto: «Será hoje?» Havia um pensamento secreto que a alvoroçava. Mas, com o seu animo resoluto de rapariga minhôta, sahiu pé-ante-pé, foi lavar-se ao Sanguinhêdo, onde compoz o cabello no espelho da agua; e involuntariamente relanceou os olhos por toda a sua pequena aldea, como a inquirir das arvores, dos rochedos e do ribeiro se n'aquelle dia seria menos feliz do que nos outros.

E' que os sitios que estamos costumados a vêr inspiram-nos confiança amigavel: contamos com elles, como se fossem companheiros seguros, nossos confidentes e auxiliares dedicados.

Pareceu á Therezinha que pairava sobre a paizagem o que quer que fosse de tristeza estranha.

A pobre rapariga estava vendo a natureza através da sua alma.

Ella bem sabia o que se planeava na quinta da Palmeira, e que se preparavam acontecimentos que alguma hora estalariam de subito.

A paizagem era tão bella e tranquilla como sempre fôra. Os casaes brancos esmaltavam sorridentes a verdura da vegetação frondosa, pelas duas encostas dos outeiros que formam o pequeno valle do Sanguinhêdo. D'esses alegres casaes adviera o nome á povoação: Villa Alva ou Villalva. Do *Alto do Pedro*, um dos outeiros, vem a aldea descendo, graciosamente disposta, até ao rio, e d'ahi sobe até ao cimo do *Penedo*, que é o segundo outeiro, não menos povoado e viridente.

O riacho, apezar de minguado de aguas no verão, não chega a seccar nunca. Vae deslisando por entre pedregulhos com mais ou menos facilidade, segundo a estação. Affluente do Ave, leva-lhe o seu concurso, que em todo o caso é insignificante.

Uma ponte antiga, de granito — essa resistente e veneranda pedra que em todo o norte do paiz desafia os seculos — previne a hypothese, aliás pouco provavel, do Sanguinhêdo transbordar interceptando a povoação.

Toda a paizagem de Villalva se dulcifica n'uma profunda quietação bucolica. Não se encontra ali apenas esse ar de placida resignação que parece tornar supportavel a vida em certas aldeas nossas. Não. Ha uma paz alegre, cantante sem bulicio, sorrindo sem garridice. E' um trechosinho de Minho que rivalisa com os panoramas da Suissa, cheios de luz, de bondade, direi mesmo, de ternura campestre.

Não podiam os olhos de Therezinha ler algum pensamento triste n'aquella paizagem inalteravelmente serena e gentil. A sua alma, alvoroçada por um receio intimo, é que espalhava em torno de si uma vaga inquietação.

Não obstante, Therezinha partiu, mas, durante os primeiros passos, não se lembrou de cantar. Ella propria estranhou esse facto e, dominando-se resolutamente, metteu por entre o pinheiral cantando.

Quando chegou a Argemil, parou junto á ermida da Senhora da Piedade.

Ajoelhou de mãos erguidas. Mas em vez de uma, rezou trez *Ave-Marias,* cerrando os olhos n'uma concentração mais funda do que habitualmente.

Encontrou os criados da quinta da Batalha rondando como sempre a beira do rio, mas affigurou-se-lhe que estavam em maior numero n'aquelle dia.

Quiz pensar que fosse illusão sua, para reprimir a apprehensão que tanto a inquietava.

Todos elles, como de costume, lhe disseram seu madrigal, a que ella respondeu galantemente, sem denunciar a menor perturbação de animo.

Bateu as trez palmadas do estilo e, circumstancia singular! não lhe respondeu da outra margem do Ave o costumado assobio.

Então uma sensação dolorosa, rapida e penetrante como golpe de punhal, pareceu ferir-lhe o coração.

— Olá! gritou um velho criado da quinta da Batalha. Temos mouro na costa! Olho álerta, rapazes!

Os outros, ouvindo isto, acercaram-se d'elle, movidos de um vivo interesse, anciosamente interrogativos no olhar e no gesto.

— Pois então! Acham vocês que o Manoel barqueiro tenha adormecido agora? Historias, rapazes!

Therezinha, muito pallida, offegante, alternava o olhar afflictivamente perscrutador entre a margem direita do rio e o homem da Batalha que estava falando.

— Quem sabe se morreu? disse ella vibrante de commoção.

E o da Batalha replicou de prompto:

— A'gora morreu elle! Se tivesse morrido já se cá sabia, já t'o tinham vindo dizer, que as más noticias, cachopa, são como o vento: correm muito.

— Então? perguntaram os outros homens da Batalha.

— Então?! Pois não percebeis que não querem hoje lá a rapariga!

Therezinha estava cada vez mais pallida. O seu peito arquejava como um casal de pombos assustados.

— E que futura vocemecê que haja de ser? inquiriram muitas vozes. A pesqueira nova, será?

— Eu sei, rapazes! Mas é provavel que seja... Com estes senhores padres cruzios ninguem se entende... Grandissima pouca vergonha! Os nossos padres benedictinos teem o seu couto marcado pelo meio do rio desde o tempo dos Affonsinhos. E' seu; deram-lh'o. Nem o rei, nem Sebastião de Carvalho lh'o podem tirar. Vão estes senhores cruzios da Palmeira e não querem que nas aguas que são nossas, e na terra que nossa é, haja pesqueira ou azenha defronte da quinta da Palmeira! Já se viu maior desafôro?!

— A pesqueira nova juraram elles demolil-a, custe o que custar.

— Isso veremos!

— Dizem que querem o rio livre, e que o hão de ter.

— Tambem havemos de ver isso!

Houve um momento de silencio, durante o qual alguns dos homens da Batalha olhavam com dolorida sympathia para a Therezinha de Villalva.

O velho criado dos benedictinos quebrou o silencio dizendo:

— O tio João Rodrigues, que eu conheci muito bem, construiu a pesqueira que chamaes nova, por contrato com os nossos padres de S. Bento. Obrigou-se a pagar fôro, e sempre o pagou. Depois que morreu, os seus herdeiros sempre o teem pago tambem. Ha negocio mais licito do que este? O que teem os padres cruzios com isso ou o que podem ter?! Mas, rapazes, olhae que a cachopa está estarrecida. Vae-te embora, Thereza, que hoje não vem a barca buscar-te.

— Estou cheia de cuidado em meu pae, disse Therezinha com os olhos fitos na margem direita do rio.

— Não é só em teu pae... Olha como tu és fingida! Mas em teu pae tambem deve ser.

— E em meu padrinho tambem, acrescentou ella.

— Sem fallar em quem nós sabemos...

— Bem estou eu agora para graças! replicou a linda cachopa de Villalva procurando affastar o assumpto.

— Nem a barca lá está hoje! Dá mais que pensar a falta da barca que a do barqueiro.

— Queira Deus que não seja doença, nem caso de morte.

— Não, rapariga. Já te disse, observou sentenciosamente o velho, que as más noticias correm tanto como o vento.

N'isto appareceu por entre o arvoredo da margem direita, no couto da Palmeira, um vulto de homem.

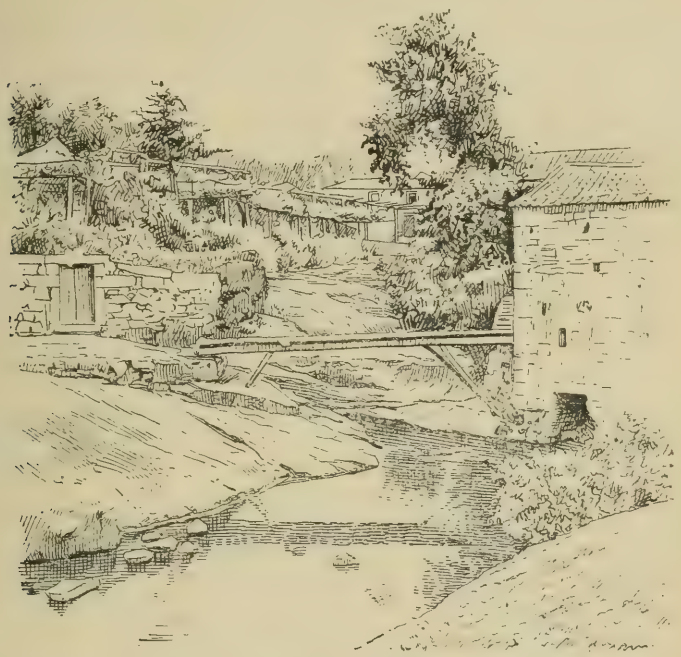
Logo foi reconhecido. Era o «Mafarrico de Guimarães» como já os homens da Batalha o appellidavam continuando uma alcunha que viera de longe.

Todos os olhares o seguiram no seu rapido perpassar. The-

rezinha espreitava-o com uma agudeza de vista, que só tem o lynce e o amor.

Passando ligeiramente n'uma clareira do arvoredo, o «Mafarrico de Guimarães», chamemos-lhe tambem assim, deitou a mão a um ramo de arvore e esfolhou-o com presteza.

Devia ser um signal que Therezinha comprehendeu, porque, após um momento, disse ella:



Aspecto de Villalva, do lado do Alto do Penedo

— Já vejo que hoje não me querem lá. Vou-me embora com Deus, e ámanhã voltarei.

Mas estava muito perturbada, como quem adquiriu a certeza de que se devem esperar graves acontecimentos.

O velho da Batalha replicou-lhe:

— Pois vae, Therezinha, que nós cá ficamos, tão avisados como tu.

Logo que a rapariga metteu pelo atalho do pinhal para Argemil, um dos rapazes exclamou com juvenil estouvamento:

— Elle alguma coisa é. Mas o melhor é saber-se ao cedo o que se ha de saber ao tarde.

E soltou um regougo, muito guttural, o que quer que fosse de apupo, como para provocar uma resposta.

O velho criado da Batalha correu para elle, como para lhe cortar a voz, mas era já tarde: aquelle grito escarninho eccoava no valle do Ave como o estalar de uma gargalhada rouquenha.

A resposta não se fez esperar muito.

Da margem direita do rio partiu um tiro, e logo outro.

Os homens da Batalha replicaram em genitivo de hostilidade, desfechando as suas espingardas contra a margem direita, apontando para os sitios d'onde os primeiros tiros haviam partido.

Então ninguem podia vêr, n'um lado e outro do rio, mais do que a scintillação rapida das escorvas e, logo, após a detonação, nuvens de fumo que, sahindo d'entre o arvoredo, subiam turvando a limpidez cristallina da manhã.

Travou-se um vivo tiroteio, que punha estampidos guerreiros na quebrada do rio.

A barca da Palmeira, que antes de romper o dia tinha descido, á socapa, o Ave, aproveitou agora a fumarada da polvora e veiu rente com a margem esquerda tocar na pesqueira nova.

Quando os criados da Batalha, empenhados na contenda, deram por isso, fizeram alguns tiros incertos sobre a barca, audazmente tripulada por dois homens.

Mas então as detonações cresciam na margem direita, para cobrir a retirada aos barqueiros.

Poucos minutos depois, ouviu-se uma explosão formidavel, e algumas pedras da pesqueira nova, erguendo-se um momento no ar, desciam logo para afundar-se com estrondo no rio, levantando cachões espumantes.

A barca tinha ido incendiar a mecha, que durante a noite havia sido entalada na pesqueira atrevidamente minada pelos criados dos cruzios, sem que os da Batalha o percebessem.

Foi á luz do dia que os valentes homens da Palmeira quizeram fazer explodir a pesqueira nova, para maior affronta aos benedictinos.

Apenas esperavam um pretexto para romper a fuzilaria, e esse pretexto foi-lhes dado pelo estouvado rapaz da Batalha, que pagou a audacia com a vida.

E' a sorte de todos os revolucionarios destemidos: serem elles mesmos as primeiras victimas da sua coragem.

Não falhou a regra, ali.

Ao ribombo dos tiros e da explosão acudiram alguns criados do mosteiro de Santo Thyrso, em soccorro dos seus ca-

maradas da Batalha; e muito povo, curioso, affluia a uma e outra margem.

Mas quando chegaram, já a refréga tinha passado.

A belleza da manhã e a tranquillidade do rio contrastavam profundamente com o aspecto ruinoso da pesqueira e com o alvoroço dos espiritos.

Uma renda de espuma franjava toda a linha do açude onde a agua saltava cantando e correndo.

Os amieiros e salgueiros, que orlam as duas margens do Ave, conservavam imperturbaveis a flexão gentil, que lhes dá o aspecto de estarem dizendo doces galanteios á onda esquiva.

Só os passaros não cantavam, porque tinham fugido assustados com o tiroteio.

Muitos d'elles foram abrigar-se na insua grande, d'onde mais tarde regressaram com notavel tactica, porque mandaram primeiro sondar o terreno por guardas avançadas, espiões alados, que reconheceram ter passado a refréga.

No rio, o unico vestigio evidente da contenda era o aspecto da pesqueira, escalavrada pela explosão.

Mas isto bastava para dar a entender que a discordia entre os cruzios da Palmeira e os benedictinos da Batalha tinha entrado n'uma nova phase de irritação, que devia durar muito, porque, naturalmente, os benedictinos quereriam reconstruir a pesqueira, e os cruzios desmoronal-a outra vez.

O povo, nas duas margens, commentava o acontecimento com manifesta parcialidade a favor dos benedictinos. O povo de Santo Thyrso queria muito ao seu mosteiro e aos seus frades, que constituiram o primeiro fundamento da povoação christã. Até os habitantes da margem direita, apezar de proximos visinhos da Palmeira, defendiam a causa dos benedictinos contra os cruzios. A Batalha era uma «brevia» do mosteiro de Santo Thyrso, como a Palmeira era uma «brevia» do mosteiro de Landim. Mas Landim estava longe, bem como a aldea a que déra origem, ao passo que o mosteiro de Santo Thyrso, ali, á vista de todos, erguia as suas torres, desdobrava a sua fachada nobre sobre o terreiro da egreja e debruçava o seu longo marachão sobre a corrente do Ave. O povo ouvia a voz dos sinos do mosteiro e dos monges benedictinos; recebia os sacramentos na egreja conventual, que frequentava; era aquella, n'uma palavra, a sua parochia. Quanto aos cruzios, tinha-os como estranhos, que vinham gosar os seus ocios na quinta da Palmeira, cuidando menos do povo que de si mesmos. Via-os passar, é certo, de Landim para a Palmeira, da Palmeira para Landim, mas não contava com elles para nada, ao passo que

no mosteiro de Santo Thyrso encontrava sempre favor e protecção.

De mais a mais os benedictinos não gostavam dos cruzios e o povo, gostando dos benedictinos, tomava, naturalmente, o partido d'elles.

A Therezinha de Villalva

Não havia talvez em Santo Thyrso senão uma unica pessoa que via menos desfavoravelmente os cruzios da Palmeira.

Essa pessoa era a Therezinha de Villalva, mas desculpavam-n'a, porque a sua honesta gracilidade inspirava sympathia a todos, e porque concorriam n'ella circumstancias especiaes que a prendiam á Palmeira.

Passada a refréga, o povo conservou-se em pasmaceira n'uma e n'outra margem do rio, olhando para a pesqueira desmoronada, maldizendo dos cruzios, e exagerando as consequencias mortiferas do tiroteio.

Augmentava por sua conta, como sempre succede, o numero das victimas, e não era facil averiguar-se a verdade, porque os criados dos benedictinos fecharam o portão da quinta da Batalha.

— Estão a enterrar os mortos, dizia cá fóra o povo.

— E serão muitos?

— Pois decerto. O fogo durou tanto tempo!

— Os cruzios tambem devem ter apanhado a sua conta!

— Que o diabo os leve. P'ra que vem elles fazer mão baixa no que é dos outros?

— Ladrões!

— Tal e qual. O rio é dos bentos, e sempre foi desde que Nosso Senhor o fez.

— E então os cruzios querem desfazer o que Deus fez!

— Peste de cruzios!

Dentro da quinta da Batalha esperava-se que chegasse a

maca, em que o morto devia ser conduzido para a egreja do mosteiro de Santo Thyrso.

O criado velho dos bentos, sentencioso ancião que nós já conhecemos, olhava para o cadaver do imprudente rapaz, e dizia em tom reflectido para o grupo dos outros criados que o rodeavam:

— Rapazes, esta briga dos padres cruzios com os nossos padres de S. Bento já vem de longe, á conta da Palmeira e da Batalha, e agora mais do que nunca promette continuar. Vós o vereis, que tendes mais tempo para viver do que eu. Mas eu já não vi pouco, e sempre ouvi dizer que foi uma grande batalha, entre as duas casas, que deu nome a este sitio. Pois, infelizmente, terá de continuar a guerra, e, se houver de correr mais sangue, peço a Deus que me leve antes.

E quedando-se a olhar para o morto:

— Pobre rapaz! que tão valente era! até de mais!

No meio do povo, que se conservava espectante na margem esquerda do rio, estava a Therezinha de Villalva, transformada dolorosamente por uma angustia enorme.

Ella dissera que voltava para casa, mas o coração não lh'o consentiu.

Poucos passos andados, retrocedeu, e ficou á espera dos acontecimentos, cuja gravidade media de antemão.

Assistiu a todo o tiroteio encoberta pelo tronco de uma arvore, sabe Deus com que anciedade.

Quando viu que nenhum dos barqueiros foi alcançado pela fuzilaria, respirou mais desafogadamente, mas ficou ainda com os olhos attentamente cravados na margem direita.

Apenas se tirou d'ali quando n'um claro da quinta da Palmeira viu apparecer o «Mafarrico de Guimarães», que parecia procural-a com o olhar na margem esquerda entre o povo.

Então ella avançou alguns passos para se deixar vêr, e logo deitou a correr, desapparecendo.

Foi rezar a Nossa Senhora da Piedade, que a tinha protegido, attendendo a sua supplica.

II

Dia de S. Bartholomeu

As duas ordens monasticas mais poderosas na provincia de Entre-Douro-e-Minho eram a dos conegos regrantes de Santo Agostinho (vulgarmente cruzios) e a dos monges de S. Bento.

Póde dizer-se, não obstante a politica regalista de Sebastião José de Carvalho e Mello, que uns e outros religiosos continuavam ainda no seculo XVIII a reinar como senhores absolutos no vasto territorio d'aquella provincia feracissima.

O povo bem o sabia, mas contentava-se, como sempre acontece, em mostrar que á sua philosophia humoristica não passava despercebido esse facto. Em vez de formular um protesto ou de procurar apoio no primeiro ministro da Corôa, o povo limitava-se a rir n'um simples dictado, que toda a gente repetia:

Os monges de S. Bento
E os conegos de Santo Agostinho
Comem todas as rendas
De Entre-Douro-e-Minho

O mais curioso de tudo é que este dictado chegou até nós transmittido pela penna do proprio chronista dos conegos regrantes de Santo Agostinho, Frei Nicolau de Santa Maria.

Não se póde averbar de suspeito o testemunho.

E' verdade que Frei Nicolau procura dar uma explicação do facto, embora não fosse elle que a encontrasse. Deve-se es-

te precioso achado a outro religioso, Frei Jeronymo Romão, o qual diz que durante muito tempo não havia outras ordens além dos cruzios e dos bentos, e que portanto uns e outros iam naturalmente deitando a mão a todas as egrejas, tanto restauradas como edificadas de novo, e fundando mosteiros seus junto d'ellas,

Como se vê, a explicação apenas explica que os bentos e os cruzios não deixavam que outras ordens pudessem pôr o pé em ramo verde; ora esta, ora aquella, qual das duas á porfia, açambarcavam tudo.

O povo não estava para se metter em cavallarias altas, de que certamente lhe não adviriam maiores beneficios nem favores do que muitos que já recebia dos frades, especialmente dos benedictinos.

Se se mettesse a protestar e fosse attendido, nada lucraria na partilha do que se houvesse de tirar aos filhos de S. Bento ou de Santo Agostinho e, ainda por cima, talvez tivesse que pagar bem cara a sua imprudencia. O exemplo do motim do Porto contra a Companhia dos Vinhos do Alto-Douro era muito recente e muito severo para que pudesse esquecer. Os taberneiros atiçaram o povo contra a Companhia, e o povo cahiu no laço, pagando duramente a sua leviandade. Sebastião de Carvalho mandou uma alçada ao Porto, e logo desabou sobre os ingenuos revolucionarios um tremendo castigo: penna de morte, açoutes, galés, degredos, o diabo. Nem os rapazes da rua escaparam, porque foram condemnados a assistir ás execuções e a levar palmatoadas. Sobre estes acontecimentos ia apenas decorrido um anno. Ninguem os tinha esquecido ainda, e o povo menos que ninguem.

Por sua parte, Sebastião de Carvalho preoccupava-se principalmente com os jesuitas para combater a sua acção politica, e deixava em relativa paz as outras ordens que pensavam mais em si mesmas do que em negocios do Estado.

O povo via tudo, mas não estava para sacrificar-se outra vez. Repetia o dictado, para que o não tomassem por tolo, e deixava correr.

De mais a mais, o povo, em Santo Thyrso como em toda a parte, dava-se bem com os benedictinos, que lhe faziam favores, e que não eram tão emproados e envaidecidos como os conegos regrantes de Santo Agostinho.

Estes não deixavam nunca o seu credito por mãos alheias, sobretudo depois que o Papa Pio IV decretou, ao cabo de uma longa demanda, que em todos os actos publicos os conegos regrantes precedessem os monges de S. Bento.

Os cruzios, nome popular que em Portugal lhes adveio da

casa-mãe ser o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, usavam Dom, ao passo que na ordem benedictina apenas o tinha o abbade de cada convento; orgulhavam-se de que a sua ordem fosse chronologicamente a primeira de todas as outras, a que por isso senhoreára durante seculos todo o governo da egreja catholica; e hierarchicamente tambem consideravam a sua ordem como a primeira em nobreza, porque n'ella se tinham filiado pontifices, reis, principes, cardeaes, arcebispos, bispos e outra mais gente illustre, e d'ella tinham sahido varões florescentes em lettras e virtudes, sabios para o mundo e santos para o céu.

Os cruzios de Portugal relembravam com desvanecimento que D. Affonso Henriques, D. Sancho I e D. Sancho II vestiram o habito de conegos de Santo Agostinho, e que o chamar-se a D. Sancho II o «capello» não tinha outra razão senão a d'elle usar a sua murça de conego, habitualmente, até quando montava a cavallo.

D'aqui veio, por signal, uma ridicula moda: a de todos os fidalgos, incluindo os que não eram tambem conegos, usarem capas muito curtas, á laia de murças, para lisonjear o rei.

Vê-se que o snobismo cortezão já vem de longa data.

Os filhos de Santo Agostinho tinham habilmente imaginado uma organisação monastica, que lhes permittia attrairem, sem violencia, grande numero de sujeitos.

Dividiam-se em trez categorias: á primeira pertenciam os conegos enclausurados ou reclusos; á segunda, os obedienciarios ou irmãos conversos, que podiam ser sacerdotes ou não, e que viviam em suas casas e quintas, fóra dos mosteiros; á ultima classe pertenciam os «terceiros», cuja profissão não exigia maiores responsabilidades religiosas do que aquellas que eram assumidas pelos cavalleiros de Christo, de Sant'Yago ou de Aviz.

Graças a este processo organico estava a porta aberta para toda a gente, tendo assim realisação o dito de S. Jeronymo quando lembra que Jesus Christo, conservando a cada homem em seu estado, os fez a todos moradores do ceu.

Os cruzios haviam imaginado um ceu na terra: um ceu para elles e para toda a outra gente que fosse por elles.

Com referencia á ordem benedictina, os conegos regrantes ainda adduziam mais um argumento de superioridade: era que lhe tinham dado alguns homens que a foram illustrar brilhantemente, entre elles alguns pontifices como Leão III e Leão IV, que de conegos regrantes lateranenses passaram a monges benedictinos, e chegaram depois á cadeira de S. Pedro.

Todas estas circumstancias, adjuntas á emulação das ri-

quezas, bastariam a explicar a rivalidade existente entre as duas ordens monasticas que predominavam na provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Os conegos de Landim ou Nandim, como diz o «Nobiliario»

O açude da Palmeira no rio Ave

do conde D.· Pedro, eram quasi visinhos dos monges benedictinos de Santo Thyrso.

Dom Nicolau de Santa Maria informa que Landim «está perto do rio Ave.» E' um modo de se exprimir, para dar a entender que entre Santo Thyrso e Landim não vae grande distancia. Comtudo o leitor, se fizer a jornada a pé, e não estiver habituado, como os bons minhôtos, a papar leguas, sentirá fadiga. Será mais curial dizer que uns e outros, os cruzios de Landim e os benedictinos de Santo Thyrso, eram visinhos, mas não de ao pé da porta. Tanto mais que o rio Ave, mettendo-se de per meio, separavá as terras de ambos os mosteiros.

O padre Dom Nicolau informa ainda, n'uma passagem da «Chronica», que os seus confrades «visinhavam bem» com os monges de Santo Thyrso. Apezar do chronista não gosar de

indiscutiveis creditos como historiador, esta segunda informação póde acceitar-se como boa em relação a Sante Thyrso e Landim, especialmente no seculo XVII, quando o padre Dom Nicolau escrevia,

Mas não é exacta quanto á Palmeira e á Batalha, em epoca nenhuma, maiórmente no anno de 1758.

Ahi os interesses materiaes dos cruzios e dos benedictinos digladiavam-se de perto, como n'um duello travado entre a margem direita e a margem esquerda do Ave.

Os rendimentos que derivavam da exploração do rio, taes eram os das pesqueiras, azenhas e açude, traziam mal avindos os cruzios da margem direita e os benedictinos da margem esquerda.

As duas ordens disputavam, frente a frente, a posse e usufructo do Ave,

Razão tivera o criado velho da Batalha para alludir a cruentas luctas antigas entre a criadagem de uns e outros religiosos, á conta d'aquelles rendimentos; a tradição diz, effectivamente, ainda hoje, que um grave conflicto armado fôra causa de se dar o nome de «Batalha» á quinta que os benedictinos possuiam quasi em frente do couto da Palmeira.

Este couto doara-o aos cruzios do mosteiro de Santa Maria de Landim Dom Gonçalo Rodrigues Pereira, fidalgo de linhagem, e seus filhos confirmaram collectivamente a doação no anno de 1177 por escriptura publica.

«Era por aquelles tempos, diz o chronista, o couto e senhorio da Palmeira uma grande cousa, e tão boa como um condado».

Os religiosos de uma e outra ordem, cruzios e benedictinos, viviam aqui em constante rivalidade, muitas vezes aggravada pela imprudencia e arreganho dos criados de uns e outros, sobretudo depois que tinha sido construida a pesqueira nova, considerada então uma das mais importantes do rio Ave.

Os conflictos repetiam-se quasi todos os mezes, pois que os padres cruzios tinham jurado derrubar a pesqueira, e os benedictinos conserval-a como regalia sua.

As funestas consequencias d'esses conflictos ficavam, por conveniencia mutua, n'uma discreta reserva, que a uns e outros religiosos convinha ser guardada.

Quem morria, morria. Sebastião José de Carvalho e Mello ou não chegava a ter conhecimento official d'esses repetidos embates de hostilidade monastica ou evitava intervir directamente em questões de interesse particular, que não embaraçavam os réditos do thesouro publico ou as conveniencias da administração geral do Estado.

E as justiças locaes, que desejavam viver em paz com as

duas mais poderosas ordens monasticas da provincia, deixavam correr o marfim.

Ainda por igual motivo o povo, comquanto sympathisasse mais com os monges benedictinos do que com os conegos regrantes, seguia o exemplo das justiças locaes, avisadamente lembrado de que o justo paga muitas vezes pelo peccador.

Desmoronada com auctorisação ou connivencia dos cruzios a pesqueira nova, os benedictinos de Santo Thyrso pensaram desde logo, como era natural, em reerguel-a.

A maioria dos seus criados e caseiros da Batalha desejava que se levasse o caso á valentona, fazendo-se a obra em pleno dia, embora sob um chuveiro de balas, porque, diziam elles, o sangue pede sangue e a vingança clama vingança. Queriam assim desaffrontar a memoria do morto, recente victima d'estas antigas inimisades fradescas.

Mas os monges benedictinos, na sua maior parte homens velhos e reflectidos, oppuzeram-se a este plano, reprimindo os impetos bellicos da criadagem.

Para melhor a convencer, argumentavam que a pesqueira tinha sido minada em segredo durante noites consecutivas, e que apenas a explosão se fizera á luz do dia.

Convinha, pois, proceder do mesmo modo na desforra. Fossem pondo pedra sobre pedra, pela calada da noite, sendo a pesqueira bem guardada e vigiada, para que os adversarios não tivessem facilidade de ir desfazendo o trabalho a pouco e pouco realisado. E graduasse-se a reconstrucção de modo que por occasião da feira de S. Bartholomeu, quando os cruzios de Landim vinham solemnemente á Palmeira, estivesse a obra inteiramente concluida, tendo assim a desaffronta a mesma exteriorisação ruidosa que, á luz do sol, tivera a demolição pelo fogo. Era o mais prudente meio, aconselhavam os benedictinos, de levar a cabo a empresa, poupando vidas e sangue.

Os criados tiveram de submetter-se á opinião dos monges e n'isso foram contrariados, mas de algum modo os contentou a idéa de que, por occasião da feira de agosto, os cruzios que viessem de Landim veriam reconstruida a pesqueira nova.

E conseguiram dos benedictinos que no dia de S. Bartholomeu lhes deixassem solemnisar a conclusão da obra, adornando com flores e plantas o muro da pesqueira.

Assim aconteceu.

O que vinham fazer os conegos regrantes de Landim á sua quinta da Palmeira, solemnemente, no dia de S. Bartholomeu? perguntará o leitor.

Responda por nós o chronista da ordem, para que se não imagine que estamos fabulando episodios a bel-prazer.

Referindo-se ao couto da Palmeira, diz Frei Nicolau de Santa Maria: «e em certos dias que ha feira no dito couto (como em dia do apostolo S. Bartholomeu a 24 d'agosto) vae o Prior (de Landim) com vara alçada, como ouvidor que é do couto, assistir nas feiras, e pôr o preço ás cousas, que se nellas vendem, de que tem certos direitos, que manda arrecadar e recolher para o seu mosteiro de Landim».

Provada assim a fidelidade da narração, não terá o leitor duvida em acreditar que no dia 24 de agosto de 1758 a communidade de Landim acompanhára o seu Prior até ao couto da Palmeira, para gosar as distracções que a feira de S. Bartholomeu lhes proporcionava todos os annos.

Os cruzios chegavam logo pela manhã, porque, segundo a tradição, eram elles que abriam a feira, visto como o Prior de Landim tinha que tarifar os generos expostos á venda.

A sua chegada era annunciada por foguetes, morteiros e zabumbas, porque sem todo este atroador estrondo não ha no Minho festa que se prese.

A' frente do cortejo vinham seis tamborileiros de Villarinho, rufando com uma agilidade funambulesca que irritava os ouvidos mas divertia os olhos, porque ao mesmo passo que rufavam faziam successivas pantomimas e piruetas, em que tanto trabalhavam os braços como as pernas.

S. Miguel de Villarinho, terra classica de tamborileiros habilissimos, é uma aldea que demora na margem esquerda do rio Vizella.

Vinha depois o Dom Prior, de vara alçada, acompanhado pelo juiz do civel e almotacés, cuja nomeação o mesmo Prior confirmava.

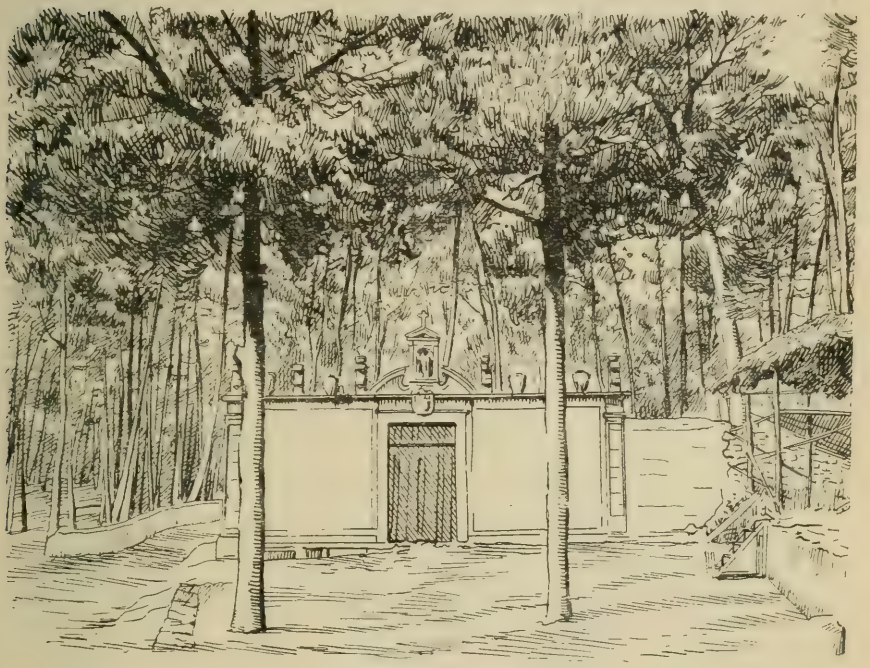
Seguia-se a communidade dos conegos regrantes vestindo os seus habitos talares: batina, sobrepeliz e murça; na cabeça, barrete de clerigo.

Muito povo acompanhava este pomposo cortejo, não tanto por gostar dos cruzios, como por gostar de uma festa de caracter especial. Não era propriamente uma romaria, mas, para o effeito de divertir, levava as mesmas voltas. O povo não deixava nunca de concorer a estas apparatosas exhibições que representavam symbolicamente um direito senhorial; não faltava na Palmeira, como tambem não faltava em S. Mamede de Coronado quando o abbade de S. Romão de Vermoim ia ali, com todos os seus criados, bêstas, cães e gados, receber o feudo de sete varas de linho que o parocho era obrigado a darlhe annualmente.

A feira alvoroçava-se toda para receber os cruzios, havendo n'esse momento uma vistosa ondulação de trajes garridos e

pittorescos, mesclando-se as côres vivazes das carapuças, dos lenços e dos guarda-soes n'uma especie de arco-iris fluctuante, que ora avançava, ora retrocedia.

O Dom Prior, com toda a sua numerosa comitiva, parava



Portão da quinta benedictina da Batalha

apenas por momentos deante de cada logar de venda para almotaçar os generos, pura formalidade que desempenhava rapidamente, e logo seguia para a quinta da Palmeira, onde estava preparado o almoço, que era principesco.

Os cruzios morriam por esta diversão, que lhes proporcionava um dia completo de recreio fóra do mosteiro de Landim, onde a vida era monotona e a povoação tristonha. Na Palmeira, a visinhança do rio Ave tornava a paizagem graciosa, e a feira de S. Bartholomeu chamava gente e animação.

Durante o anno havia sempre cruzios na Palmeira, uns que se demoravam, outros que iam e vinham para fazer merendolas, pescarias e caçadas. Os conegos regrantes viviam como fidalgos que eram ou apparentavam ser.

Mas, pelo S. Bartholomeu, só ficavam em Landim os doentes e os decrépitos.

De mais a mais os cruzios gostavam de ter occasião de mostrar aos seus visinhos da margem esquerda, os bentos, todo o seu poder senhorial no couto da Palmeira, onde o Dom Prior entrava n'aquelle dia de vara alçada, e de os ensurdecer com o estrondo festivo dos foguetes, morteiros e zabumbas.

Que, diga-se a verdade, a quinta da Batalha, comquanto a dois passos do mosteiro de Santo Thyrso, tambem servia aos benedictinos para varias folganças e recreações.

Um viajante, que no fim do seculo XVIII percorreu o Minho, diz que ao chegar a Santo Thyrso encontrou no caminho o coristado com alguns padres, que iam fazer um magusto á quinta da Batalha.

Os frades divertiam-se como podiam, mas a distracção que eu lhes mais invejo não era a de assar castanhas ou pescar trutas, coisa que facilmente posso fazer tambem: era o regalo das bellas quintas, vastas e umbrosas, que eu não tenho, nem espero vir a ter.

Isto é que me desconsola perante a recordação dos frades.

A feira de S. Bartholomeu no couto da Palmeira tinha o aspecto complicado, apezar de essencialmente agricola, de todas as feiras minhôtas.

Utensilios de lavoira alternavam-se com longos estendaes de chapeus de Braga, baêtas da Carriça, albardas de Penafiel. Tamancos do Porto, alguns de ponta arrebitada, pareciam pequenos barcos ancorados entre extensos caes de loiça negra do Prado. Barracas de ourives e cutileiros de Guimarães encostavam-se ás brancas tendinhas, alfaiadas com toalhas folhudas, onde lourejava o pão de ló de Margaride, muito fresco e fôfo. Penduradas de cabides portateis avultavam as capas de palha, a que lá chamam cróças, e hasteados em toscos bengaleiros enfeixavam-se varapaus de ponteira metallica, que parecia expedir chispas á luz do sol.

Havia arquêtas com bugigangas de barro, e até de alcorce, figurando cães, assobios, corações, monstros humanos; outras com anneis de chumbo, gaitas de caçador, apitos, navalhas, novellos de isca, tesouras e espelhinhos redondos. Sobre mesas de pinho, dispostas em fieira, escalonavam-se rumas de peças de linho, cobertores de papa, mantas tecidas de trapo, com que se cobrem os pastores no inverno dos montes.

Na secção propriamente agricola, exhibiam-se as fructas do tempo, entre ellas melancias colossaes, do feitio de grandes espheroides d'um verde escuro, retinto. Seguiam-se as batatas,

as cebôlas, os alhos, as hortaliças de folhas enconchadas. Depois alinhavam-se os carros com pipas de vinho, sob toldos de panno ou de ramos verdes, e, ao lado dos carros, corriam taboleiros com peixe frito, bolinhos de bacalhau, brôas de milho, azeitonas cogulando tigelas de barro vidrado.

N'um recanto do couto abairrava-se a feira de gado, os bois corpulentos, de pontas altas e abertas em parenthese; as vaccas pachorrentas, de uberes dilatados, pendentes e cheios; os vitellos sempre inquietos e gulosos, encostando-se á mãe, a procurar-lhe a têta; os burros de orelha murcha, dormitando n'uma impassibilidade resignada; os pôtros felpudos, hirsutos, foliões, tentando constantemente desembaraçar-se do cabresto; e numerosas familias suinas em que os bacorinhos chiavam infantilmente baralhando-se uns com os outros.

De quando em quando mulheres com bilhas de agua fresca rompiam, cantando um pregão sonoro, por entre a multidão compacta.

Cegos andantes attrahiam grupos de ouvintes, que lhes escutavam, attentos, a melopea chorosa.

E arrastando se no solo, como animaes disformes, homens apoiados sobre as mãos com as pernas seccas enclavinhadas e torcidas para o dorso, perseguiam os transeuntes pedindo esmola em fabordão: *Lembrai-vos do pobre aleijadinho pelo amor de Deus.*

Sobre todo este confuso e revôlto aspecto da feira de S. Bartholomeu pairava n'aquelle anno uma suspeita de graves acontecimentos, que excitava os animos e provocava commentarios discordes.

Dizia-se á bocca pequena que os padres cruzios tinham resolvido que os seus criados, com o auxilio de alguns valentões a soldo, fossem, na presença da multidão, dar os primeiros golpes de camartello na pesqueira nova, para começar a desmoronal-a mais uma vez.

Este boato fez que alguns lavradores, prudentes ou timidos, abandonassem a feira, com suas mulheres e filhas, logo depois de terem visto a chegada dos conegos de Landim.

Outros, mais destemidos, habituados ás tremendas zaragatas das romarias, desejavam que o boato tivesse realisação, e andavam de grupo em grupo recolhendo impressões e noticias sobre o grande assumpto do dia.

Algumas pessoas não criam que os padres cruzios quizessem arriscar-se a assistir a essa irritante desforra, que lhes podia sahir cara.

— Porque? perguntavam outras pessoas.

— Porque se isso acontecesse, vinha ahi todo o povo de

Santo Thyrso, e tomava a defesa dos frades bentos. Acabar-se-hia o mundo aqui hoje, Deus te livre!

— Tambem aqui está muito povo de Landim, que defenderia os padres cruzios. E já se deixa vêr que se os cruzios deitaram abaixo a pesqueira, e os bentos a mandaram pôr em pé, os cruzios hão de querer arrazal-a outra vez.

— Mas então esta contenda não terá fim nunca mais! Pode lá ser!

— Homem! isto é como na bisca lambida: carta puxa carta. Quem melhor as tem, melhor as joga.

— O peior é que a corda quebra sempre pelo mais fraco. Oxalá que o povo d'estes arredores não venha a pagar o que fazem os frades. Saiba-se isto em Lisboa e...

N'este momento ouviu-se o tilintar dos machos de uma liteira.

Todas as attenções se voltaram de subito para esse lado.

Houve quem dissesse entre a multidão:

— Que novidade será esta agora?... Alguma alçada, talvez...

— Mas sem acompanhamento de tropa!

— Quem sabe se ella não tarda! Pode muito bem vir dentro da liteira o juiz e o escrivão da alçada.

— Sim, replicou um camponez chalaçando á conta de meia canada de verdasco, que bebêra pouco antes, nem os dragões da Beira nem a cavallaria de Chaves cabiam lá dentro.

Ondas de povo affluiram rapidamente, umas sobre outras, frementes de curiosidade, ao encontro da liteira, que vinha de Bougado e parou junto á quinta dos cruzios.

Este facto mais fez crescer o alvoroço popular e a suspeita de que poderia ser justiça do Porto, que viesse por ordem de Sebastião de Carvalho syndicar sobre os ultimos acontecimentos do rio Ave.

O povo abriu um largo circulo de respeito, em torno da liteira, e viu apeiar-se um sacerdote idoso, de respeitavel aspeito, acompanhado por um mancebo imberbe, que parecia dever ser ainda diacono.

Antes mesmo d'estes dois viajantes fazerem soar a sineta do portão, dois padres cruzios vieram recebel-os com grande cortezia.

Os camponezes interrogavam-se uns aos outros, com perscrutadores olhares, sobre a causa da inesperada apparição de uma liteira, que conduzia pessoas desconhecidas.

Mas de repente houve uma voz que bradou:

— Ora espera! Ou eu me engano muito ou o padre velho é o Chantre da Real Collegiada.

E d'ahi a momentos, como se uma centelha eletrica houvesse transmittido esta phrase de grupo em grupo, toda a gente dizia na feira: E' o Chantre de Guimarães, mais o seu fámulo.

Era, effectivamente,

O priorado da Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira da villa de Guimarães estava vago havia cinco annos, não por falta de despacho real, mas porque o Dom Prior nomeado não tinha ido ainda tomar posse da cadeira.

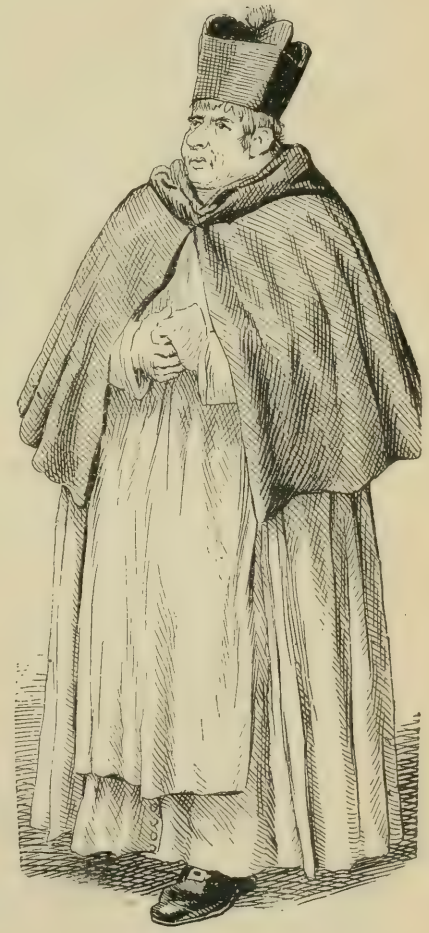
A nomeação havia recahido na pessoa de D. José de Bragança, irmão bastardo de el-rei, e inquisidor geral do Santo Officio.

Os altos cargos ecclesiasticos de Entre-Douro e Minho estavam sendo então pingue regalia dos filhos naturaes dos reis, que chamavam a si as rendas prelaticias em que nem os cruzios, nem os benedictinos podiam tocar.

Um bastardo de D. Pedro II, tambem chamado D. José de Bragança, fôra arcebispo primaz de Braga, e por conflictos que tivera com o cabido demorou trez annos em Guimarães, desde 1746 a 1749, dando motivo com a sua presença a uma longa serie de ruidosas festas, cavalhadas, alcanzias, fortilhas, escaramuças e saraus academicos, que nobremente alegraram o espirito dos vimaranenses.

Succedeu-lhe um bastardo de el-rei D. João V, D. Gaspar de Bragança, que, ao tempo da nossa narrativa, estava nomeado arcebispo, mas não tinha ainda feito a sua entrada solemne na cidade de Braga.

Outros dois bastardos do mesmo rei ficaram sendo conhecidos pela designação popular de «Meninos da Palhavã»,



Um padre cruzio

D. José e D. Antonio de Bragança, e foi um d'elles, D. José, o escolhido, como de mais longe vinhamos dizendo, para o cargo de Dom Prior da Collegiada de Guimarães.

Em agosto de 1758 não tinha tomado posse do priorado, nem chegou a tomal-a nunca, por causa do conflicto em que trez annos depois veio a envolver-se com o conde de Oeiras, sendo por este motivo desterrado para o Bussaco com seu irmão D. Antonio.

Quem agora regia a Collegiada de Guimarães, na ausencia do Dom Prior, era o Chantre, aquelle mesmo sacerdote idoso que vimos apear-se da liteira ao portão da quinta dos cruzios.

Não obstante as apprehensões do povo, a visita do Chantre á Palmeira nada mais significava do que um acto de mera cortezia.

Elle ia recolhendo de Bougado, onde tinha parentes, para a sua Collegiada e, de passagem, encontrou-se com a feira grande de S. Bartholomeu, de que se não havia lembrado sequer. Mas visto ser o dia da feira, e os conegos de Landim costumarem passar na Palmeira esse dia, apeiou-se para os cumprimentar e seguir depois jornada a Guimarães.

O certo é que a inesperada visita do Chantre teve a vantagem de produzir effeitos sedativos no systema nervoso dos criados dos cruzios, e, porventura, dos proprios cruzios.

Não era na presença de tão alto dignitario da Real Collegiada, o primeiro depois do Dom Prior, que de novo se romperiam as hostilidades entre os filhos de Santo Agostinho e os filhos de S. Bento.

A deferencia do Chantre obrigava a igual cortezia por parte dos cruzios, que effectivamente se mostraram amaveis e reconhecidos com o seu illustre visitante offerecendo-lhe fructas e outros refrescos.

Depois levaram-n'o a passeiar na quinta, descendo com elle até á beira do Ave, talvez com o proposito de que sua mercê pudesse vêr a pesqueira nova acintosamente engalanada com flôres e plantas.

O Chantre fez reparo na pesqueira florida e perguntou o que era aquillo.

Os cruzios explicaram-lhe.

Então o Chantre disse que as origens do conflicto lhe não eram desconhecidas, e que a Guimarães tinha chegado alguma noticia do ultimo rompimento de hostilidades. Aconselhou os cruzios a evitarem prudentemente a repetição de taes factos, embora pleiteassem nos tribunaes com os benedictinos o direito que uns ou outros pudessem ter sobre as aguas do rio Ave.

A occasião, acrescentou sua mercê, não era a mais propria para desencadear rivalidades monasticas, que poderiam ter ecco na côrte e irrital-a.

Aqui alludia o Chantre, cautelosamente, ao poderio politico do conde de Oeiras; por discreto euphemismo empregava a palavra «côrte».

E continuou dizendo:

— O paiz, especialmente a capital, passou ha poucos annos por uma horrorosa catastrophe, que enlutou todos os corações portuguezes. Precisa restabelecer-se d'essa profunda commoção; ainda está doente de magua. A politica parece não prometter grandes folgas, nem demasiados ocios a certas corporações... Tudo, pois, aconselha prudencia ás corporações e aos individuos.

N'este ponto alludia o Chantre, tambem cautelosamente, aos padres jesuitas, que no anno anterior haviam sido expulsos do Paço por Sebastião de Carvalho.

O Chantre ainda acrescentou que procuraria avistar-se proximamente com algum dignitario do mosteiro de Santo Thyrso para lhe dar conselho identico.

— Não fiar em criados, concluiu o Chantre, que são na terra os nossos peiores inimigos, porque estão de portas a dentro e perscrutam todas as nossas paixões para exploral-as em seu proveito.

Com vontade ou sem ella, os cruzios tiveram que mostrar-se agradecidos por esta pacíficadora doutrinação do Chantre, e prometteram a sua mercê ter a «maior dose de prudencia possivel».

Não estranhe o leitor que os padres cruzios de Landim tratassem por «vossa mercê» o Chantre, porque os conegos da Collegiada de Guimarães apenas dez annos depois receberam o tratamento de senhoria.

E' certo que o Chantre estava substituindo o Dom Prior, mas este dignitario, com ser o primeiro da Collegiada, apenas desde 1823 tem jus a ser tratado por excellencia.

E, a respeito de tratamentos, queremos dar uma rapida informação generica, para que o leitor não estranhe tambem os que vir referidos ás diversas personagens d'este romance.

Segundo uma lei extravagante de Filippe II, só tinham «excellencia» os filhos dos infantes, e duques de Bragança. Os outros fidalgos, ainda que fossem titulares, e os bispos, eram tratados por «senhoria».

D. João V modificou esta lei por outra de 29 de janeiro de 1739, em virtude da qual era dado a todos os grandes dignitarios, seculares ou ecclesiasticos, o tratamento de «excellencia.»

De visconde para baixo usava-se a «senhoria,» extensiva tambem aos priores das ordens militares e aos moços do Paço.

D. José, por um alvará de 1759, mandou tratar por «excellencia» os gentis-homens da sua real camara, ainda que não fossem titulados, e os mestres de campo generaes; por «senhoria» todos os ministros que tivessem o titulo de conselheiros, e os sargentos-móres de batalha.

Comtudo nenhuma d'estas leis pôde obstar ao abuso da nobilitação pelo tratamento.

A pragmatica apenas era rigorosamente observada nas graduações hierarchicas dentro de certas classes, especialmente na côrte, no exercito, e nas ordens monasticas.

Fóra d'estas categorias sociaes, rapidamente alastrou a infracção da pragmatica.

A breve trecho, quando não se exerciam actos officiaes, dava-se abusivamente «senhoria» a pessoas que se recommendavam por sua origem, posses ou valimento, embora legalmente não devessem receber senão a vulgarissima—«vossa mercê», tão lusitanamente democratica.

Este desmando levou um poeta, Paulino Cabral, com quem ainda havemos de travar conhecimento no curso d'esta narrativa, a dizer ironicamente:

> Tudo está caro: só em nossos dias,
> Graças ao ceu! que temos em bom preço
> Os tremoços, o arroz, e as «Senhorias».

Quanto ás damas, foi geral o abuso de tratal-as por «senhoria», costume que o mesmo poeta censurou dizendo:

> Só não soffro a rasgada cortezia,
> Que faz que uma villã se condecora,
> Chupando «Dom», lambendo «Senhoria».

A titulo de esclarecimento, basta isto.

A' despedida, vieram os cruzios acompanhar os dois visitantes até á liteira. Então, n'uma volta do arvoredo, viu o Chantre um rapaz a conversar com uma rapariga, e reconheceu-o, postoque o rapaz procurasse esquivar-se na sombra.

Voltou-se o Chantre e disse para um dos cruzios:

— Então está agora aqui este turbulento e errante «Mafarrico»?! Eu fazia-o mais longe, lá para Traz-os-Montes. Boas ha de ter feito em verdade...

O cruzio respondeu-lhe:

— E' hospede do nosso padre Dom Joaquim Mariz, e amigo e companheiro de seu sobrinho Jorge, que na Palmeira

tem estado a convalescer de uma grave enfermidade. Até hoje não temos a menor razão de queixa d'esse mancebo.

O Chantre, sorrindo, disse inclinado ao ouvido do cruzio:

— Ninguem em Guimarães tem saudades d'elle. Antes esteja aqui do que lá; e antes estivesse mais longe do que na Palmeira. O tempo dirá...

A rapariga com quem o «Mafarrico» estava conversando na feira era a Therezinha de Villalva.

Pouco depois dizia-lhe o «Mafarrico»:

— Que desastrada idéa teve o Chantre de passar hoje por aqui! Foi o diabo elle vêr-me...

— — —

III

Encontro do Occidente com o Oriente

Em 1729 vivia na rua de Santa Rosa de Lima, em Guimarães, uma familia burgueza, cujo chefe, Diogo Ferreira da Silva, negociava em productos de ourivesaria,

Este individuo era commissario de um grupo de lavrantes vimaranenses e, n'essa qualidade, concorria a todas as feiras grandes do Minho.

Assim, á custa de incessantes trabalhos e incommodos, conseguia sustentar com decencia a sua familia, aliás pouco numerosa.

Era casado com Jeronyma Lobo, a qual lhe dera apenas um filho, de nome Antonio, nascido no anno seguinte. (1)

Jeronyma nasceu em Villa Real de Traz-os-Montes, onde foi honestamente educada por um fidalgo seu padrinho, que morreu pobre e era muito affeiçoado ao unico filho que ella tivera, o que deu causa á confusão de se dizer, sem razão alguma, que o pequeno Antonio era filho illegitimo do fidalgo. (2)

---

(1) O nome do pae de Antonio Lobo, bem como o da mãe, foi mencionado no prefacio ás «Poesias» do filho. O prefacio foi escripto pelo consciencioso investigador Innocencio Francisco da Silva.

(2) Camillo Castello Branco, «Noites de insomnia», n.º 2, pag. 82; «Curso de litt. port.», pag. 339.

Diogo Ferreira da Silva, geralmente conhecido Entre-Douro-e-Minho por Diogo Ferreira, gosava de bons creditos como homem honrado, bondoso e trabalhador.

Os seus freguezes gostavam muito d'elle, que não se mostrava nunca aborrecido de os aturar.

Sempre que regressava a Guimarães ia ajoujado de encommendas, que elle desempenhava com a maior pontualidade e exactidão.

As raparigas minhôtas, quando queriam comprar ouro, não se entendiam senão com Diogo Ferreira, que as attendia com infinita paciencia, mostrando-lhes quantos anneis, arrecadas e cordões levava comsigo. Algumas vezes succedia que as impertinentes cachopas, não lnes agradando nenhum d'esses objectos depois de demoradamente os terem examinado e apreçado, pediam ao ourives que lhes mandasse fazer em Guimarães um annel de tal feitio, um cordão de tal peso, nm «coração» de taes dimensões e lavores.

Elle tomava nota e, na feira seguinte, voltava com os objectos encommendados, consentindo, umas vezes por outras, que lhe fossem pagos em prestações.

Teve freguezas que lhe encommendaram arrecadas para o dia do casamento, e que só acabaram de lh'as pagar quando já tinham filhos crescidos.

Outras caloteavam-n'o por má fé, por terem cahido na pobreza ou por se haverem ausentado para longes terras.

Diogo Ferreira não se enfurecia, nem mudava de systema. Dizia elle que se o commercio não fosse sujeito a falhas e revézes, todo o mundo quereria ser commerciante. Para elle a alma do negocio era a confiança mutua dos contratantes; a palavra valia dinheiro. Se havia pessoas que trahiam essa confiança, e faltavam á sua palavra, isso não devia provar contra os honrados, mas apenas contra os caloteiros, que felizmente eram em menor numero e que uma vez experimentados nunca mais eram cridos. Se ha — dizia elle — quem falsifique a palavra de honra, tambem ha quem falsifique o dinheiro, e nem por isso ninguem deixa de o querer receber.

Esta argumentação aquilatava a bondade de Diogo Ferreira, que era homem para, depois de soffrer qualquer contrariedade commercial, recomeçar a sua lida serenamente, sem odios, nem reservas de especie alguma.

As casas nobres de Guimarães chamavam-n'o pouco, porque elle era um ourives do povo, não só pela qualidade dos objectos que vendia, como pela propria apresentação burgueza da sua pessoa e pelo seu trato bonacheirão. Se alguma vez entrava n'essas casas, onde a tradição do sangue wisigothico ali-

mentava a prosapia de illustres familias, não era para vender aos amos, mas aos criados.

Onde melhor se evidenciava ainda a boa indole de Diogo Ferreira era dentro da sua propria casa.

A mulher, Jeronyma Lobo, creatura franzina, sempre mais ou menos adoentada depois do laborioso parto do seu unigenito, vivia rodeada de mimos e cuidados que lhe prodigalisava o marido.

— Eu não quero que te falte nada, dizia-lhe a toda a hora Diogo Ferreira. Para te ter estimada é que eu trabalho sempre. Tu podes menos que eu, por isso sou eu que devo trabalhar mais. O casamento é uma sociedade de auxilio mutuo: quando um dos socios fraqueja, o outro deve amparal-o. Come, dorme, paseia, olha pelo rapaz e não penses em mais nada. Aqui ha um só para trabalhar: sou eu.

Esta doutrina peccava por demasiadamente affectuosa, porque o filho, ouvindo-a constantemente, ia-a tomando ao pé da lettra, o que constituia um perigo, tanto maior quanto eram especiaes as circumstancias em que se organisára a familia da rua de Santa Rosa de Lima.

O pae andava quasi sempre ausente, em grandes caminhadas para feiras distantes. A mãe, fraca e doente, concentrava-se enternecida no amor ao filho, sempre tolerante e indulgente com elle. O rapaz folgava protegido de uma parte pela doutrina paterna «Aqui ha um só para trabalhar», e de outra parte pela excessiva ternura da mãe, que procurava adivinhar-lhe todos os pensamentos para satisfazer-lh'os carinhosamente.

Póde dizer-se que a infancia de Antonio Lobo de Carvalho decorreu na rua, ás soltas, como um novilho na leziria. Se entrava em casa era para comer, para que a mãe lhe concertasse o fato rasgado em frequentes bulhas com outros rapazes ou para que lhe desse dinheiro que elle ia applicar em gulodices, especialmente marmelada e rebuçados.

O pequeno fez-se brigão, altaneiro, tinha respostas atrevidas, picantes de salgada graça, com que ás vezes offendia os visinhos, á conta de repetidos conflictos com os filhos d'elles.

Queixava-se a visinhança, e Jeronyma Lobo respondia dando-lhe satisfação:

— Desculpem. Isto é sarampo da idade, e eu não tenho outro filho. Por causa d'elle fiquei um pellém, e não me queixo. Quando elle causar algum prejuizo, eu o pagarei. Com os visinhos não quero questões, nem eu nem o meu Diogo.

Os visinhos, está claro, censuravam-n'a severamente, logo que ella voltava costas:

— Anda o pobre do homem a trabalhar como um mouro,

para esta creatura deixar ir a casa pela agua abaixo, babando-se a olhar para o filho, que se está fazendo um mariolão de marca, e que ella amimalha com paparicos, meu santo Antoninho onde te porei! Forte lesma!

A's vezes perguntava alguem ao rapaz:

— Então que vida queres tu seguir?

E elle respondia sorrindo:

— Não sei.

— Não sabes?! Mas deves saber que precisas de trabalhar.

— O meu pae diz que lá em casa quem trabalha é só elle.

— Tão tolo és tu como o teu pae.

O padre frei Salvador da Guia, guardião do convento de S. Francisco e padrinho de Antonio, apertava com o rapaz para que estudasse, por lhe reconhecer agudeza de entendimento. Quando o afilhado o ia visitar, por ordem do pai, frei Salvador reprehendia-o acremente pela sua incuria e desleixo, no que muitas vezes era secundado por outros franciscanos que, por deferencia ao guardião, procuravam attrahir o pequeno ás aulas do convento.

Antonio Lobo fugia dos frades, azoinado, sedento do ar e da luz da rua, aborrecido do padrinho e dos outros religiosos, negros no habito e caliginosos na severidade das reprimendas.

Aos quinze annos não tinha escolhido ainda profissão nenhuma, e apenas sabia lêr, escrever e contar, mais por intuição penetrante, que por applicação ao estudo.

Uma vez perguntou-lhe o pae com a sua habitual brandura se definitivamente resolvia não estudar.

— A's aulas do convento de S. Francisco, respondeu o rapaz, não quero ir. Mas se vossemecê faz gosto, mande-me para Coimbra.

O pai pegou-lhe na palavra, e Antonio Lobo partiu com dinheiro de sobra.

Esteve seis mezes em Coimbra, onde frequentou, irregularmente, as cadeiras de latim e francez no Collegio das Artes.

Foi ahi seu condiscipulo um rapaz chamado João Dias Talaia, que teremos occasião de conhecer mais de perto.

Antonio Lobo voltou a Guimarães, dizendo ao pae que não podia entender-se com os jesuitas nem atural-os.

O pae não o contrariou e a mãe achou-lhe graça.

Antonio Lobo, comquanto rebelde a uma regular applicação litteraria, revelava gosto pelas lettras e sobretudo raras faculdades de improvisação poetica. Glosava motes que os outros rapazes lhe davam, e escrevia cartas de namoro a pedido dos interessados que lh'as pagavam em metal, quando as não

escrevia de conta propria, com a mira posta em differente genero de recompensa.

Madrugaram em Antonio Lobo os instinctos amorosos, de par com a veia poetica, mas é de notar que, na poesia e no amor, não propendia aos arrebatamentos lyricos, aliás proprios da sua edade, nem aos devaneios bucolicos, peculiares aos poetas do Minho, antes se inclinava para a malicia gaiata, para a jocosidade satyrica, e para o epigramma pessoalmente aggressivo.

A sua lyra era quasi sempre caustica ou desgrenhada, e os seus companheiros predilectos pertenciam ao numero dos rapazes que, como elle, não queriam soffrer nenhum jugo, principalmente o do trabalho.

Pouco depois de Antonio Lobo completar dezesete annos, morreu-lhe a mãe. Este acontecimento foi-lhe mais prejudicial do que seria licito suppor em face da tolerancia nimiamente carinhosa com que ella o amimava, comprazendo com todas as suas prodigalidades e caprichos. (1)

Durante as frequentes ausencias de Diogo Ferreira, o rapaz não tinha familia que o prendesse, ainda que por pouco tempo, á casa paterna. Fizera-se mais vadio e tunante, mais altaneiro e brigão O padrinho começara a julgal-o perdido, e mostrava-se magoado da hostilidade que, em estreias poeticas já vulgarisadas entre o povo, o seu afilhado manifestava contra todos os padres, sem poupar sequer a ordem de S. Francisco.

Diogo Ferreira ficou moralmente abalado com a morte da mulher. As longas ausencias d'elle tinham contribuido para lhe tornar a casa e a familia mais agradaveis no regresso. Achava sensações novas, quando voltava. A mulher contava-lhe alguma diabrura do filho e elle, sempre bonacheirão, sorria dizendo: «Tem o démo no corpo» e concluia desculpando: «E' da idade; ha de pagar o seu tributo.» Farto de viver por estalagens do Minho, chegava a achar um patriarchal encanto em sentar-se á sua mesa e dormir no seu leito. Não reparava em que o amanho da casa fosse um pouco descuidado; era a sua casa, boa ou má, e tanto bastava para lhe agradar.

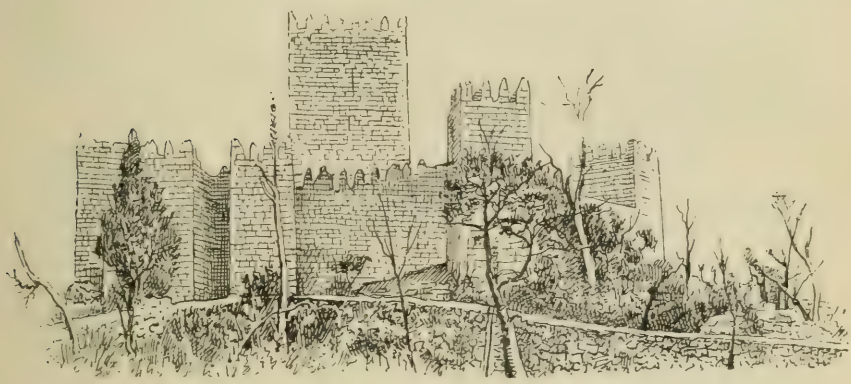
Quando Jeronyma Lobo falleceu, o ourives de Guimarães

---

(1) «A mãe do poeta (Antonio Lobo) era remediada de bens de fortuna, e quanto tinha quanto deu ao estouvado filho, que nunca procurou modo de vida.» Camillo Castello Branco, «Noites de insomnia,» n.º 2, pag. 84. No «Curso de litt. port.», pag. 341, suppõe Camillo que a mãe de Lobo viveu mais tempo, e amparava o filho com uma mezada. Isto é tão infundado como dizer que elle «não bajulou os grandes, á imitação dos vates do seu tempo.» As suas poesias provam o contrario, salva uma ou outra excepção.

sentiu o desmoronar da velhice. Até ahi não tinha pensado n'isso; trabalhára sempre sem dar peso á noção do tempo. Mas agora a morte entrára no seu lar e levara-lhe a companheira de muitos annos: a sua vida d'elle já não podia ser longa, nem inteiramente feliz. Principiava a ruina e Diogo Ferreira, ouvindo a voz da experiencia, sabia que o luto chama o luto; por isso é que, na vida das familias, os acontecimentos tristes vem ás series.

Sentindo a perda da mulher, começou a amar ainda mais o filho. A sua existencia tinha-se firmado em dois pontos de



Castello do conde D. Henrique em Guimarães

apoio; como lhe faltasse um, reforçava o outro. E uma certa cobardia, que até então não experimentara nunca, entibiou o seu animo para as grandes jornadas e para as grandes ausencias. Deixou de concorrer ás feiras distantes e apenas ia ás mais proximas. Mas este novo teor de vida não lhe trouxe prejuisos graves, porque as raparigas do Alto Minho faziam-lhe encommendas de ouro pelo correio, mandando dizer o que queriam e como queriam, questão de feitio, questão de peso. E ás vezes até, depois de muitas explicações, mandavam toscos desenhos de corações e arrecadas, que elle entendia optimamente, e os lavrantes tambem.

Tomou um recoveiro de confiança que ia levar as encommendas e receber o dinheiro. E assim, sahindo apenas para terras visinhas, conseguiu conservar a sua freguezia e equilibrar o seu negocio.

Tinha creado bom nome, e continuava a viver á sombra d'elle. Dizia o povo de todo o Minho: «Não ha melhor ourives

que o Diogo de Guimarães.» Podiam apparecer nas feiras novos ourives, talvez com melhor sortimento, mas Diogo Ferreira não esquecia nunca.

Juntára um modesto peculio de dez mil cruzados, á força de economias, e de mau passadio nas estálagens do Minho. Dizia elle que todo o chefe de familia deve attender mais ao futuro que ao presente, porque do presente é elle proprio uma garantia, e o futuro só a Deus pertence. De mais a mais lembrava-se de que a mulher era fraca, doente, e não podia trabalhar; de que o filho era muito novo ainda para tomar a vida a serio. Por isso tinha elle trabalhado sempre, como um negro, só elle, sempre elle, unicamente elle.

Por morte de Jeronyma Lobo, o juiz dos orphãos de Guimarães mandou, nos termos da «Ordenação», notificar a Diogo Ferreira a obrigação de proceder a inventario de todos os bens moveis e de raiz, visto que o filho era menor de 25 annos.

O velho, que nunca tratára negocios de justiça, assustou-se com a perspectiva de ter que se aproximar d'ella, para inventariar, além de o desgostar a idéa de vir a saber-se a quanto montavam os seus haveres, o que constituia um delicioso segredo da sua alma.

Entendia Diogo Ferreira que d'esse modo se quebraria todo o encanto da agradavel surpreza posthuma que elle reservava ao filho, e tambem receiou algum tanto que o rapaz se desvairasse por caminhos ruinosos quando soubesse que havia de herdar dez mil cruzados.

A fim de evitar a acção da justiça, e por saber de outiva que o casamento importava a emancipação legal, chegou a perguntar ao filho se queria casar.

Antonio Lobo riu muito d'esta pergunta ingenua do pae.

— Eu casar! Deus me livre! E' muito cedo, e parece-me que não tenho inclinação para esse estado.

— Que é o mais agradavel a Deus, replicou o velho, porque a egreja o abençôa e protege.

E o rapaz replicou continuando a sorrir ironicamente:

— A benção lança-m'a vossemecê todos os dias, e o meu padrinho tambem, quando o vou visitar.

— O que bem poucas vezes é. Mas emfim, rapaz, se não tens por ora inclinação para casar, não cases. O casamento e a mortalha no céo se talha. Será quando Deus quizer.

Depois Diogo Ferreira explicou ao filho o que pôde explicar-lhe sobre a sua repugnancia em entender-se com o juiz e escrivão dos orphãos por causa do inventario.

— Que n'este negocio, disse elle, ha ainda uma questão mais grave.

— Qual é? perguntou Antonio Lobo.

— A da minha morte, se tu ficares de menor idade. Ha de haver curadoria de pessoa estranha, visto que não temos parentes nenhuns.

— Vossemecê está ainda muito rijo e são.

Isto disse Antonio Lobo um pouco preoccupado, subitamente, com a idéa de uma tutella, idéa que por ser nova na sua vida lhe desagradava, nem de mais a mais quadrava á sua indole e educação.

E lembrou-se não só de que a um rapaz seu amigo, orphão de pae e mãe, tinha o tutor obrigado a aprender um officio mecanico, mas tambem de que se o tutor fosse o seu padrinho, frei Salvador da Guia, teria de viver uma vida muito aperreada, n'um regimen disciplinarmente severo.

N'isto se enganava Antonio Lobo porque, segundo o direito das «Ordenações», os religiosos não podiam ser tutores de orphãos.

Diogo Ferreira contestou dizendo:

— Velho é que eu estou, e quem está velho está mais proximo da morte que da vida.

Continuaram a conversar sobre o assumpto e combinaram por fim ir consultar um lettrado que morava na rua de Payo Galvão.

Foram. O jurisconsulto disse a Diogo Ferreira que se elle queria poupar-se a trabalhos de justiça e n'esse mesmo sentido dispôr o futuro, havia um meio a seguir, porque as «Ordenações do Reino» eram muitas vezes como a mordedura do cão, que se cura com o pêllo do mesmo cão. Tambem havia pêllo curativo nas «Ordenações», e vinha a ser a faculdade de impetrar carta de «supplimento de idade, que commummente se chama de emancipação.

E acrescentou doutoralmente, de cór como um papagaio:

— «Ordenações Filippinas», livro 3.º, titulo 9.º, paragrapho 3.º

O conselho sorriu a Antonio Lobo, e não desagradou ao pae por ser remedio radical.

Mas o lettrado aguou algum tanto esta boa impressão acrescentando:

— Ora agora, vossemecê, sr. Diogo, verá se lhe convém ou não emancipar seu filho. Que idade tem elle?

— Vae em dezoito annos.

— Uma creança! E tenho ouvido dizer que é um pouco turbulento. Será assim, meu rapaz? E tambem que faz versos de mal dizer?

Antonio Lobo illudiu a pergunta, replicando:

— Versos faço eu, sr. doutor, que tenho para isso alguma queda, mas os versos não são delictos.

— Rapazes! rapazes! exclamou bondosamente Diogo Ferreira.

— Que eu não tenho nada com isso, continuou o lettrado. Expuz os termos da questão, que foi o que vossemecê, sr. Diogo, me pediu. Agora o resto é comsigo; procederá como entender e quizer.

O velho esteve algum tempo calado, instantes apenas, e depois disse:

— Olhe, sr. doutor, a boa ou má cabeça nasce com as pessoas, tanto importa que ellas se governem ou desgovernem ao tarde como ao cedo. O meu filho ha de ser o que estiver escripto no seu destino. O que eu lhe deixo, é d'elle, e só d'elle. Pouco é, mas se o gastar depressa, peior para elle, que ficará sem nada. Inventario por morte da mãe, inventario pela minha morte, que não póde vir longe, escrivão no caso, juiz a assignar feitos, e contas de tutor... nada! é muita calamidade junta. Prefiro emancipar o rapaz, e já. Emquanto eu fôr vivo irei ao leme, que elle ha de attender-me e respeitar-me, porque sou seu pae. Depois de eu fechar o olho, se o rapaz naufragar, que Deus Nosso Senhor lhe acuda, porque eu já não poderei.

Ficou pois assente requerer carta de emancipação para obstar a presentes e futuras formalidades judiciaes.

O que é certo é que Diogo Ferreira não teve razão para arrepender-se durante os dezesete mezes que ainda viveu.

Um dia, ao regressar de uma feira pouco distante, a de Famalicão, como apanhasse um resfriamento no caminho, foi atacado de hermeplegia.

Antonio Lobo acudiu-lhe solicitamente, chamou o melhor cirurgião de Guimarães, e foi ao convento de S. Francisco pedir a frei Salvador da Guia que lhe indicasse um homem bom para servir de enfermeiro ao pae.

Não deixava, é certo, de ter as suas rapaziadas, de andar por fóra grande parte do dia e da noite, mas quando chegava a casa rodeiava o pae de attenções e caricias.

Diogo Ferreira mostrava-se satisfeito com o procedimento do filho e, se algum visinho lhe notava que Antonio Lobo o acompanhasse pouco, respondia articulando algumas palavras com difficuldade:

— Elle não é uma menina que não possa sahir á rua. Tem os seus divertimentos de rapaz, e isso é proprio da idade. Mas não me falta com cuidados, e arranjou-me um bom enfermeiro. Quer que lhe diga uma cousa? Os rapazes estroinas são os de melhor coração. Dos moscas-mortas não gostei nunca. Pare-

cem-se com os gatos. Cuida a gente que estão a dormir e elles de repente dão um salto para arranhar.

Contente do procedimento do filho, tinha sempre a gaveta aberta.

Dizia-lhe muitas vezes:

— Rapaz! queres dinheiro?

Um dia, em que Antonio Lobo se demorou a afagal-o, Diogo Ferreira fez-lhe esta confidencia:

— Temos estado a gastar os meus lucros dos ultimos tempos. Mas não te afflijas por isso. Eu não devo nada a ninguem, e tenho ali, no fundo da arca, uns dez mil cruzados, que para ti hão de ser. Vê se os poupas, que sempre é bom contar a gente com algum pé de meia para o que der e vier.

Antonio Lobo não tinha tido prodigalidades de dinheiro. Dava-se a amores faceis e baratos. A vida de um rapaz em Guimarães era pouco dispendiosa, porque as raparigas vimaranenses não alimentavam ambições exageradas. De mais a mais o filho do ourives dispunha de recursos de espirito, que enfeitiçam as mulheres, ainda que sejam broncas: tinha graça, maledicencia e audacia. Por isso a fortuna o ajudava. E ainda por cima era valente, possante como lá se diz, circumstancia que as mulheres do campo apreciam grandemente, porque, sendo ellas mesmas muito fortes e robustas, respeitam a superioridade do homem que o fôr ainda mais do que ellas.

Havia no caracter d'este rapaz estroina alguma coisa que, effectivamente, inspirava sympathia. Era nobre com as raparigas que se lhe entregavam: não lhes fazia falsas promessas para conquistal-as.

As solicitações galantes de Antonio Lobo não envolviam nunca a responsabilidade de um compromisso ou de um perjurio.

Nenhuma cachopa de Guimarães podia dizer que elle lhe promettesse casamento e que negasse a promessa.

Nem jámais se ouviu contar que o filho do ourives investisse com a virtude para ter o mau prazer de desfolhal-a brutalmente. «Eu sou como os mendigos, dizia elle com jovial franqueza: côlho no caminho as uvas que toda a gente póde colhêr por estarem baixas. As altas deixo-as em paz, e vou andando.»

Quando alguem ia dizer a Diogo Ferreira que o filho fazia vida de conquistador, o ourives replicava com bonhomia:

— Ou as cachopas são muito doudas ou o rapaz é muito feliz, porque até agora nenhuma se me queixou d'elle. E se ellas não se queixam, que restituição tem elle a pagar? Case-se muito embora quando quizer, que eu até já uma vez lhe fallei

n'isso, mas o rapaz é como os passaros: pousa aqui, canta acolá, e bate as azas. As raparigas de Guimarães não ouviam isto, mas, ainda que o ouvissem, não teriam que responder.

Póde ser pouco lisonjeiro para a memoria d'ellas, mas é verdade e justiça.

Pousa aqui, canta acolá, dissera Diogo Ferreira, e uma

Real Collegiada da Oliveira em Guimarães

occasião chegou em que o filho do ourives deixou desgostosas as suas patricias vimaranenses, justamente pela inconstancia do pouso e do canto.

Passou em Guimarães, hospedando se n'uma estalagem do Campo do Toural, uma rapariga que, posto vestisse á europea, parecia chineza: era pequenina, tinha os olhos talhados em amendoa, e uma pallidez docemente mongolica.

Tão estranha apparição deu rebate em toda a villa, despertando, especialmente, a curiosidade dos rapazes mais avantajados em conquistas amorosas.

A rapariga viajava só e o povo, logo que a viu, começou a dizer que era uma «china».

O seu sorriso um pouco provocante denunciava facilidade de costumes, e o facto de viajar sósinha auctorisava a julgar que a denuncia do sorriso era verdadeira e calculada.

Os fidalgos de Guimarães, alvoroçados com esta apparição picante, começaram a fazer curvetear os seus cavallos deante da modesta estalagem do Campo do Toural, para attrahir a «chineza» á janella.

Antonio Lobo viu isto e sentiu-se mordido na sua vaidade de conquistador burguez.

Emquanto os fidalgos iam galanteando da rua, resolveu elle, audazmente, enfiar pela escada acima e dirigir-se á mysteriosa desconhecida.

A sua boa fortuna no amor não lhe falhou ainda esta vez, porque a «chineza», que estava morta por encontrar um homem mais audaz que os outros, recebeu-o amavelmente.

Sem o menor rebuço contou a Antonio Lobo a sua vida.

Tinha nascido em Cantão, onde era «tancareira», isto é, tripulante de «tancá», pequeno barco de bambu, muito leve, que as tripulações, quasi sempre femininas, tiram facilmente da agua, trazendo-o ás costas para terra. De Cantão levara-a para Macau um criado de Antonio José Telles da Silva, capitão geral d'esta colonia portugueza.

Antonio Lobo não conhecia os costumes de Cantão e suppoz que «tancareira» era pouco mais ou menos a romanesca gondoleira de Veneza, cantada pelos poetas.

Ora a «tancareira» é por via de regra uma creatura de costumes destragados, solta de lingua, que pragueja, que berra, que esbofetea as outras se lhe querem disputar algum passageiro.

Esta chamava-se Min, o nome mais curto de que eu tenho conhecimento em mulher chineza.

O criado do capitão geral era natural de Chaves, e emquanto estivera em Macau sempre a tratara com muito carinho, talvez pela razão de não poder encontrar melhor companheira n'uma terra de mulheres feias.

Muitas vezes lhe promettera trazel-a comsigo para Chaves, quando o seu amo recolhesse ao reino.

Succedeu, porém, que Telles da Silva, tendo querido repellir o jugo chinez e fazer frente ás exigencias dos mandarins, foi victima da sua coragem patriotica, porque, em vez de voltar á metropole, teve que retirar-se para Goa sob custodia.

Desgostoso, despediu todos os criados e ficou na India, abatido de animo, á espera que se desfizessem os enredos que o tinham apeado.

O seu criado de Chaves embarcou para Portugal e trouxe comsigo a chineza, como lhe havia promettido.

Mas pouco depois de ter chegado a Chaves reatou amores com uma patricia que tinha namoriscado antes de ir para Macau, e poz a chineza na rua, abandonando-a em terra estranha, sem recursos para repatriar-se.

Ella mettera-se ao caminho, perseguida pelas vaias das mulheres de Chaves, e ali estava em Guimarães de passagem para o Porto, onde em ultimo caso procuraria agenciar modo de embarcar para Macau.

E chorava a sua desgraça, tão longe da patria, n'um paiz onde ninguem a conhecia e onde provavelmente não encontraria protecção alguma.

Antonio Lobo, antegostando o prazer de uma conquista anormal, deante de uma mulher que representava para elle um typo completamente novo, uma aventureira do Oriente, flôr da raça mongolica transportada ás regiões occidentaes, e n'ellas abandonada e desprotegida, sentiu exaltar-se a phantasia e commover-se o coração.

Prometteu á chineza affectuoso amparo e viu-a então sorrir depois de ter chorado, coisa encantadora de novidade para elle, que não conhecia senão os sorrisos das mulheres de Guimarães, tão alegres no amor que pareciam rebeldes ás lagrimas.

O que é certo é que Min tinha o coração cheio de odio e de fel contra todos os homens que encontrava em Portugal. Em geral os chinezes detestam os extrangeiros, a que chamam «fancuai», diabos, e ella tinha razões especiaes para aborrecer os portuguezes, raça a que o seu perfido amante pertencia. O que Min procurava era um homem no qual pudesse cevar a vingança do desamparo em que, muito longe da patria, se encontrava agora.

Essa victima apparecera-lhe, finalmente: era Antonio Lobo, uma creança, menor de vinte annos, e de imaginação exaltada.

Elle viu n'ella apenas a filha de um vasto imperio remoto, com todos os caracteres de uma raça differente da sua; a creatura que lhe devia revelar mysterios ineditos das intimidades amorosas do Oriente, e fallar-lhe das tradições poeticas da gruta de Macau, onde Camões compuséra muitas e sublimes estancias dos «Lusiadas».

De mais a mais Antonio Lobo sentiu-se grandemente lisonjeado de ter captado as boas graças da chineza primeiro que todos os fidalgos de Guimarães, netos dos godos.

Por sua vez contou elle a Min o pouco que da sua historia havia a contar: que já não tinha mãe, que o pae estava doente, e que possuia alguns bens de fortuna, achando-se elle legalmente emancipado.

Este programma era sobremodo convidativo para uma barqueira de Cantão, que desejava encontrar um portuguez em quem pudesse vingar-se de outro.

Facil foi, pois, a conquista e a principio muito inebriante para o moço vimaranense.

Min continuou na estalagem do Campo do Toural guardada á vista por Antonio Lobo como por um dragão rábido, que defendesse a integridade de um precioso achado.

Elle apenas fazia algumas fugidas para ir ver o pae, como costumava, e logo depois voltava para junto da chineza, a ouvir-lhe contar historias do seu paiz, a que achava muita graça.

O filho do ourives cuidou morrer a rir quando ella lhe gabou os melhores petiscos culinarios do seu paiz, taes como caranguejo com ovos e costelêtas de cão de lingua preta com môlho de óleo de ricino.

E já não podia aguentar as lagrimas que o riso lhe provocava quando ella lhe disse que os seus patricios comiam todos esses saborosos pitéos com o auxilio de dois pausinhos, que serviam de garfo, colhér e faca.

Ao cabo de vinte e tantos dias de idillio chinez, Antonio Lobo voltou muito alvoroçado á estalagem para dizer a Min que o pae tivera novo ataque de paralysia, e que estava em perigo de vida.

A «tancareira» sentiu um intimo prazer, porque se aproximava a hora da realisação do seu ideal. Mas apparentou profunda magua, e disse a Antonio Lobo que corresse para junto do pae.

Elle assim fez.

Dois dias depois morria o honrado Diogo Ferreira, christãmente tranquillo, e contente de ver ao pé de si o filho querido.

A chineza entrou na camara ardente e pôde facilmente chorar junto ao cadaver de um homem que ella nunca tinha visto... mais vivo.

IV

Triumpho astucioso do Oriente

Uns quinze dias depois, Antonio Lobo, fascinado pela sereia de Cantão, ausentou-se de Guimarães com ella.

Este caso dera muito que scismar, especialmente ás raparigas vimaranenses, que não chegavam a comprehender como um rapaz de bom gosto (diziam ellas, modestia á parte) podia ter prejudicado de um momento para outro a sua tradição galante, apaixonando-se por uma chineza, que não valia o calcanhar de qualquer minhôta, rosada, fresca e polpuda.

Os fidalgos de Guimarães, despeitados por lhes ter sido preferido o filho do ourives Diogo, tambem eram da mesma opinião, com o que nada tinham a perder, pois que lisonjeavam a vaidade das suas patricias.

Os homens bons do povo e os frades de S. Francisco, principalmente frei Salvador da Guia, lastimavam que os haveres do defunto ourives, tão laboriosa e honestamente amealhados, fossem rolando vertiginosamente por um declive, onde não tardariam a desapparecer.

Todas as outras pessoas que tinham aggravos de Antonio Lobo, porque elle as maltratara alguma vez em prosa ou verso, desforravam-se agora chamando-lhe doido e dissipador.

Algumas chegavam a censurar a memoria de Diogo Ferreira que, devendo conhecer o filho, commettêra, por falta de atilada previdencia ou por affectuosa fraqueza, o erro de emancipal-o, precipitando assim o desbarate de um peculio, que ninguem imaginava ser tão importante como realmente era.

Disse-se logo, por communicativa phantasia, que Antonio Lobo tinha ido com a chineza para Macau, aonde ella o attrahia com o fim astucioso de repatriar-se á custa d'elle.

O que é certo é que este boato de origem popular veiu, mais tarde, a traduzir-se n'uma inexactidão biographica a que pelo menos dera curso um escriptor portuguez.

Se o leitor abrir o tomo VI da «Revista Universal Lisbonense», ahi encontrará a supposição de que um soneto de Antonio Lobo de Carvalho parece indicar «que elle vivera algum tempo em Macau».

O soneto, em que tão errada supposição procurou apoio, é o seguinte:

Um governo sem mando, um bispo tal,
De freiras virtuosas um covil,
Trez conventos de frades, cinco mil
Naires, chinas, christãos, que obram mui mal:

Uma sé, que hoje existe tal qual,
Com quatorze prebendas sem seitil;
Muita pobreza, muita mulher vil,
Com portuguezes tudo em um curral:

Seis fortes, cem soldados, e um tambor,
Trez freguezias, cujo ornato é pau,
Co'um vigario geral sem provisor:

Dois clerigos, e um d'elles muito mau,
Um senado, que a tudo é superior,
E' quanto Portugal tem em Macau.

O douto bibliógrapho Innocencio Francisco da Silva, que em 1852 colligiu as «Poesias joviaes e satyricas» de Antonio Lobo de Carvalho, diz referindo-se, n'um prefacio biographico, áquella errada supposição do collaborador da «Revista Universal»:

«Igualmente duvidosa, se não mais questionavel se nos affigura ainda a asserção de que Antonio Lobo estivesse por algum tempo em Macau; inducção que o mesmo alludido escriptor pretendeu tirar do contexto de um soneto, quanto a nós apócripho, e que por tal o expungimos da presente collecção.»

Tem razão Innocencio em suppôr que Antonio Lobo não esteve nunca em Macau, mas, não obstante, o soneto pode ser d'elle, em razão das suas intimas relações com a «tancareira» de Cantão.

Ella, que vivera em Macau com o criado do capitão geral, que conhecia perfeitamente a vida d'esta colonia portugueza, e que, por instincto de raça, sobrepunha patrioticamente Cantão a Macau, no que effectivamente tinha razão, e os chinas aos portuguezes, devia ter suggestionado a Antonio Lobo as suas

impressões de desdem pela insignificancia e pobreza d'aquella nossa colonia.

Min attribuia toda a sua desgraça a Macau, para onde a levara o criado de Telles da Silva, e d'onde a trouxera ao engano para Portugal.

Quanto a dizer o soneto que havia lá muita mulher vil, está-se vendo o dedo do informador feminino, porque era natural que a chineza quizesse amesquinhar as mulheres de Macau para engrandecer as de Cantão, engrandecendo-se a si propria.

Nunca nenhum chinez nos perdoou que tivessemos occupado Macau.

Os nossos capitães geraes ou transigiam com os mandarins para conservar o cargo ou, se reagiam dignamente, eram victimas da sua honesta energia.

Mais ainda, o leal senado e em grande parte o espirito publico estavam tão abatidos de brios, que preferiam a paz indecorosa á guerra aberta com os mandarins.

Min, como todos os chinezes de Macau, maldizia do capitão geral Telles da Silva, que procurara fazer um governo forte, patriotico e authónomo.

Não só os portuguezes, mas os proprios chinas, lhe tomaram medo.

Uma noite foram presos pela ronda dois chinas, um dos quaes parece que morreu por effeito de pancadas que lhe deram os soldados. No dia seguinte não appareceram nem o morto, nem o vivo. Dizia-se á bocca pequena que o capitão geral, para evitar novos conflictos, os tinha mandado metter na mina ou lançar ao mar. Um christão foi denunciar este acontecimento aos mandarins, que vieram a Macau exigir a entrega dos dois presos vivos ou mortos, e que, não lhes tendo sido entregues, ordenaram aos chinas que fechassem as lojas do bazar e sahissem da cidade.

O capitão geral não trepidou, manteve a sua attitude energica, mas a população alvoroçou-se com a falta de viveres logo que o bazar fechou.

A pedido dos habitantes, intervieram os jesuitas, procurando acalmar os mandarins com dadivas de dinheiro, satisfazendo-lhes assim a natural rapacidade, seu principal mobil.

Cotisaram-se os moradores portuguezes de Macau para que os mandarins pudessem receber grandes sommas de taeis e, feito isto, o bazar reabriu as suas portas.

Teve o capitão geral de transigir n'uma só coisa, para não sacrificar a população, e foi em destacar para Timor os soldados que prenderam os dois chinas e os maltrataram.

Mas procurou tirar logo desforra d'esta forçada transigencia. Conseguindo averiguar que o christão delactor fôra um macaista, de appellido Franco, mandou-lhe dar trez saltos de polé, para mostrar aos mandarins que mantinha firmemente o principio de auctoridade, e aos portuguezes que não podiam impunemente desgostal-o.

D'este e outros actos de energia nasceram os enrêdos, tecidos até pelos proprios portuguezes subservientes, que lograram depor o audaz capitão geral.

Foi n'esta epoca que a «tancareira» Min conheceu Macau. Tudo lhe desagradava ali, a começar pelo capitão geral, primeiro inimigo dos chinezes, que ella via sempre com maus olhos quando elle descia da fortaleza do Monte acompanhado por um sargento e mais doze homens de clavinas carregadas.

Mas astuciosa como todas as mulheres, especialmente as da sua raça, empavonava-se de ridicula vaidade quando ía a Cantão embarcada n'uma lorcha, com o criado de Telles da Silva; perante as suas antigas companheiras mostrava-se contente e orgulhosa da vida senhoril que levava em Macau.

O primeiro portuguez com quem a «tancareira» pôde desabafar todos os seus odios contra os portuguezes na China, foi Antonio Lobo, e fel-o com a vehemencia inherente á satisfação de uma vingança longo tempo represada.

Antonio Lobo acreditou-a facilmente, por suggestão amorosa e, para lisonjeal-a, escreveu de um jacto o soneto, que não corrigiu nunca e que é dos peiores que elle deixou.

Ao contrario do que se dizia em Guimarães, a «tancareira», em vez de descobrir o seu plano de repatriar-se, apenas tratou de arrancar á terra natal o filho do ourives, para o affastar desde logo de quaesquer influencias que poderiam arrebatar-lhe das garras a prêsa.

Poz em acção toda a astucia de que era capaz como mulher, como chineza, e como pessoa já experimentada pela desgraça.

Levou Antonio Lobo para o Porto, onde ella pensou encontrar navio que, na primeira occasião, a reconduzisse a Macau.

N'aquelle tempo a cidade do Porto era escassa de distracções, apenas trabalhadora e burgueza, cristalisada na austeridade melancolica do seu primitivo burgo episcopal.

Min simulava gostar mais do rio que da cidade, e guiava ardilosamente todos os seus passeios para os caes da ribeira, especialmente desde Cima do Muro até ao estaleiro do Ouro.

Interessava-se muito em examinar o grande numero de

naus que ainda n'esse tempo fundeavam no Douro, procedentes do Brazil, de França, de Flandres e de Inglaterra.

Procurava, com disfarce, um navio que pudesse leval-a para Macau, porque não pensava n'outra cousa.

Antonio Lobo não suspeitava d'este intento reservado, e parecia-lhe natural que a antiga «tancareira» de Cantão gostasse de vêr um rio, onde, de mais a mais, navegavam constantemente pequenos barcos tripulados por mulheres, as esbeltas raparigas de Avintes, remadoras possantes.

Contrariada por não achar o que procurava, Min desforrava-se juntando larga provisão de valores, como quem prepara viatico para longa viagem. Fazia amiudadas compras de objectos de ouro, prata e fazendas de lã e seda na rua das Flores, que era n'esse tempo onde estavam concentradas as mais ricas e mais variadas lojas da cidade; que era, n'uma palavra, o Chiado portuense de então. Antonio Lobo andava sempre de bolsa aberta, e não discutia despezas, quando a chineza lhe requebrava os olhos n'uma doce languidez perturbadora. Deixava-se queimar n'aquelle estranho fogo do Oriente, que o abrazava, e ao qual a já começada Torre dos Clerigos, se lhe puzessem dentro uma alma de vinte annos, não lograria resistir.

Sabia a «tancareira», sem nunca perder de vista o seu principal cuidado, empregar agradaveis artes para ir distraindo Antonio Lobo com os aspectos da cidade, surprezas galantes e expedientes graciosos.

Umas vezes vestia-se á portuense, de saia preta e mantilha de côca, como as melhores damas da cidade. Outras vezes imitava o trajo das camponezas do arrabalde e arreiava-se com muito e pesado ouro macisso.

Um dia tinha o capricho de percorrer as ruas em cadeirinha ou de passeiar em sege até á Foz e Mattosinhos; outras vezes, á luz do dia ou ao clarão do luar, embarcava rio acima com Antonio Lobo, escolhia barqueiros que soubessem tanger algum instrumento, e gosava assim um dos poucos habitos alegres da cidade, tal era o que então se denominava «Furias do rio», isto é, excursões fluviaes, ruidosas e concorridas.

Aquella pequenina mulher, sempre astuciosa e reservada, procurava com todos estes artificios prender Antonio Lobo a uma cidade, que não possuia seducções estonteadoras, nem sequer distracções variadas.

O Porto, com os seus sessenta mil habitantes, tinha o aspecto rude de um burgo methodico e laborioso. Não era uma cidade que sorrisse. A apparencia das ruas e das casas dava uma pesada sensação de monotonia uniforme. Quasi todos os predios eram esguios, de trez a cinco andares, e as ruas es-

treitas, o que afogava dentro d'ellas a vista, confrangendo-a. Sobre as altas claraboias ardiam reverberos de sol, que contrastavam exoticamente com a escuridão dos arruamentos. Ainda havia uns restos de rotulas nas janellas, que de onde a onde lembravam vestigios mouriscos. De toda esta cidade tristonha sahia um rumor constante e confuso, de ensurdecer. Era produzido pelo barulho das seges, das liteiras, dos carros de bois, das récuas dos almocreves, e até pelos tamancos dos transeuntes batendo o ladrilho de pedras largas e compridas, que constituia o pavimento das ruas.

A chineza Min

Min não queria sair do Porto emquanto não perdesse a esperança de encontrar transporte para Macau, mas, quando se convenceu de que só poderia achal-o em Lisboa, foi ella propria que tratou de apressar a viagem empregando recursos habilidosos.

Recorreu ao grande expediente de todas as mulheres: o ciume.

Levava Antonio Lobo ás praças mais concorridas de regateiras guapas, lindas mocetonas que vendiam pão, aves e fructas, taes eram as praças de S. Bento, S. Domingos, S. Roque e Ribeira, e mostrava-se amuada accusando-o de olhar com muita attenção para todos esses bellos exemplares de mulher portugueza.

Elle defendia-se com tanta convicção e verdade, que a chineza acabava por se convencer de que não era aquelle o melhor caminho para conseguir o seu fim.

Resolveu então, comquanto este novo processo pudesse ter maior risco, atormentar de ciumeira o coração de Antonio Lobo.

Ella bem sabia que tinha dado nas vistas do Porto, o que aliás era natural, pois que se evidenciava não só pelos caracteres de raça, como pela variedade e riqueza de trajos e adornos, e ainda pelos seus passeios em cadeirinha, em sege e em barco.

Até então era a chineza que se retrahia n'um grande ar de honestidade intangivel, quando os portuenses a miravam com apetitosa curiosidade; agora, mudára de rumo, e era ella mesma que os atiçava com olhares inflammaveis, provocando-os a observal-a e seguil-a.

Antonio Lobo, que não deixava Min um momento em liberdade, lisonjeava-se de vêr como ella despertava cada vez mais a attenção dos homens, e orgulhava-se da sua conquista sem olhar ao preço por que lhe sahia.

Tinha começado o verão de 1750.

Um domingo, no rio Douro, Lobo sentiu a vertigem do ciume, quando notou que um barco, conduzindo rapazes do commercio, seguia a pequena distancia o seu barco, e que um dos rapazes ia cantando trovas de amor, provavelmente dirigidas a Min.

D'esta «Furia do rio» voltou Antonio Lobo furioso.

Fez uma scena de ciume, e disse imperativamente á chineza que tinha resolvido sahir do Porto.

— Para onde? perguntou ella.

— Está claro que para Guimarães.

— Tudo menos isso, replicou Min. Estou farta de aturar o odio e os insultos das femeas rudes de Chaves e Guimarães, de todas as estupidas mulheres de aldea. Se queres sahir do Porto, não sou eu que hei de contrariar te; mas com a condição de que não sahiremos d'aqui para uma terra mais pequena. Amo-te sinceramente, custar-me-ia muito ter que separar-me de ti; mas se teimasses em voltar para Guimarães, deixar-te-ia.

— Para onde havemos de então ir? perguntou Antonio Lobo meio aturdido por tão resoluta e inesperada declaração.

— Uma cidade maior que o Porto... só Lisboa. Não tem que pensar.

— E o que hei de eu lá fazer?

— O mesmo que fazias em Guimarães e que fazes aqui.

Min quiz temperar a rispidez d'esta phrase com um sorriso dengoso, acrescentando:

— Amar-me...

Lobo replicou com vivacidade:

— E ser amado.

A chineza correu para elle, apertou-o meigamente nos braços, pousou-lhe um beijo na bocca, e disse:

— Está bem de vêr que sim. Mas Lisboa é uma terra grande, onde tu, que és intelligente, poderás encontrar posição que te convenha, se quizeres ou precisares procural-a. No Porto apenas se trata de negocios e tu não tens geito para negociante. Digo ou não digo a verdade?

Antonio Lobo ficou pensativo durante um momento; depois, completamente subjugado, obtemporou:

— Pois vamos lá para Lisboa.

Decorridos oito dias, fins de julho, o filho do ourives de Guimarães e a «tancareira» de Cantão desembarcavam no Caes da Pedra.

Foram hospedar-se ali perto, na estalagem do Rebôto, porque a chineza, seguindo sempre o seu plano, queria ficar perto do Tejo.

A capital era uma novidade para Antonio Lobo, e quasi o era tambem para Min, que tinha aqui desembarcado quando chegou de Macau, mas que se demorára apenas vinte e quatro horas, seguindo logo viagem para o Porto com o criado de Telles da Silva.

A cidade offerecia no seu aspecto geral um profundo contraste com o Porto. Era grande, alegre no exterior, magestosa, quasi monumental.

O accidentado dos montes do Castello, da Graça, do Carmo, de S. Francisco, das Chagas e de Santa Catharina, coroava-a de um caprichoso recorte, sobre o qual descia o azul claro do céu, n'uma exuberancia triumphal de luz e côr.

Ao oriente, a casaria apinhava-se muito densa, pela vertente meridional do môrro do Castello, descendo escalonada para o bairro de Alfama.

Ao occidente a população rareava, mas a ribeira do Tejo espraiava-se com sorridente largueza em toda a margem direita, matisada pelo arvoredo das quintas fidalgas, pela frontaria dos palacios de recreio, pelas casaes alvejantes e pelos rodisios dos moinhos de vento.

O mosteiro de Belem avultava imponente n'essa mancha luminosa, e os seus lavores rendilhados pareciam vivos quando a luz abundante do sol os fazia palpitar.

Depois, correndo na direcção do oceano, outras casas monasticas, posto que muito mais humildes e modestas, taes como o convento de S. José de Riba-Mar e o de Nossa Senhora da Boa-Viagem, faziam alvejar os seus muros e campanarios sobre logares altos, quasi imminentes ao Tejo, ao passo que outras casas religiosas, como a dos Cartuxos de Laveiras, se escondiam terra dentro na espessura dos bosques.

A torre de S. Vicente de Belem, com o seu lindo desenho

manuelino, sorria n'uma galanteria de linhas, tão discreta e grave, que não prejudicava a impressão de ser, como realmente era, uma fortaleza militar.

De modo que se o oriente da cidade denunciava a existencia de uma população amalgamada dentro de bairros escuros e estreitos, restos de habitações mouriscas e de construcções medievaes, o occidente era já n'essa época, pouco anterior ao grande terremoto, uma renascença brilhante de Lisboa, realisada pelo agrupamento de palacios, quintas, egrejas e fortes.

Mas, observando a cidade no seu conjunto, occultos os antigos arruamentos orientaes e as viellas que se emmaranhavam entre o Terreiro do Paço e o Rocio, Lisboa mostrava ser, logo ao primeiro lance de olhos, uma capital digna de hombrear com as mais bellas de toda a Europa.

O Terreiro do Paço, com as suas portas e postigos ao fundo, sobre os quaes assentavam altas edificações, com o vasto palacio real que ao poente rematava por um elegante torreão sobre o Tejo, com os casarões da Alfandega e do Terreiro do Trigo ao nascente, era como que um vestibulo condigno da magestade e belleza da grandiosa cidade.

O Tejo, amplo, scintillante de ondas doiradas, povoado de navios de todos os paizes do mundo, fez estremecer de orgulho patriotico o coração de Antonio Lobo, porque lhe deu a visão das nossas glorias maritimas, e da fundação do nosso dominio colonial por meio de ousadas conquistas e aventurosas navegações.

A belleza da cidade e das terras ferteis do seu Termo parecia avultar ainda mais attraente pelo contraste que fazia com a margem esquerda do Tejo, árida, escalvada, nua, apenas cortada de um trecho de povoação em Almada, villa que parecia envergonhar-se de ter deante de si uma cidade que ainda de longe a esmagava.

Antonio Lobo ficou deslumbrado nos primeiros momentos em que viu Lisboa e, lembrando-se de Guimarães, a sua pequena e pacata villa natal, mediu mentalmente toda a existencia da nacionalidade portugueza desde o velho castello do conde D. Henrique, onde a monarchia principiara, até ao sumptuoso Paço da Ribeira, onde um cézar agonisava.

Já no Porto tinha ouvido falar muito do perigo que estava correndo a vida de el-rei D. João V, por aggravamento da sua antiga enfermidade. As noticias que chegavam ao norte do paiz eram cada cada vez mais inquietadoras.

Mas agora, em Lisboa, esse mesmo assumpto preoccupava todas as conversações, em todas as classes sociaes e em todos os logares publicos. Dizia-se com um sentimento profundo,

apenas proprio de uma grande dôr nacional, que el-rei nosso senhor estava em artigos de morte.

Parecia tratar-se de um monarcha que tivesse levado o seu exercito a successivas victorias ou felicitado o seu paiz com uma torrente caudal de prosperidades, resultantes de uma sabia administração.

Nada d'isso acontecêra, o thesouro publico estava vasio, o reino pobrissimo, porque o rei moribundo tinha dissipado uma riqueza colossal em beatices, amores, ostentações e outras ruinosas prodigalidades.

Mas o povo queria-lhe muito entranhadamente, porque D. João V o tinha deslumbrado como nenhum outro rei ainda, dando-lhe o espectaculo de uma realeza á Luiz XIV enxertada em moldes portuguezes: fôra beato, fôra amoroso, fôra inconstante, fôra imprevidente como todos os portuguezes.

Gastar dinheiro? Mas não estava o povo habituado a vêr a nobreza dissipar cada dia a herança dos seus maiores, atirando-a pela janella fóra com embaixadas, ciganas, freiras, alcovêtas e cantarinas? O rei tinha effectivamente gastado muitos milhões de cruzados, mas gastava como quem era: devia, por isso, gastar mais que todos os outros fidalgos juntos. E da sua prodigalidade alguma coisa tinha ficado em marmore, em rocalha, em carrilhões e paramentos de egreja. De mais a mais, sabia-se cá fóra, o rei morria christãmente — como todo o portuguez quer morrer, sejam quaes for os erros do passado — porque dissera a um dos seus familiares: «Deixai-me, que eu não sou mais que um punhado de terra envolto em uma miseria de peccados». Todo o peccador portuguez, que morre contricto, obtem o perdão dos seus compatriotas, quando o não possa obter de Deus.

Na estalagem do Rebôto entravam muitos homens do mar, porque o proprietario era um velho carregador da carreira do Brazil, que traficára de conta propria e juntára dinheiro. Dizia-se que tinha negociado em escravos, e que fôra essa a principal origem do seu cabebal.

Pois ahi mesmo, dentro da estalagem, não se fallava senão da doença de el-rei D. João V, e da sua morte proxima.

Até a chineza parecia agora mais reconciliada com os portuguezes, por dó de sua magestade fidelissima. Conversava com os homens do mar, especialmente com o dono da estalagem, e ia repetir a Antonio Lobo as noticias, cada vez peiores, que de hora a horã se espalhavam por toda a cidade.

A occasião, por ser de alvoroço geral, pareceu a Min a melhor possivel para tratar da sua repatriação. O proprio Lobo queria estar ao corrente do que se passava, e encarregava-a

de o saber na estalagem. A chineza não perdeu o ensejo, e conluiou-se com o velho Rebôto, que por sua parte não perdia qualquer opportunidade de ganhar dinheiro. Estava a partir do Tejo, disse-lhe elle, um navio que tocava em Macau. Dentro de poucos dias devia levantar ferro.

Elle mesmo se encarregava de tudo. Quanto a guardar segredo, acrescentou o solerte estalajadeiro, todos os segredos se podiam guardar com segurança pondo-lhes dinheiro em cima.

Antonio Lobo

Ficou o negocio combinado. El-Rei D. João V podia viver ou morrer, que a chineza não se importava nada com isso.

Sexta feira, 31 de julho, pouco depois das sete horas da tarde, troou a artilharia e dobraram todos os sinos da cidade.

Era um enorme estrondo funebre, que retumbava dentro de todos os predios e de todos os corações.

O grande rei havia expirado, e todo o povo chorava por elle.

Trez dias se gastaram em clamores publicos e officios religiosos, n'um delirio de saudade inconsolavel.

Na segunda feira, 3 de agosto, pelas 10 horas da noite, organisou-se o prestito que devia acompanhar o cadaver de sua magestade ao mosteiro de S. Vicente de Fóra.

A multidão, chorosa, abria alas, que a todo o momento engrossavam, como se novas ondas de população tivessem rolado sobre a cidade, vindas de longe, talvez de vinte leguas ou mais.

Iam adeante os porteiros da camara, com as suas insignias, marchando a passo solemne.

Seguiam-se os dois corregedores do crime, os officiaes da

casa real, os grandes do reino, o regedor das justiças, os presidentes dos tribunaes.

Depois vinha, em grande numero, a cleresia, conegos, beneficiados, capellães, cantores, de tochas na mão, uns a pé, outros a cavallo, segundo sua jerarchia ecclesiastica.

O marquez mordomo-mór precedia o côche funebre, que era tirado por seis frizões, com jaezes e adornos de luto, e rodeado por moços da camara.

Após o côche, montados em ginetes, que arrastavam gualdrapas negras, cavalgavam o marquez de Marialva, estribeiro-mór, e D. Manuel de Sousa, capitão da guarda allemã.

Todos os fidalgos vestiam capa comprida, e traziam longos crepes pendentes dos chapéus.

Tanto o carro mortuario, como o coche de respeito, que se lhe seguia, eram acompanhados pela guarda real, e os regimentos de infantaria, que estavam postados nas ruas do transito, iam formando atraz d'este ultimo côche, no couce do cortejo funebre.

A marcha foi lenta e demorada, de modo que já passava da meia noite quando, após as descargas da infantaria no largo de S. Vicente de Fóra, cessou o troar da artilharia nos fortes e o dobrar dos sinos nas egrejas.

Toda a população de Lisboa, n'aquella noite memoranda, se recolheu tarde.

Antonio Lobo e Min pareciam impressionados por esse estranho espectaculo do funeral de um cézar augusto; Min, com ser estrangeira, ainda pouco antes de adormecer dizia que os portuguezes tinham razão para chorar a perda de um grande rei, e que ella propria estava perturbada de contagiosa commoção.

Pela manhã, Antonio Lobo estranhou a falta da chineza. Perguntou por ella. Havia desapparecido, levando comsigo todo o dinheiro que encontrara.

A morte tinha roubado um rei ao seu povo. A «tancareira» de Cantão roubara todo o dinheiro ao amante.

Noite fatal e tremenda!

V

O bando do Lobo

Antonio Lobo, quando se certificou da fuga e do roubo, teve uma explosão de colera truculenta.

Quiz ir queixar-se ao corregedor do bairro, mas o estalajadeiro disse-lhe que, segundo mais de uma vez ouvira, a manceba de homem solteiro ou casado não podia ser demandada, nem soffrer pena alguma, pelo roubo que lhe fizesse. Quanto á pessoa da chineza, acrescentou ironicamente que já devia ir longe, porque partira a bordo de uma nau, que levantou ferro ao romper da manhã, e áquella hora navegava de certo no mar alto.

Philosophicamente, concluiu dizendo:

— Em mulheres não ha que fiar.

Lobo percebeu tudo: fôra aquelle homem o agente e encobridor da fuga; por isso Min se mostrava tão interessada em saber d'elle noticias a respeito da enfermidade de el-rei. Era um pretexto para urdirem o seu plano.

Chammejante de indignação, sentindo accordar, depois de uma longa atrophia, o seu genio altivo e audaz, Antonio Lobo encarou de frente a realidade e accusou o estalajadeiro de cumplice no roubo e na fuga.

O velho Rebôto, sem se mostrar extremamente indignado, respondeu-lhe com um sorriso amarello:

— O que póde você fazer? Ir queixar-se de que foi roubado na minha estalagem? Seria; eu proprio acredito essa queixa. Mas bem sabe quem o roubou. Foi a manceba com quem você

vivia, e que lhe fugiu. A lei do reino isenta-a de toda a culpa. Vêmos casos d'estes todos os dias, e não é você por isso mais infeliz do que muitos outros homens. De mais a mais estou estabelecido ha dezoito annos e toda a gente sabe que não preciso roubar ninguem para viver. Quanto a ter medo, é doença que não conheço: andei por casa do diabo, vi deante de mim muitos homens, pretos e brancos, tambem vi algumas feras, e nunca mudei de côr. Vamos ao que importa: vá vêr se a china ainda lhe deixou com que pagar os ultimos dias de hospedagem.

Lobo mediu-o de alto a baixo com arreganho.

— Já lhe disse, tornou o velho amaciando com superioridade a voz e a phisionomia, que lhe não tenho medo. Você quer ter uma briga commigo? Decerto não levaria a melhor; mas que levasse, ficaria ainda mais desgraçado do que está. E' muito novo, parece gozar saude, póde trabalhar, tem meio de readquirir o perdido. Se vai a engulhar-se com a primeira peça que uma mulher lhe pregou, não lhe chegará a vida para lastimas, porque ha de encontrar muito d'isso. Quer você matar o bicho? Ó rapaz, traz d'ahi Cartaxo bom. Beberemos os dois. Olhe que eu sou melhor para amigo do que para inimigo.

Antonio Lobo sentou-se n'um escabello de pinho, com a cabeça escondida entre as mãos. Apetecia-lhe matar aquelle homem, mas as palavras d'elle resoavam-lhe ainda nos ouvidos como um clamor de verdade: «Ficaria ainda mais desgraçado do que está.» E Lisboa, aquella magestosa Lisboa que elle tinha visto dias antes com encantada surpreza, repugnava-lhe agora como um covil de malfeitores e chatins, de que aquelle estalajadeiro cinico era a expressão immunda e vil. Pudesse transportar-se n'esse mesmo momento a Guimarães, vêr as arvores e os montes da sua infancia, a casa de seus paes, as ruas onde brincara, e ainda que lá tivesse apenas uma hora de vida, morreria tranquillo e contente.

O velho Rebôto, como se lhe adivinhasse os pensamentos, acercou-se d'elle e disse-lhe mansamente, n'um tom quasi paternal:

— Seja homem, seu Lobo! e pense como um homem. Não me torne a mim, nem a ninguem a culpa do que succedeu. Quando uma mulher quer bater as azas, não ha calabre nem grilhão que possa segural-a, foge como um passarinho por qualquer fresta da gaiola. Ora a joia da sua china, poucas horas depois de ter entrado aqui, disse que por força queria embarcar para Macau; que já no Porto procurara transporte, mas que o não encontrou; e que por esse motivo, só por esse, quizera vir a Lisboa.

Antonio Lobo começou a vêr claro, a lêr toda a verdade nas entrelinhas do passado, reconhecendo que tinha sido apenas um instrumento de ignobil especulação nas mãos astutas da chineza.

Quando um homem cái moralmente de tão alto, uma de

Antonio Lobo e o estalajadeiro

duas coisas lhe acontece fatalmente: succumbe, se é um fraco, um triste, um doente; resiste, e ri de si mesmo, se tem o espirito e a saude florescente de Antonio Lobo.

Elle, ouvindo todas estas revelações, apenas voltou ao passado para fazer uma pergunta ao velho Rebôto:

— Mas por que não inspiraria eu a você a sympathia bastante para me contar tudo isso a tempo de poder dar uma lição severa a essa reles aventureira? Tel-a-ia esganado como a uma cadella que nos quer morder.

— Pois ahi está: por isso mesmo. Tel-a-ia esganado! Bonita coisa! Gemeria a estas horas nos ferros d'el-rei, seu Lobo; mas como felizmente não aconteceu assim, acha-se vivo e são como um pêro. Você mesmo confessa que o diabo da china era uma aventureira reles; olhe que valia a pena ter de a pagar por bôa! Deixe-a ir, com Belzebuth, e fique de pé atraz com as aventureiras. Tratemos de beber, que não vá o vinho zangar-se de o fazermos esperar.

E, dito isto, o velho Rebôto encheu dois copos, passando um a Antonio Lobo, que o poz á bocca e esvasiou.

— Que tal? perguntou-lhe o estalajadeiro.

— Bom vinho, respondeu Antonio Lobo, mas forte.

— Nanja forte. Você, segundo me disse a china, é de Guimarães.

— Sou.

— Pois é por isso que lhe parece forte este Cartaxo. Lá no Minho só bebem vinho verde, e eu não o posso tragar; arranha a guella como se fosse uma lixa. Tambem é de todos os vinhos portuguezes o unico que não quero beber. Que eu a respeito de vinho, e mulheres, só de Portugal.

E, enchendo novamente os dois copos, continuou palrando como todo o bom estalajadeiro historista:

— Olhe, seu Lobo. Quando eu embarcava para o Brazil, tive ocasião de conhecer mulheres de muitos paizes, porque o Brazil é, mal comparado, uma torre de Babel, aonde vão dar todos os estrangeiros que procuram fortuna, sejam homens ou mulheres. Lá me avistei com as brazileiras, que eram gente de casa, e que, diga-se a verdade, parecem um favo de mel, mas eu acho-as doces de mais. Lá vi gregas e italianas e francezas e flamengas e moscovitas — até moscovitas da Russia! — mas com franqueza lhe digo que me não fizeram mossa todas essas aventureiras errantes, e que nunca topei, para meu gosto, melhor mulher que a portugueza. Tenho pena de não saber fallar, que eu lhe diria agora quanto vale e quanto pesa a mulher da nossa terra. Experiencia não me falta; o que me falta é a loquella.

E bebeu um trago de vinho, demorando-se a saboreal-o.

— As nossas portuguezas, continuou depois, nem são tão molles como as brazileiras, nem tão abelhudas como as hespanholas. Parece que Deus nosso Senhor teve muita conta no tempêro com que apurou a portugueza; nem de mais, nem de menos. Pois não é assim, seu Lobo?

O filho do ourives de Guimarães começava a achar uma estranha graça ao bom senso pratico d'aquelle estalajadeiro finorio, que talvez na sua vida nunca tivesse aberto um livro.

— Nas estrangeiras, proseguiu Rebôto, o cabello muito louro e a pelle muito branca encontram-se a cada passo, mas olhe que chega a gente a enjoar-se de estar a olhar constantemente para aquelles pires de créme, onde o que não é leite, é canella, e o que não é canella, é leite. E o que me diz ás ruivas, que por lá se encontram avondo? Parecem feitas de cobre, como as caldeiras dos navios. Mulheres altas como torres topam-se aos milhares por todo esse mundo de Christo. Mas a mulher, seu Lobo, se é a companheira do homem, deve acompanhal-o em tudo, até na altura. A gente não ha de incommodar-se a mandar beijos para o sette-estrello; perder-se-iam muitos no caminho. Ora a nossa portugueza...

E bebeu novo trago de Cartaxo, pausadamente.

— Ora a nossa portugueza não tem felizmente cabellos de estôpa nem de linho: as suas tranças e os seus olhos são como certas pedras negras, que não sei que nome lhe dão os ourives, mas que á luz do sol podem ter todas as cores, até a do oiro, sem nunca deixarem de ser negras. Os rostos — oh! lindos rostinhos das portuguezas! — são morenos como as fatias de pão torrado, que uma boa cosinheira, quando saiba do seu officio, não deixa tostar de mais nem de menos. As portuguezas! Nem são tão altas que pareçam torres, nem inteiriças e esguias como fusos de fiar. Se a gente quer levar comsigo uma portugueza, dobra-a como se fosse uma péça de cambraia, que se ageita ao conducto; mette-a debaixo do braço, e para qualquer parte que vá, não nos dá peso nem incommodo. — E' verdade, oh seu Lobo! diga-me você agora se tambem é da minha opinião.

Antonio Lobo estava já outro homem, continuava renascendo em si mesmo, depois d'esse oppressivo parenthesis de escravidão amorosa, em que perdera toda a exuberante vitalidade de espirito que lhe conhecemos em Guimarães.

Ia-se animando, e bebendo.

— Concordo, não ha duvida; das cachopas da minha terra nunca eu tive razão de queixa.

— Nem ellas certamente de você, interrompeu o estalajadeiro piscando gaiatamente um olho.

— Está bem visto que não: amor com amor se paga.

— Eram portuguezas, e vonda.

— Vim cahir, como um patau, no estafermo da china.

— Bravo! Você já lhe chama estafermo! Está aqui, está curado. Não procure mestre cirurgião, que não precisa.

— Curo-me a mim mesmo, que é mais barato.

— Mas olhe que eu tambem ajudei a tempo com a mézinha.

— Não digo que não. Em todo o caso o doente, quando

tem animo, auxilia muito a cura. E eu vou dizer a você o sinapismo que estive deitando no coração para o espertar.

— Então qual?

— Um soneto. Você sabe o que é um soneto?

— Sei, é verso ou glosa. Mas você fez isso sem mote! Diga lá sempre, que hei de gostar de ouvir.

Antonio Lobo recitando na estalagem

Antonio Lobo recitou um soneto, tão duro de linguagem contra a chineza, que o estalajadeiro o entendeu perfeitamente, e que o collector das «Poesias joviaes e satyricas» não ousou aproveital-o, se é que chegou a conhecel-o.

Quando Antonio Lobo começava o primeiro terceto, entraram na estalagem dois individuos, que deviam ser freguezes antigos, porque o Rebôto acenou-lhes familiarmente com a mão, fazendo-lhes signal para que se sentassem e ouvissem.

Eram dois ginjas, de carão vermelhaço, gordos, pachorrentos, amigos de bons petiscos e boa pinga.

Lobo, cego de furia poetica, continuou recitando e, quando terminou, tanto o Rebôto como os dois recemchegados irromperam n'uma tão espontanea e unisona risada, que o estalajadeiro, cahindo em si, correu á meia porta que estava aberta, dizendo:

— O' diabo! ó diabo! E a morte de el-rei! Que não fosse alguem ouvir-nos.

Poz a cabeça fôra da porta, olhou cuidadosamente para a direita e para a esquerda, e voltou mais tranquillo por não ter visto transeunte, que pudesse estranhar tamanha risota em occasião de luto nacional.

Ambos os ginjas limparam as lagrimas, que os dois tercetos tinham provocado.

Um d'elles, o mais novo, que se chamava Anacleto e era natural de Angeja, dizia:

— Caramba! Nem o «Camões do Rocio», no tal poema que lhe attribuem, foi mais longe do que este moço.

— Viva lá, cavalheiro! disse o outro ginja. No genero, é de se lhe tirar o chapéu.

O Rebôto tambem deu a sua opinião:

— Conheci em Pernambuco o Gregorio de Mattos, e ouvi por lá dizer muitos versos d'elle. Muita vez aqui entrou n'esta casa, como os amigos se lembram — voltando-se para os velhos — o Thomaz Pinto Brandão, que já está fazendo tijolo ha uns bons sete annos. Mas com franqueza lhe digo que de nenhum d'elles ouvi coisa que se parecesse com isto! Sabe que mais, seu Lobo? Você, se quizer ficar em Lisboa, não apanha menos paparocas e petisqueiras do que o Pinto, nem ha de ser menos conhecido. Tome nota de que lhe faz esta prophecia o velho Rebôto, que tem visto muito mundo e ouvido muito verso.

Os dois ginjas, especialmente o Anacleto, tomando com Antonio Lobo a mesma familiaridade que já tinham na casa, quizeram ouvir todo o soneto, que o poeta promptamente repetiu, ainda vibrante de indignação, mãe fecunda de versos, segundo disse Juvenal.

Antonio Lobo respondeu ao estalajadeiro que resolvera regressar a Guimarães, sua terra natal, e pediu-lhe que soubesse n'aquelle mesmo dia quando sahiria algum navio para o Porto.

— Bem mal faz, contestou o Rebôto. Na provincia, um poeta que sabe dizer verdades com tanta graça ha de por força andar aos empurrões a toda a gente, que aquillo por lá é muito pequeno e empilha as pessoas, como sardinha em tigela. Mas

ou eu me engano muito ou você cá tornará, que isto, amigo, sempre é a côrte, e deixe falar quem fala

O Anacleto, apesar de ser da provincia, tambem abundava n'estas ideias, e teimava com Antonio Lobo para que ficasse.

Tanto elle como o outro ginja, não perdendo nunca um pretexto qualquer para comesaina, offereceram uma ceia ao «endiabrado poeta de Guimarães», n'essa noite, e o velho Rebôto, que não quiz ficar atraz dos seus dois freguezes, teve a generosidade de dizer-lhe que, visto querer ir-se embora, e haver sido roubado, dava por liquidado o resto da conta.

O estalajadeiro não era homem para se arruinar com franquezas. Amava o dinheiro desde que aprendera a ganhal-o, com algum risco da pelle, no mar e na escravatura. E para amar o dinheiro não ha como saber quanto elle custa a ganhar, qualquer que seja o processo, com excepção do jogo. Mestre Rebôto dava facilmente conselhos; ás vezes, para ir fazendo as pazes com o céu, tambem dava algumas esmolas em vitualhas, que sobejavam na cosinha da estalagem: mas não dava, nem emprestava dinheiro a ninguem.

Ora, declarando saldada a conta de Antonio Lobo, fizera apenas uma apparente generosidade, relativa a dois ou trez dias de hospedagem, porque, além da despesa diaria dos dois hospedes, apanhára á chineza boa maquia, para que ella pudesse embarcar em segredo. De modo que, ao contrario de perder, lucrára muito; e assim, se a chineza roubou Antonio Lobo, mestre Rebôto, por sua vez, roubou a chineza. Justo equilibrio de astucias e nigromancias, que tornam este mundo o melhor dos mundos possiveis.

O filho do ourives Diogo embarcára para o Porto, d'onde seguiu immediatamente para Guimarães.

Quando tornou a vêr a sua terra, o castello do conde D. Henrique, o paço dos duques de Bragança, o campo do Toural e a casinha de seus paes, respirou desopprimido como se lhe tirassem de sobre o peito um peso enorme, que o esmagava.

A patria tem attracções irresistivelmente consoladoras para os infelizes: é por isso, decerto, que os grandes criminosos a procuram, indo assim cahir facilmente nas garras da policia.

Antonio Lobo não voltava criminoso, se não é crime esbanjar em pouco tempo a herança paterna, reunida á custa de trabalho e dedicação. Mas regressava pobre ou quasi pobre. Apenas pudera salvar do naufragio um resto de dinheiro, que, ao partir para Lisboa, lhe não coubera talvez nas algibeiras

Lá o foi encontrar no mesmo esconderijo que o pae lhe tinha indicado, e d'onde elle proprio tirára o outro, que tão rapidamente desapparecera por entre os dedos da chineza.

Commoveu-se ao pensar na vida honesta do pae, deante dos destroços d'aquelle modesto peculio, que o honrado ourives juntara migalha a migalha, como a formiga.

Mas fôra passageira essa commoção, porque logo o distraíram as suas antigas relações amorosas, contentes e ufanas de que elle voltasse no amor aos sentimentos patrioticos; e os seus antigos amigos e companheiros, que folgavam de o ouvir falar do Porto, de Lisboa e de todas as aventuras que a chineza lhe proporcionára depois que ambos partiram de Guimarães.

Não ha nada que divirta tanto os rapazes como a historia de uma paixão cara, que arrastou á pobreza; parece-lhes uma divinisação do sacrificio. A antiga lenda do «teu amor e uma cabana», com uma côdea de pão e uma sardinha assada, exalta-os muito menos, chega a aborrecel-os como um achado archeologico.

Já assim era no seculo XVIII, porque já assim era no principio do mundo.

O que foi a convivencia de Adão e Eva senão a primeira vida amorosa dentro de uma «cabana» pittoresca: o Paraiso Terreal? Eva enfastiou-se mortalmente (nunca este adverbio teve melhor applicação) d'aquella dôce e melancolica serenidade: por isso deu ouvidos á serpente tentadora e cravou o dentinho branco na maçã prohibida. Adão, que era pouco mais velho do que Eva, tambem por sua vez estava aborrecido; não consta da Biblia que protestasse contra o procedimento de Eva.

Antonio Lobo via-se a dois passos da pobreza extrema, e comtudo não pensava em trabalhar. E' que o trabalho é um producto da educação, como qualquer outro. E aquelle rapaz de vinte annos fôra educado a ouvir dizer o pae: «Quem deve aqui trabalhar, sou eu.»

Circumstancia notavel, mas exacta: quanto mais Antonio Lobo se aproximava da pobreza, mais altivo e despreoccupado se mostrava. A recordação de Min levava-o a querer evitar novas decepções e vexames, até no amor. A experiencia é uma escola de perversão, a peior de todas as escolas, porque é a mais pratica. E foram as raparigas de Guimarães quem mais soffreu com o desastre de Antonio Lobo, porque elle estava agora desconfiado de todas as mulheres, por causa de uma. Já não era o mesmo para ellas, tão escrupuloso e tão discreto como tinha sido.

Não sei quem disse que o peior inimigo da mulher é a mulher. Não ha maior verdade do que esta. A lição recebida de uma mulher desperta sentimentos de desconfiança e represalia para com todas as outras.

Voltando á sua antiga vida, mais derrancado ainda pela experiencia, Antonio Lobo tornou-se mal visto em Guimarães.

Os frades, divulgado o roubo da chineza, accusavam-n'o publicamente de ter malbaratado a pequena herança do ourives Diogo e agoiravam mal do fim d'aquelle rapaz, que consideravam perdido.

Nem elle procurou o padrinho, nem o padrinho o procurou a elle.

Os velhos amigos do ourives voltavam a cara para o lado, quando Antonio Lobo passava por elles, e os fidalgos wisigothicos diziam alto e bom som que lhe recusariam uma esmola se elle ousasse pedir-lh'a.

Antonio Lobo sabia tudo isto e julgou dever medir-se com toda a villa, cambiando indignação por indignação. Compoz um soneto iracundo, que principiava accusando de bebados os vimaranenses.

Olha tu, Guimarães, das côrtes velhas
Nenhuma a primazia te disputa;
Ainda que baixa, és terrinha enxuta,
Onde são bem chuchadas as botelhas.

Depois chamava animaes aos frades e devassas ás mulheres.

Concluia pedindo ao céu uma limpeza geral para Guimarães, um terremoto que não deixasse pedra sobre pedra, como aquelle que trez ou quatro annos antes tinha destroçado a cidade de Lima no Perú:

Assim Jove immortal, que os bons estima,
Te ponha a mesma mão pelo cabello,
Que poz ha tempos em Calhau de Lima.

Aqui foi Troya. Os vimaranenses, quando souberam d'este soneto, julgaram-se offendidos na honra das suas familias, e juraram vingança.

Antonio Lobo apenas sahia de noite, acompanhado por outros sucios tão irrequietos como elle, se bem que menos notorios. Pagava, emquanto o pôde fazer, as despezas do vinho e da comesaina, para trazer contente e unido o seu bando, que o proclamava o primeiro poeta satyrico do Minho.

Já na villa se fallava do «bando do Lobo», que infestava a

deshoras as ruas de Guimarães, e alvoroçava os pacificos habitantes com a cantoria de glosas chocarreiras.

Em contraposição a este bando organizou-se outro, capitaneado por um cutileiro de appellido Raposo.

Os bandos que promoviam arruidos foram durante seculos um «sport» predilecto da mocidade portugueza, a despeito das «Ordenações», que encarregavam ao corregedor da comarca a missão de averiguar se das «competencias ou bandos se seguiam pelejas, revoltas, mortes ou outros males e damnos».

Mas a tolerancia dos costumes e a propria organização do serviço dos quadrilheiros, que eram tirados d'entre os cidadãos, e não estavam para arriscar a pelle, nem perder as noites, faziam que continuasse impunemente a tradição dos bandos a despeito das «Ordenações.»

A lei, em Portugal, tem sido sempre lettra morta.

Houve por vezes conflicto entre os dois bandos, que a ronda dos quadrilheiros seria impotente, ainda quando o tentasse, para conter em respeito. Ficavam rachadas algumas cabeças, porque os varapaus de lódão, principal arma do minhoto, ensarilhavam alto com o fim de inutilizar a victima, procurando-lhe o craneo.

O bando do Raposo era talvez mais esforçado que o do Lobo, mas não provava tanta petulancia, nem tanta disciplina.

E a razão estava em que, no primeiro bando, todos se julgavam tão valentes como o chefe, ao passo que o Lobo, entre a sua gente, dispunha de superioridade que lhe provinha do talento poetico, da odyssea amorosa pelo Porto e Lisboa, das suas fortunas e desastres com a aventureira de Cantão, e até da pobreza em que se encontrava, como todos os bohemios celebres.

Não era a vara de lódão a unica arma contundente que o bando do Lobo sabia manejar. O seu chefe, improvisador temivel, lingua solta e maligna, possuia outra arma talvez mais perigosa para os adversarios: era o verso, que chega ao interior dos conventos, dos palacios, das tabernas e alcouces, muito mais elastico, portanto, do que um varapau qualquer.

Peior ainda que tudo isso, o verso ficava na memoria do povo como um elemento dissolvente, um germen de anarchia e revolta contra as tradições sociaes.

Todos os dias, um novo soneto de Antonio Lobo desabava sobre Guimarães como chuva de granizo que batesse em todas as vidraças e cantasse em todos os telhados.

Não havia outro remedio senão ouvil-o, e todas as classes da população se iam mostrando aggravadas porque o dicaz poeta não poupava nenhuma.

Viviam na villa alguns homens instruidos, cultores das bellas-artes, e esses, mais que nenhuns outros talvez, se inquietaram com os rudes ataques d'aquelle novo e destemido collega, que parecia disposto a flagellal-os.

Haviam fundado em dezembro de 1724 uma «academia vimaranense», na qual se agruparam fidalgos eruditos, conegos da real collegiada, doutores em leis, abbades do concelho, n'uma palavra, a fina flôr das lettras de Riba-Vizella.

Gastavam o seu tempo n'essas pomposas ninharias que caracterisaram as nossas academias em geral, e faziam sessões solemnes muito apparatosas, taes como as celebradas em 1747 e 1748 na presença do arcebispo D. José de Bragança.

Antonio Lobo armou o seu arco de sagitario audaz contra a «academia vimaranense», e desfechou.

Ahi vae amostra do impetuoso ataque contra os academicos olympicos:

Mil parabens te dou, ó patria amada,
Victor serio, deixemos zombaria,
Pela raça da nova poesia
Que tão castiça tens, tão propagada!

Para bem seja aquella barrigada
Que de poetas encheu a academia;
Se deu treze por duzia, e a demasia!
Santo Antonio abençôe esta ninhada!

Ninguem julgue ser erro do lunario
Que esta terra sem tempo, e sem semente
Produzisse um bom fructo litterario:

Que o brotar tanta Musa de repente
Foi enxerto, que fez o secretario
Na carcunda do douto presidente.

O odio litterario é o mais rancoroso de todos os odios.

De modo que os vimaranenses poderiam perdoar as invectivas contra a sua villa, mas os academicos não souberam mostrar-se superiores ao desacato feito á academia.

Atiçada por elles, cresceu a opinião publica contra Antonio Lobo, e com ella a hostilidade entre os dois bandos adversos.

Uma noite houve um recontro violento em que foi principalmente visada a pessoa de Antonio Lobo, o qual, apesar da energica defeza dos seus sequazes, sahiu mal-ferido da contenda.

Um dos aggressores excedeu a todos os outros no afogo da arremettida.

Era o continuo da «academia vimaranense.»

Antonio Lobo, defendendo-se como podia, jurou-lhe pela pelle dizendo:

— Ah! villão assalariado, tu m'as pagarás qualquer hora. Tu e a academia.

VI

Consequencias de uma rapaziada

Antonio Lobo, curado o ferimento, continuou a levar a mesma vida.

Não sahia durante o dia, e gastava-o entregando-se á leitura de quantos livros os seus amigos lhe podiam obter.

Deu-se a cultivar o latim e o francez, que tinha começado a aprender em Coimbra, e mostrava-se avantajado no conhecimento d'essas duas linguas, coisa que frei Salvador da Guia não queria acreditar, quando lh'o disseram.

Os recursos pecuniarios iam faltando. A casinha da rua de Santa Rosa de Lima estava hypothecada a um agiota que, para desaffrontar Guimarães, exigira juros leoninos. De vez em quando, Antonio Lobo mandava vender ao desbarato, por algum amigo, qualquer objecto que ainda lhe restava da herança paterna.

A pobreza já lhe batia á porta, e comtudo aquelle rapaz corajoso parecia não se inquietar com o dia de amanhã.

Tinha o estofo peculiar aos bohemios de raça.

Diz com verdade o padre Ferreira Caldas fallando de Antonio Lobo na sua monographia sobre Guimarães: «viveu por muitos annos e falto de meios na rua de Santa Rosa de Lima.»

Os annos de miseria que passou em Guimarães foram, principalmente, os que decorreram entre 1750 e 1756.

A' noite, Antonio Lobo deixava em paz os livros, e reunia-se aos seus companheiros, frequentando com elles os alcouces e as tabernas, onde a sua graça endiabrada aflorava espontanea no calor das libações e dos improvisos.

Umas vezes por outras havia desordens, alimentadas pela

rivalidade dos dois bandos inimigos, mas a população já estava acostumada a esses conflictos, e agora preoccupava-se menos com elles.

Antonio Lobo encontrava nos bordeis os amores faceis, as

O continuo preso á argola pelo bando

paixões ephemeras, que as Venus do monturo proporcionam aos bohemios pelintras.

No seu coração e na sua lyra não passava uma dôce briza de idealidade amorosa.

Era que elle não tinha procurado ainda no azul uma alma casta de mulher que não fosse tão fragil e tangivel como as outras, e que por um momento ao menos o retivesse no pendor de uma existencia corrompida e malbaratada.

Cada vez mais empobrecido, valiam-lhe os amigos e companheiros com o auxilio de mealhas, dando-se por bem pagos

de militarem no seu bando e de o terem por chefe e modelo.

Assim foi o tempo decorrendo até que um acontecimento ruidoso veiu tornar impossivel a permanencia de Antonio Lobo em Guimarães.

Certa noite o seu bando encontrou o continuo da «academia vimaranense,» que recolhia de Braga em serviço de recovagem para alguns academicos.

Antonio Lobo, mal que o viu, antegostou o prazer da vingança.

Prenderam-n'o, e levaram-n'o para a rua de Santa Rosa de Lima, onde se constituiram em tribunal para o julgar por o antigo delicto commettido em desaffronta da «academia vimaranense.»

O homem, amordaçado, cahia de joelhos e erguia as mãos, implorando misericordia com afflictivo gesto.

O tribunal funccionou no meio de uma graça esfusiante, que irrompia dos discursos burlescos e das attitudes comicas dos julgadores

A sentença condemnou o réu a correição publica no pelourinho da villa, o qual foi substituido, para menor responsabilidade do pseudo tribunal, por a argola de um ferrador.

Ahi amarraram o padecente, pondo-lhe orelhas de burro, com este lettreiro: «Castigo que em logar proprio soffre a «academia vimaranense» na pessoa do seu mais preclaro ornamento.»

O primeiro transeunte que passou por ali, e viu esta comica exhibição, largou a rir e a clamar: «O' gentes! acudi cá! vinde vêr esta parodia!»

O ferrador abriu logo a porta, mas já então acudiam visinhos, que tambem desatavam a rir.

— Quem te prantou assim? perguntaram muitas vozes.

— Foi o Lobo e o seu bando esta noite quando eu vinha de Braga.

— Fizeram-te algum mal?

— Fizeram-me burro, salvo seja, como vós estaes vendo.

E emquanto o ferrador desamarrava o nó que prendia o padecente á argola, retiniam gargalhadas dos adultos e apupos do rapazio.

Qnando a noticia d'este hilariante acontecimento se espalhou na villa, tornou-se assumpto geral de variadissimos commentarios.

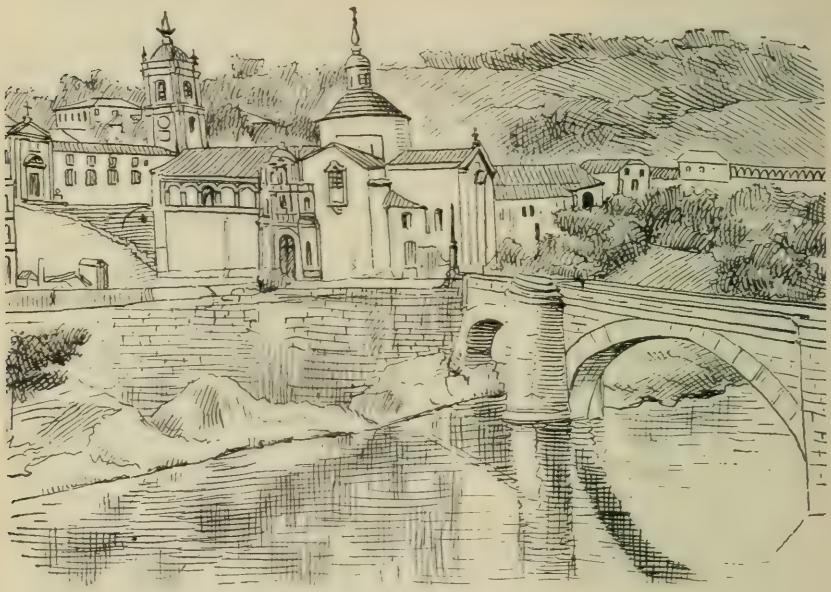
Na vida de provincia o que mais se deseja encontrar, ao começar cada dia, é um assumpto, uma novidade qualquer. Não importa que seja importante; se o não fôr, a imaginação popular lhe dará vulto e peso.

D'esta vez, a materia era nova em folha e, de mais a mais, piccaresca.

Umas pessoas riam; outras mostravam-se indignadas.

E a imaginação popular, trabalhando sempre, ia acrescentando de conta propria fabulosos episodios, que ainda mais aggravavam a situação.

Dizia-se que o continuo da academia apparecera mettido dentro de uma pelle de burro; que o arreiaram com albardão, cabeçada e retranca; e que o tinham obrigado a comer cevada,



Vista de Amarante

dizendo-lhe ao arraçoal-o: «Toma, é para ti e mais p'r'á academia.»

Os academicos receberam o caso muito a sério, mostraram-se irritadissimos, e foram queixar-se do aggravo ao corregedor da comarca, que immediatamente procedeu.

Antonio Lobo e os seus companheiros trataram de salvar-se fugindo, logo que tiveram conhecimento da queixa da academia.

O Lobo resolveu ir para Villa Real de Traz-os-Montes, acompanhando um dos cumplices, Gaspar Duarte, que era de lá, e lhe offerecera hospitalidade em casa de parentes.

Metteram-se ao caminho inteiramente desprovidos de recursos, expiando, legua a legua, a sua estrondosa rapaziada.

Mas iam alegres, satisfeitos da proeza que tanto havia amofinado os inclytos academicos.

— A esta hora, dizia Antonio Lobo, não ha sabio em Guimarães que não peça a nossa cabeça.

— Eu, respondia Gaspar Duarte, não teria duvida em emprestal a, se tivesse a certeza de que m'a restituiam.

— Que, a dizer a verdade, não nos faria muita falta: sem cabeça temos nós ido vivendo, graças a Deus.

— Sim... olha que eu estou capacitado de que não ter juizo é um habito alegre; assim como ter juizo é outro habito, muito menos alegre certamente.

— Por essa razão os academicos de Guimarães devem estar agora ainda muito mais alegres do que nós...

E riam ambos, como se levassem as algibeiras cheias de dinheiro, aquelles dois estouvados, que não tinham onde cahir mortos.

Fizeram caminho em direcção a Amarante porque, dissera Gaspar Duarte, era terra de lindas raparigas e de bons rapazes.

— E' de suppor, acrescentou, que tenham piedade d'estes dois execrandos proscriptos e nos dêem hospedagem por algumas horas.

— Eu, pelo menos, conto com a protecção de S. Gonçalo, respondeu Antonio Lobo.

— Para te casares com alguma velha gaiteira?

— Não! por ser a unica pessoa de Amarante que eu conheço de nome.

Sempre alegres e frescos, como se caminhassem por gosto, deram entrada na villa, que pittorescamente se escalona á margem do rio Tamega.

O subito advento de dois rapazes desconhecidos despertou curiosidade, como sempre acontece na provincia quando apparecem caras novas.

Entraram na estalagem do Janeco, onde Antonio Lobo fez a sua apresentação e a de Gaspar Duarte dizendo ao filho do estalajadeiro:

— Já cá sabem que ardeu em Lisboa o Hospital de Todos os Santos?

— Já sabemos,

— Pois nós somos dois dos doentes que tiveram a infelicidade de morrer queimados.

O filho do estalajadeiro achou muita graça ao dito, que foi como faulha de que brotasse um incendio de popularidade para os dois viajantes.

Horas depois estavam elles relacionados com todos os rapazes de Amarante, a cujos olhos ainda mais se engrandeceram quando lhes contaram, despertando ruidosa alacridade, a historia da sua fuga.

Gaspar Duarte denunciou os dotes poeticos de Lobo, o que pôde já considerer-se um pleonasmo de popularidade.

— Aqui perto em Jazente, disse um dos rapazes de Amarante, tambem ha um abbade que é poeta.

— Como se chama elle? perguntou Antonio Lobo.

— Paulino Cabral de Vasconcellos.

— Nunca ouvi fallar.

— E' filho do medico da quinta do Reguengo e ha dois annos que está parochiando Jazente.

— Idade?

— Uns trinta annos. Mas é já tão calvo como se fosse velho.

— Calvo?

— E tem muita pena de o ser, porque não desgosta de galantear as damas.

— O maroto!

— Canta de preferencia uma Nize, que andamos a vêr quem será.

— Diabo! disse Antonio Lobo. Todos os poetas teem uma Nize. Só eu não tenho nenhuma! E que tal como poeta?

— Dizem que bom.

— Isso costuma dizer-se sempre de todos os maus poetas.

— Por ahi gabam-n'o muito, especialmente as damas.

— E' porque lhes faz versos. As mulheres são como os agiotas: não emprestam nunca sem receber juros. E eu d'isso entendo alguma coisa.

— Das damas?

— Entendo ainda mais dos agiotas.

Gargalhada geral.

— Outro dia fez elle um soneto a Jazente.

— Alguma dama?

— Não, senhor. E', como ha pouco disse, a freguezia onde está por abbade. Fica na margem esquerda do rio Mendes, d'aqui a uma hora de caminho.

— Já me não lembrava de Jazente. Vê-se que o padre só canta o genero feminino: as damas e as freguezias. Mas digam lá o soneto para a gente fazer uma idéa do homem.

— Apenas sei o principio.

— Diga sempre. Pelos domingos se tiram os dias santos.

— Direi. Começa assim:

> Aqui sobre esta penha, que defronte
> Me fica do Marão, sentar-me intento,
> Para lançar ao mundo o pensamento
> Antes que o sol se metta no horisonte.

— O' diabo! exclamou Antonio Lobo. E' philosopho medi-

tativo, sentado sobre uma penha, a olhar para um monte. Não gosto do genero. Prefiro a satyra.

— Elle tambem tem algumas satyras.

— Tambem! Ah! então estou com a minha gente.

— Faz satyras, sim, mas não gosta que lh'as façam. Outro dia o abbade de Jazente, estando deante de senhoras, ia a tirar o solidéo e veio-lhe pegada a peruca.

— Oh! que bello lance! apostrophou Antonio Lobo.

— Vai depois, outro poeta que temos cá, Theodoro de Sá Coutinho, fez-lhe uma glosa e diz-se que o abbade não gostou.

— Não gostou! Talvez por serem inimigos?

— Não, senhor. São amigos. Não gostou, ao que parece, por lhe fallar na peruca; do mais não se importaria.

— Com que então não gostou? Pois tem homem pela prôa. Faça favor de escrever. Torne a dizer-me como o padre se chama.

— Paulino Cabral de Vasconcellos.

— Bem. Então escreva lá.

E Antonio Lobo dictou, n'uma impetuosa pujança de improvisação, este soneto:

Quiz Paulino ostentar de christandade,
Co'a careca do tempo á inclemencia;
Porém esta excessiva reverencia
Involve circumstancias de vaidade:

Lembrou-se que em cabellos n'outra idade
Com Abrahão tivera competencia;
E que faz, vendo a calva em decadencia?
Pede a Deus lhe reforme a enormidade.

Tirou do solidéo; e indo a erguel-o
A peruca descobre o casco liso,
Onde rastos não ha nem d'um só pêllo:

Mas o que sobre tudo move o riso,
E' vêr que só a Deus peça cabello
Quem muito mais carece de juizo!

As gargalhadas retumbaram de par com os applausos, n'uma enthusiastica expansão propria de rapazes quando, inesperadamente, se encontram na presença de um outro que se impõe a todos elles pelo duplo prestigio do talento litterario e da vida bohemia.

— Vamos agora mandar isto ao homem, disse serenamente Antonio Lobo, para vêr se elle acode á puxada.

E logo foi chamado um portador, que levou a Jazente o soneto-cartel.

Paulino Cabral não respondeu immediatamente. Tirou informações, e soube que o auctor era um rapaz chamado Lobo,

que vinha fugido de Guimarães por qualquer estroinice praticada em desabono da sabia academia vimaranense.

Resolveu-se então a responder, não só para não dar o braço a torcer como poeta satyrico, mas tambem porque tinha amigos na academia de Guimarães, onde elle proprio, alguns annos depois, glorificou a presença do arcebispo D. Gaspar de Bragança: e assim, de uma cajadada, ripostava ao bote e deprimia o inquietador dos seus amigos vimaranenses.

Antonio Lobo recebeu este soneto, que era a desfórra do abbade de Jazente:

Oh! que rustico estás, monte Parnaso,
Feito pasto de «Lobos»! quem dissera
Que uma tão atrevida e voraz féra
Teu alto nome havia deixar razo!

Da tua Cabalina não faz caso
Quem puro cysne d'essas aguas era;
Vendo ter-te ultrajado a clara esphera
Outro bruto, mais feio que o Pegáso:

A Castalia está turva, o Pindo secco
E até o mesmo Apollo erra o caminho
Mettendo-se na venda do Janeco!

Intractavel estás, pobre, e mesquinho;
Pois teus bellos jardins são sujo bêco,
E teus bellos cristaes botado vinho!

Se Antonio Lobo tivesse de ficar em Amarante, este soneto, comquanto apenas contivesse vagas allusões, seria para elle motivo de inextinguivel resentimento, e, para ambos, causa permanente de azedos conflictos, porque a verdade é que os poetas satyricos são os mais susceptiveis ás satyras dos outros, sobretudo á primeira satyra que os alveja.

Mas a resposta do abbade de Jazente foi já recebida quando Lobo e Gaspar Duarte iam sahindo de Amarante para Villa Real, preparados como peregrinos para atravessar o Marão, com seu alforge cada um.

Forneceram-lhes carinhosamente as provisões do caminho os rapazes de Amarante, que os acompanharam até á distancia de uma legua, e se despediram d'elles com muitas expansões de saudade, como se fossem amigos intimos desde a infancia.

Cada um dos que ficavam invejava a sorte d'aquelles dois fugitivos estroinas, que iam agora metter-se ás asperas veredas do Marão, passagem aliás nada convidativa e agradavel.

Por sua vez, Antonio Lobo e Gaspar Duarte partiam como para uma festa, que n'aquella agreste serra lhes tentasse o

animo juvenil com desconhecidas seducções e inéditos attractivos.

Em Amarante offereceram a Gaspar Duarte uma espingarda, que elle acceitou, porque os lobos creados nos barrocaes do Marão poderiam incommodal-os no transito. Foi feito igual offerecimento a Antonio Lobo, mas elle recusou-o dizendo:

— Lobos? Não tenho medo nenhum d'elles. São da minha familia. Havemos de tratar-nos como parentes.

Durante o caminho, especialmente até á Ovelha, onde a vegetação começava a ser escassa, muitas vezes Gaspar Duarte chamou a attenção de Antonio Lobo para os relances de formidavel paizagem, que relampagueavam por entre as penhascosas quebradas do Marão.

Ao avistarem o valle pittoresco de Anciães, disse elle a Antonio Lobo:

— Olha que para admirar a natureza não ha como viajar a pé. Dentro de uma liteira ou a cavallo, o horisonte parece darnos a impressão de nos ir acompanhando monotonamente, como um arrieiro a que ninguem dá importancia. Mas quando viajamos a pé, o caso é differente, somos nós proprios que procuramos os pontos de vista, reparando n'elles, e para melhor os contemplar subimos um cómoro, trepamos um penedo ou perdemos alguns passos.

Antonio Lobo, nada contemplativo, respondeu-lhe dizendo que a natureza, vista uma vez, não tinha mais que vêr: era uma linda semsaboria, que já não offerecia surpreza a ninguem.

— São montes, são valles, são rios, são arvores, são rochedos. Com estes elementos imprescindiveis tens que variar o quadro; portanto a variedade não póde ser grande. Quanto ao homem, isso é bem differente. Todos os dias surgem novos caracteres, novas perversões, novos crimes, novas loucuras, que fazem da alma humana um variadissimo panorama. Eu pendo mais para a observação do homem; gosto de lhe surprehender as paixões, a audacia ou a fraqueza, e castigar-lh'as. Prefiro Juvenal a Virgilio.

Estas palavras são como um nitido reflexo da individualidade moral de Antonio Lobo; elle a si proprio se julgava com acerto.

Sem embargo, e parecendo, á primeira vista, contrariar a sua mesma doutrina, acrescentava:

— Crês tu que eu me conheça tão bem como agora conheço estes relances do Marão? Pois não creias. Quem sabe por que metamorphoses a minha alma terá de passar ámanhã? Quem sabe que especie de mulheres poderei encontrar no meu caminho? E acredita tu, Gaspar Duarte, o homem não é outra coisa

mais do que um pedaço de cêra, que a mulher molda caprichosamente entre os dedos, fazendo d'elle um idiota, um heroe, um anjo, um demonio ou um monstro. Tal será o homem, qual a mulher que encontrar cada dia. Já vês que estou inteiramente dentro da minha doutrina: o que o homem terá de ser ámanhã, não o sabe ninguem. E' uma surpreza que está reservada para todos, até para elle mesmo.

Gaspar Duarte ouvia-o com reverente fanatismo, já disposto a despresar os aspectos do Marão e a concordar em que só o homem merece ser observado entre todas as manifestações da natureza.

Felizmente, não tiveram, os dois amigos, maus encontros na serra. Os lobos não appareceram, talvez em respeito ao parente. Encontraram, sim, alguns pastores que andavam guardando seus rebanhos, e que do alto dos rochedos vigiavam attentos as rezes errantes.

— Estranhas existencias estas! disse Antonio Lobo indicando um dos pastores. Aqui tens tu aquelle homem, immovel, além, sobre o rochedo. O que pensa? o que sente elle? Quem sabe! E' um livro fechado para nós ambos.

— Segundo a tua doutrina, pensa n'uma mulher.

— Que duvida! Pensa n'uma mulher, que talvez não pense n'elle. Pensa no bem, pensa no mal? Ella o estará inspirando de longe, enlouquecendo-o talvez como se fosse uma rajada de vento léste.

— Em todo o caso: infelizes creaturas, os pastores. Que tristeza de vida a d'elles!

— Infelizes, por que?

— Por viverem na solidão.

— Quem te diz a ti que um doce pensamento os não acompanhe constantemente na solidão das montanhas? Pódes crêr que a maior parte d'elles se julga feliz.

— Isso agora!

— Não sabes a historia do rei e da camisa?

— Não sei.

— Pois eu te conto: Havia um rei, sempre triste, que não encontrava prazeres nem cuidados que o distraissem. Em vão consultou feiticeiras e magos para descobrir remedio á sua inexplicavel melancolia. Davam-lhe beberagens, ensinavam-lhe exorcismos, mas o rei era sempre triste, cada vez mais triste ainda. Um dia alguem foi dizer ao desgraçado soberano que apparecera um adivinho eximio, o qual sabia o principio e o fim de todas as cousas. Foi logo chamado á côrte o adivinho, e disse ao rei: «Senhor, a causa da vossa tristeza foi certamente um sortilegio, mas é facil combater seus funestos effeitos, com-

tanto que mandeis procurar a camisa de um homem feliz e a vistaes, cingida a vosso corpo, por sete dias e sete noites.» E desde aquella hora toda a criadagem do rei andou em cata de um homem que se julgasse feliz, mas não apparecia nenhum,

Antonio Lobo e Gaspar Duarte atravessando o Marão

porque os mais contentes sempre accusavam alguma razão de queixa contra o destino.

«De uma vez foi visto um pastor tangendo a sua frauta e bailando sósinho na chapada de um monte. — Olá, ó pastor! chamaram-n'o. Tu és contente com a tua sorte? — Muito. — E consideras-te feliz? — Muitissimo. — Dá-nos cá a tua camisa, que t'a vamos pagar a peso de oiro. — A minha camisa! — Sim — Mas eu, senhores, não trago camisa. Aqui tens tu, Gaspar Duarte, como na solidão dos montes podem os pastores considerar-se felizes.»

Os dois amigos foram amenisando com este e outros des-

enfados de espirito, durante umas longas dez horas, a sua caminhada através do Marão, cujas asperezas soffreram com alegria, pouco menos alegria que a dos pastores felizes, se não era tanta.

Já se avistava ao longe no ponto culminante de Villa Real a egreja do Senhor Jesus do Calvario, quando tornaram a encontrar outro rebanho de cabras.

Era guardado por uma pastora, que estava comendo uma côdea de pão e uma cebôla crua.

— Terá camisa? perguntou maliciosamente Gaspar Duarte.

— Bem vês que tem. Mas, apezar d'isso, é tão feliz, que nem sequer deu ainda por nós.

— Então seria menos feliz se nos visse?

— Não. E' que vive em si mesma, sem dar attenção a mais nada.

— Olá, cachopa! gritou Gaspar Duarte.

A pegureira voltou a cabeça, espantada, e, suspendendo a mão que ia levar á bocca, respondeu com indifferença:

— Adeus, moços.

Depois continuou a comer tranquillamente.

— A pragmatica dos tratamentos não chega até aqui! disse jovialmente Antonio Lobo. Esta nossa gente do norte tem uma rasoira sensata para medir as idades, que são a unica base da sua classificação social: *moços e tios*. Eu não fallei em Lisboa senão com o estalajadeiro Rebôto e com dois jarrêtas amigos d'elle, mas se me tivesse avistado com pessoas da côrte, havia de me vêr atrapalhado para lhes não errar os tratamentos. Adeus, moços! E' simples e proprio. De mais a mais isto veiu lembrar-nos que estamos na mocidade, e que a mocidade nos auctorisa a fazer todas as tolices que quizermos.

— Vamos a isso, respondeu rindo, Gaspar Duarte.

D'ali a pouco entravam em Villa Real pelo bairro de Almodena.

VII

Despedida em verso

Foi em Villa Real de Traz-os-Montes que Antonio Lobo de Carvalho pôde livremente dar largas á sua exaltada imaginação de rapaz estroina e de poeta satyrico.

Ali entrára já com a sua lenda, que fôra logo espalhada por Gaspar Duarte. Creara immediatamente novos adeptos, rapazes fortes como troncos de cedro e mais valentes que os de Guimarães.

A vida era tambem mais alegre, porque, apezar dos fumos de fidalguia que divinisavam algumas familias, havia maior sociabilidade do que no vetusto e somnolento berço da monarchia.

Jogava-se, bebia-se, amava-se. Muitos conflictos resolviam-se á bordoada, e ninguem ia queixar-se ao corregedor da comarca como em Guimarães.

As aventuras amorosas eram uma tradição galante de Villa Real: Antonio Lobo explicava isto dizendo que, por ser frio o clima, o sangue affluia ao coração, aquecendo-o de mais.

Entre os rapazes que andavam na borga havia trez ou quatro que tinham graça e talento. Um d'elles chamava-se Jorge Mariz, era espirituoso e audaz, e affeiçoou-se devotadamente a Antonio Lobo, tornando-se, como Gaspar Duarte, seu companheiro inseparavel.

Era oriundo de uma illustre e numerosa familia de Riba-Corgo, que dera muitos frades e freiras aos conventos de todo o reino.

Estudava com os frades de S. Francisco para seguir a vida ecclesiastica, se póde dizer-se — estudar — o viver como estudante sem propositos de estudioso.

Os livros eram-lhe apenas pretexto para receber a mezada,

Um aspecto de Villa Real: Porto Romão

que elle se apressava a dissipar, gastando sempre mais alegria que dinheiro.

Antonio Lobo gozou durante dois mezes a hospitalidade que lhe deram os parentes de Gaspar Duarte, mas elle proprio, comquanto lhe aborrecesse o trabalho, procurara a maneira de conquistar maior liberdade de acção, ensinando soffrivelmente francez e latim.

Quando, porém, se via em grandes apuros, mandava memoriaes em verso ás casas fidalgas, que, segundo a moda do tempo, lh'os despachavam com generosidade.

Nós hoje não comprehendemos sem repugnancia a pedinchice dos poetas portuguezes de outr'ora, especialmente do seculo XVIII, mas ahi estão as obras d'elles a demonstrar o facto, que parece lisonjeava tanto os poetas como os fidalgos.

Aquelles, inculcavam-se victimas do mesmo destino atroz dos seus antigos confrades em Apollo, a maior parte dos quaes, pelo menos, viveu na ociosidade e na miseria; estes vanglo-

riavam-se de ser cantados e louvados como illustres Mecenas, protectores das musas.

Acrescia a circumstancia de que Antonio Lobo era tido na conta de gracioso e ladino, sendo moda em Villa Real achar pilheria ás suas facecias e ribaldarias.

Assoprado por esta aura lisonjeira, elle ia avançando em phantasias doidas de turbulenta bohemia, estravagancias rebuscadas com o proposito de alimentar a celebridade.

Uma vez, Antonio Lobo e os seus companheiros inseparaveis lembraram-se de explorar a monomania amorosa de um velho tonto, então muito conhecido em Villa Real pelo diminutivo de Quinzinho, escrevendo-lhe apaixonadas cartas em nome de uma supposta dama mysteriosa.

Ella, por mão d'elles, confessava-lhe o seu ardente amor, e ao mesmo tempo um discreto pejo de lhe declarar quem fosse sem estar bem segura de ser correspondida com sinceridade e firmeza.

Quinzinho respondia a ponto, ardendo em curiosidade e paixão, offerecendo-se para dar todas as provas de firmeza e sinceridade, que a mysteriosa dama lhe exisse.

Impuzeram-lhe alguns sacrificios; exigiram-lhe que se prestasse a exhibições ridiculas.

Obrigaram-n'o a passar em certa rua, que devia ser a da bella desconhecida, com uma carga de lenha ás costas.

Ora n'essa rua, que era a dos Vazes, moravam, com outros estudantes, Antonio Lobo e Jorge Mariz.

Quinzinho cumpriu a imposição.

Tambem o obrigaram a dar serenatas de gaita-de-folles, passando e repassando a deshoras na mesma rua.

Os rapazes juraram guardar segredo de todas estas machinações, emquanto não chegasse a hora do ultimo lance espectaculoso que tinham combinado.

Queixavam se os visinhos de ser accordados, alta noite, pelo toque repetido e insistente da flagelladora cornemusa.

— Quem a tange é o Quinzinho.

— Quinzinho! Está cada vez mais tolo!

Houve quem logo alvitrasse que devia andar em tudo aquillo alguma tramoia gaiata do Lobo e dos outros.

Mas elles negavam tão obstinadamente, que conseguiam ser acreditados.

Muitas pessoas perguntaram ao proprio Quinzinho:

— Por que andas tu, fóra de horas, a tocar gaita-de-folles?

— E' cá uma coisa... respondia elle com vaidosas reticencias.

— Volta de amor?

— E' cá uma coisa...

— Quem póde ser na rua dos Vazes? A mulher de Fulano? A cunhada de Sicrano?

E o Quinzinho, muito lépido:

— E' cá uma coisa...

A verdade é que elle sabia tanto como todas as outras pessoas.

Ao cabo d'estas provas, que se repetiram durante muitas noites, Quinzinho recebeu uma carta mais confiante e auspiciosa.

A sua dama estava satisfeita, contente de saber-se amada com verdadeira dedicação. Como recompensa, concedia-lhe uma entrevista muito intima, que devia realizar-se ás duas horas da noite, quando em Villa Real apenas velassem duas pessoas: ella e elle.

Abrir-lhe a porta era impossivel, mas elle podia sem receio subir n'um cesto, que estaria pendente de uma corda, rente com a parede. Onde achasse o cesto, ahi era a casa: condição unica, ir com os olhos vendados apegando-se aos muros. Não tivesse medo de uma queda, porque a mysteriosa dama, auxiliada por uma criada confidente, faria subir o cesto sem perigo.

No amor, concluia a carta, tudo depende de mutua confiança: acreditasse Quinzinho tanto na sua dama, quanto ella acreditava n'elle.

Quinzinho foi, de olhos vendados, tacteando os muros, até encontrar pendente de uma corda um cesto vindimo.

Metteu-se dentro do cesto, que principiou a subir lentamente. Mas, a meia altura do predio, o cesto parou.

— Meu amor, dizia cautelosamente Quinzinho, puxa mais a corda.

E uma voz, que parecia feminina, respondia de cima no mesmo tom:

— Não podemos, e somos duas! Ai que tormento! que vergonha!

Quinzinho, tendo arrancado a venda, perguntava:

— Mas onde estou eu?

— Estás no cesto, filho.

— Não é isso! Pergunto o predio.

— O predio é o meu.

— Mas quem és tu?

— Sou a mulher que te ama.

— Então, se me amas, puxa mais a corda.

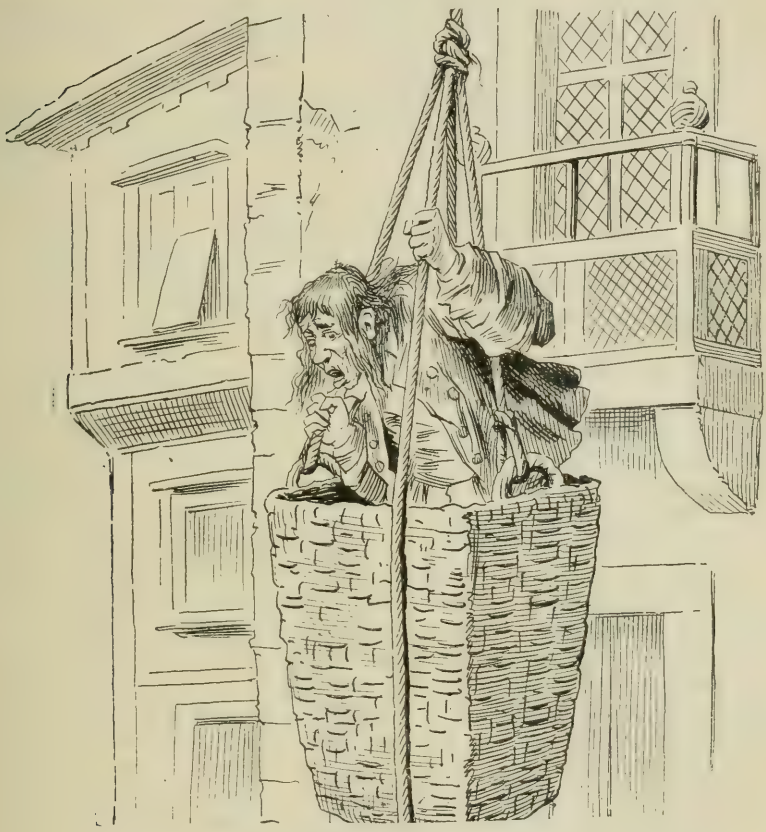
— Não posso; não podemos.

— Ora esta! Então deixa-me ir para baixo.

E de cima, a mesma voz, simulando grande perturbação:

— O meu pae accordou! Foge! foge!

Fugir, como? Quinzinho, se tivesse levado uma navalha, haveria cortado a corda, embora apanhasse um tombo mestre. Assim, na impossibilidade de escapulir-se, agachou-se, muito



Quinzinho pendurado no cesto

encolhido, dentro do cesto, esperando a cada momento a colera implacavel de um pai de familia, ultrajado na fachada do seu predio.

A colera não veio nunca, mas veio o frio da manhã, e a certeza de que a bella dama não appareceria mais.

Quinzinho, de tempos a tempos, gemia.

Quem poderia ouvil-o á hora do somno profundo n'uma terra de provincia?

No dia seguinte, quando Quinzinho fez rir Villa Real inteira, apparecendo dentro do cesto vindimo, pendurado da janella de Antonio Lobo, soube-se que uma visinha tinha ouvido gemer de noite.

Ella propria o confessou dizendo:

— Ouvi, mas pensei que fosse alma penada. Metti a cabeça debaixo da roupa, e rezei um Padre Nosso, a tremer com medo.

Esta brincadeira, que teve em toda a villa um «successo de gargalhada», como dizem hoje em dia os francelhos do noticiario, foi o ponto de partida para a organização de um club, que Antonio Lobo planeou com o proposito, dizia elle, de dar cabo do «rançoso Amor dos lusos.»

O leitor quer, decerto, que eu lhe troque isto em miudos.

O «rançoso Amor dos lusos» era o namoro por meio de «gargarejos nocturnos», epistolas amatorias, sonetos, glosas, madrigaes, olhares languidos, ademanes affectados e outras denguices piegas.

As freiras clarissas não escapavam a este programma intransigente, que visava tambem a supprimir o tiroteio de motes e glosas galantes nos abbadeçados, vulgarmente conhecidos pela designação de «outeiros.»

Antonio Lobo escreveu, com a collaboração dos seus amigos, o texto do programma, justificando-o primeiro por meio de um preambulo elucidativo.

Graças ao caderno manuscripto em que mão desconhecida reuniu as memorias biographicas de Antonio Lobo, posso transcrever alguns periodos d'esse revolucionario preambulo:

«Todos os animaes nascem predestinados ao amor, por condição natural a que só o homem obedece com conhecimento de causa, ao passo que os outros seres mais inferiores o fazem cegamente, apenas por bruto instincto.

«Que uns d'estes seres, occupando logar secundario na ordem da creação, sejam excessivamente selvagens no amor, como por exemplo os tigres e ainda os gatos que d'elles derivam remotamente; que outros sejam em demasia ternos, e mimosos, taes como os pombos, coisas são essas que sem esforço podem comprehender-se; mas deve causar justa estranheza, e até repugnancia, que o homem, dotado da faculdade de raciocinio, não saiba graduar suas paixões amorosas, de modo a não amesquinhar nem o amor, nem a razão, nem a si proprio.

«Em o nosso paiz os amantes e namorados chegaram ao extremo de tornar-se pessoas ridiculas, que merecem escarneo. São peraltas, chechisbéos em ponto de rebuçado, são es-

padachins por amor, são freiraticos de grade, são vates de olhos em alvo e mão no peito, são jarretas de flor serôdia, são fedelhos a engatinhar para o templo de Gnido, são todos elles uma sucia e cambada de parvoeirões amanteticos, que devem ser corridos e monteados para onde não tornem a fazer damno á dignidade humana, nem prejuizo ao senso-commum.

«D'esta entrepreza tão necessaria como sympathica encarrega-se voluntariamente o «Grupo philosophico de Villa Real», que de tão louvavel resolução deita o presente clamor, para conhecimento e governo de todos os habitantes de um e outro sexo.

«Amem os portuguezes as portuguezas, que não ha mais bellas mulheres no orbe terraqueo...»

Aqui, não resistimos á tentação de interromper o preambulo para lembrar que se está lendo nas entrelinhas a recordação da perfidia de Min e da patriotica parlenda do estalajadeiro Rebôto em Lisboa.

A experiencia é a mestra da vida, por ser a historia d'ella, escripta por cada homem.

«Amem-n'as, continúa o preambulo, porque é seu natural e seu goso. Amem-n'as com puro ou impuro amor, com vil egoismo ou nobre desinteresse, mas devem fazel-o sem denguice, nem requebro, nem galanteria excessiva, que torna digna de riso uma sublime lei da natureza e um fraternal preceito da religião christã.

«Ame-se a camponeza ou a dama, a pastorinha do monte ou a fidalga de solar, mas amem-se para que ellas o saibam, não para que o saibam todos. Seja um negocio entre dois, e não uma transacção publica e notoria. Dizem os chatins que a alma do negocio é o segredo; pois seja-o tambem d'este negocio em que dois corações ajustam viver um para o outro, com interesse commum.

«Guerra aos peraltas e casquilhos enamorados, aos pintalegretes e tafues namoradiços. Guerra aos freiraticos, aos assucarados e delambidos galans. Fiquem só os amantes que saibam honrar a sua especie e a sua patria, bem como o bello sexo, que devem saber merecer».

Este preambulo é um grito revolucionario, lançado em pleno seculo XVIII contra a pieguice amorosa dos portuguezes, que já vinha do seculo anterior como sendo moda e tradição geralmente acceita.

Ha n'esta brincadeira de rapazes o que quer que seja de alto programma de restauração nacional pela sobriedade do sentimento, e de restauração da raça pelo córte cérce dos vicios de educação.

Não deve admirar-se o leitor se lhe eu disser que a este pregão respondeu logo outro pregão de um grupo que a si mesmo se denominou «tradicional», e cuja doutrina se oppunha fundamentalmente á de Antonio Lobo e dos seus amigos.

Aqui temos, pois, constituidas em Villa Real duas especies de «academias», ao gosto d'aquelle seculo, para discutir e dissertar sobre theses philosophicas; com a differença, porém, de que estes jovens academicos juntavam a acção á palavra, e combatiam a braços depois de terem discutido litterariamente.

Vê-se que o espirito de Antonio Lobo avançava e progredia, porque em Villa Real já o infeliz amante de Min não era apenas o chefe de uma horda de revoltos arruaceiros, mas de um grupo de rapazes que desfraldavam um pendão litterario, comquanto não estivessem ainda isentos da pecha do tempo: o «sport» da arruaça.

O «grupo philosophico» fazia correrias nocturnas em Villa Real com o fim de impedir os «gargarejos» e as serenatas, no que encontrou apoio em todos os pais de familia, que diziam rindo: «Com esta brincadeira lucramos nós; sempre é uma ronda vigilante.»

Houve collisões entre os dois grupos, mas o maior conflicto occorreu por occasião de um «outeiro» no convento de Santa Clara.

Fecharam-se dentro da grade os freiraticos para glosar os motes das clarissas, e saborear os pasteis e o «Porto» que ellas galantemente liberalisavam aos seus poetas.

O «grupo philosophico», querendo estorvar a festa, muniu-se de tambores, zabumbas, trombones, requintas, chaves e panellas velhas e marchou em pé de guerra para o campo do Tabolado.

Estava o «outeiro» no apogeu do enthusiasmo poetico, quando chegou á portaria do convento, com o mais discreto silencio, esta «troupe» de endiabrados instrumentistas.

Em occasião de abbadeçado, a liberdade e o regosijo nos conventos eram communs ás madres, ás noviças e até ás criadas da casa, vulgarmente denominadas «tachos.»

Ao passo que as freiras se ajuntavam em tertulia na grade da abbadeça, escapando-se alguma d'ellas para qualquer outra grade, onde de relance pudesse trocar um segredo com o apaixonado galãn; as criadas vinham para as janellas e d'ahi atiravam motes, gulodices e beijos aos felizes dominadores dos seus corações.

De modo que póde dizer-se que os «outeiros» eram dois, o das freiras e o das criadas, por igual animados.

Na grade da abbadeça havia mesa posta durante trez noites consecutivas; serviço permanente de bolos, pudins, fiambres, vinhos e licôres.

As freiras estavam enjauladas ao fundo da grade e sentadas em cadeiras de espaldar, dispostas em semicirculo.

Da parte de fóra agrupavam-se, em torno da mesa, os freiraticos, que ordinariamente se punham em pé para recitar as suas glosas.

Motes e glosas eram outros tantos vehiculos amorosos, que transportavam declarações, galanteios, ás vezes remoques ciumentos, do interior para o exterior da grade e vice-versa.

E, quando era preciso, tambem a «roda» trabalhava passando, de dentro para fóra ou de fóra para dentro, uma epistola, um mimo, qualquer lembrança gentil, que assim escapavam á observação do conspicuo auditorio.

Dentro da grade, havia nos «outeiros» d'aquelle tempo um «cravo» ou espineta, especie de piano primitivo, em que as freiras se acompanhavam para cantar algum dos «minuetes» então em voga.

A abbadeça e as outras monjas fingiam não entender que a volta d'ellas Cupido esvaziava o carcaz despedindo settas incendiarias.

Já, na sua mocidade, tinham aquellas vetustas madres sido attingidas, em occasião identica, por iguaes farpões. Conheciam-lhe a tempera, o impulso e o sybillo. E sorriam gravemente, como n'um extase pudibundo, recordando doces horas do passado, ternas memorias fugitivas, que ellas estavam agora traduzindo mental e saudosamente n'esta simples phrase: «O amor.»

As criadas das Claras deram fé de se aproximar do muro do convento um rancho de homens embuçados, mas julgaram que seriam Adonis seus, que viessem fazer-lhes agradavel surpreza.

Estava um joven ecclesiastico no afogo de glosar um mote que lhe dera agua pela barba, quando de repente o rancho dos embuçados rompeu n'um tremendo charivari atroador, verdadeiro temporal de notas dissonantes.

O mote exigia rimas difficeis e provocara, por isso, a attenção geral:

«O coração tem caprichos».

E o joven ecclesiastico, que diziam ser admirador platonico de uma noviça trintona de Villa Pouca d'Aguiar, tendo-se final-

mente desembaraçado das difficuldades da glosa, ia dizendo com inflammada emphase:

De Amor aos doces tormentos
Não resistem trovadores,
Nem monarchas, nem pastores,
Nem cadeas, nem conventos,
Nem os lapões friorentos,
Nem os aereos cochichos.
Até os santos dos nichos...

N'isto esfusiou como inesperado vendaval um conjuncto medonho de sons, guinchos agudos, ribombos rouquenhos, fifias irritantes, que arripiavam o ouvido e o cerebro.

O joven ecclesiastico deteve-se, muito pallido, com os «santos dos nichos» entalados nos gorgomilos, talvez por castigo de sua irreverencia. E todos os seus ouvintes, especialmente as freiras, não menos lividas do que elle, olhavam uns para os outros, surprehendidos, confusos, como se de prompto não atinassem com a explicação de tão estranho successo.

De repente uma voz exclamou troando para se fazer ouvir:

— E' o «grupo philosophico!»

E outras vozes confirmaram muito de rijo:

— E' o grupo!

— E' o grupo!

Accenderam-se então os espiritos guerreiros dos freiraticos, como chamma que uma subita viração atiçasse.

— Temos que desaffrontar-nos, berrava um.

— Vamos a elles! alvitrava outro.

— A elles! repetiam muitos ou todos.

As freiras não quizeram ouvir mais. Correram em tropel para a porta interior da grade, assustadas, empurrando-se, acotovellando-se, perseguidas por aquelle ingente fragor de sons discordes que se repercutia, retumbante, no vasto corredor, mal illuminado por lanternas sextavadas suspensas do tecto.

Os freiraticos procuravam as nodosas mócas, de que por cautela se faziam acompanhar todas as noites.

Alguns, já sobraçada a móca, atafulhavam os bolsos de rebuçados e pasteis, outros despejavam, guellas abaixo, copos de velho «Porto», estimulando-se para a briga.

Em dois ou trez minutos a grade tomara o aspecto de mu campo de batalha, coberto de destroços e ruinas: cadeiras desalinhadas, bolos espalhados fóra das bandejas de prata, vinho entornado, copos partidos ou tombados sobre a mesa.

A hoste dos freiraticos, disposta em ordem de batalha, valentões á frente, abriu a porta que dava para o Campo do Tabolado e sahiu.

Sentindo este movimento, o «grupo philosophico» puxou com maior furia o clangor dos trombones e a percussão das caixas de rufo.

Era uma inferneira de ninguem se entender: parecia o inicio de um combate selvagem.

E, quando os freiraticos avançaram, Antonio Lobo e os seus companheiros jogaram contra elles os pesados instrumentos como armas de guerra, ouvindo-se então o retinido asperrimo do choque das mócas com os tambores, os trombones e as panellas velhas.

O combate foi rapido e decisivo. Dentro em pouco o Campo do Tabolado estava limpo de combatentes válidos; apenas jaziam no chão trez homens inutilisados.

Eram dois freiraticos, e Jorge Mariz Um dos freiraticos, justamente o joven ecclesiastico que ficára engasgado com a sua glosa, cahira aturdido pela pancada de um tambor, que lhe enfiaram pela cabeça abaixo. Jorge Mariz tinha apanhado uma forte mócada em cheio no peito, e perdêra os sentidos.

Antonio Lobo voltára pouco depois com Gaspar Duarte para reconhecer as victimas, inquieto por lhe faltar Jorge Mariz.

Vendo-o cahido por terra, ambos o levantaram em braços.

Quasi ao mesmo tempo, vieram trez freiraticos procurar os seus correligionarios.

Uma voz de mulher disse com serena firmeza, do alto da janella:

— Parece que esses dois são o Padre Gonçalo e o Torcato de Mouçoz.

Ao ouvir pronunciar estas ultimas palavras, outra freira deu um gritinho de saguim e recolheu-se da janella.

Mas aquella mesma voz continuou resolutamente:

— Se precisardes alguns soccorros, vinde por elles á portaria.

Então Padre Gonçalo, o da glosa, respondeu, já restabelecido, desembaraçando-se do aro do tambor:

— Não, minha açucena. Eu não preciso. Estou incolume.

E a mesma voz de mulher, n'um tom de orgulhosa affouteza:

— Sois um verdadeiro Roldão!

Jorge Mariz teve uma copiosa hemopethise durante a noite, o que alvoroçou de receio e cuidado os seus amigos.

— Isto não está bom, disse Antonio Lobo. Para este rapaz se tratar necessitava maior descanço e commodidade.

— Se me levam para casa, inquieto minha mãe, pobrezinha! Antes para Landim.

— E' verdade! Queres tu ir para Landim? respondeu Antonio Lobo. Arranja-se uma liteira, e eu acompanho-te.

Entretanto chegára um dos do grupo e dissera:

— Antonio Lobo! tu precisas safar-te quanto antes.

— Então só eu é que sou culpado!

— Somos todos, mas tu és o «Mafarrico de Guimarães», conhecido como tal, e toda a gente se queixa de que accordou por tua causa. Isso é que te não perdoam: que lhe estragasses a noitada.

— Pois dize lá a essa gente toda que eu vou levar o Mariz a Landim, e que entretanto podem dormir a somno solto.

Foram uns arranjar a liteira, e Antonio Lobo, vendo Jorge Mariz mais tranquillo, sentou-se e escreveu:

Patria de valentões, paiz guerreiro,
Só tu, Villa Real, comtigo fallo;
Vão Pansas e Roldões jogar o talo,
Ou vão na tua escola andar primeiro.

Quem ha que os teus aguarde no terreiro,
Se até S. Jorge foram desmontal-o,
Pois indo nas mais terras a cavallo
N'esta é capucho o santo cavalleiro!

No triumpho de Baccho a villa armada,
Uns com brancos arnezes, outros tintos,
A's moças todas dão uma assaltada.

Fez-lhe Baccho os broqueis, compoz-lhe os cintos
E soltou-lhe um pendão co' esta fachada:
Todos são pobretões, mas mui distinctos.

Jorge Mariz abriu os olhos e perguntou:

— O que estás tu fazendo, ó Lobo?

— Estou a despedir-me de Villa Real.

A allusão a S. Jorge explica-se pelo facto de ter o senado villarealense resolvido que, na procissão de «Corpus Christi», d'aquelle anno, o guerreiro santo fôsse em andor e não a cavallo.

Quando dois os trez estudantes tornaram conhecido em Villa Real este soneto, os fidalgos, tratados de pobretões, mandaram os seus moxillas em perseguição dos fugitivos. Alguns freiraticos, sentindo as costas quentes, quizeram acompanhal-os.

Tem-se escripto que Antonio Lobo foi alcançado pelos seus perseguidores e espancado por elles. Esta noticia carece de fundamento, porque entre a composição do soneto e a organização da cavalgada vingadora, medearam horas.

Lobo calculava o que viria a acontecer e por isso não perdeu tempo no caminho.

Já muito a seguro, dizia elle a Jorge Mariz:

— A esta hora, se os rapazes divulgaram o meu soneto, estão rabiando os valentões de Villa Real. Olha se elles me apanhassem agora lá!

Dentro da liteira, Antonio Lobo ia distraindo com os seus ditos graciosos e picantes o pobre Jorge Mariz, a quem o balanço do vehiculo incommodava por vezes.

— Desconfio, dizia-lhe Lobo, que esta liteira é muito mais brava do que o animo dos valentões de Villa Real. E comtudo os machos são apenas dois. Os de fóra... bem entendido.

VIII

Therezinha

E agora tornamos ao momento em que este romance principiou.

O leitor já conhece de sobra a vida airada do «Mafarrico de Guimarães» até esse momento, em que uma nova phase da sua existencia ia começar.

Jorge Mariz chegou a Landim, acompanhado por Antonio Lobo, mas não encontrou seu tio, o padre Dom Joaquim, que estava na quinta da Palmeira a recrear-se no exercicio da pesca.

— Melhor! disse Jorge. Vamos para a Palmeira, que sempre é mais linda e variada terra que Landim.

A jornada era curta, de Landim á Palmeira, e não aggravou, por isso, a fadiga de Jorge Mariz, que apesar de ter ainda alguma expectoração sanguinea, vinha animado da esperança de uma cura radical.

Os rapazes confiam tanto da mocidade, quanto os velhos se receiam da velhice, que já de si mesma é uma doença grave.

O padre Dom Joaquim Mariz sobresaltou-se quando viu enfermo o sobrinho, mas approvou a mudança de ares, e recebeu de boa sombra Antonio Lobo, cuja apresentação Jorge fizera o mais summariamente possivel.

E' que Antonio Lobo lhe tinha recommendado:

— Não digas quem eu sou, para evitar que teu tio veja logo em mim um inimigo dos frades e, portanto, um pessimo hospede.

Comtudo esta prevenção não teria sido necessaria, porque

Antonio Lobo se mostrou discreto e agradavel a ponto de conquistar as sympathias de quantos conegos regrantes estavam «breviando» na Palmeira.

Especialmente Dom Joaquim Mariz se lhe confessou affeiçoado e reconhecido pelos serviços prestados ao sobrinho.

— Fizeste bem, dizia o conego a Jorge, em trazer um amigo da tua mesma idade para te acompanhar e distrair. Isto é casa de padres, cuja recreação unica se resume na pesca. Nós divertimo-nos pouco, e ainda menos podemos divertir.

Estava-se na primavera de 1758, justamente na occasião em que principiavam a recrudescer as hostilidades entre os cruzios da Palmeira e os benedictinos de Santo Thyrso á conta da recente construcção da «pesqueira nova».

Antonio Lobo viu logo n'esta questão uma variante ao seu genio turbulento, que poderia tornar mais agitada a vida monotona da Palmeira.

Sem querer saber de que lado estava a razão, manifestou-se, immediatamente, a favor dos cruzios contra os bentos, animando-os á lucta e offerecendo-se para seu auxiliar e propugnador.

Os cruzios gostaram de encontrar um rapaz de animo valoroso, que de nada parecia ter medo, e redobraram de carinhos para elle.

Chegára em boa hora, no momento opportuno. Agradeceram á fortuna o ter-lh'o enviado n'aquella occasião, e fizeram-lhe saber que folgariam muito de o reter ali como seu hospede.

Antonio Lobo estava satisfeitissimo: tinha boa mesa e boa companhia, gastava o tempo na caça, na pesca e na leitura.

De vez em quando sahia-se com alguma satyra, que os padres cruzios apreciavam devidamente, sobretudo quando era desfechada contra os seus visinhos benedictinos.

Jorge Mariz ia melhorando a olhos vistos, mais por effeito da vida tranquilla que ali passava, do que por virtude de drogas medicinaes que houvesse ingerido.

O tio era adversario convicto da medicina e dos medicos, aos quaes, como outr'ora Frei Bartholomeu dos Martyres, chamava «trampões», isto é, mistificadores.

— A saude ou a doença, dizia elle ao sobrinho, é o proprio individuo que a faz. Eu tenho feito a minha saude. Tu fizeste a tua doença, não sei como, nem quero saber. Mas como acertadamente te propuzeste agora a ter saude, has de tel-a, e já a vais tendo, que nem pareces o mesmo de quando aqui chegaste. O nosso Antonio Lobo esse está são como um pêro. Ainda elle ha de compor um poema em honra dos bons ares da Palmeira e das lindas vistas do rio Ave.

Antonio Lobo, sempre que isto ouvia, agarrava pelos cabellos a opportunidade de adular os cruzios:

— Eu hei de cantar, sr. Dom Joaquim, mas é a derrota dos bentos sobre o rio Ave no dia em que a Palmeira assegurar a reivindicação dos seus direitos de propriedade.

Os cruzios riam-se, e por sua vez o estimulavam dizendo:

— Vamos a isso, que já temos as nossas hostes augmentadas com o feliz advento de um legionario esforçado.

E Antonio Lobo, sempre no mesmo trilho de lisonja, pondo-se em attitude de continencia militar:

— Prompto, meu capitão.

Passado algum tempo, notaram os cruzios, e notou Jorge Mariz, que Antonio Lobo, não obstante mostrar-se sempre muito interessado nas contendas com os benedictinos de Santo Thyrso, parecia menos jovial, e um nadinha contemplativo, contra a inclinação natural do seu genio.

— Já está aborrecido da nossa hospedagem fradesca, disse-lhe um dia o padre Dom Joaquim Mariz.

— Pelo amor de Deus! contestou com sincera vivacidade Antonio Lobo. O maior sacrificio a que poderiam condemnar-me era levarem-me d'aqui para outro sitio, tão bem e tão contente estou.

N'isto fallava o Lobo inteira verdade.

Os cruzios, em vista d'esta peremptoria declaração, concluiram que o hospede tinha faltas de dinheiro e cotisaram-se para lhe fazer a amavel surpresa de collocar sobre a almofada do seu leito um dobrão embrulhado n'um papel que dizia: «Lembrança de amizade dos padres hospedeiros ao seu estimavel hospede, o qual certamente os desculpará da benevola ousadia».

Era a primeira vez, depois da morte do pai, que alguem lhe facilitava a posse de uma quantia avultada.

O dobrão, essa linda moeda de oiro que tinha a effigie de el-rei D. João V, valia 24$000 réis.

Um presente que parecia cahir do céu.

Antonio Lobo tambem explorou, além das contendas com os frades thyrsenses, o gosto que alguns padres cruzios mostravam em praticar com elle a lingua franceza, que a respeito do latim bem podiam elles ensinar-lh'o a fundo.

D. João V conseguira, pelo exemplo, introduzir em Portugal os usos e costumes francezes, as cabelleiras, as camisas, as canções, todas as galanterias de Pariz. Um peralvilho era um «França.» Os que, fallando, cultivavam a «francezia,» mesclando de gallicismos a nossa lingua, começaram a ser tratados de francelhos e galliciparlas pelos bons puritanos.

O gosto pela lingua franceza invadiu os salões, as academias e os conventos.

D. João V morreu, mas a moda ficou.

Os cruzios de Landim e da Palmeira foram tambem na corrente da francezia, como os seus confrades de muitas outras communidades tanto masculinas como femininas.

Annos volvidos, o abbade de Jazente, Paulino Cabral, descrevendo as manias ridiculas dos frades, só achou para attribuir aos conegos regrantes a de gostarem preferentemente do idioma francez.

Refiro-me a um soneto, que tem aqui opportuna transcripção:

Desterrado murmura o Jesuita,
O Dominico seu logar pretende,
O Nery «Novos Methodos» defende,
E ás ricas confessadas faz visita:

Intrometter-se o Grillo premedita;
O Cruzio, que está só, «francez aprende,»
E em casa do juiz, de quem depende,
Entra com pés de lã o Carmelita:

O Capucho no estrado toma assento,
Exorcisma, e responsa qualquer damno,
E depois sempre traz para o convento:

O Loio é fôfo, triste o Graciano,
Tolo o Bernardo, comedor o Bento,
O Franciscano, em fim, é Franciscano.

Como estivesse ainda viva na memoria de Antonio Lobo a resposta do abbade de Jazente á satyra que lhe mandou ao passar em Amarante, aproveitou o nosso heroe, que a ninguem perdoava em taes assumptos, a occasião de lhe dar azedo troco a este soneto com est'outro, obrigado ás mesmas consoantes:

Que lhe importa ao Abbade o Jesuita?
Do Nery, ou Dominico que pretende?
Vá cuidar nas ovelhas, que defende,
Que pode no bispado haver visita:

Saber quer o que o Grillo premedita,
E que francez é o que o Cruzio aprende?
E' darem-lhe as lições de que depende,
Para o metterem leigo Carmelita.

Não torne a fazer outra, que eu assento
Que do santo cordão sentirá damno,
Se inquietar o Capucho no convento:

Perdem muito o Bernardo, e o Graciano;
Não se metta c'o Loio, deixe o Bento,
E...

Aqui tenho de suspender a transcripção, porque Antonio Lobo termina mandando que o abbade de Jazente beije em logar improprio o frade franciscano.

Estes dois sonetos servem, comtudo, para mostrar quanto o Lobo se insinuou no animo dos cruzios da Palmeira, até no estimular-lhes o gosto pela lingua franceza, e quanto ficaram sempre mal avindos os dois poetas, Antonio Lobo e o abbade de Jazente, por causa d'aquella troca de sonetos em Amarante.

E' que, mais uma vez o dizemos, os poetas satyricos não prescindem de represalias uns contra os outros.

Sem embargo dos regalos e commodidades que os conegos regrantes prodigalisavam na Palmeira ao seu dilecto hospede, não ha duvida que elle parecia agora menos estouvado e leviano.

Os cruzios não deram a principio com a causa d'esta transformação, posto que a estranhassem; mas descobriu-a logo Jorge Mariz sem que o seu amigo lh'a confessasse.

Antonio Lobo amava; eis tudo.

Amava n'uma doce idealidade, pela primeira vez na sua vida.

Tinha já vinte e oito annos, e comtudo não havia amado ainda d'aquelle modo, porque nem as cachopas de Guimarães e Villa Real, nem a «tancareira» de Cantão puderam dar-lhe sensações de immaculado lyrismo no amor.

Antonio Lobo encontrara, finalmente, uma rapariga casta, de uma honestidade varonil, digamos assim, porque sabia impôr respeito a um homem habituado a conquistas faceis e contel-o, reverente, como deante de um altar onde a virtude tivesse culto.

Era a Therezinha de Villalva.

Antonio Lobo experimentou então na pratica aquelle sentimento terno e recatado que, no programma do «grupo philosophico», tinha sido apenas uma theoria excentrica.

Amava com mysterio, em segredo, que é talvez o maior encanto do amor; amava sem ostentação e descaro; amava gozando uma felicidade até ahi desconhecida para elle, recolhido agora n'uma concentração muito intima e muito funda.

Jorge Mariz disse-lhe uma vez:

— O' Antonio, tu gostas da Therezinha?

Lobo ficou surprehendido com esta inesperada pergunta, pois que suppunha que tinha aquelle delicioso amor bem escondido no coração; e ficou desgostoso tambem, porque não queria que se quebrasse o encantador mysterio que tão grato e aprazivel lhe era.

Respondeu, pois, contrariado:

— Gostar! Acho-a apenas boa rapariga, e por isso a estimo.

Mariz insistiu:

— Mas parece-me que, a julgar pelo que me contaste em Villa Real, não estimaste assim a china.

Antonio Lobo replicou com mal disfarçada indignação:

— Ora essa! Pois tu queres comparar uma innocente rapariga do campo com uma mulher perdida, que já trazia do Oriente um curso completo de vicios e torpezas! Não compares as duas mulheras, nem os sentimentos que ellas podem inspirar... aos outros.

Repugnou a Antonio Lobo a lembrança do tempo que passára na companhia de Min; parecia-lhe que tinha sido um sonho negro que o asphyxiava ainda.

Mariz carecia de experiencia em negocios de amor, mas compensava-a pela instinctiva penetração propria da sua idade em taes assumptos.

Os rapazes adivinham, nos segredos do coração, o que não sabem; ao passo que os velhos, ainda os mais condecorados nas campanhas amorosas, nem sempre descobrem com facilidade as affeições dos moços que com elles convivem.

Sirvam de exemplo os padres cruzios da Palmeira, muitos dos quaes teriam, por ventura, amado muito.

Quem descobriu a paixão de Antonio Lobo pela Therezinha de Villalva não foram elles, mas Jorge Mariz, um rapaz.

Faz isto lembrar as creanças da beira-mar, que não andaram ainda no mar largo, mas que são capazes de enxergar muito ao longe a mastreação de um navio, que os velhos marinheiros não descobrem.

Mariz quiz ter a certeza de que se não havia enganado, e formulou uma pergunta astuciosa:

— Então, se apenas a estimas, não te oppões a que alguem possa amal-a?

Antonio Lobo fez-se pallido como um combatente que se vê apertado contra o ultimo entrincheiramento, e replicou com vivacidade:

— Amal-a tu?

Mariz desfechou uma sonora gargalhada e respondeu:

— Socega, homem! Quiz apenas levar-te a confessar um sentimento que eu já havia surprehendido, e que tu negavas.

— Negava, é certo. Desculpa-me. Mas eu nunca na minha vida tinha sentido esta especie de amor, cuja confissão me parece ser uma publicidade que o profana. E' um estado d'alma que se compraz no mysterio e no recato. Dá-lhe isso um certo

caracter de sigillo religioso, de segredo de confessionario, que guardamos respeitosamente dentro da nossa propria consciencia. Eu mesmo, a principio, não sabia classificar este sentimento. Não sabia que era amor.

— Bravo! E' o programma do nosso grupo de Villa Real posto em acção!

— Mas assim é, realmente! Já tenho pensado n'isso com alguma surpreza, porque eu, até chegar á Palmeira, não tinha conhecido senão o amor que deve occultar-se, não porque seja puro, mas, ao contrario, por ser impuro.

— Estás transformado!

— Não sei se estou. Sei apenas que encontrei em mim mesmo um aspecto novo do meu proprio ser.

— Apaixonado é que tu estás. Aposto que tens feito versos d'amor á Therezinha.

— E' curioso! Não tenho. Dir-se-ia que os sei sentir, e não os sei fazer. Ao pé d'ella fallo-lhe de todas as cousas que ella pode entender, as cousas mais vulgares d'este mundo. E sinto-me então poeta sem versos e sem rimas; poeta de um estranho encanto que me inebria e que, se o passasse ao papel, ficaria profanado deante de mim proprio.

— Mas então é o amor dos anjos!

— Não, é o amor que todos os homens, decerto, devem sentir uma vez na vida, porque eu, que nunca tive pretensões a ser anjo, o sinto agora pela primeira vez aos vinte e oito annos.

— Mas a que leva esse amor? Ao casamento? O' Antonio! muito me havia de rir, se te visse casado, pai de meninos, chefe de familia pacato e pesadão!

— Deus me livre!

— Deus te livre?! Então para que amas tu? Para perderes a Therezinha, cuja virtude encareces?

— Não, nunca. Amo-a para ser feliz um momento na minha vida, como um caminheiro que se senta, cançado, á sombra de uma boa arvore e, depois de restauradas as forças, segue seu caminho. Não tenho genio para casado, nem o posso ser, porque sou pobre e, com franqueza, não gosto de trabalhar. Habituei-me, como sabes, a viver ao acaso, sem eira nem beira, esperando sempre vêr cahir do céu o maná do deserto. Que mulher toleraria esta vida, e que outra vida differente toleraria eu? Mas suppõe que eu chegava á allucinação de me casar...

— Ah! admittes a hypothese?

— Admitto-a apenas para discutil-a e combatel-a. No dia em que eu tivesse a primeira desillusão ou o primeiro desgosto, seria o mais infeliz e o mais revoltado dos homens. Iria por

esse mundo fóra prégar contra o casamento, confessando publicamente, em toda a parte, que só tinha escripto desconchavos no programma de Villa Real: que a mulher, ainda que seja a mais bella das portuguezas, é só para vêr e não para desposar. Podes crêr que havia de crear fanaticos, de fazer escola. Eu sinto em mim uma costella revolucionaria de Luthero.

— Se fizesses escola, acabava-se o mundo! disse Jorge Mariz rindo.

— Não. Acabava-se o casamento, o que é differente. Nas especies irracionaes não ha casamento, e ellas subsistem. Eu tenho sido irracional até hoje; voltarei a sel-o talvez amanhã. Mas parei agora dentro de um parenthese de raciocinio encantador, sei que existe ainda a mulher pura e honesta, que existe para mim, e que pode existir para os outros, ao menos uma vez na vida, e depois, provavelmente, fecha-se o parenthese, e acabou-se, não fica mais nada.

— Fica sempre o poeta com a sua imaginação fogosa.

— Não confundas. O meu genio é que é fogoso; a minha imaginação, não. A satyra é para mim um desafogo necessario, uma valvula de segurança que eu abro de vez em quando para não morrer asphyxiado. Imaginação fogosa, eu! Vê lá se fui capaz de idealisar uma tal mulher como a Therezinha de Villalva antes de a ter encontrado. Posso compôr uma grosa de sonetos para descompôr o abbade de Jazente, mas não serei capaz, nunca, de inventar uma novella de cavallaria. «Vade retro»!

E, como se quizesse voltar de novo á silenciosa concentracção da sua alma, Antonio Lobo sorriu dizendo que bastava de parola: queria ir pescar no rio. E foi.

O leitor já conhece, vagamente, a Therezinha de Villalva.

Mas certamente não desestimará que eu lhe desenhe o perfil d'essa linda camponeza, que inspirou a Antonio Lobo um amor purificado de vulgares materialidades.

O leitor seria menos exigente do que a leitora n'este ponto, razão de mais, porém, para eu querer esboçar o retrato de Therezinha: gosto de ser gentil com as damas... até nos romances.

Sim, não ha duvida que as leitoras estarão esperando algo mais do que aquella rapida phrase, já escripta mais longe, para dar a primeira impressão do aspecto de Therezinha: «honesta gracilidade».

Esta phrase é pouco, e é muito.

E' pouco para satisfazer o desejo de examinar um retrato, discriminar feições, accentuar traços physionomicos.

E' muito porque se ficará fazendo sempre alguma idéa da mulher a cujo respeito se tenha dito que era graciosa e dis-

creta, grave e gentil, o que tende a estabelecer uma suave harmonia entre o seu caracter e o seu aspecto.

O leitor, esse, não protestou ainda, que me conste, contra o facto de eu lhe não haver descripto a physionomia de Antonio Lobo.

Nem eu, francamente, o poderia fazer, dada essa exigencia, á falta de elementos de pintura. Não existe nenhum retrato seu, e a tradição apenas informa que era, physicamente, um homem vulgar, magro e moreno, com certa expressão de vivacidade intellectual no olhar.

Quanto ao retrato de Therezinha poderei, felizmente, satisfazer a curiosidade da leitora, porque ouvi o depoimento tradicional dos seus conterraneos.

Era uma rapariga de estatura regular, de uma brancura luminosa, querendo eu significar com esta expressão que de nenhum modo devem suppôl-a de uma pallidez de cecém ou de uma coloração baça como as perolas.

Não. Havia luz e saude, vida e calor no tom suave das suas carnes; nem appareciam a descoberto os sulcos azues das veias como em certas mulheres extremamente brancas.

Tinha os olhos e os cabellos pretos: os olhos mais quebrados de brandura que fulgidos e provocantes; os cabellos naturalmente ondeados desciam n'um ligeiro recorte sobre a fronte.

Mas assevera a tradição que em duas coisas se assignalou principalmente a Therezinha de Villalva entre todas as raparigas do seu tempo: na compostura desaffectada e senhoril do gesto; e no cuidado, ainda hoje pouco vulgar no Minho, com que tratava o aceio do seu corpo e da sua roupa.

— Segundo ouvi dizer a velhos, (contou-me um que já o era tambem) as suas mãos, posto estivessem habituadas aos trabalhos da lavoura, pareciam de princeza.

E insistiu n'um pormenor, cujo realismo não é despiciendo:

— As unhas pareciam seixinhos côr de rosa, da beira-mar.

Ah! a leitora elegante, que todos os dias gasta algumas horas no apuro da sua «toilette,» não poderá facilmente admittir que lindas raparigas do Minho, verdadeiras «madonnas» de Raphael, façam recuar de horror deante da ponta negra dos seus dedos.

Pois assim mesmo é que é. O que ha de peior no Minho são as unhas, nas mulheres como nos homens.

Se Antonio Lobo tivesse dito francamente a Jorge Mariz «Amei a Therezinha de Villalva porque, «rara avis,» ella limpa as unhas», eu haveria comprehendido logo a razão do seu amor.

Não era preciso maior discurso.

Mas d'onde viria este excepcional cuidado de aceio, que distinguia a Therezinha de Villalva entre todas as raparigas minhôtas do seu tempo... e do nosso?

Respondo já.

Ella era filha do Manuel barqueiro da quinta da Palmeira; e afilhada do padre cruzio Dom Joaquim Mariz.

Nasceu em Villalva, onde o pai, filho de lavradores humildes, foi creado nas poucas geiras de terra que elles ahi possuiam.

A mãe era uma rapariga que tinha estado alguns annos ao serviço da casa de Ruivães, onde adquiriu habitos senhoris. Seus amos contrariaram muito o casamento com o barqueiro dos cruzios, porque desejavam dal-a como esposa á algum lavrador abastado. Mas a rapariga teimou, e casou com o Manuel barqueiro,

Quatro annos depois de casada, morreu de um typho.

O barqueiro, muito protegido pelos cruzios, comquanto já pudesse viver melhor do que os pais tinham vivido em Villalva, viu-se na situação embaraçosa de não ter quem olhasse pela infancia da filhinha.

Foi a Villa do Conde pedir conselho a uma tia materna, que ali estava como criada no convento das freiras.

Era uma mulher de cincoenta annos, doente e beata, mas que tinha feito o seu pé de meia com o fim de passar uma velhice descançada, pensando apenas nos achaques e nos santos.

—Olha, disse ella ao sobrinho, quem vai tomar conta da tua filha, sou eu. Estou farta de trabalhar, e quero tratar de mim. Se a tua Thereza não tivesse já trez annos, não lhe pegaria, que não estou para desmamar creanças. Mas já tem idade de cahir e levantar-se sem ser preciso acudir-lhe. Pois olha que vou, sobrinho, que tambem a saudade de Villalva nunca se amorteceu cá dentro.

E indicava o coração.

Ora a «tia Rosa,» educada pelas freiras de Villa do Conde, adquirira no convento habitos de esmero, que ella, por sua vez, transmittiu á Therezinha, cuja mãe os havia trazido, á sua parte, da casa nobre de Ruivães.

O barqueiro dizia ás vezes á tia Rosa:

— Vossemecê é como a minha companheira, que Deus tenha em bom logar. Cria-me esta rapariga para rainha! Olhe que ella é filha de um barqueiro.

Mas, no intimo da sua alma, gostava de vêr a filha mais aprimorada de maneiras que as outras raparigas.

— Deixa-te d'isso, sobrinho, replicava a tia Rosa. Eu tam-

bem fui creada de servir, mas nem por isso deixei de prezar-me sempre. A tua cachopa trabalha quanto faz mingua. Não querer ser vasculho não é defeito; antes virtude. Deixa ir assim, que vai vem.

A estas duas correntes de educação, a da criada das fidalgas de Ruivães e a da criada das freiras de Villa do Conde, deveu a Therezinha de Villalva o muito de senhoril que, nos habitos e nas maneiras, a tornavam mais distincta que todas as outras raparigas da sua idade.

O pai, vivendo de dia e de noite na Palmeira, indo raras vezes a casa, não dava tempo a que a filha fosse aprendendo d'elle qualquer rudeza no sentir ou no fallar; e já era tarde para isso, ainda que não acontecesse assim, porque a educação cria raizes como as plantas.

Quando Therezinha andava nos quatorze annos, a tia Rosa ficou paralytica.

Era a sobrinha que tratava d'ella com o mesmo carinho e dedicação com que por ella havia sido tratada.

Logo pela manhã, Therezinha ia á Palmeira cuidar dos arranjos do pai, da sua roupa branca, do seu fato, ás vezes da sua saude; e levava os engommados e os trabalhos de costura que os padres cruzios lhe encommendavam.

Quasi sempre tinha occasião de beijar a mão ao padrinho, o sr. Dom Joaquim Mariz, que a estimava muito.

Voltando da Palmeira, Therezinha preparava o seu almoço e o da tia.

Depois ia lavar no Sanguinhêdo, trabalhar nas suas terras, pequenas mas lindas e bem tratadas como um brinco; e ainda o tempo lhe chegava para costurar, fiar, engommar e brunir, cantando sempre.

Na Palmeira, emquanto ali se demorava, a sua presença era um sol radiante, que a todos dava alegria e vida.

Dir-se-ia que só rompia a manhã quando ella chegava.

Um coração, especialmente, palpitava então mais vivo, com um sentimento que não era apenas o simples contentamento de a vêr tão alegre, tão moça, e tão donairosa.

Não. Esse sentimento era o amor.

Havia na Palmeira um rapaz, ajudante do barqueiro, que a adorava loucamente.

Tinha desenove annos, e chamava-se Miguel.

Forte e sadio, era, como todos os rapazes da sua condição, ignorante, rude e trabalhador.

Therezinha estimava-o como bom rapaz e companheiro de seu pae, porque, dizia ella, nem ás arvores da Palmeira deixava de ter estima.

Mas não o queria para marido, porque havia entre os dois, ella e elle, um abysmo a separal-os : a differença de educacão e, portanto, de caracter.

Eram duas pessoas que tinham nascido na mesma condição social, mas que divergiam profundamente entre si pelos habitos adquiridos desde a infancia.

Quando Antonio Lobo chegou á Palmeira, na primavera de 1758, Therezinha, que tinha então 24 annos, sentia completamente livre o coração.

Era essa a razão da sua alegria e da sua felicidade.

Toda a liberdade é boa; principalmente a do coração.

E, comtudo, o pobre Miguel amava-a loucamente.

IX

Amor puro

Antonio Lobo fôra mais feliz, porque logrou, quando chegou á Palmeira, enfeitiçar o coração de Therezinha.

Elle tinha attractivos que o Miguel não possuia: era alegre, discursivo, audaz, estouvado, e sabia, quando o julgava conveniente, temperar a sua doidice com uns amaneirados propositos, que vinham mais da intelligencia que da educação.

Nós bem sabemos como elle fôra creado á vontade nas ruas de Guimarães.

A Therezinha de Villalva causou-lhe, como já o ouvimos confessar a Jorge Mariz, uma profunda sensação, tão nova como fascinante.

Ella era a mulher honesta, que a si mesma se guarda com a encantadora innocencia de quem desconhece a existencia do mal.

Fazia-se amar e respeitar, sem pensar n'uma ou n'outra coisa.

De mais a mais esta creaturinha adoravel pela belleza e pela honestidade appareceu deante de Antonio Lobo como engastada n'uma excepcional moldura de maneiras tão discretamente senhoris, que faziam surprehendente contraste com a rudeza crassa e bronca do femeaço do Minho.

Tão rara especie de mulher não conhecia elle ainda e, comtudo, comprehendeu desde logo toda essa poetica espiritualisação que na mulher do christianismo sobrevelou as fascinações carnaes da mulher pagã.

O que elle principiou a amar na Therezinha de Villalva, não foi o corpo, mas a alma. E o seu amor, por isso mesmo que não irrompeu de um deslumbramento dos sentidos, nasceu gradualmente, na convivencia de todos os dias. Dá-se com o amor, quasi sempre, o mesmo phenomeno que se nota no modo como as aves levantam vôo: quanto maiores são, como

A barca da Palmeira

por exemplo a abetarda, mais lhes custa a subir. Quanto mais puro e sincero é o amor, mais vagarosamente nasce.

Antonio Lobo, como todos os poetas levianos e vagabundos, tão vulgares no seu tempo, e ainda depois, porque foi Bocage quem fechou a porta a essa classe de poetas, experimentou o amor platonico, o amor casto e impolluto, inspirado por uma «alma suave» de mulher.

Bocage, para em tudo ser um bohemio extraordinario, amou assim duas vezes.

Lobo affeiçoou-se lentamente a Therezinha, fazendo reparo nas suas peregrinas qualidades, quando ella ia pela manhã á Palmeira.

Esperava-a para a vêr e para lhe fallar, sem a principio

ter a consciencia de que era o coração que o punha de sentinella á chegada da barca. Mas levantava-se cedo, de madrugada, e não tirava os olhos da margem esquerda do Ave até avistar a Therezinha no declive que desce para o rio. Parecia-lhe que a passagem da barca era excessivamente vagarosa. E quando a Therezinha saltava em terra, Antonio Lobo, variando sempre o local, preparava a occasião de se fazer encontrado com ella.

Não se lhe declarou nunca; fallava-lhe de tudo, menos de si mesmo.

Por sua parte, a Therezinha não tinha bem a certeza de que o amasse; e menos ainda de que fosse amada. Estimava-o muito, gostava de o vêr e de o ouvir, e o pobre Miguel parecia-lhe cada vez mais seccante como namorado, comquanto continuasse a ser para ella um bom rapaz.

Na Palmeira, apenas duas pessoas puderam desde logo classificar com segurança o sentimento que a Therezinha inspirava a Antonio Lobo.

Estas duas pessoas eram Jorge Mariz, como já sabemos, e o barqueiro Miguel.

Nenhum dos outros habitantes da Palmeira, incluindo o pae de Therezinha, estranhavam os repetidos encontros, as conversações repetidas, entre a cachopa e o hospede dos cruzios.

No campo, especialmente no Minho, a convivencia toma sempre o caracter de familiaridade, permitte liberdades que n'outro qualquer meio social seriam muito reparadas.

Bastará dizer que os rapazes e as raparigas, de differentes familias, se tratam por tu, e que esse tratamento não importa a idéa de qualquer intimidade condemnavel.

O que principalmente indignou o barqueiro Miguel foi a suspeita de que o «Mafarrico de Guimarães», cuja fama lhe não abonava a pureza dos costumes, quizesse perder Therezinha.

Constituiu-se, portanto, n'uma especie de esculca vigilante, que não a perdia nunca de vista emquanto ella se demorava na Palmeira, e que procurava seguir os passos de Antonio Lobo depois que a Therezinha regressava a Villalva.

Uma coisa o admirava, e era que o Lobo não atravessasse o rio para a margem esquerda, não fosse a Santo Thyrso, não sahisse do couto da Palmeira, onde caçava e pescava.

Muitas noites andou o Miguel rondando o edificio, esperando sempre encontrar Antonio Lobo a surgir-lhe de uma porta ou a saltar de uma janella para sahir sem ser presentido dos cruzios.

Nunca o encontrou, porém.

A janella do quarto do hospede estava fechada, os cães não ladravam, o silencio era profundo tanto dentro da casa como na quinta.

Ainda assim, Miguel, n'uma occasião em que o Manuel

A barca passando a Therezinha e o Miguel

barqueiro lhe mandou buscar Therezinha na barca, não teve mão em si que lhe não dissesse, muito embaraçado, fincando a vara no peito e pregando os olhos na corrente:

— Ando ha muito para te dizer uma coisa, Therezinha...

— Pois diz.

— E' que não tenho tido occasião. Deante de teu pae, não t'a dizia. Na Palmeira, todo o tempo te parece pouco para conversares com o «Mafarrico».

— Queres fallar do sr. Antonio Lobo? Pois elle tem nome de baptismo. Mafarrico é o démo, salvo seja.

— Eu não sei se elle é o démo, se já o foi ou se está para o ser. O que sei é que elle te persegue todos os dias.

— Perseguir-me! a mim? Onde viste tu isso, ó Miguel?

— Tenho-o visto com estes que a terra ha de comer.

— Não mettas a tua alma no inferno, rapaz! O sr. Antonio Lobo nunca fez pouco de mim, e se o fizesse perdia o seu tempo.

— Mas é que eu tenho medo...

— De quê?

— Não sei se t'o diga...

— Podes dizer. Quem não deve, não teme.

— Digo?

— Já se vê que sim.

— Tenho medo que elle te deite a perder.

Therezinha levantou-se n'um impeto, fazendo oscillar ligeiramente a barca.

Depois, olhando para a margem direita, que se aproximava, respondeu sem olhar para Miguel:

— Tu perdeste o juizo, rapaz!

E, sempre de pé, logo que a prôa da barca tocou em terra, saltou de um pulo, sem proferir mais palavra.

Miguel, muito aturdido, disse ainda:

— Desculpa.

Ella não respondeu.

Quando começaram a aggravar-se as hostilidades entre os cruzios e os benedictinos ou entre os criados de uns e outros, Thereza mostrou-se muito preoccupada com a possibilidade de um conflicto sério.

— Trago o coração a tremer, disse ella a Antonio Lobo.

— E comtudo já deve estar habituada, respondeu elle, a esta guerra dos frades.

— A gente nunca se habitua ao que é mau. De mais a mais tenho tantas pessoas amigas na Palmeira, que sinto medo de que passem por algum perigo.

— Seu pae, por exemplo.

— Está bem de vêr que sim. Mas não é só meu pae.

— Quem mais então?

— Meu padrinho, todos os senhores cónegos e...

— Diga, diga.

— E o sr. Antonio Lobo tambem.

— Mas repare que me deu o ultimo logar.

— Não, senhor. Ainda ha mais gente aqui.

— Quem?

— O sr. Jorge.

— Esse não se mette na contenda, que o tio não deixa. Mas dá-lhe tanto cuidado o sr. Jorge?!

— Dá-me tanto cuidado como todos os outros. Ainda o senhor me dá mais, porque sou mais sua amiga.

— Devéras?

— Devéras. Creio que não fiz mal em dizer isto...

— Nenhum. Pelo contrario...

— E tambem tenho pena dos criados que precisam ganhar o «pão nosso de cada dia» e podem arriscar a vida.

— Tem talvez maior interesse por algum d'elles?

— Não, sr. Pensa que eu tenho algum conversado?...

— E se pensasse?

— Enganava-se. Não tenho, e não tive nunca.

— Mas ha por ahi alguns rapazes... O Miguel, por exemplo, de quem seu pae é tão amigo...

— Tambem eu sou.

— E'?!

— Sou, porque elle é muito bom rapaz e dá-se muito bem com meu pae.

— Ahi está um casamento possivel.

Therezinha respondeu com evidente convicção:

— Não havia ninguem n'este mundo que fosse capaz de me fazer casar com elle; mas isso não tira que seja bom rapaz.

— Imagine que alguem tinha de morrer na Palmeira por causa da contenda. Quem lhe custaria menos que morresse?

— Ora essa! disse Therezinha rindo. Pois não fica sem resposta.

— Quem?

— O «Drago,» respondeu ella continuando a rir.

«Drago» era o cão mais bravo dos cruzios.

E d'ahi a minutos, Therezinha, dominando o riso, como se de repente a preoccupasse um pensamento sério:

— Sabe uma cousa, sr. Lobo? Eu queria pedir-lhe um favor...

— Que lhe não torne mais a fallar?

— Não, senhor! Que me avise quando forem deitar a baixo a pesqueira.

— Quer então que eu lhe revele um segredo?

— Quero.

E, logo, corrigiu com pejo:

— Peço.

— Mas para que o desejava saber?

— Para ir rezar a Nossa Senhora da Piedade, em Argemil.

— Por mim?

— Já lhe disse que por todos.

— Pois bem, direi, assim eu possa.

— Pode, porque vamos combinar um signal, que não dê muito nas vistas.

— Qual ha de ser?

Therezinha deteve-se a reflectir um momento.

— Olhe, o sr. Lobo, quando me vir chegar á beira do rio, desfolhe o ramo de uma arvore.

— Bem, está combinado.

De novo Therezinha se deteve silenciosa.

— O que mais quer? perguntou sorrindo Antonio Lobo.

— Desejava que, no fim de tudo, me apparecesse de longe para eu saber que lhe não aconteceu mal algum...

— Ah! como lh'o agradeço, Therezinha!

E ella, continuando a phrase serenamente:

—... nem a meu pae.

— Fique certa. Logo que eu julgue ter passado a borrasca, apparecer-lhe-hei n'alguma clareira da matta. Esteja bem attenta para me ver.

— Hei de estar; lá isso não tem duvida.

— Se eu apparecer...

— Ha de apparecer. Tenho fé em Nossa Senhora da Piedade. Mas em todo o caso é preciso ter juizo, tambem.

— Ter juizo, como?

— O sr. Lobo não se guarda muito dos perigos. Não seja tão destemido.

— E' genio meu. Que lhe hei de eu fazer?

— Faça o que lhe eu digo e... adeus!

Antonio Lobo ficou pensativo durante algum tempo, a reconstruir este dialogo, que tinha para elle o encanto d'uma divina musica desconhecida. E concluiu como deante de uma surpreza que o inebriava: «Mas é certo! eu amo esta rapariga, e ella tambem me ama».

Isto passou-se poucos dias antes de Jorge Mariz o interrogar: já então elle não tinha duvidas sobre a especie de sentimento que a Therezinha de Villalva lhe havia inspirado.

O dobrão dos cruzios andou, muito tempo, intacto na algibeira de Antonio Lobo.

Pela primeira vez deixou o dinheiro de arder rapidamente nas suas mãos.

— E' curioso! dizia Lobo comsigo mesmo. Até parece que me fiz avarento por amor, eu, um perdulario!

Pensou em offerecel-o a Therezinha.

Um dia abordou o assumpto.

— Therezinha!

— Sr. Lobo!

— Queria fazer-lhe um presente.

— Ora que idéa! Um presente! Diga lá o que é.

Elle mostrou o dobrão que resplandecia á luz do sol.

— E' uma rodella de ouro! exclamou ella admirada.

— E' dinheiro, explicou Antonio Lobo.

— Dinheiro? Nunca tinha visto este.

— Acceita?

Therezinha não respondeu. Olhou vagarosamente em derredor, parecendo procurar alguma cousa.

O chão estava alastrado de boninas, como se a Natureza houvesse entornado sobre a terra a palêta de um pintor.

Florinhas miudas, muito pequenas e muito vivas, davam a impressão de uma poeira colorida, que manchava alegremente o tapete verde da relva.

Era a urze, com os seus baguinhos roixos; o codêço brilhando n'uma floração translucida de topasio; o trovisco, contribuindo poderosamente para a variedade das côres, com o seu claro esmalte de coral; era a abrótea, branca como um pingo de neve; a macella, redondinha, coroada de amarello e branco; a violeta brava, vacillando, branca e roixa, entre o noivado e a viuvez; era a leituga vivamente amarella; o trêvo campestre, émulo do lilaz dos jardins; o myosótis docemente azul; o tremontêlo rivalisando a ametista; era uma riqueza infinita de côres, passando por delicadas graduações, a vestir a terra com uma singeleza e uma opulencia, cuja polychromia o maior poeta e o maior pintor não seriam capazes da attingir.

Therezinha, como se encontrasse o que procurava, respondeu:

— Sabe o que eu posso acceitar-lhe? E' alguma d'estas flores, se quizer dar-m'a.

N'esse momento, Antonio Lobo lembrou-se de Min, por mais extraordinario que pareça isso.

Lembrou-se, sim, impressionado pelo frisante contraste que differençava o caracter da «tancareira» de Cantão e da camponeza de Villalva: uma roubara-o; a outra repellia o dinheiro que elle queria offerecer-lhe.

Sentiu-se quasi vexado.

— Pois, bem, Therezinha, offerecer-lhe-hei uma flor, se promette guardal-a.

— Prometto.

Antonio Lobo olhou um momento, embaraçado na escolha; depois, resolutamente, curvou-se, arrancou um raminho de myosótis, e entregou-lh'o.

— Sabe como se chama esta flor?

— Ao certo não sei, porque me parece que não pode ter o nome que lhe dão os meus aldeões. E' tão pequena e tão bonita, que bem ha de ter outro nome, porque o merece. De mais a

mais é azul como o céu, mas um pouco mais desmaiadinha que elle.

—Foi por isso, talvez, que lhe attribuiram uma significação melancolica: a da ausencia, da separação que vai começar.

—Então, se é agouro, não n'a quero.

Antonio Lobo offerecendo o ramo a Therezinha

—Não é agouro; não creia em agouros, Therezinha. Esta flor pequenina quer dizer: Não me esqueças.

—Ah! como é lindo! Bem me queria a mim parecer!...

—Mas então como lhe chamam cá?

—Um nome muito feio.

—Não se pode dizer?

—Pode. «Orelhas de rato».

—Feio, sim, mas tambem não deixa de ser expressivo. A ausencia é como um ratinho que róe os corações namorados.

—Isso deve ser!

— E esta flor, quando a gente a manda, descobre o segredo da nossa alma, é como a orelha do rato que ficasse de fóra para o denunciar.

— Mas pensa em ir-se embora da Palmeira?

— Não penso. Quem me déra aqui ficar eternamente!

—Está isso na sua mão.

—Ah! Therezinha! Que homem pode gabar-se de ter o futuro fechado na mão? Nenhum. E eu menos que todos.

—Porque?

—Porque sou... como hei de dizel-o? Sou uma especie de «Judeu Errante».

—Credo! Judeu!

— Não se assuste, Therezinha. Quero eu dizer que sou um homem que não tem familia, nem patria...

— Mas o sr. Lobo é de Guimarães.

—Sou. Que importa ser? Já não tenho lá ninguem que me estime.

— Mas pode ter n'outra terra. E se tivesse, ficava?

—Eu sei lá, Therezinha!... O meu destino não se parece talvez com o dos outros homens.

— Não entendo isso!

—Nem eu proprio; mas é assim. Olhe aquella andorinha que vai passando no ar. Para onde irá ella agora?

—Quem sabe!

— Pois eu sou como aquella andorinha.

—E' porque quer. A terra de que a gente gosta faz-nos crear raizes n'ella. Não gosta da nossa terra?

—Gosto muito.

—A mim parece-me que não haverá outra mais linda em todo o mundo. Gosto tanto das nossas arvores e dos nossos campos! Havia de me custar muito ter de deixar tudo isto.

—E' natural. E não deixe nunca, Therezinha.

—Faço tenção: aqui nasci e aqui espero morrer. Olhe, uma rapariga, a Margarida Prata, que casou com o brazileiro de Guimarei, foi viver para Lisboa e chorava lá com quem a matava. Tinha muita riqueza, muitas roupas e muitos criados. Que monta isso? Ao cabo de seis annos, morreu de saudade. O brazileiro quiz tornar a casar com outra rapariga dos nossos sitios. E sabe o que aconteceu?

—Provavelmente casou, mas a segunda mulher, aproveitando a lição da primeira, conseguiu que elle não voltasse mais para Lisboa. E' isto?

— Agora! Não encontrou cachopa que o quizesse.

— Tambem a Therezinha?

— Qual! Eu n'esse tempo era um tapulho, mas tenho ouvido dizer. Ai! sr. Lobo, que é já tão tarde! Vou-me embora.

— Então, adeus. Veja se guarda as flôres que lhe dei.

— O «Não me esqueças?» Guardo, sim. Ainda que as flôres sequem, e fiquem mirradinhas, hei-de conserval-as.

Dito isto, despediu-se, e vinha descendo para o rio, quando Miguel lhe sahiu ao encontro, surgindo, inesperadamente, d'entre o arvoredo.

Elle tinha estado á espreita. Não pôde ouvir o que os dois disseram, mas viu Antonio Lobo entregar as flôres a Therezinha e ella acceitar-lh'as.

— O' cachopa! gritou elle.

— Ah! és tu, Miguel!

— Sou eu, sou.

E dirigindo-se para ella, mas conservando as mãos escondidas atraz das costas, perguntou:

— Que flôres são essas que tu ahi levas?

— Então não n'as vês?

— Vejo. Quem me havia de dizer que tu gostavas tanto d'ellas!

— Pois gosto.

— Então, se gostas, pega lá mais.

E mostrou a mão direita, que empunhava um grande ramo de myosótis.

Therezinha desatou a rir e estugou o passo, caminho do rio.

— Que nome dás tu a essas flôres, ó Miguel?

— Farta estás tu de o saber. São «Orelhas de rato.»

O ramo de Antonio Lobo

E Therezinha, rindo cada vez mais:

— «Orelhas de rato!» Isso são ellas! Valha-te Deus, rapaz!

Dando uma corridinha saltou ligeira á barca, onde o pae a esperava.

— Anda, rapariga, que são horas, disse o Manuel barqueiro. Se te demorasses mais, tinhas de ir á volta pela ponte, que eu amarrava a barca.

— Olha a grande caminhada!

O barqueiro metteu a vara á agua, e fincou-a no peito.

Como visse então o Miguel á beira do rio, com os myosótis na mão, gritou-lhe:

— O' Miguel! essa ramalhoça é para varreres o forno!

Miguel respondeu:

— Não, senhor. E' para atirar flôres aos peixes.

E arremessou-as ao Ave.

O Manuel barqueiro replicou, gritando cada vez mais:

— Elles não pegam n'essa isca.

Emquanto Therezinha passa na barca, recordemos ao leitor que, no dia em que a pesqueira nova explodiu, Antonio Lobo não se esqueceu de fazer os signaes combinados, tanto para avisar Therezinha do rompimento das hostilidades, como depois para lhe dar a saber que elle e o Manuel barqueiro estavam incolumes.

O ramo do Miguel

Apesar dos conselhos do Chantre da Real Collegiada de Guimarães, a contenda entre os cruzios e os benedictinos continuou, por vezes muito acirrada. Mas isso não faz ao nosso proposito. Bastará dizer que vimos um documento pelo qual se verifica que em 1761, isto é, trez annos depois da explosão, o Dom Prior do mosteiro de Landim, que era então o padre Agostinho de Nossa Senhora, propunha aos benedictinos um convenio medeante a indemnisação de oito mil cruzados, paga aos cruzios.

Se este convenio fosse acceito, os cruzios renunciariam aos seus suppostos direitos, mas, de futuro, não poderiam os benedictinos de Santo Thyrso construir azenhas em qualquer parte do Ave defronte da quinta da Palmeira, nem conservar pesqueira alguma, ou fazel-a de novo.

Era o que elles chamavam «o rio livre.»

Suspeito que os benedictinos não transigiram, mas não tenho d'isso prova segura.

Quando Therezinha, depois de haver saltado da barca, passava em Argemil, os criados da quinta da Batalha, atalayas do rio, disseram-lhe as costumadas galanterias.

— Ah! Therezinha! Therezinha! Ninguem é capaz de tirar-te essa balda de gostares mais de Santo Agostinho que de S. Bento!

— Um bello dia embargamos-te a passagem por ordem do nosso santo patriarcha.

— E veremos então se santo Agostinho tem animo de vir cá buscar-te.

Therezinha, caminhando atrigada, por ser já tarde, respondeu:

— Eu tambem gosto muito do vosso S. Bento. Quereis vós vêr?

E desatou a cantar:

S. Bentinho da Batalha,
Aqui tendes as solteiras.
Se não quizerdes casal-as,
Dai-lhe um dote, serão freiras.

X

Cahir do céu

Antonio Lobo não gostou nada de que o Chantre da Real Collegiada de Guimarães o tivesse visto na Palmeira por occasião da feira de S. Bartholomeu.

Antes quereria que os vimaranenses o suppozessem morto ou errante por esse mundo de Christo, como já uma vez o julgaram ausente em Macau, quando elle estava no Porto e depois em Lisboa.

Conhecia bem os costumes da provincia, onde sempre tinha vivido, e quão duradoiros e violentos são os odios que lá germinam de qualquer futilidade.

E' que os odios parece serem como os liquidos: quanto menor é a superficie que os contém, mais se alteam; quanto maior, mais baixam.

Nas grandes cidades, o odio espraia-se, dilue-se; chega a perder de vista o seu alvo e, por isso, a poupal-o durante longos intervallos de tempo.

Na provincia zumbe constantemente como um enxame de abelhas contido n'uma pequena colmea; e morde, a cada momento, porque a toda a hora encontra a sua victima.

De mais a mais, segundo a grande verdade biblica, ninguem é propheta na sua terra.

E elle tinha nascido em Guimarães.

Peior que tudo isso, porém, era o momento historico que a sociedade portugueza atravessava.

As familias nobres — e as de Guimarães não cediam em

jactancia a nenhumas outras — procuravam agora estreitar os laços de solidariedade de classe contra um inimigo commum, unindo-se, encostando-se umas ás outras, fazendo parede, como um rebanho de ovelhas que sente o farejar do lobo á porta do redil.

A nobreza começava a sentir-se affrontada com o valimento politico do conde de Oeiras, que parecia não querer reconhecer as balisas impostas pelo consenso tradicional na organização da sociedade portugueza.

Sebastião José de Carvalho entrára no poder por influencia da rainha viuva junto de el-rei D. José. Fora nomeado secretario de Estado dos negocios da guerra e estrangeiros, e ninguem diria que d'esse gabinete, de que faziam parte, além d'elle, que era um estreante, Diogo de Mendonça, um fraco, e Pedro da Motta, um velho gasto, sahiria o inicio de uma nova epoca de administração economica e politica.

Os acontecimentos favoreceram a rapida manifestação das faculdades governativas de Sebastião de Carvalho, especialmente da energia e firmeza do seu caracter.

Por occasião do incendio no Hospital de Todos os Santos, occorrido poucos dias depois da entrada de Sebastião de Carvalho nos conselhos da corôa, mostrou elle que se não deixava assoberbar por circumstancias imprevistas.

Era o dedo a denunciar o gigante.

Vieram logo depois as medidas tendentes a evitar a exportação do ouro para restabelecer a balança de commercio e, perante as reclamações da Inglaterra, Sebastião de Carvalho mostrou-se destemido e altivo, comquanto depois tivesse de modificar, pela lição da experiencia, esta sua theoria economica.

Vieram tambem a reducção dos direitos sobre o tabaco, a emancipação dos indios do Brazil, a formação das grandes companhias de navegação e commercio e, sobretudo, vieram os actos de força, as providencias rapidas e decisivas com que Sebastião de Carvalho acudiu á população da capital por occasião do terremoto de 1755 e com que tratou de fazer reconstruir a cidade, que tinha ficado reduzida a um montão de ruinas.

O rei e o paiz começaram a comprehender que havia n'aquelle homem o vulto de um reformador audaz.

Ao rei, inspirava confiança; ao paiz, receio; especialmente á nobreza, que estava costumada a dominar na côrte.

Em 1756, fallecia Pedro da Motta e o conde de Oeiras fôra transferido para a secretaria do reino, onde mais directamente ainda, como primeiro ministro, podia subjugar todos os elementos da vida interna do paiz.

No anno seguinte, os tumultos do Porto contra a formação da Companhia do Alto Douro foram punidos com draconiana severidade, não pelo que em si mesmos valiam, porque não tinham passado de uma arruaça, mas para aproveitar a occasião de impôr respeito e de crear temeroso prestigio.

N'esse mesmo anno foram expulsos do Paço os jesuitas e, a breve trecho, prohibidos do exercicio da confissão e da prédica no patriarchado

Então a nobreza, vendo accentuar-se de dia para dia o plano de absorpção politica traçado por Sebastião de Carvalho, conheceu que a hora do ostracismo da sua classe não tardaria muito, e procurava fortalecer-se pela união e pela solidariedade na lucta de poderio travada contra o primeiro ministro.

E a nobreza não se enganava, porque não tardariam a levantar-se os patibulos de Belem.

Antonio Lobo, depois que o Chantre da Real Collegiada o foi encontrar na Palmeira, receiou a desforra da academia vimaranense, composta de fidalgos e ecclesiasticos, agora mais que nunca unidos pelas circumstancias politicas da epoca.

Julgava-se elle pequeno de mais para que o conde de Oeiras se occupasse em defendel-o, ainda quando lhe reclamasse justiça contra uma villa inteira, que certamente tomava o partido da academia.

De mais a mais a consciencia accusava-o de ter sido arruaceiro e brigão, tanto em Guimarães como em Villa Real, e Sebastião de Carvalho já havia dado sufficientes provas, em Lisboa, de querer oppôr a repressão policial á liberdade de costumes tolerada pela tradição.

Por todos estes motivos, e por saber quanto o odio na provincia é minaz e persistente, Antonio Lobo ficou receioso depois da visita do Chantre á Palmeira.

Comtudo decorreu o mez de setembro, que é o mais alegre no campo, sem que a academia vimaranense désse signal de si.

Chegaram as vindimas, e Therezinha demorava-se agora mais na Palmeira por esse motivo.

A vindima é uma festa agricola, que póde durar alguns dias, e quasi sempre dura, nas propriedades importantes.

No Minho, as vinhas d'enforcado contribuem para dar um aspecto mais pittoresco á apanha das uvas.

Rapazes e raparigas trepam por altas escadas de mão, arrimadas contra as arvores onde a vinha se enlaça, e, assim empoleirados, colhem cachos que vão atirando para dentro dos cestos pendentes das escadas.

Cabeças humanas, resguardadas do sol por toscos som-

breiros de palha, surgem d'entre os ramos das arvores, o tronco do corpo collado ao tronco da arvore, de modo a parecer que estão espreitando do alto rostos de esquivas dryades e de silvanos medrosos.

As raparigas comprimem as saias apertando os joelhos, pelo que não teem a receiar os olhares indiscretos dos seus companheiros de trabalho.

E todos, firmando-se nas escadas, desaninham as aves, substituindo-as no canto, emboscados na copa das arvores, que enchem de musica e alegria.

São, póde dizer-se assim, as canções das uvas.

E' uma festa que primeiro se passa no ar para depois continuar na terra, porque á noite é servida a ceia aos vindimadores e o bailarico põe um remate brilhante a cada dia de trabalho.

Parentes, amigos, visinhos e até jornaleiros de profissão acodem, quando é preciso, a auxiliar a faina das vindimas, que é ao mesmo passo um motivo para folguedos.

Therezinha não faltava na Palmeira ás arrincadas do linho, ás esfolhadas do milho, e ás vindimas.

Os cruzios tratavam generosamente os seus trabalhadores, de modo que os attrahiam sempre em grande numero, e os serões da Palmeira tinham fama de ser os melhores da comarca.

Therezinha era o «enfant-gaté» d'aquella casa e, portanto, a rainha de cada festa agricola que se ali désse.

N'essas occasiões demorava-se na Palmeira de dia e noite. O pae transportava-a na barca e ia depois acompanhal-a a casa. Mas agora, na vindima de 1758, póde bem imaginar-se o praser com que ella quereria alongar as horas que fugiam velozes.

Dantes prendiam-n'a ali a alagria do trabalho em commum, o canto, a dança, o serão, a folga campestre.

Agora... era o amor, doce grilhão, leve como um fio de retroz, que prende as almas ás almas, solidamente.

A vindima corrêra mais animada do que nunca, porque a Therezinha de Villalva, sem quebra da sua discreta gracilidade, não se mostrára jámais tão contente e expansiva.

Os padres cruzios riam de vêr Antonio Lobo empoleirado n'uma arvore a vindimar.

— E' um rapaz para tudo! diziam elles gabando-o.

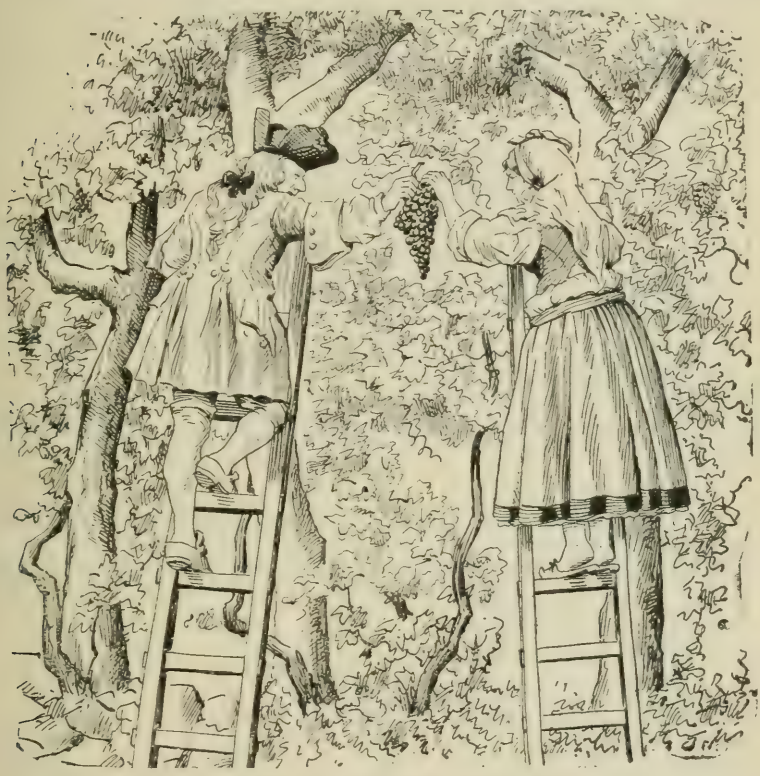
Não teria que procurar muito quem quizesse encontrar a Therezinha no rancho dos vindimadores.

Bastaria achar Antonio Lobo; ella havia de estar perto.

Havia momentos em que ambos podiam conversar de arvore para arvore, como os passaros se namoram cantando.

As uvas, atiradas d'alto, chofravam no fundo dos cêstos; era o azal, o bogalhal, o espadeiro, o vinhão, as castas minhôtas de Santo Thyrso, que dão vinho verde.

Não são tão doces estas castas como por exemplo o mos-



Antonio Lobo e Therezinha vindimando

catel, que parece ter melaço dentro de cada bago, e que se encontra em regiões mais quentes, no Alto Douro, e no sul, a partir de Setubal.

A uva do Minho é um pouco amarga, por isso produz o «verdasco», aspero no sabor e na palavra.

Mas as horas da vindima são ali mais doces do que as uvas; e eram-n'o principalmente para Antonio Lobo e Therezinha.

Dizia-lhe elle mettendo a cabeça por entre os ramos de uma arvore á procura de cachos:

— Se eu aqui já não estiver para o anno, a Therezinha estará tão contente como agora?

— E por que não ha de estar aqui?!

— Sei lá! Sou errante como a andorinha. Não se lembra que já lh'o disse?

— Mas a andorinha faz ninho, e demora-se.

— Para emigrar quando chegar o outono.

Therezinha respondia cantando:

O' meu amor, se te fores,
Leva-me na tua alminha.
Eu sou como a borboleta:
Onde quer vai mettidinha.

E, para affastar um pensamento triste ou para desorientar a curiosidade dos vindimadores, dizia depois:

— Olhai que lindo cacho este!

Um velho commentava olhando:

— E' vinhão, e vonda!

Antonio Lobo reatava o dialogo, baixando a voz:

— Na minha alma, Therezinha, ha de ir sempre para onde eu fôr.

— Mas que teima!

— E como quer que eu fique na Palmeira? Só se eu me fizer padre cruzio...

— Do mal o menos. Assim poderia eu vêl-o todos os dias, como vejo meu padrinho.

— E quando casasse?

— Eu não caso nunca.

— Tem muito quem a queira.

— Mas eu não quero ninguem.

— Ninguem?

— Só quero quem me não quer; e quem me quer não quero eu.

O Miguel, desesperado por não ouvir o que Antonio Lobo e Therezinha estavam dizendo, cantava de cima de uma arvore:

Hei deitar os meus olhos
A'quelle poço sem fundo;
Olhos que não têm ventura
De que me servem no mundo?

— Ouve, Therezinha? Já vê que tem muito quem a queira.

— O Miguel? Pobre rapaz!

Uma rapariga subindo rapidamente os degraus da sua escada:

— O' Miguel! não deites os olhos ao poço, que te fariam muita falta para enxergar os cachos.

Elle, apanhando a deixa... no ar:

— Com os olhos fechados ou abertos até vejo de mais... o que não queria vêr!

Therezinha fallando muito alto:

— O' sr. Lobo! Faça favor de trazer a sua escada, que está aqui um lindo cacho a que não posso chegar.

— Lá vou, lá vou.

Miguel continuando a cantar:

Se o passarinho vendesse
As pennas que Deus lhe deu,
Tambem eu vendia as minhas,
Ninguem n'as tem mais que eu.

Antonio Lobo encostou a escada á mesma arvore em que estava Therezinha.

Subiu ligeiramente e encontrou-se, entre os ramos, frente a frente d'ella. Nunca lhe parecêra mais bonita do que n'essa occasião.

— E' ali! dizia Therezinha indicando o supposto logar de um cacho.

— Ainda não vejo!

E ella, baixinho, como ajudando-o a procurar:

— O Miguel está muito arrenegado, que eu bem lh'o conheci na voz. O sr. Lobo acautele-se sempre.

— Pobre rapaz!

— E' bom, é. Mas tem genio, e deu-lhe para gostar de mim.

Therezinha tinha razão.

N'esse dia o ciume atormentava o Miguel barqueiro, que foi cantando sempre, durante a vindima, as suas penas de amor.

No bailarico não quiz dançar, e á ceia tinha bebido mais do que a sua conta.

Quando o serão acabou, e o rancho dos vindimadores partiu vozeando alegremente, Antonio Lobo ficou por algum tempo sentado ao luar.

Parecia-lhe vêr ainda Therezinha, empoleirada na arvore, deante d'elle, n'esse idylio aereo, que fazia lembrar o amor das aves.

Quando accordou do seu extasi, levantou-se para reentrar em casa.

Poucos passos andados, surgiu-lhe de frente o Miguel, de caçadeira ao hombro.

— Sr. Lobo! disse elle com voz alterada.

— E's tu, Miguel! E de espingarda! Que é lá isso?

— Ando rondando, que não vá ter ficado alguem escondido no couto.

— Mas que queres tu de mim?

— Quero dizer-lhe uma cousa muito séria.

— Pois aqui estou para te ouvir, respondeu serenamente Antonio Lobo.

— O senhor, ainda que o negue, gosta da Therezinha...

— Não o nego. Gosto. E creio que não tenho que te dar explicações por isso.

— Mas é para casar que gosta d'ella?

— Para casar... não sei. Sou solteiro, posso casar; mas não vejo como.

— Então é para a perder! exclamou Miguel muito exaltado. Pois se fôr, mato-o.

Antonio Lobo fitou-o reflexivamente e, após um momento de silencio, respondeu:

— Miguel, eu bem sei que tu gostas da Therezinha, e não te quero mal por isso. Não tenho medo das tuas ameaças; nem receio homem nenhum. Mas digo-te uma cousa francamente: se eu tentasse perder Therezinha tinhas razão para matar-me.

— O senhor não diz a verdade!

— Digo, e juro. Eu gosto d'ella tão honestamente como tu. Façamos, porém, um contrato. No dia em que a julgares perdida por mim, a minha vida pertence-te. Dá-me um tiro onde quer que me encontres. Estamos tratados.

— Veja lá o que diz!

— Digo, e repito.

— Bem. O senhor é um hemem morto no dia em que a Therezinha apparecer desgraçada.

— Dou-te esse direito. E, agora, adeus.

— Boa noute, respondeu Miguel.

Antonio Lobo seguiu seu caminho vagarosamente, sem olhar para traz.

E, muito tranquillo, ia dizendo comsigo mesmo:

— Este rapaz tinha razão, se eu a perdesse.

Nos primeiros dias de outubro chegou a Landim uma carta do secretario de sua reverendissima o Geral da ordem e congregação de Santo Agostinho, Prior do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

O assumpto d'essa carta era Antonio Lobo.

Dizia o padre secretario que o prelado da ordem canonica agostiniana tivera conhecimento, por informações fidedignas, de que na quinta da Palmeira de Riba d'Ave se acoitava como hospede um mancebo de ruins costumes e destragada vida. Sua

reverendissima o Padre Prior Geral estranhava este facto, que podia ser damnoso á disciplina conventual, e ordenava que fosse despedido o hospede, cuja visinhança inquietava, além de tudo, pessoas de qualidade que d'elle conservavam justo resentimento. A carta concluia recommendando ao prior de Landim que de futuro declarasse ao prelado quaes os hospedes acolhidos no seu mosteiro ou na brévia da Palmeira.

Este fecho continha, manifestamente, uma comminação severa, especie de censura imposta aos cruzios de Landim por haverem recebido, na Palmeira, Antonio Lobo.

Mandava quem podia.

Os priores de Santa Cruz de Coimbra eram prelados geraes e reformadores de todos os mosteiros de conegos regrantes de Santo Agostinho no reino de Portugal, por breve apostolico de Paulo IV dado em Roma no anno de 1556.

A principio, a congregação não abrangia mais de quatro ou cinco communidades, mas no decorrer do tempo foi crescendo e prosperando a ponto que, no seculo XVIII, o Prior Geral, honrado com o titulo de cancellario da Universidade de Coimbra desde D. João III, era o chefe de vinte ou mais conventos onde exercia jurisdicção autónoma, isto é, isenta da auctoridade dos prelados diocesanos.

Quando, pois, o Prior Geral enviava uma ordem aos seus subditos, era como se um monarcha expedisse um decreto reál.

Em Landim todos os conegos regrantes ficaram maguados com a inesperada carta do padre secretario, não só porque incluia uma censura e estabelecia uma comminação, mas tambem porque os constrangia a despedir um rapaz de quem apenas tinham motivo de agrado e sympathia.

Aquelles dos cruzios que o não conheciam pessoalmente, sabiam a respeito d'elle as melhores referencias trazidas pelos seus confrades que mais frequentavam a Palmeira.

Não ignoravam que Antonio Lobo tivera já verduras e desmandos da mocidade, mais ou menos ruidosos, mas desde que estava na Palmeira quasi chegava a ser um moço exemplar, honesto, jovial, affectuoso, muito grato e affeiçoado aos seus hospedeiros.

O padre Dom Joaquim Mariz, ao conhecer a ordem do Geral, não teve mão em si que não censurasse a irreflexão com que subscrevendo a pedidos insensatos se atirava um mancebo para o trilho de seus erros passados, desviando-o do caminho da rehabilitação em que mostrava querer proseguir.

— Tão certo é, dizia o padre Mariz, que o homem, como as plantas, é susceptivel de peior ou melhor cultura segundo o

terreno em que vegeta. Aqui, o supposto «Mafarrico» humanisou-se, amansou, fez-se sociavel e querido. Amanhã não sei o que será d'elle, de novo entregue a si proprio e ás suas paixões.

Foi este mesmo conego que se encarregou, bem a pesar seu, de transmittir a Antonio Lobo a ordem do Prior Geral.

Serviu-se de suaves circumloquios para attenuar a asperesa da communicação; por vezes se embaraçava na escolha dos termos, que procurava adoçar.

Antonio Lobo, quando percebeu o que o padre Mariz já dissera e o que não tinha dito ainda, exclamou raivoso:

— Eu já o esperava desde que em Guimarães havia de constar que eu estava aqui!

— Filho! tornou o padre Mariz. Tende a coragem propria do vosso animo esforçado, e não penseis em represalias, que são como os élos de uma cadeia: travam-se umas nas outras. Estaes ainda muito novo, nem vos faltam talentos e energias para abrir caminho na sociedade. Mas se quereis vida mais repousada, vinde para nós, ordenai-vos clerigo, tomareis a nossa murça, Landim vos receberá de braços abertos, e eu mais que ninguem.

— Ah! sr. Dom Joaquim! Vossa Reverendissima não me conhece ainda. Eu sou como a ventoinha, que vae para onde o vento a leva, mas que nunca pode estar quieta. Uma benigna aragem trouxe-me para aqui, onde realmente cheguei a ser feliz; um impetuoso vendaval empurra-me agora para longe, e com elle tornarei a ser infeliz em qualquer parte. E' a minha sina, e ninguem foge ao seu destino. De mais a mais quem sabe se aqui mesmo eu não teria que obedecer amanhã a desencontrados ventos, que me levassem do bom caminho para algum inferno de paixões miseraveis!...

Dom Joaquim Mariz não comprehendeu o sentido d'estas ultimas palavras, que Antonio Lobo pronunciou mysteriosamente vendo perpassar no espirito a encantadora imagem de Therezinha.

Todos os cruzios da Palmeira e alguns de Landim encheram Antonio Lobo de valiosas dadivas, incluindo dinheiro, com que elle á farta se preparou para a jornada.

Não quiz dizer para onde ia, o que os padres cruzios tomaram como precaução de segurança contra novas represalias de Guimarães.

Mas o motivo era outro: desejar que Therezinha o ignorasse.

Os cruzios, para não vexar o hospede, nem a si proprios, fizeram segredo da ordem do Prior Geral, de modo que che-

gou a vespera da partida de Antonio Lobo sem que ninguem o soubesse fóra do convento.

Combinou-se que Jorge Mariz, já completamente restabelecido, deixasse a Palmeira depois de Antonio Lobo, porque o tio quiz que elle fosse continuar os estudos em Villa Real; e poderia causar estranhesa aos visinhos que Jorge partisse desacompanhado do amigo com quem viera.

Teve Antonio Lobo a serenidade precisa para não trair, na presença de Therezinha, um segredo que tanto o contrariava.

Ainda no proprio dia da partida, quando ella pela manhã veio á Palmeira, elle parecia um homem absolutamente tranquillo e feliz.

Encontrou a junto ás estufas, cujas altas vidraças, ainda embaciadas de vapor d'agua, eram como que um anteparo á espionagem de Miguel.

Nas palavras de Antonio Lobo havia um doce toque de intima, se bem que placida saudade, que Therezinha não adivinhou, desprevenida como estava.

Foi elle que n'esse dia encurtou propositadamente a entrevista, com receio de fraquejar e denunciar-se.

Ao proferir as ultimas phrases teve as hesitações proprias de quem está sendo combatido por um secreto pensamento, que as suas palavras desejam occultar

De repente, tendo relanceado um ligeiro olhar pelo recinto da estufa, pousou na face de Therezinha um beijo timido.

Ella córou, estremecendo n'uma intensa vibração nervosa, e dominou-se para dizer:

— Ah! sr. Lobo! que me arrenégo! Não torne...

E já não teve teve tempo de concluir a phrase, porque Antonio Lobo desappareceu precipitadamente.

Foi como se um passarinho abrazado nas calmas do estio, pousando medroso á beira de um rio caudal, colhesse no bico uma gotta d'agua e fugisse voando.

XI

Um atoleiro e uma pomba

Antonio Lobo foi da Palmeira para o Porto.

Convinha-lhe procurar uma cidade populosa, onde menos facilmente o pudessem ir incommodar outra vez.

De mais a mais já conhecia a terra, desde que estivera ali com a chineza.

Fizera logo tenção de tirar o maior partido possivel de quantas distracções o Porto lhe proporcionasse, e não seriam muitas, nem bastantes para cicatrisar rapidamente a lembrança saudosa da Therezinha de Villalva.

Era uma ferida que o pungia ainda, sangrando a intervallos, e avivando-se, a ponto d'elle confessar a si mesmo, enternecido:

— Amei sinceramente aquella mulher: uma camponeza que eu não trocaria por uma rainha.

Não foi difficil a Antonio Lobo procurar no Porto convivencia que o distraisse.

— Para conhecer gente, não ha como frequentar uma botica, pensou elle, querendo abrir caminho e entabolar relações.

Effectivamente, n'aquella epoca, as boticas e as lojas de confeiteiro eram logares frequentados pelos mundanos que pretendiam matar o tempo; além das grades dos conventos, que foram sempre, durante o seculo XVIII, os locutorios mais procurados e concorridos.

Mas, dizia Antonio Lobo com os seus botões, não lhe con-

vinha uma botica onde apenas se reunissem velhos caturras, que só fallassem do passado e jogassem o gamão ou as damas.

As boticas attrahiam clientellas especiaes, segundo a idade e o genio do boticario

Importava pois ter mais em vista o boticario que a botica.

De informação em informação, e com o auxilio da sua observação perspicaz, Antonio Lobo descobriu o pharmacopola que lhe convinha para o effeito de «lançar-se» na vida portuense, segundo a expressão que hoje usamos.

Era o Mêna, estabelecido na rua do Moinho de Vento, um magrizella que perdera todo o seu ar de beirão para se encadernar no aspecto de peralvilho presumpçoso, que habitualmente punha capa e volta.

Nem escolhido a dedo o podia Antonio Lobo achar melhor.

Sendo a francezia o fraco do boticario, calculou o nosso «Mafarrico», e muito bem, que facilmente conseguiria insinuar-se-lhe no animo, logo que se mostrasse sabedor da lingua franceza.

Entrou certo dia na botica, quando casualmente o proprio Mêna estava manipulando umas pillulas de cynaglossa.

Ao rumor dos passos, o boticario olhou, e Antonio Lobo, inclinando a cabeça, saudou-o em francez:

O boticario Mêna

—«Serviteur...»

Mêna fixou com attenção o desconhecido, que trajava modestamente, véstia e calções de briche nacional, comquanto trouxesse a algibeira ainda quente da generosa pecunia dos cruzios.

—O que pretende «monsieur?»

Antonio Lobo, dominando-se, procurou uma idéa, uma palavra que o salvasse.

E, encontrando o desejado pretexto, respondeu fingindo certo acanhamento:

—«Pardon!» Eu sou um provinciano do Alto Minho, que não tenho familia, nem bens proprios. Professo a lingua franceza, e disseram-me que vossa senhoria...

O boticario Mêna arregalou os olhos e pousou a espátula, encantado com a presença d'aquelle adventicio que sabia a lingua franceza e o tratava por senhoria.

Mas, colhendo as vélas ao enthusiasmo para retomar o seu ar pedante de patarata afrancezado,

Em ar de grande, tysico o semblante,

como Lobo escreveu mais tarde n'um soneto, o pharmaceutico exclamou com maneirosa inflexão:

— Bemvindo seja a esta casa tão estimavel garção! Não lhe faltarão por certo discipulos e discipulas que aproveitem as suas lições e saber. A lingua franceza é hoje a predilecta de todas as pessoas instruidas, «la langue des gents du monde.» Se disseram a «monsieur» que eu me preso muito de cultival-a, fallaram verdade.

— Isso realmente me disseram a respeito de vossa senhoria, e por essa feliz indicação me aventurei a prescindir de intermediarios.

— O talento, «cher monsieur», não precisa de padrinhos nem abonadores. E' recommendação bastante, e bom passaporte. Pois não podia ser melhor a occasião, «la bonne chance», porque a regente do Recolhimento do Anjo e uma freira de Santa Clara me encommendaram que lhes indicasse professor idoneo.

— Então a lingua franceza já entrou nos conventos do Porto?

— E' a moda corrente, e ninguem a dispensa. Os conventos são jocundos «rendez-vous» de galanteria e conversação, onde se exercita deleitosamente o espirito. Temos na cidade freiras muito lettradas e caroaveis, que sabem fazer-se admirar tanto por sua gentileza como illustração.

Não era preciso mais, nem tanto, para Antonio Lobo reconhecer que estava na presença de um «França» freiratico, e comquanto detestasse o genero, como tinha demonstrado em Villa Real, julgou dever tirar todo o partido possivel de uma situação, que lhe trazia vantagens de momento.

O boticario quiz ser tão amavel e prestadio que logo poz o chapeu e acompanhou Antonio Lobo ao Recolhimento do Anjo, ali perto.

Este Recolhimento (situado no local onde hoje está o mercado do mesmo nome) gosava privilegios de casa religiosa, admittia exercicios monasticos, mas excluia os votos.

Fôra fundado no seculo XVII, fóra das portas do Olival, por uma D. Helena Pereira da Maia, que o destinou a ser guarida e amparo de dez meninas orphãs procedentes de familias nobres.

Dentro de um seculo, a idéa da fundadora desvirtuou-se a ponto do Recolhimento do Anjo se ter convertido n'uma numerosa colmeia em que enxameavam mulheres de varias procedencia e idades.

Quando Antonio Lobo ali entrou acompanhado pelo boticario Mêna, não eram menos de sessenta as recolhidas, incluindo as serventes.

Havia até senhoras casadas, que iam hospedar-se no Anjo emquanto os maridos andavam ausentes, e que se elles não voltavam (tal seria o motivo da ausencia dos pobres maridos) facilmente alliviavam suas maguas em alegre convivencia, galanteando na grade e rezando no côro.

A boa fama do primitivo Recolhimento perdera-se, não só por haver ainda maior liberdade que nos conventos, mas tambem porque as «abelhas mestras» pervertiam com o mau exemplo a ingenuidade das donzellas incautas.

A regente, tirada d'entre as «abelhas mestras», era, n'aquelle tempo, pessoa cujos instinctos libertinos Antonio Lobo logo surprehendeu na primeira entrevista, a que o boticario o acompanhou.

Passava dos quarenta annos. Tinha umas feições angulosas, e um buço espesso, que lhe davam o aspecto de um homem feio e moreno, enroupado n'um habito pardo com touca branca — o habito da casa.

— Esta mulher, pensava Antonio Lobo ao observal-a, deve ser commum aos dois sexos.

E reparou que ao mesmo tempo que ella, dirigindo-lhe a palavra, torcia em sorrisos dengosos a bocca avariada, fallava ás recolhidas, que foram chamadas á grade, com certa intimativa mascula.

Appareceram quatro recolhidas; as pretensas alumnas de lingua franceza.

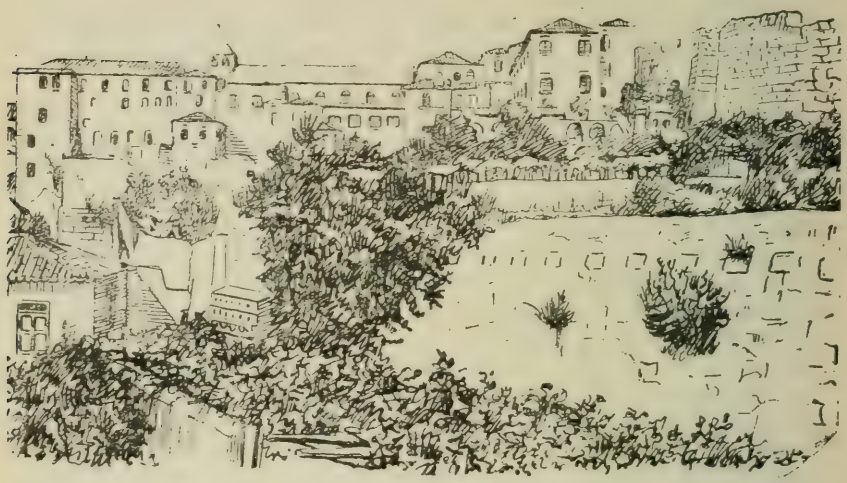
Neuhuma d'ellas tinha aquella honesta gracilidade, aquella singeleza de virtude que na Therezinha de Villalva tanto encantára Antonio Lobo.

Duas, principalmente, eram interessantes raparigas, de semblante expressivo e agraciado, mas na physionomia de todas havia já o que quer que fosse da complicada existencia con-

ventual, do viver do locutorio e da cella, com segredos inconfessaveis, mexericos e intrigas, rivalidades e preciosismos, conhecimento do mau e desejo de conhecer o peior.

Tratavam-se mimosamente umas ás outras pelos diminutivos dos seus appellidos.

Tinha-as já crestado na face e na alma esse terrivel hálito



O convento de Santa Clara no Porto

que, na vida em commum, parece sahir de muitas boccas, turbilhonante de microbios, empéstando o ar.

Em nenhuma se adivinhava a poesia do mysticismo, o extasi da devoção, a vocação para a contemplativa pureza do claustro.

Eram mulheres frivolas, presumidas, que disputavam freiraticos e que, para os conquistar, lançavam a rêde todas quatro ao mesmo tempo, fallando sempre, cortando as phrases umas das outras, crusando olhares astutos e disparando settas cupidineas.

— Como foi que eu, pensava Antonio Lobo, que não gosto de frades e de freiras, menos ainda de freiraticos, pude vir cahir n'esta academia de amores ovidianos, peior ainda que a dos sabios de Guimarães?! Eu, o chefe do club philosophico de Villa Real! A vida é um xadrez de contradicções e paradoxos; a minha vida principalmente! Mas Deus escreve direito por linhas tortas: é com esta tizana violenta que hei de curar

a saudade de Therezinha. O veneno tambem cura; a questão é saber regular-lhe as dóses.

Antonio Lobo não sahiu do Recolhimento do Anjo sem que as suas futuras alumnas o houvessem disputado n'um ardente concurso de requebrados galanteios.

As duas, de que fizemos particular menção, pareceram desde logo travar duello renhido, questionando a posse d'aquelle sympathico novato que o boticario Mêna lhes levara pela porta dentro aos empurrões.

Na frequencia dos conventos, os caloiros eram sempre muito apreciados, e Antonio Lobo não tinha pratica da vida das grades, mundo especial com que nunca havia querido familiarisar-se, porque lhe repugnava.

O que é certo é que elle sahiu dizendo perspicazmente a si mesmo:

— Bem! tenho que namorar as duas, o que é excellente garantia de que me não apaixonarei por nenhuma. Duas garrafadas de tizana devem curar mais depressa que uma só.

O boticario Mêna não prescindiu de o levar tambem ao convento de Santa Clara, contente de fazer serviços ás freiras e de lhes poder dizer que só elle seria capaz de ter encontrado um professor tão agradavel, em vez de algum jarreta de oculos verdes, tresandando á simonte.

Ahi vieram á grade quantas freiras puderam ter logo noticia do feliz achado do Mêna e, coisa vulgar nas casas religiosas, tambem duas, principalmente, se avantajaram no «steeple-chase» do galanteio.

Nenhuma d'ellas teria muito mais de trinta annos, e ambas possuiam o curso completo da vida mundanal dos conventos.

Eram rivaes por systema, pois que presumiam ser as primeiras esgrimistas na tactica do amor e da galanteria.

Uma chamava-se Clara Ribeiro, ou Ribeira, como diziam lá dentro. Era uma tremelga de voluptuosidade. Hoje dir-se-ia uma hysterica. A outra, apparentemente menos impulsiva, chamava-se Terencia, e, coincidencia digna de nota, tinha, além do nome, mais alguma coisa de romana: o vulto magestoso e uma expressão altiva no olhar como deviam ter em Roma as imperatrizes devassas.

— Bem! disse comsigo Antonio Lobo. Duas vezes duas, são quatro. Isto deve divertir muito a vida de um homem, que precisa estontear-se.

Ao cabo de um mez Antonio Lobo estava iniciado na arte de fazer jogos malabares com o amor conventual: realizava alguns prodigios de equilibrio entre as suas quatro apaixona-

das, as do Anjo e as de Santa Clara, que se agatanhavam nos corredores e nas cellas á conta dos verbos francezes e da conjugação com o respectivo professor,

Nenhuma das quatro cedia terreno, e Antonio Lobo aparava os golpes destramente, ripostando a ponto.

Recebia presentes de lindas meias de seda e camisas de bretanha, com punhos e bofes encanudados; além de bôlos, rebuçados de limão ou rosa, e licôres fabricados pela propria mão, diziam ellas, das suas quatro nymphas amanteticas.

A mão sempre teve altas missões de prestigio e predominio a desempenhar na vida dos conventos.

Disse um poeta grego que o pé da mulher era divino. Pois a mão da freira valia sempre mais do que o pé.

Lançado no turbilhão das grades, e manobrado pela força motriz de quatro freiras e oito mãos, Antonio Lobo cahiu em cheio no fundo de todos os enredos, bisbilhotices, e complicações conventuaes.

Os freiraticos do Porto tinham-lhe inveja, mas disfarçavam sua emulação tratando-o como o primeiro entre elles, porque o temiam.

E' que Antonio Lobo despendurou da panoplia a tremenda cimitarra das suas coleras poeticas.

E vibrava-a com o arreganho que já nós lhe conhecemos.

A sua primeira victima foi um Tenorio tripeiro, que a madre Ribeira de Santa Clara odiava, porque tinha sido seu assistente na grade durante um trimestre e depois lhe passou o pé para ir namorar uma tricana manêta, a quem a natureza compensara dando mais belleza que dedos.

Clara Ribeiro, muito despeitada, dizia que nunca vira tamanho tolo com menos mãos, porque, ainda que viesse a desposar a tricana, não teria em casa mais de trez, quando deveria ter quatro.

E vae o sujeito, sabendo isto, espalhou um dito de espirito pela cidade:

— Que as mãos eram menos precisas ás outras mulheres do que ás freiras. Fóra dos conventos bastaria uma, e dentro das grades não chegavam quatro.

Antonio Lobo, para desaggravar a freira, açacalou este soneto contra o voluvel peralta e a linda manetinha, que lhe ia sugando dispendiosas tufalarias:

As antigas historias turbulentas
Dizem, que vira o seculo dourado
Um homem de cem mãos agigantado,
Que n'ellas vinha a ter unhas quinhentas:

Ora um d'estes, se as garras avarentas
N'Azambuja affizesse a um bom cajado,
Que bolças não teria amarfanhado,
A quantos não quebrara ambas as ventes?

Assim, tripeiro, a manetinha bella
Com braço e meio, que no manto esconde,
Nú e crú te ha de pôr, que isso póde ella:

Não ouças, não, a voz que te responde,
Que se pobre te vir, de mando d'ella
Has de ir logo beber, bem sabes onde.

O homem não foi beber a parte nenhuma: mas tratou de alliciar despeitados contra Antonio Lobo, o que decerto lhe não custou muito trabalho, porque o invejavam os que não dispunham de tantos recursos intellectuaes e desembaraço physico.

Cahindo n'um meio corrupto, onde paixões mesquinhas e vicios torpes fermentavam, o genio violento e o caracter aggressivo de Lobo resurgiram, porque já lhe faltava a contel-os o amor placido e casto que a Therezinha de Villalva soubera inspirar-lhe.

Fazia lembrar realmente um lobo, que tivesse adormecido e despertasse açulado pela vozearia perseguidora dos pastores da serra.

O que elle queria era encontrar um pretexto para destampar satyras, vingando resentimentos proprios ou odios alheios.

Assim foi que a breve trecho, por instigação da regente do Anjo, que aliás não podia ver, compoz e divulgou sonetos contra um negociante portuense, secretario da Companhia dos Vinhos, recentemente demittido d'este cargo.

Que mal fizera a Antonio Lobo tal sujeito? Nenhum. Mas a regente tinha-o tido por collaborador em duetos de motête cantados na grade. Seja dito de passagem que no Recolhimento do Anjo, onde a padroeira era Santa Cecilia, a musica chegava a ser um vicio, entre os outros. E o melómano frascario, envergonhado pela falacia da sua demissão, abandonára a grade, a freira, a solfa, e o culto de Santa Cecilia.

Lobo, atiçado insistentemente pela regente, perseguiu-o com irritada persistencia, gritando-lhe sonetos aos ouvidos:

Ponham-lhe a borla, ajustem-lhe ó capello,
Mas enterrem-n'o logo, e é necessario,
Antes que entre a basofia a corrompêl-o.

Leve cada vendeiro um breviario
E vão todos rezar no Cabedêllo
Pela alma do seu grande Secretario.

E, alludindo sempre á demissão, que era a balda certa por onde o queria ferir, começava outro soneto dizendo:

Co'um penedo ao pescoço pendurado
Lá vai um dar co'os ossos na Ribeira,
Sem bastão, sem chapeu, sem cabelleira
A morrer pelos vinhos afogado.

A vingança pela inconstancia dos amantes era um causa permanente d'estes e quejandos conflictos nos conventos de freiras: ellas vingavam-se d'elles e elles vingavam-se d'ellas por igual systema, em prosa ou verso, contando miudezas vergonhosas e pormenores escandalosos.

Se na clientella do convento havia um poeta, era esse o porta-voz da vingança das freiras, até que outro poeta o viesse zurzir por sua vez, applicando a pena de Talião.

Ora a verdade manda dizer que no Porto havia algumas casas religiosas onde se praticava a virtude e mantinha uma austera disciplina. Eram poucas, e entre ellas devo citar uma, que ficava fronteira ao Recolhimento do Anjo. Refiro-me ao convento de «S. José» de Carmelitas descalças.

Ahi a clausura attingia rigores excessivos, porque as freiras não tinham communicação nenhuma com o mundo exterior, nem das suas proprias familias recebiam noticias.

O padre Agostinho Rebello dizia, annos depois, referindo-se a este convento: «N'elle floresce a mais regular observancia, e o exercicio de todas aquellas virtudes proprias do seu reformado instituto. A sua egreja é um devotissimo santuario: as festividades que n'ella se celebram, o aceio, a gravidade, o silencio e a modestia, tudo infunde um sagrado terror.»

Eu tenho ainda mais recente informação que a do padre Rebello. Ouvi muitas vezes uma senhora idosa dizer que o convento das carmelitas era uma sepultura impenetravel, onde santamente jaziam mulheres impeccaveis. Essa mesma senhora tinha acompanhado ali uma menina portuense, que ia vestida de branco, como para um noivado espiritual: a qual menina para sempre se despediu, á porta, dos paes e dos parentes. Elles, sem poder arrancar-se d'ali, chegaram a ouvir ranger a tesoura com que a todas as noviças eram cortadas as tranças do cabello. Depois, cerrada a clausura, a joven carmelita não tornou a saber mais nada do mundo.

Em seguida á morte de D. João V, o povo do Porto, para fazer justiça ás freiras virtuosas, chamava «odivellas» ás que o não eram.

As recolhidas do Anjo pertenciam ao rol das «odivellas». Na sua egreja, toda de pedra lavrada, o triduo da Senhora da

Apresentação e a festa de Santa Cecilia eram como ruidosos passatempos n'uma sala mundana, por opposição ás silenciosas e graves solemnidades que se celebravam no visinho templo das carmelitas descalças. E a vida normal parodiava as liberdades da madre Paula e outras madres reguengueiras no famoso serralho monastico de D. João V.

Um dia em que Antonio Lobo sahia do Recolhimento do Anjo, passou por elle uma camponeza, «lavradeira» como lá se diz, que parou a observal-o.

Elle nem fez reparo.

Era a recoveira de Santo Thyrso.

— Ou eu não estou boa do juizo, pensou ella, ou aquelle é o «Mafarrico de Guimarães» em carne e osso.

Iam passados quatro mezes depois que Antonio Lobo partiu da Palmeira, e Therezinha não tornára a saber d'elle, que lhe não sahira uma hora do pensamento.

A principio, a linda cachopa de Villalva resentiu-se do que se lhe affigurava uma traição: ter elle partido ás escondidas, guardando tanto segredo para ella como para as outras pessoas.

Depois comprehendeu que o beijo, primeiro e unico, que elle lhe roubára, valia tanto como a mais carinhosa despedida, o mais enternecido adeus.

E desde que tinha podido traduzir a expressão apaixonada e dolorosa d'esse beijo, o seu amor por Antonio Lobo tornou-se adoração, capaz de todos os sacrificios.

A recoveira foi dizer para Santo Thyrso que tinha visto o «Mafarrico» no Porto.

Esta noticia depressa chegou á Palmeira, onde Therezinha logo a soube.

O mesmo foi sabel-a e ir procurar a recoveira no empenho de colhêr pormenores.

— Diga-me uma cousa, ó «ti» Anna, então vocemecê, segundo por ahi sôa, viu o sr. Antonio Lobo no Porto?

— Vi mesmo, com estes que a terra ha de comer. Vi-o sahir a porta do Recolhimento do Anjo.

— Pareceu-lhe que terá saude?

— Se tem! Está tão féro como na Palmeira.

— Melhor é assim.

Houve uma pausa, o tempo preciso para a Therezinha se resolver a fallar claro.

— O' «ti»'Anna! Eu quero encommendar-lhe uma cousa.

— Pois diz lá, cachopa.

— Mas olhe que é um grande segredo.

E a recoveira, muito ladina:

— Quantos segredos eu não levo e trago do Porto! E' mais um. Hei de poder aguentar-lhe o peso.

— Se vossemecê seria capaz de saber onde mora no Porto o senhor Antonio Lobo.

— O' rapariga! Só se eu o tornar a vêr e lh'o perguntar.

— Isso não! que elle não lh'o dizia.

— Então não sei que te faça

— Olhe! vá vossemecê ao Recolhimento do Anjo, já que de lá o viu sahir, e pergunte se elle lá vae por uso e costume. Talvez por ahi se possa saber alguma cousa.

— Lembras bem! Para a outra vez já te eu trago a resposta. Mas, olha lá, ó cachopa, isso não será para teu mal?

— Não, «ti»'Anna. Não suspeite maldade nenhuma.

— Pois vê lá, que eu não quero andar mettida em enredos, nem ter carrêgos na consciencia.

— Tire d'ahi a idéa, e pegue lá esta lembrança.

Era dinheiro.

Na semana seguinte, a recoveira de Santo Thyrso andou pelos arredores do Recolhimento do Anjo a vêr se encontrava Antonio Lobo.

Não o viu.

Resolveu-se a entrar na portaria e perguntar se ali costumava ir um individuo d'aquelle nome.

— Antonio Lobo! repetiu a porteira. Não. Aqui vem á grade alguns Antonios, que visitam as senhoras, mas nenhum é Lobo.

— Este deve estar no Porto ainda ha pouco tempo.

— Ha pouco tempo? Vem cá um Antonio Claudino, que é do Alto Minho; mas não se chama Lobo.

— O que eu digo é de Guimarães.

— Então é outro com certeza.

Levou a recoveira esta desconsoladora resposta que amargurou o coração de Therezinha.

— «Ti» Anna! se vossemecê descobrir no Porto o sr. Antonio Lobo, pode contar com uma boa molhadura.

— Pobresinha sou eu, e preciso muito de ganhar a vida. Mas isso é o mesmo que procurar agulha em palheiro.

— Com a ajuda de Deus talvez consiga.

Passaram mais de seis mezes, e um dia a recoveira foi a Villalva dizer, muito contente, a Therezinha:

— Rapariga! tornei a vêr o sr. Antonio Lobo!

— Aonde?!

— N'uma botica da rua do Moinho de Vento. Puz-me á coca até que elle sahiu. Fui atraz d'elle seguindo-o de longe, e vi-o entrar para o Recolhimento do Anjo.

— Outra vez para o mesmo sitio! exclamou Therezinha com atormentado semblante. E depois?

— Deixei-o entrar no Recolhimento e, passado algum tempo, fui perguntar á porteira: faz favor de me dizer como se chama aquelle senhor que para aqui entrou ainda agora?

— E ella o que disse?

— Que se chamava Antonio Claudino.

— Mas é elle?

— E' elle, sem tirar nem pôr.

— E que sabe mais, «ti» Anna?

— Perguntei-lhe se sabia dizer onde elle morava. E vai ella respondeu: «Olhe, onde mora não sei ao certo; mas na botica do Mêna, ali no Moinho de Vento, lh'o poderão dizer.»

— E vossemecê foi á botica?

— Então não havéra de ir!

— Como foi que disse na botica?

— Perguntei se me podiam dizer onde morava um sujeito da minha terra...

— Bem! bem! Chamado como?

— Não que eu percebo-te, cachopa. Chamado Antonio Claudino, pois já se deixa vêr.

— Não fallou em Lobo?

— Pensas tu que eu nasci honte?! Logo futurei que elle teria mudado de nome por algum motivo; talvez por causa d'essas questões que dizem que teve com as gentes de Guimarães.

— Mas no fim de contas onde é que elle mora?

— Na rua do Pinheiro, numero 11.

— Ah! «ti» Anna! vossemecê andou com muita esperteza! Merece bem a molhadura. Amanhã lh'a darei, e não ha de tornar ao Porto sem m'o dizer.

— Conta comigo, cachopa, visto que não andas de mau sentido.

— Já lhe disse que não. Póde estar socegada.

Depois que a recoveira se despediu, Therezinha ficou a olhar, pensativa, para a escassa corrente do Sanguinhêdo, que derivava por entre pedras soltas, lentamente.

A linda cachopa de Villalva não podia dizer a si propria se devia estar alegre, se triste. Sabia onde Antonio Lobo morava no Porto, mas sabia tambem que elle ia repetidas vezes ao Recolhimento do Anjo.

— E' namoro que lá tem... pensava ella.

E ficava a scismar n'esta funesta apprehensão. Depois procurava reanimar-se dizendo — Mas, finalmente, tornei a saber d'elle! D'ahi a pouco voltava ao desalento que esta idéa amarga justificava: «D'elle que não quiz saber de mim!...»

Se soubesse escrever, teria dito tudo isto n'uma longa carta, muito longa, a Antonio Lobo.

Não sabia, nem queria confiar a ninguem todos estes intimos segredos, que eram ao mesmo tempo a felicidade e a tortura da sua vida.

O amor das mulheres honestas retrai-se n'um pudor inviolavel, que é como que a flôr da castidade occulta no mysterio do coração.

Therezinha demorou o olhar indeciso nas boninas que esmaltavam a verdura pelas encostas floridas do pequeno valle de Villalva.

— Bem! disse ella. Já sei quem ha de escrever por mim.

D'ahi a dois dias a recoveira voltava ao Porto.

Therezinha entregou-lhe um pacotinho, enleiado com uma fita verde.

— Veja lá, «ti» Anna, que se não estrague o papel pelo caminho. Vossemecê vai á rua do Pinheiro numero 11 e deixa ficar isto para ser entregue ao sr. Antonio Claudino. Não diz quem é que manda. Tome bem sentido.

— Fica certa, cachopa.

Dentro do pacotinho ia um ramo de «Não me esqueças,» atado com um fio de cabello.

XII

Nova separação

Antonio Lobo não podia aguentar-se por muito tempo n'uma sociedade de freiras e freiraticos, que detestava, e cujos ridiculos lhe estavam a cada momento estimulando a lyra.

Elle, que em Villa Real protestara contra as costumeiras amorosas de Portugal, contra o requebro derretido, contra o «gargarejo» nocturno e outras apaixonadas pieguices, não podia sujeitar-se, sem mais ou menos proxima revolta, ao namoro da grade, através de uma barreira de ferro, o galan aqui, a freira além, trocando-se olhares, phrases e gestos n'um duetto de comicos arroubos, que a decencia não auctorisava.

Póde bem imaginar-se a impressão que lhe causaria receber as flôres mandadas pela Therezinha de Villalva, cuja alma elle divinisava no confronto com o atoleiro em que chafurdavam as freiras e os freiraticos do Porto.

Foi o proprio Antonio Lobo quem d'essa vez fallou com a recoveira de Santo Thyrso.

Quando ella lhe entregou os myosótis, commoveu-se profundamente.

E abriu a sua alma n'uma torrente de perguntas cheias de affectuoso interesse:

— Então a Therezinha está linda, muito linda?

A recoveira respondia com todo o seu desembaraço minhôto:

— Benza-a Deus! Não ha nos nossos sitios cachopa mais perfeita.

— E a respeito de conversados?

— Nenhum.

— Nem o pobre Miguel?

— Credo! Elle anda sempre n'um derrêto, mas ella não lhe dá attenção.

— E a tia Rosa ainda vive?

— Sim, senhor. Sempre emprégadinha.

— E o Manuel barqueiro?

— São como um pêro.

Depois Antonio Lobo quiz saber como a recoveira tinha podido encontral-o no Porto, descobrir a rua onde elle morava.

Riu-se muito quando ella lhe contou que a atrapalhara o dizerem-lhe que elle se chamava Antonio Claudino.

Lobo interrompeu-a dizendo:

— Eu não fiz crime nenhum, «ti» Anna; quero apenas que os meus inimigos, que são gente poderosa, me deixem em paz.

A recoveira contou tudo, e descreveu, na sua linguagem rude mas pittoresca, o afan com que Therezinha a incitava a que lhe levasse noticias e com que costumava interrogal-a sempre que tornava do Porto.

Antonio Lobo deteve-se algum tempo em silencio, como quem está luctando comsigo mesmo na resolução de um lance embaraçoso.

De repente, sentou-se a uma banca e escreveu com extrema rapidez em meia folha de papel:

Se te esqueci? Esquecer-te! Jámais.
Amo-te e fujo; fujo e amo-te mais.

Foram estes dois versos os unicos de amoroso lyrismo que Antonio Lobo de Carvalho escreveu em toda a sua vida.

Quero dizer ao leitor o modo como Therezinha conseguiu lêr o papel que elle lhe mandara.

Fingiu que o tinha encontrado na rua de Santo Thyrso, e mostrou-o a um pequeno, que andava aprendendo latim no mosteiro benedictino.

— Achei ainda agora este papel. Vê lá o que elle diz.

O rapaz leu, e Therezinha sentiu fugir-lhe a vista, zumbirem-lhe os ouvidos, tamanho abalo lhe causou a audição d'aquellas doces palavras, que lhe pareceram musica tão linda como o canto do rouxinol.

Ella, procurando recobrar-se da primeira commoção:

— Torna a ler. Como é bonito isso! De quem será?

O rapazote, muito sentencioso:

— Isto quanto a mim devem ser versos traduzidos de Horacio ou de Ovidio.

— Não são pessoas de cá?

— São poetas de Roma.

— Torna a lêr, que é um gosto ouvir.

E, á segunda audição, Therezinha reteve de memoria os versos:

Se te esqueci? Esquecer-te! Jámais.
Amo-te e fujo; fujo e amo-te mais.

Durante mais de um anno não faltaram a Antonio Lobo as remessas de flôres campestres, especialmente myosótis, que a recoveira lhe levava todas as semanas.

Eram as cartas de Therezinha: boninas.

Antonio Lobo algumas vezes tentou escrever-lhe, mandar-lhe palavras de carinhosa correspondencia.

— Não posso! dizia elle largando a penna. Aquelles dois versos foram o unico poema casto da minha alma. Tão espontaneamente os compuz, que despedacei, no afôgo de compol-os, a lyra do amor.

Estranhou Antonio Lobo que depois de certo tempo a recoveira de Santo Thyrso não voltasse mais com as flôres de Therezinha.

Passaram-se quatro ou cinco mezes n'um silencio para elle inexplicavel.

Morreria? perguntava a si mesmo. Mas então por que não vem dizer-m'o a recoveira?

Um dia, ao entrar no Recolhimento do Anjo, a porteira disse-lhe que estava na grade uma senhora á espera d'elle.

— E não ha de ser só uma, respondeu Antonio Lobo maliciosamente.

— E' uma, que entrou hontem.

— Hontem?

Antonio Lobo correu á grade, onde Therezinha o estava esperando, já com o habito pardo e a touca branca, da casa.

— Therezinha! aqui? exclamou Antonio Lobo fulminado de dolorosa surpreza. Aqui! n'este Recolhimento, santo Deus!

Ella, n'uma grande vibração de sensibilidade delicada, explicou:

— Tinha morrido primeiro a tia Rosa, pouco tempo depois o Manuel barqueiro. Estava livre e só. Lembrara-se de procurar uma casa religiosa onde pudesse viver honestamente. E a terra que ella preferia... era o Porto. Mas não quizera mandar-lhe dizer nada, para lhe preparar uma surpreza. Prohibira até a recoveira de o procurar.

— E que passos deu para entrar aqui, Therezinha?

— Foi o meu padrinho que tratou dos papeis necessarios.

Segundo elle me disse, foi preciso mandar vir de Lisboa certo documento.

— Um aviso regio?

— Isso mesmo.

— Ah! Therezinha! se me tem dito o que tencionava fazer, eu oppor-me-ía a que entrasse n'este Recolhimento.

Therezinha, com a voz embargada de lagrimas, disse a custo:

— Fiz-lhe mal, sr. Lobo?

— Não, nunca. Mas fez mal a si propria, que é uma virtuosa rapariga, e que não deve estar aqui, onde a virtude se não dá bem com os habitos da casa.

Therezinha aventurou, com pudibunda timidez, uma phrase que aflorou aos labios emperlada de lagrimas:

— A recoveira disse-me que o sr. Lobo vinha aqui muitas vezes...

— Tenho vindo, sim, mas eu sou um homem que não tem que perder. As mulheres d'esta casa não são dignas de conviver com a Therezinha:

— Então não ha aqui pessoas virtuosas, como eu pensava?

— Ha mulheres que a Therezinha não deve conhecer e que eu... não posso amar.

Um clarão de alegria illuminou o rosto de Therezinha, que demorou em Antonio Lobo um olhar de espanto.

Elle comprehendeu-a e insistiu:

— Que eu não amo; que ninguem ama.

Houve um momento de silencio, após o qual Antonio Lobo, fitando-a com ternura, lhe disse:

— Avalio o sacrificio que fez em deixar Villalva!

Ella sorriu-se com mavioso acanhamento.

— Disse-me uma vez, tornou elle, que lhe custaria ser constrangida a deixar a sua terra, se fosse preciso.

— Pois lembra-se?! perguntou Therezinha com involuntaria precipitação.

— Lembro, sim. E eu não quero que faça esse sacrificio. A virtude da Therezinha não precisa defender-se n'um convento; a si mesma se defende em toda a parte. E o Recolhimento do Anjo não é baluarte de virtudes. Ouve, Therezinha? Desejo que volte para Villalva.

— Que volte?!

— Sim, que volte. E ha de fazer-me esse sacrificio, já que está disposta a fazel-os.

— Não me quer vêr!

— Quero vêl-a, e vejo-a sempre na minha alma. Juro-lhe que não amei nunca tão puramente mulher nenhuma.

— Mas...

— Diga, falle.

— Mas por que vem então aqui, tantas vezes?

— Venho matar o tempo, esquecer-me da felicidade que não posso ter... Vivo aqui, como um animal immundo n'uma pocilga. Juro-lh'o, juro-lh'o, acredite.

Therezinha olhou-o n'um enternecimento, que era extasi.

Inclinou levemente a cabeça, para esconder um novo caudal de lagrimas, e disse:

— Pois bem, sr. Lobo, farei o que me ordenar.

— Muito lh'o agradeço... por si e por mim. Quem a acompanhou ao Porto?

— O Miguel.

— Miguel?!

— Sim, leal e dedicado como um cão. Imagine quanto lhe custaria este meu passo. Pois eu pedi-lhe, e elle annuiu a acompanhar-me.

— Já voltaria para a Palmeira?

— Ainda não.

— Muito bem. E' o Miguel quem vae tornar a acompanhal-a. E' preciso partir ámanhã de manhã.

— Mas o que hão de dizer cá dentro do Recolhimento!

— Isso é comigo, Therezinha. Eu tratarei d'isso.

N'este momento abriu-se de subito a porta interior da grade, que Therezinha, inexperiente dos habitos conventuaes, não tinha fechado por dentro.

Appareceu um grupo de recolhidas, vindo á frente uma das apaixonadas de Antonio Lobo, a qual irrompeu em descomposta gritaria:

— Ouvimos tudo! Com que então, sr. Antonio Lobo, perdão... sr. Antonio Claudino, esta mimosa ovelhinha, que faz de Vossa Mercê um lobo manso, não póde ficar entre nós outras, que sômos ovelhas tinhosas! Forte desafôro o de Vossa Mercê, e forte sonsice a d'esta... virtuosa minhôta, casta flôr de innocencia!...

Casquinaram gargalhadas de ironia e de troça n'um retintin arruaceiro de praça publica.

Antonio Lobo, de pé, o olhar desvairado, o gesto iroso, gritava:

— Venha a regente, que me quero entender com ella. Se não vier, vou eu mesmo arrancal-a lá dentro.

— Olha o lobo assanhado!

— Mais que lobo! Parece tigre da Hyrcania!

— Não se enfureça tanto, que a regente não tarda. Já a Mirandinha foi avisal-a de toda esta fabula em acção: um lobo e uma cordeira.

— Ah! ah! ah! riam em côro as recolhidas.

Mirandinha era a outra amantetica de Antonio Lobo, a qual, perante o perigo da concorrencia, fizera causa commum com a sua antiga rival.

A regente não tardou a apparecer, acompanhada pela Mirandinha e por mais duas ou trez recolhidas.

Vinha irada e facunda.

— Esta mosquinha morta, dizia ella, indicando Therezinha, pediu-me licença para vir entregar na grade uma carta do seu padrinho, o padre cruzio D. Joaquim Mariz, ao sr. Antonio Claudino. Perdão! eu já sei que Vossa Mercê tambem é bicho. Pois ignorava que tivesse costella de «lobo!» Boa raça! não ha duvida!

Antonio Lobo, n'uma formidavel explosão de colera, rugiu temerosamente:

— Cuidado! Não me provoque! se não quer que eu ponha á luz do sol todos os pôdres e todas as torpezas d'esta casa. Sabe que sou capaz de o fazer.

— Capaz d'isso é Vossa Mercê, replicou ironica a regente. Mas esta prenda não póde ter entrado hontem e sahir ámanhã, depois de haver perturbado a nossa paz interna. Um tão estranho successo chamaria descredito sobre o nosso Recolhimento.

— Descredito! sublinhou, gargalhando, Antonio Lobo. Esta senhora é de maior idade, e livre á sombra da lei. Quiz entrar hontem, e entrou. Agora quer sahir, e sahirá. Se a maltratarem, ir-me-hei queixar ao bispo, ao corregedor, ao regedor das justiças, a el-rei em pessoa. Esta noite porei de ronda ao Recolhimento um homem de confiança. Ao menor grito pedirá auxilio, se d'elle carecer, o que eu duvido, porque é homem para varrer uma feira.

Antonio Lobo referia-se a Miguel.

Therezinha estava mais admirada que medrosa de quanto ouvia. Mulher do Minho, não conhecia perigos, nem receios. E, mentalmente, explicava a si propria o procedimento de Antonio Lobo em não a querer ali.

— Bem. Esta rica prenda é um «noli me tangere», ironisou a regente.

Todas as recolhidas glosaram a phrase com uma risada.

Antonio Lobo disse imperiosamente a Therezinha, coruscando em redor um olhar terrivel:

— Recolha-se á sua cella, que eu ámanhã a virei buscar.

Perante a firmeza d'esta ordem, Therezinha sahiu da grade. As recolhidas deixaram-n'a passar em silencio.

— E agora? perguntou zombeteiramente a regente.

— Agora, respondeu Lobo, a cabeça de Vossa Mercê responderá pela cabeça d'ella.

Voltou as costas e sahiu altivo.

Momentos depois, era procurado em casa pelo Miguel, que lhe disse:

— Sr. Lobo, venho pedir-lhe um favor. Therezinha quiz vir para o Recolhimento, e eu acompanhei-a como se fosse irmão d'ella. Bem sei eu o que a chamou ao Porto, e o sr. tambem sabe. Mas agora não ameaço, peço-lhe encarecidamente que não a desencaminhe do Recolhimento.

— Miguel! Therezinha volta comtigo ámanhã para Villalva, que assim o quero eu.

— Volta! exclamou Miguel doido de alegria.

Depois, Antonio Lobo explicou-lhe os motivos d'esta resolução, contou-lhe toda a scena que se tinha passado na grade e recommendou-lhe que n'essa noite vigiasse o Recolhimento.

— Se eu ouvir Therezinha gritar ou chorar, arrombo a porta do Recolhimento e vae tudo raso lá dentro. Sou muito capaz de o fazer.

Passadas algumas horas, o boticario Mêna foi procurar Antonio Lobo para lhe pedir «que evitasse o escandalo da immediata sahida de D. Thereza», palavras suas.

Era commissão da regente.

Pediu, instou, supplicou.

Antonio Lobo mostrou-se inexoravel, e o boticario sahiu irritado, mas receioso, dizendo do fundo da escada:

— Desde hoje em deante as nossas relações estão quebradas.

— «Serviteur...» respondeu-lhe Antonio Lobo, mesurando como um «França».

Este rompimento de relações explica o soneto com que o poeta o verberou dizendo:

> Pois ali onde o vês, feito herbanario,
> Jaz o Mêna, que além da fidalguia
> E' um «francez» da Beira extraordinario.

No dia seguinte, Therezinha sahia, livremente, do Recolhimento do Anjo.

E despedia-se de Antonio Lobo n'uma tocante effusão de lagrimas.

Elle teve ainda o impulso de querer beijal-a, como na Palmeira, mas não ousou fazel-o na presença de Miguel.

Trocaram-se poucas palavras n'essa despedida, tão escura quanto ao porvir como nuvem negra que ensombrasse aquelles dois corações.

Só Miguel parecia feliz, sem comprehender o sacrificio de ambos.

Antonio Lobo conservou-se apparentemente forte, mas n'essa noite chorou deante de um amigo que nos ultimos dois mezes tinha encontrado no seu caminho.

Era um fidalgo de Riba-Douro, o morgado da Boa Vista, janota e dissipador, gentil e bem fallante, que frequentava no Porto todos os logares mundanos.

Lobo principiou a conhecel-o e a affeiçoar-se-lhe nas grades dos conventos.

O morgado, ouvindo a confidencia, dissera-lhe:

— Eu comprehendo isso, meu caro Lobo. Todo o homem ama uma vez na vida; a sua hora chegou. Eu tambem a tive. Quando isso acontece, um homem procura salvar-se, colhendo nas outras mulheres o que dignamente respeitou n'uma. E' o que eu faço, e Vossa Mercê deve fazer. Minha prima, a sr.ª duqueza D. Anna de Lorena, camareira-mór, costuma dizer que cada mãe toma tanto vulto na vida de um filho, que ainda depois de morta lhe reapparece na figura d'outra mulher, para continuar a amal-o. Eu já perdi esse segundo coração materno, que a terra da sepultura devorou. Vossa Mercê é mais feliz do que eu, porque ainda o sente pulsar. Contente-se e resigne-se. Vamos d'ahi a Santa Clara conversar com as freiras, já que as portas do Anjo estão interdictas por amor de outro anjo bem mais puro.

E, dizendo isto, compôz os anneis da cabelleira, cantarolando um minuete da epoca:

O morgado da Boa Vista

Olha o casquilho
Com seu requeijão:
Vae ao Rocio
Comel-o com pão.

Planeou-se no Recolhimento do Anjo uma campanha de vingança contra Antonio Lobo, á qual promptamente adheriram o boticario Mêna e todos os poetastros que, na enxurrada de Apollo, vasavam delambidos madrigaes dentro das grades d'aquelle Recolhimento.

Appareceram pasquins affixados nas ruas do Porto, principalmente á porta dos magistrados e mais pessoas gradas da cidade.

Além de pôr suspeição sobre a mudança de nome, e de engranzar varios trocadilhos ensôssos com as palavras «lobo» e «cordeira», cada pasquim apontava Antonio Lobo como parasita, vadio, ingrato e relapso immoralão.

Frizava-se o caso do boticario Mêna o ter protegido, e de haver sido desacatado por elle, isto á conta de provar uma ingratidão abominavel.

Quanto á «immoralidade», nem as recolhidas nem os seus Adonis passaram de uma vaga accusação, porque lhes não convinha, por interesse proprio, desfiar este caso.

A' maior parte dos conventos do Porto chegou o ecco do escandalo publico em que Antonio Lobo se via envolvido; menos áquelles em que a disciplina monastica levantava uma barreira invencivel entre a clausura e o mundo.

No convento de Santa Clara, a abbadeça recommendou ás duas freiras visitadas por Antonio Lobo, Clara Ribeiro e Terencia, que déssem de mão a esse desacreditado visitante, de quem tão ruidosamente se fallava em toda a cidade.

Cada uma das duas freiras, assim avisadas, teve o pensamento de explorar a occasião em proveito proprio. E, sem dizerem nada uma á outra, chamaram immediatamente Antonio Lobo para uma entrevista, que, segundo informaram a abbadeça, tinha por fim despedil-o definitivamente.

Lobo estranhou algum tanto a pressa, mas foi.

Clara Ribeiro disse-lhe, chorando, amal-o tão desvairadamente, que não podia conformar-se com a ordem da abbadeça: estava prompta a fugir com elle, e offerecia-lhe o dinheiro de que precisasse para effectuarem a fuga o mais rapidamente possivel.

Quando isto ouvia, Lobo ria-se para dentro, sem atinar ainda com o plano deClara Ribeiro.

Pediu algumas horas para responder, simulando complicações da sua vida que não podiam deixar de ser ponderadas e resolvidas antes de sahir do Porto.

E, a pensar, sorrindo-se, no que tudo aquillo quereria dizer, foi d'ali a outra grade onde a madre Terencia estava em «pose» deante do pintor Glama, que dias antes tinha sido chamado para retratal-a.

Já agora, duas palavras apenas sobre este artista, que tanto honrou a pintura portugueza.

João Glama nasceu em Portugal no principio do seculo XVIII, mas provinha de familia allemã.

Estudou em Roma, e depois veiu estabelecer-se no Porto, onde pintou muitos quadros para as egrejas e onde, sobretudo, adquiriu grande clientella e fama como retratista.

Sabe-se que esteve em Lisboa ao tempo do terremoto, por uma téla que deixou sobre esse tragico assumpto, e regressou ao Porto mais laureado ainda pelo bom éxito que obteve na capital.

Terencia, logo que viu entrar Antonio Lobo, pediu ao pintor Glama que suspendesse n'aquelle dia a sessão, porque tinha que transmittir ao recemchegado uma ordem urgente da madre abbadeça.

O retratista sahiu, e Terencia disse a Antonio Lobo o mesmo que lhe tinha dito Clara Ribeiro.

Era, tambem, uma proposta de fuga.

— Mas o que será isto?! perguntava Antonio Lobo a si proprio.

Deu resposta identica á que tinha dado pouco antes, e, sahindo do convento de Santa Clara, correu a procurar o morgado da Boa-Vista para lhe contar o estranho successo.

O morgado ria-se ouvindo, e commentou dizendo:

— Vossa Mercê, meu caro Lobo, conhece ainda pouco a astucia dos conventos. Ambas essas mulheres querem abandonar a clausura, e, como Vossa Mercê está em descredito, pretendem imputar-lhe a culpa de as haver descaminhado do trilho da virtude Uma vez cá fóra, passavam-lhe o pé. Vossa Mercê ficava sendo a victima expiatoria, e ellas iam viver regaladamente com quem quizessem e onde quizessem. Olhe que é isto.

— Será?! Tanto não attingia eu, por falta de pratica no genero.

— Sabe uma coisa? Se eu não tivesse de ir agora a Lisboa, visitar os primos Lorenas, quem fugia com as freiras era eu.

— Vossa Senhoria?!

— Por que não? Era uma aventura em duplicado, que me custaria apenas algum dinheiro. Meu caro Lobo! quer Vossa Mercê vir comigo até á côrte? Offereço-me para freira, e fuja comigo.

— A Lisboa?

— Sim, a Lisboa, que sempre ha de divertir a gente um pouco mais do que o Porto.

— Mas ir... como?

— Contando com a minha bolsa. Clara Ribeiro e Terencia

não lhe offereciam dinheiro para a fuga? Tambem eu lh'o offereço. Deixa-se seduzir?

— Já estou seduzido, porque estou farto do Porto, onde toda a matilha dos freiraticos me ladra e morde.

— Pois então está resolvido. Vamos a Lisboa.

Antonio Lobo sentou-se á banca e começou a escrever sonetos fesceninos ás duas freiras de Santa Clara.

Era a sua resposta ás propostas de ambas.

N'um dos sonetos alludia ao retrato de Terencia pintado por Glama:

Mandou Terencia chamar Glama um dia
Para que o seu retrato lhe fizesse,
Porém que de tal sorte a descrevesse,
Que Venus desbancasse em bizarria.

Antes de partir do Porto, Lobo enviou uma palavra de saudade a Therezinha.

Era a unica pessoa cuja doce lembrança lhe podia acalmar todos os odios que trazia no coração.

Foram duas linhas apenas:

«Therezinha, vou a Lisboa com um amigo, mas levo a sua imagem presente na minha alma.»

Quando este bilhetinho chegou a Villalva, e Therezinha o ouviu lêr, disse comsigo mesma, n'um grande e angustioso desalento:

— Tão longe! Lisboa! Quem sabe se poderei tornar a vêl-o?

Algum tempo depois, o Miguel barqueiro enfermava gravemente de uma febre infecciosa.

Therezinha foi-lhe desvelada enfermeira, com uma piedosa dedicação que só podia ser excedida por a de alguma exemplar irmã de caridade.

Nas crises de lucidez, Miguel perguntava-lhe affectuoso:

— Se eu não morrer, Therezinha, casarás comigo?

Ella respondia-lhe serenamente:

— O que é preciso é que tu melhores. O futuro a Deus pertence.

E muitas vezes, no meio de fervorosas orações ao Altissimo, de dia ou de noite, insistentemente, lhe passavam no pensamento, a confundirem-se com o texto das orações, aquelles dois versos de Antonio Lobo, que para sempre tinham ficado gravados na sua alma:

Se te esqueci? Esquecer-te! Jámais.
Amo-te e fujo; fujo e amo-te mais.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

PARTE II

Delictos da velhice

XIII

Na vida airada de Lisboa

Facilmente ganhou Antonio Lobo popularidade na capital.

O morgado da Boa-Vista, primo da camareira-mór, tinha boas relações na côrte, com a melhor nobreza do reino, ligado a ella por laços de mais ou menos remoto parentesco.

A senhora D. Anna de Lorêna, além da subida consideração de que gosava no Paço pelo seu alto cargo de camareira-mór, agraciada com o titulo de duqueza em 1753, [1] era superiormente instruida, pois cultivava a musica, o desenho e as lettras [2] e estava aparentada com muitas das principaes familias, por seu pae, marquez de Fontes e Abrantes, por seu marido e tio, D. Rodrigo de Mello, da casa de Cadaval, e por seus irmãos, todos elles pessoas da maior representação e respeitabilidade.

Na pintura, Vieira Lusitano igualou-a a Serrani e Rosalba, famosas pintoras italianas.

Fique já dito que a senhora D. Anna de Lorêna falleceu no Lumiar em 3 de setembro de 1761, [3] deixando uma unica filha, mas que, depois do seu fallecimento, o morgado da Boa-Vista continuou a manter cordeaes relações de parentesco e amizade com Fontes, Abrantes, Cadavaes, Penaguiões e Lencastres,

---

[1] «Gabinete historico,» tom. XII, pag. 252.
[2] «Hist. Gen.,» tom. X, pag. 388 e «Theat. Heroino», tom. II, pag 494.
[3] «Gab. Hist.,» tom. XV, pag. 201.

que genericamente costumava designar pela expressão familiar de — primos Lorênas.

E genealogicamente não havia incorrecção n'este dizer.

O morgado levou Antonio Lobo aos palacios dos seus illustres parentes, no que seguiu o exemplo de outros muitos fidalgos que, por moda e distincção, protegiam versejadores.

Pôde assim dar-se ares de um Mecenas que, vindo á côrte, visitar pessoas altamente collocadas, se fazia acompanhar do seu poeta mercenario.

O proprio morgado reconheceu o bom effeito d'esta feliz casualidade, e Antonio Lobo, por sua parte, reconheceu que Lisboa era a unica terra do paiz onde valia ainda a pena ser poeta para viver sem trabalhar.

Sob este ponto de vista, a provincia, confrontada com a capital, era uma triste miseria, uma reles pelintraria.

Em casa do marquez de Niza encontrou Antonió Lobo um collega, que logo lhe deu a medida da elasticidade lucrativa a que podia chegar a prenda de fazer versos.

Esse poeta era João Xavier de Mattos, em volta do qual já se havia formado uma lenda de celebridade, e que, sendo filho de um criado do duque de Cadaval, conseguira obter o logar de ouvidor na Vidigueira, onde apenas ia de longe a longe, porque preferia viver alegremente em Lisboa, e aos protegidos dos grandes fidalgos tudo se consentia e tolerava.

Na primeira noite em que o morgado da Boa-Vista concorreu com o seu poeta a um serão de musica em casa do marquez de Niza, a certa hora, depois de gentis damas haverem entoado graciosas arias e minuetes, ouviu-se, ao fundo da sala, bater as palmas: e logo irrompeu uma saraivada de oitavas e decimas em honra dos donos da casa, dos seus convidados, das suas respectivas familias e brazões.

Antonio Lobo quiz saber quem era o poeta improvisador.

— Pois ainda não ouviu fallar! E' o Mattos.

— Mattos?

— Sim, João Xavier de Mattos, o auctor da «Ecloga de Albano e Damiana,» que anda no pregão dos cegos, e toda a gente tem lido.

E, depois de haver soado esta como estrondosa salva de versos, uma dama disse em voz alta um mote, que logo o Mattos glosou, e succederam-se com enthusiasmo outros motes e outras glosas, vendo Antonio Lobo que as senhoras se presavam de ir premiar o poeta com sequilhos, fatias de pão de ló e calices de vinho.

Não obstante a attitude subalterna do Mattos, que se conservava ao fundo da sala, como um actor chamado a divertir

a sociedade sem fazer parte d'ella, este ruidoso triumpho agradou a Antonio Lobo, recemchegado de terras menos cultas, onde os poetas se viam perseguidos em vez de favoneados.

Postas em scena as Musas, era natural que alguem se lembrasse ali do poeta do morgado da Boa Vista.

Foi chamado a terreiro Antonio Lobo, que estava muito acanhado deante de tão selecta e brilhante sociedade, nova para elle, e deante do receio de lhe falhar a improvisação em competencia com o Mattos.

O marquez de Niza, para fazer honra ao morgado, quiz dar o primeiro mote a Antonio Lobo.

Deteve-se um momento a procural-o, mas ouvindo n'uma conversação o conde da Calhêta fallar casualmente de um certo casquilho portuguez, aproveitou a phrase dizendo:

— Não estou hoje em veia para achar motes. Mas dal-o-ha por mim o conde da Calhêta, a quem agora mesmo ouvi dizer — «de um casquilho portuguez.» Todos ouviram?

A assistencia sorriu applaudindo a coincidencia e sobretudo a habilidade com que o marquez de Niza tinha apanhado no ar um mote, que se lhe negava.

Antonio Lobo fez-se muito branco. Um leve tremor nervoso crispava-lhe os dedos. Passou a mão direita pela testa, concentrou-se um momento e bateu as palmas.

Toda a sala ficou silenciosa e attenta.

Antonio Lobo declamou:

Um chapeo bem recortado,
E tope maior que a cara;
No seu pescoço uma vara
De panno bem amassado;
Espadim atravessado;
O vestido todo inglez;
Quasi descalços os pés;
Com mau feitio e postura:
E' esta a triste figura
D'um casquilho portuguez.

Os assistentes acolheram com applausos calorosos este improviso do poeta provinciano, que respirou desopprimido como se acabasse de passar o Rubicon.

O morgado da Boa Vista ficou contente e ufano.

E João Xavier de Mattos, certamente não sem algum custo, applaudiu tambem.

— Abracem-se os poetas, que são dignos um do outro como improvisadores, disse o marquez de Niza.

Lobo avançou para Xavier de Mattos, a abraçal-o, e, como se n'aquella hora tomasse definitivamente o logar que lhe es-

tava destinado na sociedade portugueza, passou o resto da noite ao fundo da sala e ao lado do Mattos.

Está bem de ver que ficava de pé, tambem desde aquella hora, a natural emulação entre officiaes do mesmo officio, se bem que os dois poetas viessem a ser socios e companheiros na vida airada, não sem algumas intermittencias de turvação, aliás ephemera.

Graças ao morgado da Boa-Vista, a celebridade de Antonio Lobo irradiou das salas para as ruas, onde elle se popularisou na companhia de Xavier de Mattos, glosando ambos á porfia nos abbadeçados dos numerosos conventos de Lisboa e até nos arraiaes nocturnos com que se festejavam os santos de muitos nichos e oratorios em algumas ruas e predios.

Lisboa ia resurgindo das ruinas do terremoto, e com a reedificação renascia a alegria e a mundanidade que tanto caracterisam frivolamente a indole dos lisboetas.

O rasto de terror, que essa grande calamidade deixára, apagava-se deante da rapidez com que a cidade estava sendo reconstruida mais bella e symetrica, graças á prodigiosa actividade com que Sebastião José de Carvalho presidia a todos os serviços da reconstrucção.

O embaixador de França já confessava ter-se enganado quando dissera para a sua côrte que não poderia o primeiro ministro completar a obra que emprehendera.

No fim do anno de 1756 estavam reedificados mais de mil predios, e com a tranquilidade e confiança do espirito publico reanimava-se a vida popular nas ruas e a vida elegante nas barracas de madeira ou lona, para onde muitas familias illustres, incluindo a real, tinham ido residir provisoriamente.

O palacio do marquez de Niza fôra um dos que ruiram no bairro de S. Roque, mas continuaram no palacio que este fidalgo tinha em Xabregas os alegres serões de jogo e musica, como aquelle em que Antonio Lobo conheceu João Xavier de Mattos.

Outras familias transferiram pelo mesmo motivo a sua residencia para os palacios de recreio que possuiam nos arredores de Lisboa.

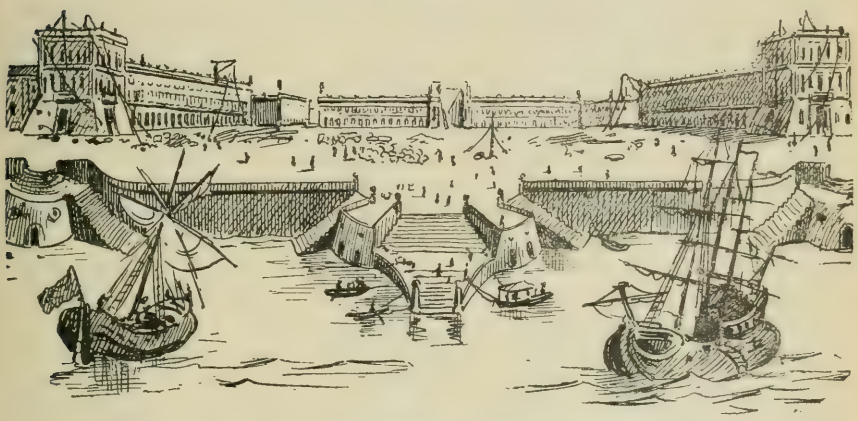
Muitos conventos, de frades e de freiras, desabaram, mas os «outeiros» realizavam-se nos improvisados abarracamentos onde as communidades se abrigavam, esperando a reedificação de suas antigas clausuras.

Antonio Lobo, voltando agora a Lisboa, vinha encontrar uma cidade nova, desembaraçada, segundo o plano pombalino, das antigas e sombrias ruellas em que faltava o ar e a luz.

E ao passo que a cidade lhe apparecia transmudada mate-

rialmente, tambem lhe abria novos aspectos sociaes a vida da alta roda lisbonense, que o primo da camareira-mór lhe patenteara, e que elle não tinha conhecido, nem sequer suspeitado, quando esteve na capital, a primeira vez, acompanhado pela tancareira Min.

Então apenas tomara pé na estalagem do Rebôto, aonde



Reedificação de Lisboa

unicamente affluiam as classes inferiores e alguns jarrêtas burguezes.

Agora era a Lisboa aristocratica, a Lisboa dos fidalgos e dos Mecenas, a Lisboa da bohemia litteraria, dos poetas parasitas, das casas de pasto celebres e das lojas de bebidas mais celebradas, era toda esta cidade imprevista que se lhe revelava como deslumbrante e estonteadora surpresa.

As horas fugiam-lhe rapidamente, durante o dia, que elle gastava ao flaino pelos bairros da cidade, vendo surgir rapidamente arruamentos magestosos e reconstituir palacios notaveis.

O Terreiro do Paço e o Chiado, esses dois importantes fócos da antiga vida lisbonense, transformavam-se resaindo d'entre escombros pavorosos, e Antonio Lobo pasmava de os vêr ir tomando de semana para semana uma physionomia moderna, muito differente d'aquella com que primeiro os conhecêra.

O Terreiro, onde os Paços da Ribeira ficaram arruinados pelo terremoto e as suas ruinas enegrecidas pelo incendio, devido á intenção criminosa de um forçado das galés, o Terreiro, cujo arco abatêra e onde o theatro e a patriarchal de D.

João V desabaram, enchendo de pedras e caliças todo o vasto perimetro que vae hoje desde a rua dos Fanqueiros até ao largo do Pelourinho, o Terreiro, que Antonio Lobo tinha visto povoado de carruagens brazonadas e de cavalleiros gentis, esquadriava-se agora n'um prospecto mais regular, se não mais amplo, combinando a harmonia das suas linhas geraes com a uniformidade dos novos arruamentos da «Baixa».

O Chiado, essa arteria elegante, muito procurada pelo transito que se agitava entre o Bairro do Rocio e o de S. Roque, ficara tão destroçado pelo terremoto, tão «campo solitario», como diz o padre Theodoro de Almeida na «Lisboa destruida», que nuvens de pardaes, tomando conta do sitio, pareciam querer resistir ao ruido que faziam os operarios reconstruindo os predios.

O leitor sabe, provavelmente, que o terremoto de 1755 deu origem a dois poemas, aquelle, do famoso padre Theodoro de Almeida, muito interessante em pormenores historicos, e a «Lisboa reedificada», de Miguel Mauricio Ramalho, semsaboria assaz mythologica e soporifera.

Pois figure-se, passando hoje da leitura de um para outro poema, qual seria a serie de impressões que Antonio Lobo recebeu do confronto da Lisboa nova com a Lisboa antiga, calculando o leitor essas impressões pelo aspecto das ruinas que o padre Theodoro diz parecer terem sido feitas

Por canhões, por bombardas, e pelouros

e pelo aspecto da cidade renascente, sob os auspicios de Jupiter e Venus, segundo Miguel Ramalho :

Da cidade, que tanto Venus ama,
Já por Jove excellente plano feito,
Sem demora de Atlante ao neto chama,
Para haver com vigor de ter effeito.

Quanto á tendencia de Jove para os alfacinhas, não sei nada ; mas creio firmemente que, por motivos de gratidão, Venus dispensasse especiaes favores á capital.

Ainda hoje é o mesmo, segundo me parece... mythologicamente.

A vida de Lisboa, jorrando d'entre ruinas, sobre as quaes uma cidade nova despontava com todo o seu turbilhão de negocios, de enredos, de prazeres e ocios mundanos, empolgou capitosamente Antonio Lobo.

A politica, eterna Pénelope, tecia e destecia os principaes enredos ; ou antes, a nobreza urdia e Sebastião de Carvalho

destramava, com ferreo pulso, os meandros da meada em que a nobreza queria enleiar a acção poderosa do primeiro ministro.

Depois de D. João II, não se tinha ainda visto em Portugal mais agitada e tormentosa epoca pelo que respeitava á politica interna do paiz.

Os jesuitas estavam ameaçados e a nobreza esmagada, por que Sebastião de Carvalho, aproveitando o ensejo de uma conspiração nocturna contra a vida d'el-rei, fizera justiçar no caes de Belem alguns representantes das principaes familias do reino, o duque de Aveiro, o marquez e a marqueza de Tavora, e o conde da Athouguia.

Os jesuitas, apesar da má vontade que lhes tinha Sebastião de Carvalho, puderam escapar das estreitas malhas do processo da conspiração, mas na sentença do tribunal da inconfidencia ficaram consignadas algumas phrases que serviriam de apoio ao primeiro ministro para expulsar de Portugal a Companhia de Jesus.

Era uma questão de adiamento, apenas.

Mas foram desde logo encarcerados alguns jesuitas, que nunca mais sahiram do forte da Junqueira. Outros, os que sahiram, foram relaxados á Inquisição, que os condemnou a garrote e fogueira.

Na politica interna, Sebastião de Carvalho, agora premiado por el-rei D. José com o titulo de conde de Oeiras e auxiliado no poder pela coadjuvação de seus irmãos, como secretarios de Estado, defrontava-se gigantescamente com a influencia das classes preponderantes, conseguindo contel-as sob a mão herculea de ministro valido.

Antonio Lobo nada tinha com os negocios publicos, mas elle, como todos os seus collegas em Apollo, apaniguados das familias nobres, a cuja sombra viviam, tomava o partido da nobreza.

Isto explica a alluvião de satyras em verso com que fôra alvejado Sebastião de Carvalho durante todo o periodo da sua preponderancia e ainda depois.

Ao passo que os fidalgos faziam espalhar anecdotas e graciosidades deshonrosas para o conde de Oeiras, os poetas que viviam do favor d'elles secundavam-n'os compondo diatribes metrificadas, que mais ou menos secretamente passavam de mão em mão, contra o primeiro ministro.

Bastará citar uma d'aquellas phrases envenenadas pela hostilidade rancorosa dos fidalgos.

A casa de Sebastião de Carvalho fôra poupada pelo terremoto. El-rei D. José quiz vêr n'esse facto um designio da Providencia.

O conde de Obidos tivera a affouteza de observar a el-rei:

— Certo é, senhor, mas semelhante protecção acharam tambem em Deus as moradoras da rua Suja.

Eram, pois, os fidalgos que davam o alamiré aos seus poetas, açulando-os contra o conde de Oeiras.

Teremos occasião de vêr quanto Antonio Lobo odiava, por conta alheia, Sebastião de Carvalho.

O que é certo é que, graças ao morgado da Boa-Vista, que mal se podia despegar de Lisboa, Antonio Lobo estava relacionado com as melhores familias da nobreza, d'onde sempre ia colhendo proveito; e que tinha adquirido celebridade como poeta commentador dos acontecimentos occorrentes.

Quando em 1761 o conde de Oeiras supprimiu o Tribunal das Contas, substituindo-o pelo Erario Regio, nomeou alguns mancebos para desempenharem as funcções dos antigos empregados, que aposentou com o ordenado por inteiro.

Dizia Sebastião de Carvalho que, se conservasse em exercicio um só d'estes empregados, não seria preciso mais para que todos os vicios e desleixos do Tribunal supprimido se communicassem á nova repartição do Erario.

Assim, pois, aos jarretas-pé de boi que foram despedidos, succedeu uma chusma de rapazes, sangue novo, que estadeavam sua boa sorte em requintes de aperalvilhado trajo por egrejas, theatros e funcçanatas.

Logo a opinião publica os alcunhou de «eraristas,» como querendo designar uma nova classe de casquilhos e franchinotes.

Antonio Lobo, fazendo a politica dos fidalgos, acudiu de prompto com um soneto ridicularisar a nova providencia do conde de Oeiras:

Vocês não me dirão (valha a verdade)
Que gente é esta, ha pouco apparecida,
Toda authentica, toda presumida,
Que são os pais e avós da gravidade?

A casaca maior que a eternidade,
Com fôrro de setim, feição comprida,
Onde o seu canhão mór leva embebida
Larga veste, calção bem á vontade?

O chapeu, que fez paz co'a cabelleira,
E em tudo segue o methodo contrario
D'esta nossa armação da frigideira?

Mas tá, tá, que pergunto? Eu estou vario;
Já entendo, isto é cousa que me cheira
A mestre em dança, ou aprendiz do Erario!

Os factos da politica internacional, pondo em jogo a acção do conde do Oeiras, tambem não passavam despercebidos aos poetas queridos dos fidalgos.

Entre esses factos, os que até então podiam ter maior importancia, eram a expulsão do nuncio apostolico e as hostilidades entre Portugal, Hespanha e França, por causa da famosa questão do «Pacto de familia,» em que Portugal seguira o partido da Inglaterra, cujo predominio maritimo aquellas duas ultimas nações pretendiam abater.

O nosso paiz foi invadido por tropas hespanholas e francezas, e o nosso exercito, prodigiosamente organisado pelo conde de Lippe, marchou para as provincias do norte.

Antonio Lobo não deixou emmudecer perante este acontecimento a sua veia comica; sublinhou-o com um soneto em que ao mesmo tempo envolve o Porto e Lisboa:

Ide, novos heroes, ide, e Mavorte
Vos reja o coração, vos guie o passo,
Porque seja outra vez pequeno espaço
O mundo inteiro ao vosso alento forte.

Ide com fausto auspicio, e queira a sorte
Dos inimigos no destino escasso
Converter em trophéos cada ameaço,
Reduzir a triumphos cada côrte.

Ide em fim; mas se acaso o medo abala
Algum pobre cadete, que se encova
Ao zunir d'uma bomba ou d'uma bala,

Desatai-lhe os calções, dai-lhe uma sova,
E que vá para o Porto fazer sala
Ao grande Cabo mór de Villa Nova.

Desde a sua chegada á côrte até ao fim do anno de 1769, Antonio Lobo firmou creditos de poeta popular, que tocava os extremos da mordacidade, assoprado pelo applauso de amigos e admiradores, nem sempre sincero; ás vezes suggerido pelo receio de represalias e intencionado, quanto aos fidalgos, pelo interesse politico e pelo gosto da louvaminha que os desvanecia.

O collaborador da «Revista universal lisbonense» pinta-nos com exactidão Antonio Lobo quando descreve n'estes termos a sua vida em Lisboa:

«Frequentando como parasita as casas dos grandes, que o recebiam e festejavam uns em attenção ao seu talento, outros por medo da sua mordacidade; quando tinha dinheiro gastando-o prodigamente nas lojas dos pasteleiros com os seus amigos, e perdendo-o nas casas de jogo; não respeitando ninguem nos seus sonetos satyricos, era Antonio Lobo uma especie de

Paschino ambulante; festejado por todos os faceiras do tempo, corria com elles os cafés, as grades de freiras, as jornadas e funcções de cirios, e de fóra da terra, divertindo a todos com os seus ditos chocarreiros, bem que fosse de seu natural um homem melancolico e casmurro.»

O biographo não attingiu todo o alcance d'esta sua ultima phrase, nem procurou justifical-a, pois que apenas estava escrevendo um ligeiro artigo.

Antonio Lobo não era, de seu natural, habitualmente melancolico e, menos ainda, casmurro.

Bem sabemos que tinha genio folgasão e facilmente communicativo.

Mas havia na sua irrequieta vida de Lisboa algumas horas de cerrada melancolia e intratavel azedume: eram aquellas em que a lembrança do «paraizo perdido» da Palmeira lhe acudia ao espirito, e a imagem honesta de Therezinha o tantalisava n'um eterno martyrio de amor e saudade.

—Eu sou, dizia elle a si mesmo, uma creatura condemnada á desgraça, porque nasci fóra da acção normal da existencia, que leva o homem a querer constituir familia para crear raizes n'um lar e n'uma terra. Não trabalho, não sou socialmente um disciplinado, nem um util. Por isso não posso ter a minha casa, a minha familia, como toda a gente. E'-me defeso o casamento, e comtudo encontrei no mundo, para castigo de mim proprio, uma encantadora mulher, que poderia fazer de mim o mais ditoso aldeão, se eu lograsse caber n'uma aldêa, e que seria a mais infeliz das creaturas se viesse perverter-se n'uma cidade.

A idéa d'este supplicio fatal, imposto pelo destino, revoltava-o, sempre que lhe assaltava o espirito.

E então, para aturdir-se, procurava a embriaguez de uma vida frivola e licenciosa, em que dissipava os dias e as noites, sorrindo elle proprio, provocando a hilaridade dos outros, e tendo algumas vezes vontade de chorar.

Dizia-se geralmente, quando o viam exceder-se em mordacidade, que a «gloria lhe subia á cabeça»; não era isso. N'essas occasiões, tão vulgares na sua vida, sentia Therezinha dentro do coração opprimido.

E, louco de dôr, revoltado de desespero, feria os outros, embora fossem amigos seus, para ter companheiros na desgraça.

O leitor conhece certamente um latim que diz: «solatium est miseris socios habere penates.» Ter companheiros na desgraça consola os desgraçados.

E' a caracteristica vulgar do egoismo humano.

A expressão «Paschino ambulante,» empregada pelo collaborador da «Revista Universal,» pertence originariamente a um advogado de Lisboa, o dr. Francisco Martins de Sampaio, que ripostou ás arremetidas de Lobo com armas iguaes: o soneto.

Ahi vai uma das vivacissimas réplicas do advogado:

Lobo infernal, gallego petulante,
Da vil canalha poeta laureado,
O segundo Valverde encabeçado,
Ou alma d'este cemiterio errante;

Papa-jantares, caloteiro andante,
«Pasquim vivente», cynico malvado,
Que o aureo Pindo tens emporcalhado,
E ao Parnaso roubado o seu brilhante;

Gato pingado d'esse enterramento,
Adello de sonetos em Lisboa,
Vil calouro com patas de jumento;

Péga na tumba, satyras entôa
Aos juizes de vil merecimento
Supultados nos autos do Alagôa.

Por que arremetteria Antonio Lobo contra o advogado Sampaio?

Bem poderia ser sem motivo algum, como ás vezes acontecia, não escolhendo o poeta as pessoas, nem ponderando as conveniencias.

Mas d'esta vez não foi assim.

O morgado do Sobral (Anselmo José da Cruz Sobral), de cuja algibeira Antonio Lobo comia sempre que precisava, pleiteava uma demanda importante com o morgado da Alagôa.

Sampaio, advogado d'este ultimo, tinha dito que, se não vencesse a causa em favor do seu constituinte, havia de queimar a livraria.

Venceu Sobral, e Antonio Lobo quiz fazer engulir com um soneto a phrase ao advogado, lisonjeando assim o vencedor, a quem n'outro soneto chama seu «grande Anselmo.»

A expressão «gallego petulante», empregada pelo dr. Sampaio, explica-se pelo facto de Antonio Lobo ser natural de Guimarães.

Os alfacinhas chamam gallegos aos minhôtos, n'um sentido pejorativo.

Quando Antonio Lobo se enfurecia contra alguem, nem o seu proprio interesse o continha.

Elle, que tanto precisava como ocioso do favor dos nobres, não se arreceiou de investir contra um dos mais poderosos, e

parente do morgado da Boa-Vista, só porque lhe fizera um offerecimento que reputou affrontoso.

Passou-se o caso com o duque de Cadaval, D. Miguel, que tendo ouvido recitar versos de Lobo, e achando-lhes graça, quiz alistar na sua comitiva mais uma pessoa, que nas horas de aborrecimento o distraisse.

Mandou por um escudeiro offerecer um quarto no seu palacio ao jovial poeta.

Lobo previu que o duque pretendia alliciar um truão. Revoltou-se. Demorou o criado, sentou-se á banca, e escreveu este audacioso soneto:

Se eu fôra, excelso Duque, homem perito,
Capinha, ferrador, cabelleireiro,
De cães decurião, ou cosinheiro,
Em sôpas mestre, em massas erudito;

Se em lettra antiga lêsse o que anda escripto
De vosso grande avô João Primeiro,
Que á gothica mostrasse ao meu caseiro
Que o tombo velho nunca está prescripto;

N'este caso, senhor, a vossa graça
Mais quizera alcançar, que ter mil burras
Do metal louro, que se ri da traça:

Mas como a sorte me tem dado surras,
Não vou servir-vos, só por não ter praça
No livro mestre dos santões caturras.

Depois dobrou o papel, e disse ao escudeiro que o entregasse ao duque seu amo.

Era a resposta ao convite.

E, comtudo, Antonio Lobo habitava quartos, cuja renda não podia pagar, vendo-se na necessidade de pregar calote ou de pedinchar indulgencia aos senhorios, alguns dos quaes eram tambem pessoas nobres.

O duque de Cadaval julgou-se offendido, por sua vez. E Antonio Lobo pagou bem cara a ousadia, porque soffreu prisão correccional, durante vinte e oito dias, na cadêa do Limoeiro.

Desde que Lobo encontrara Xavier de Mattos no palacio do marquez de Niza, fizera-se seu amigo, sem embargo da emulação litteraria, do ciume de celebridade, sempre latente entre os dois poetas.

Muitas vezes moravam juntos, e até, á mingua de melhor, dormiam no mesmo leito; juntos frequentavam as casas de pasto do Isidro, do Almeida e do Talaveira, bem como o armazem de vinhos dos Bragas, ao Rocio.

Pois, não obstante estas constantes ligações de amizade, Lobo não poupava Xavier de Mattos, satyrisando-o pelo seu excessivo lyrismo e sensibilissima compleição amorosa.

Vá já uma eloquente amostra:

Assim que vês deixada da costura
De traz da adufa a timida donzella,
Como um raio, João, com os olhos n'ella
Lhe encampas reverente uma mesura.

Safa-se a moça; e o pai, que por ventura
Vem chamar o aguadeiro da janella,
Repara então que a filha se acautella
D'essa tua scismatica ternura.

Por amante basbaque a bom capricho
Te aponta logo o ginja furibundo,
Se é que prompta não tem a pá do licho.

O final do soneto é cortante de ironia, pois que aconselha João Xavier de Mattos a casar-se, dizendo-lhe que mais valia soffrer as infidelidades conjugaes, embora permanentes,

Do que andar quebra-esquinas vagabundo.

Aqui temos, pois, claramente justificada a expressão «Pasquim vivente» com que o advogado Sampaio classificou Antonio Lobo, e tambem a de «Diógenes poetico,» com que o coordenador dos seus sonetos o cognominou.

Lobo precedeu Tolentino, ainda aliás seu contemporaneo, na exhibição do typo de poeta pedinchão e parasita; e precedeu chronologicamente Bocage no typo de poeta bohemio, errante, e mordaz.

Foi no valor litterario inferior a ambos elles, mas, fundindo n'um só aquelles dois modelos, encarnou em si a physionomia do poeta mercenario e desvairado do seculo XVIII, em Portugal.

Não teve os arroubos lyricos de Bocage, mas conheceu como elle o amor puro, raio de sol nas trevas de tresloucados e frequentes desmandos.

Não cantou mulher nenhuma, porque amou uma só, e o amor que a Therezinha de Villalva lhe inspirou foi tão casto, que elle não o pôde divulgar pela mesma lyra onde aconsoantava sonetos malevolos ou libertinamente desgrenhados.

Cortejou fidalgos, para comer d'elles: era o interesse servil que o inspirava, como aos outros poetas do seu tempo.

Lobo não fez parte da Arcadia, mas até os árcades que representavam maior cotação litteraria ou social, não deixaram

de ter seu Mecenas a quem interesseiramente louvaminhavam.

O padre Domingos Caldas Barbosa, brazileiro mulato, que chegou a Lisboa ahi por 1762 e que tão perseguido foi, depois, por Bocage e José Agostinho de Macedo, mal poz o pé em terra tratou de obter o favor de um fidalgo: o seu Mecenas foi o conde de Pombeiro.

Está «lançado» na bohemia do seu tempo o poeta Antonio Lobo, e desenhada a feição com que n'ella conseguiu salientar-se a breve trecho.

Vamos assistir, no capitulo seguinte, ao desenrolar de um acontecimento mundano, que lhe deu ainda maior evidencia e renome.

Razão teve o estalajadeiro Rebôto para exclamar, ufano, quando uma noite viu entrar pela porta dentro Antonio Lobo de Carvalho, acompanhado de João Xavier de Mattos:

— Ah! voltou! Fez muito bem. Eu não lhe dizia que Lisboa é o «beijinho de Portugal» e que Vossa Mercê podia fazer carreira aqui? Diga-me: a respeito de estrangeiras... nunca mais?

Antonio Lobo estremeceu.

— Nunca, disse elle contrapondo a essa pergunta a lembrança de Therezinha. Detesto-as.

— Ainda bem! Eu cá ainda estou na minha. A prata da casa sabe a gente quanto vale; a outra...

Entrou um freguez que reconheceu Antonio Lobo, e disse ao estalajadeiro, em voz baixa:

— Bravo! seu Rebôto. Você tem cá hoje o celebre poeta Lobo!

Com surpreza, Rebôto contestou de rijo:

— Este sr. já foi meu hospede, sabia-o poeta, e tenho, com effeito, ouvido fallar muito de um repentista chamado Lobo, mas nunca pensei que se tratasse da mesma pessoa.

— Então quem? perguntou o freguez.

— Suppunha que era o pintor, que tem o mesmo appellido.

Antonio Lobo de Carvalho exclamou raivoso:

— O que?! Não me confunda com esse reles pintamonos, que é mau pintor e ainda peior versista.

João Xavier de Mattos sorria, porque já tinha ouvido a mais alguem o mesmo equivoco.

Houve, effectivamente, um pintor, contemporaneo do poeta, com igual appellido. Foi artista mediocre e versejador insignificante. Antonio Lobo tinha razão para protestar; sem embargo, a confusão, occasionada pela coincidencia dos appellidos,

fez que Wolkmar Machado, na *Collecção de memorias*, attribuisse ao pintor versos que são do nosso poeta e teem bem assignalado o seu cunho litterario.[1]

— Com que então, tornou Rebôto, é o meu antigo hospede o Lobo de quem tanto se falla!

— E tambem não conhece o que vem com elle? perguntou o freguez.

— João Xavier de Mattos? Esse já eu sabia quem era.

E o estalajadeiro correndo, ainda muito vigoroso, para Antonio Lopo, apostrophou:

— Dizem que ninguem é propheta na sua terra, mas eu fui. Com que então já poeta afamado! e de mais a mais sem querer saber de aventureiras de contrabando! Está completo! está completo!

---

[1] Machado era mais novo 18 annos que Antonio Lobo, com quem por esta razão não conviveu decerto, e faltava-lhe senso critico para destrinças litterarias.

XIV

Chegada da Zamperini

Em 1770 deu-se em Lisboa um acontecimento que, posto fosse na apparencia vulgar e insignificante, maiormente em epoca de tão graves occorrencias politicas, teve comtudo perturbadora influencia nos costumes, na bolsa dos argentarios, na paz das familias, no socego das mulheres, e na camaradagem dos poetas.

Foi a chegada de uma companhia de comicos italianos, á testa da qual estava a «prima-donna» Anna Zamperini, natural de Veneza.

Parece incrivel, mas é verdade.

Quem contratou esta companhia foi o notario apostolico da nunciatura, banqueiro em negocios da curia romana, de appellido Galli.

Este pormenor ainda mais deve admirar o leitor, mas tambem é verdadeiro.

Parece que tendo sido violentamente interrompidas as nossas relações com a côrte de Roma em junho de 1760, o sr. Galli aproveitou em outros negocios o largo periodo de dez annos que decorre entre aquella data e agosto de 1770, que foi quando novamente se abriu communicação diplomatica com a Santa Sé.

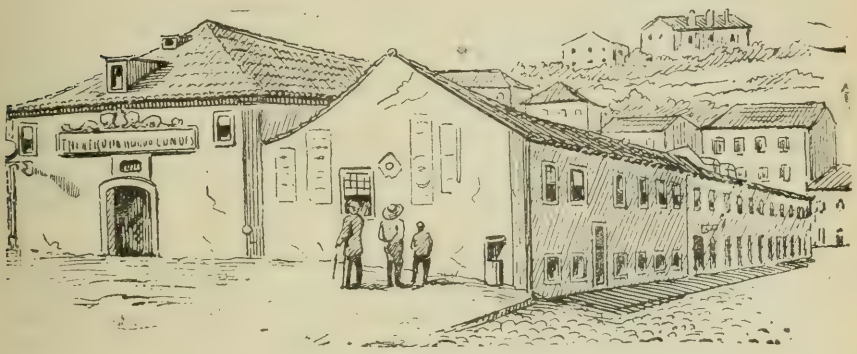
Entre os «outros negocios» que entretiveram a imaginação e a cobiça do notario Galli, sorriu-lhe a idéa de uma empresa theatral, que se prefigurava tanto mais lucrativa, quanto era certo que já se não ouviam cantarinas italianas em Lisboa desde alguns tempos.

A companhia Zamperini veiu trabalhar no theatro da rua dos Condes.

Este theatro ou pateo, como ainda no principio do seculo XVIII se dizia, era antigo e n'elle tinham sido dadas funcções de comedia italiana, de operetta e «ballets», e até de «marionnettes» ou bonifrates.

O terremoto de 1755 pregou com elle em terra, mas o edificio foi reconstruido, segundo o plano do architecto Petronio Mazoni, no sitio em que estivera a cadêa do Tronco.

O novo theatro era de apertadas dimensões. Lord Beckford,



O segundo theatro da Rua dos Condes

nas suas «Cartas,» falla d'elle com desdem, dizendo-o baixo e estreito. Tinha razão. Eu tambem ainda o vi, o que decerto aconteceu a muitos dos leitores, pois que o theatro da rua dos Condes, tal como foi reconstruido, subsistiu até 1882.

Foi então demolido, e substituido pelo actual theatro do mesmo nome.

Mas vamos a dizer o que era o theatro que Mazoni planeou e onde a companhia da Zamperini se fez ouvir do publico.

Tinha o aspecto de um barracão com uma só porta na fachada principal, e duas janellinhas esguias no alto, junto aos cunhaes do predio. Entre as duas janellas corria o distico: «Theatro da Rua dos Condes.» Torneando para a rua d'este nome, seguia outro corpo do edificio, com portas e janellas acanhadas, de mau aspecto.

Interiormente, além das varandas, havia trez ordens de camarotes, incluindo as frisas, que então se chamavam «forçuras.» Eram nove camarotes de cada lado, e cinco ao fundo. Não

se dizia ordens, mas «andares;» as frisas constituiam o primeiro andar.

Preços dos camarotes: os mais caros, 3$200 réis; os mais baratos, 1$600 réis.

Cada logar na platéa superior pagava-se por 480, e, na inferior, por 400 réis.

Cada logar nas varandas custava 200 réis.

Os camarotes eram resguardados com rótulas de madeira, de traz das quaes muitas pessoas podiam observar o espectaculo sem serem vistas. Foi assim que D. João V concorrêra ás recitas da cantora romana Petronilha Trabó.

Tambem era assim que os frades gosavam as funcções theatraes; havia um camarote especial para elles, sotoposto aos que as senhoras da alta roda, «dames de la première qualité,» diz o cavalheiro de Oliveira, costumavam honrar com a sua presença. Chamava-se «o camarote dos frades.» Eu suspeito que seria uma «forçura» ou frisa.

O leitor está decerto sorrindo ao lembrar-se do que poderiam ser as facécias dos frades, a coberto das rótulas, e dentro d'aquella alegre jaula onde os profanos os não podiam ouvir.

O theatro da Rua dos Condes, menos espaçoso que o do Bairro Alto, tinha, comtudo, maior ornamentação.

Os trabalhos de scenographia estavam confiados aos pintores Gaspar Raposo, que por ser aleijado das pernas andava n'um carrinho, e Manuel da Costa.

Foi decerto um d'estes pintores que desenhou sobre a bocca do proscenio a inscripção «Nobre ocio,» que Antonio Lobo ridicularisou n'um soneto.

De modo que, segundo esta legenda, os frades que a coberto das rótulas iam applaudir a Zamperini, gastavam tão «nobremente» o seu tempo, como Cicero quando durante a dictadura de Cesar preenchia seus ocios escrevendo as «Tusculanas,» trabalho que elle proprio qualificava «otium cum dignitate.»

Os frades tambem se divertiam «nobremente» tusculando com os olhos e os ouvidos, como Cicero o fazia com a penna.

Não ha differença nenhuma.

Mas, como de mais longe eu vinha dizendo, a chegada da companhia Zamperini causou grande alvoroço em Lisboa.

Os fidalgos e os capitalistas trataram logo de aposentar commoda e elegantemente as cantarinas, especialmente a «estrella» Anna Zamperini, que trazia familia.

Sabe-se que lhe foi posta casa com mobilia estofada de seda azul, azul e branca, e amarella, mesas e papeleiras de pau

santo, espelhos, placas, e dois cravos, além dos utensilios de toucador, guarda-roupa e cosinha.[1]

A mulher de theatro foi o grande aperitivo amoroso do seculo XVIII para os fidalgos e banqueiros portuguezes.

O cavalheiro de Oliveira chama-lhe «morceau friand,» como quem diz: fina petisqueira.

Pouco importava que a mulher de theatro fosse mais ou menos bonita, mais ou menos talentosa. Era de theatro, e bastava. Os fidalgos que não tivessem uma aventura de camarim julgavam-se incompletos, sobretudo agora, que D. João V deixára o exemplo da Petronilha.

Os poetas, para agradar aos fidalgos que os sustentavam, cantavam e decantavam as actrizes e cantoras, alçapremando-as ao sette-estrello. Quando perpetravam a tolice de o fazer de conta propria, o mais que podiam obter era um exito de gargalhada, porque as «divas» riam-se d'elles, e os outros poetas tambem.

Vamos ter occasião de o verificar.

A familia Zamperini compunha-se do pai, e de trez filhas, incluindo a «prima-donna.»

O pai era um tragamouros de avantajada estatura, com uma cabelleira tão farta e redonda, que dava idéa de ter pertencido a Sansão e de haver sido vendida por Dalila a algum ferro-velho philisteu, depois da memoranda tosquia.

Muita gente suspeitava que o sr. Zamperini não era pai, nem parente authentico, mas um valentão contratado para com todo o seu ardiloso arreganho difficultar o accesso dos «dilettanti» ás boas graças da cantarina.

Vê-se que a industria theatral dos «pais da actriz» vem de longa data.

As trez «irmãs Zamperini» já não tinham mãe; mas traziam um zangaralhão que, no tocante a metter medo, valia por mãe e pai.

Eram mulheres interessantes, e a «prima-donna» não seria a melhor, mas tinha grandes attractivos em relação ás outras: ser do theatro, possuir uma voz bem timbrada, e «reclamar» a propria celebridade com acirrantes excentricidades de «toilette,» uma das quaes era a maneira de pôr o chapéu.

O que é certo é que Anna Zamperini, Zamparina como lhe chamava o povo aportuguezando a palavra, causou tanto abalo

---

[1] Consta de um inventario assignado por Ambrosio Pollet, em 4 de outubro de 1775.

em Lisboa como o terremoto de 1755. Elle alluira os predios; ella alluira os corações.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, que foi testemunha presencial, porque ainda então não tinha partido a primeira vez para o Rio de Janeiro, consagrou a Zamperini alguns versos do seu «Hyssope», nos quaes não só commemora os attractivos da estonteadora «diva,» mas tambem a perturbação que ella exercêra nos costumes da epoca:

Se tu, ó extremada Zamperini,
Que em Lisboa os casquilhos embaraças,
Seus suaves accentos escutáras,
Passages, e volatas; bem que as Graças,
Lisonjeiras te cerquem, e derramem
Em teu peito, e garganta, mil encantos,
Com que as trez filhas de Achelôo vences;
Quantos novos encantos aprendêras!

O erudito Verdier, commentando esta referencia de Antonio Diniz, conta, entre outros pormenores relativos á Zamperini, que nos dias santos, quando ella ia á ultima missa do Loreto, attrahia com a sua presença um «numeroso e luzidissimo» concurso de admiradores.

Era o theatro a invadir a egreja.

Os templos tambem teem seus fados. Esta egreja italiana do Loreto conservou sempre, associado ao culto religioso, um certo caracter de mundanidade elegante. Ainda hoje a missa da uma hora, que é a «ultima» do nosso tempo, tem o que quer que seja de sala de visitas, onde as damas, apeiando-se dos seus trens, entram pela estreita portinha da sachristia.

No corredor, e na rua, fazem alas os casquilhos da actualidade.

Da «toilette» da Zamperini a excentricidade que mais deu nas vistas, e logo se propagou por espirito de imitação admirativa, foi o geito que ella dava ao chapéu, trazendo-o derrubado sobre a testa e inclinado para a orelha direita.

A moda do chapéu á Zamperini communicou-se não só ás damas, mas até aos pintalegretes das ultimas décadas do seculo XVIII.

A phrase ficou no calão indumentario e ainda hoje em Lisboa se diz — chapéu «á Zamparina» por chapéu á banda. [1]

---

[1] Na provincia de Traz-os-Montes, aonde não chegou a influencia da Zamperini, diz-se chapéu á fancaia.

E não foi esta a unica innovação que a famosa cantatriz trouxe ao léxicon da nossa lingua.

Tambem n'elle ficaram os verbos «Zamparinar» e «Enzamparinar,» como synonymos da fascinação amorosa exercida pela cantora nos seus admiradores.

Zamparinar era applaudil-a ou cortejal-a; dos que enlouqueciam de amor por ella dizia-se que estavam «enzamparinados.»

O morgado da Boa-Vista foi um dos muitos fidalgos portuguezes que se bandearam na extensa legião dos adoradores de Anna Zamperini.

Antonio Lobo enfurecia-se quando o via fazer largos dispendios de dinheiro em galantes presentes á «prima-donna.»

— E' uma aventureira que anda pelo mundo a dar saque ás algibeiras dos incautos, dizia Lobo ao morgado.

— Deixe ser, respondia-lhe o fidalgo da Boa-Vista. Isto diverte-me. Eu, que sou apenas um cidadão, não tenho obrigação de mostrar mais juizo que toda a cidade. E Vossa Mercê bem sabe que a minha divisa é esquecer com varias mulheres a lembrança d'aquella em que nossa mãe desdobrou a sua existencia affectuosa.

Antonio Lobo, ao ouvir estas palavras, via através da saudade a imagem pura de Therezinha, e irritava-se ainda mais contra a loucura ruinosa ou ridicula dos sujeitos enzamparinados.

— Esta maldita comica ha de arruinar toda a gente! barafustava elle. Não deixa viver mais ninguem.

— Nem toda a gente, replicava o morgado. Olhe, o homem do *canario douto* não tem razão de queixa; antes pelo contrario.

O *canario douto* exhibia-se na Boa-Vista, defronte do Paço da Madeira, que era pouco mais ou menos o sitio onde hoje está o Instituto Industrial.

O seu empresario expôl-o ao publico no segundo andar de um predio cujo numero não posso designar, porque o não tinha. A numeração das casas em Lisboa apenas começou a usar-se entre os annos de 1805 e 1806.

O canario, se lhe perguntavam as horas, ia procurar com o bico, em dois semi-circulos desenhados sobre pequenos cartões, a hora que devia ser indicada.

E acertava.

Para dizer como as pessoas se chamavam, tomava dos cartões as lettras com que se escreviam os seus nomes.

Por identico processo indicava o anno que se tinha no pensamento.

Até chegar a Zamperini a concorrencia sahia admirada, mas era pouco numerosa.

Depois que ella chegou, foi moda ir pedir ao *canario douto* que escrevesse o nome da cantora.

E elle assim fazia.

Com outros nomes equivocava-se ás vezes, mas o empresario repetia-lh'os, e o canario emendava a mão... quer dizer, o bico.

Com o nome da Zamperini, á força de ouvil-o repetir, já se não equivocava nunca.

Parecia até contente da tarefa que lhe incumbiam.

E diziam então os alfacinhas lamechas:

— Até o canario gosta da Zamperini!

Tornou-se moda ir convidar o canario a ajuntar as lettras de que se compunha aquelle appellido.[1]

Todos achavam muito galante esta brincadeira, e pagavam de boa vontade doze vintens por cabeça.

O empresario abençoava no seu intimo a «prima-donna,» porque á sombra d'ella ia ganhando um dinheirão.

— Pois bem, tornava Antonio Lobo ao morgado, toda a gente endoideceu em Lisboa. Só um homem tem juizo; um charlatão estrangeiro. E' o homem do canario. Como elle se ha de rir dos portuguezes! Que vergonha!

Quando o poeta assistia aos espectaculos na Rua dos Condes, embravecia de odio contra todo aquelle mundo de zotes apaixonadiços, que enxameavam entre a platéa e o camarim da «diva.»

— Isto, por fim de contas, pensava elle, é a reproducção em grande do que eu passei com a china: uma loucura abominavel. A Zamperini alvoroçou Lisboa, como a «tancareira» alvoroçou Guimarães. A china fez só uma victima; fui eu. A italiana faz centenas de victimas, porque toda Lisboa enlouqueceu por amor d'ella. Até se envergonha a gente de ser portuguez. Isto é ridiculo! isto é odioso! A primeira cidade do paiz está convertida n'um hospital de doudos!

E audaciosamente, como se fosse um Hercules que pudesse fazer rosto a uma cidade inteira, esbravejava com arreganho e insolencia deante da turba-multa dos chechisbéos da Zamperini.

Ora um dos chechisbéos mais em comica evidencia era o padre Manuel de Macedo, e foi sobre elle, principalmente, que Antonio Lobo despejou o vomito verde da sua bilis iracunda.

---

[1] *Theatro de Manuel de Figueiredo*, tomo XIV, pags. 607 e 608, nota.

De mais a mais o padre Macedo era um homem feio, strabico, amulatado, e mal vestido.

Para Antonio Lobo tinha ainda outro defeito: era um roupêta.

Manuel de Macedo Pereira de Vasconcellos nascêra no Brazil, na colonia do Sacramento. Veiu para Portugal, onde se ordenou presbytero e tomou a roupêta de S. Filippe Nery na Congregação do Oratorio. Ahi regeu com distincção a cadeira de humanidades. Quando Sebastião de Carvalho começou a perseguir alguns padres da Congregação, Macedo abandonou-a e passou ao estado de presbytero secular. Ganhava a vida como prégador, tendo fama de notavel.

El-rei D. José dizia d'elle:

— O padre Macedo é muito feio, mas no pulpito até parece bonito!

Versejava, e chegou a fazer parte da Arcadia, com o nome anagrammatico de Lemano.

Quando a Zamperini chegou a Lisboa, Macedo era um homem de quarenta e quatro annos.

Estava na pujança da vida, com todos os excessos sentimentaes da sua raça e do clima ardente em que nascêra.

Macedo, apenas recommendavel pelo seu talento litterario, enlouqueceu a ponto de julgar que poderia aspirar ás boas graças da Zamperini em concorrencia com pessoas de tanta categoria e dinheiro como Ignacio Pedro Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral e o proprio conde de Oeiras, filho primogenito do primeiro ministro, além de muitos fidalgos provincianos, opulentos e generosos, entre os quaes se abalisava o morgado da Boa-Vista.

O segundo conde de Oeiras, Henrique José de Carvalho e Mello, era então presidente do senado da camara de Lisboa, cargo para que tinha sido nomeado em janeiro d'esse anno e que, diga-se de passagem, desempenhou em dois triennios consecutivos, até 1776.

Tinha, quando a Zamperini appareceu, apenas vinte e dois annos de idade; mas já havia seis que estava casado com D. Maria Antonia de Menezes, filha de D. José de Menezes, da casa dos condes de Caparica, e da condessa de Rapasck.

Era uma creança, a quem tinham consorciado quasi na infancia.

Vêr a cantora e enzamparinar-se foi obra de um momento.

Ella, quando lhe apresentaram aquelle rapaz, que reunia as altas qualidades de ser filho do primeiro ministro, conde e presidente do senado da camara, fréchou-lhe, por sob a aba do chapéu, um olhar coruscante de tentações aphrodisiacas.

Era o melhor olhar que ella tinha no seu repertorio: o olhar destinado a ensandecer de voluptuosidade as grandes personagens.

E o repertorio não falhou ; nem o desempenho.

O joven conde de Oeiras tão rendido ficou com aquelle olhar que promettia paraisos e saques, tão encantado pela formosa serêa, que tambem sabia cantar com os olhos quando era preciso, que o notario Galli e os outros intimos da nunciatura, incluindo os padres italianos, frequentadores assiduos da casa de Anna Zamperini, resolveram, certamente de accordo com a sua famosa «diva,» explorar a posição social e a paixonêta do conde.

O theatro era pequeno, e rendia pouco. De mais a mais tinha chegado a excesso o costume de pedir «borlas,» além de haver muitos logares captivos, reservados a funccionarios publicos, incluindo os da intendencia geral da policia, creada por Sebastião de Carvalho dez annos antes.

De modo que, aproveitando habilmente a occasião, o notario Galli, como agente e de accordo com os demais interessados na empresa, lembrou-se de recorrer ao conde de Oeiras para obter maiores recursos pecuniarios.

Ideou a constituição de uma sociedade, com o capital de cem mil cruzados, repartido em cem acções de quatrocentos mil réis cada uma.

O conde, já enfeitiçado pela «prima-donna,» approvou este plano, e prometteu auxilial-o.

Um bello dia convocou para uma reunião nos paços do concelho os maiores negociantes nacionaes e estrangeiros, sem lhes declarar, porém, o motivo da reunião.

Todos elles se deram pressa em comparecer, por homenagem ao filho do primeiro ministro, e por medo tambem.

Ouviram então da bocca do conde de Oeiras qual o motivo por que os reunira, e ficaram admirados.

Perceberam que se tratava apenas de arrancar-lhes dinheiro, mas nenhum d'elles ousou resistir á sangria.

O conde mandou-lhes lêr um documento que já estava preparado e que, dirigido a el-rei, começava por dizer:

«Senhor! Os homens de negocios d'esta praça de Lisboa, abaixo assignados, considerando o grande esplendor e utilidade que resulta a todas as nações do estabelecimento dos theatros publicos, por serem estes, quando são bem regulados, a Escola publica onde os povos aprendem as maximas mais sãs da politica, da moral, do amor da patria, do valor, zelo, e fidelidade, com que devem servir os seus soberanos, civilisando-se e desterrando insensivelmente alguns restos de barbaridade, que

n'elles deixaram os infelizes seculos da ignorancia: e reflectindo quanto V. Magestade se empenha na instrucção dos seus vassalos, e em promover todos os meios de os fazer felizes; conduzidos e animados pelo conde de Oeiras, Presidente do Senado da Camara d'esta Côrte e Cidade de Lisboa, teem determinado entre si formar uma Sociedade, que se empregue em sustentar os mesmos theatros com aquella pureza e decoro, que os fazem permittidos, e necessarios.»

Seguiam-se os estatutos da nova «Sociedade estabelecida para a subsistencia dos Theatros Publicos da Côrte.»

Os negociantes não se atreveram a dizer palavra, mas olhavam uns para os outros, de soslaio, embuchados como se tivessem comido marmello cru.

Custava-lhes a engulir que na Rua dos Condes pudessem aprender com a Zamperini «as maximas mais sãs da politica e... da moral.»

Mas não tiveram remedio senão assignar, entalados, o requerimento a el-rei, e logo depois a folha dos subscriptores.

Imagine-se a cara de parvo com que cada um d'elles entrou em casa, a contar á familia, muito em segredo, para que as paredes e os criados não pudessem ouvir, o laço que lhe tinha armado o conde de Oeiras.

Ora os estatutos da Sociedade constituiam um verdadeiro monopolio, systema economico muito do agrado de Sebastião de Carvalho.

Ficariam apenas abertos dois theatros, o do Bairro Alto para declamação portugueza, e o da Rua dos Condes para operas e comedias italianas.

Todos os mais fechariam, sendo até prohibidas as representações em casas particulares, tanto em Lisboa como nos suburbios.

Isto é que talvez fosse um serviço á arte.

Os estatutos restringiam o costume das «borlas,» e declaravam que a responsabilidade dos socios não ia além das quantias subscriptas, ainda que a sociedade por qualquer motivo se extinguisse.

Claramente se conhecia ser um expediente de occasião, para garantir a demora da companhia Zamperini em Lisboa.

Mas certamente o mais curioso trecho d'esse interessante diploma era aquelle em que se procurava tapar a bocca ao mundo, que censurava vêr tanta gente boa, incluindo o conde de Oeiras, em adoração permanente deante de «uma comica.»

Procurava-se, pois, lavar a mancha que a legislação romana tinha deixado sobre a classe dos actores.

«E' Vossa Magestade servido declarar, dizia o diploma,

que a dita Arte (scenica) per si é indifferente e que nenhuma infamia irroga áquellas pessoas que a praticam nos theatros publicos emquanto aliás por outros principios a não tenham contrahido.»

Sebastião de Carvalho gostou certamente d'esta catanada contra o direito romano, que elle aborrecia.

De modo que a Zamperini arranjou em Portugal dinheiro, gloria, e certidão de folha corrida quanto aos costumes da sua classe e pessoa.

Na reunião promovida pelo conde de Oeiras foram logo nomeados quatro administradores-inspectores do theatro da Rua dos Condes, logares gratuitos, sendo apenas inherente ao cargo o privilegio de um camarote commum a todos os quatro.

Por indicação do conde a nomeação recahiu em Ignacio Pedro Quintella, que era provedor da Companhia do Gran-Pará e Maranhão, Alberto Mayer, Joaquim José Estolano de Faria e Theotonio Gomes de Carvalho.

Anna Zamperini

Os estatutos da nova «Sociedade» foram approvados por el-rei a 17 de julho de 1771.

A Zamperini, não obstante vêr assim garantida a sua permanencia em Lisboa, parecia insaciavel de recolher dinheiro, além de louvores e palmas.

Conheceu bem o paiz em que estava.

Quanto a dinheiro, tinha a esperteza de ir sugando a algibeira dos grandes capitalistas.

E quanto a versos, que aliás prezava pouco, mas que eram precisos para estimular o enthusiasmo dos banqueiros, chegavam a ser uma praga, um diluvio.

O padre Macedo ia sempre na vanguarda dos poetas, a ponto de produzir escandalo uma ode sua, em que chamava divina á Zamperini.

Divina, para um padre, era forte.

O clero austero irritou-se.

O leitor vae lêr essa ode que tanto deu que fallar, e que se transformou n'um pômo de discordia entre os poetas da epoca.

Ode

Formosa Zamperini,
Formosa não; formosa não te basta;
O nome de divina
E' só que te compete: pisa, arrasta
As altivas Bellezas
Do teu triumpho ao veloz carro presas.

Um gesto, um movimento
De teus olhos gentis quem não inflamma!
Transporta o pensamento!
Que suave prazer n'alma derrama!
Com dôce actividade
Rouba o socego, rouba a liberdade!

Do arco Amor não sacode
Setta mais penetrante! a tua vista
E' um raio, que póde
De rebeldes vontades na conquista,
Vencer, deixar prostrados
Os corações, ainda que obstinados.

Appareces! no rosto
De cada um se observa diffundido
Não sei que estranho gosto!
Tu só tens os applausos conseguido
De sempre desejada;
Retiras-te da Scena, a Scena é nada!

Oh encanto! oh ternura!
Oh soberana voz! não ha Serea
Que verta igual doçura!
O insaciavel animo recrea,
Excita novo espanto.
Não, da terra não é aquelle Canto!

Quem não fica pendente
Como absorto de tanta melodia!
Suspira impaciente,
Não sabe quando ha de raiar o dia
Que ouvir-te outra vez possa;
Da saudade a aspereza nada adoça.

Ora humilde, ora altiva,
Vas no semblante affectos alternando!
Que acção tão expressiva!
Um teu olhar severo, um olhar brando
Consterna, vivifica,
Na nivea fronte os louros te duplica!

França, não te gloreis
Das Actrizes, que cantas, celebradas;
Para que o orgulho enfreies,
Do Adriatico mar nas prateadas
Margens uma apparece,
E' Zamperini a bella!... ouve-a!... emmudece!

Do caudaloso Sena
Já fez parar as ondas cristalinas.
O ecco da voz amena
Batendo as azas nas azues campinas
Tão vastas como bellas,
Tem gravado teu nome entre as Estrellas!

E ha quem disputar queira
Do teu merecimento a proeminencia!
Tu és sempre a primeira!
A frenetica inveja, a competencia,
São terrestres vapores
Que não mancham do Sol os resplendores!

Antonio Lobo era um dos «terrestres vapores» a que o padre Macedo alludia no final da óde.

Podemos desde já calcular que a allusão não cahiria em cêsto rôto.

O suppôsto pai da Zamperini morreu em Lisboa.

Os ares de Portugal, excellentes para a filha, foram-lhe nocivos a elle.

Mas os «dilettanti» folgaram, porque ficava sem dragão o jardim das Hespérides, que sempre foram trez, tanto na mythologia, como em casa do nunca assaz chorado papá Zamperini.

A administração do theatro fez um sumptuoso funeral ao «egregio cavalheiro italiano» e promoveu, trinta dias depois, solemnes exequias no Lorêto, onde elle fôra sepultado.

Antonio Lobo, que trazia entre dentes o padre Macedo, lembrou-se de espalhar que o auctor da famosa óde seria tambem o prégador da oração funebre nas exequias.

A «galga» correu com rapidez, como todas as... galgas.

Chegou ao conhecimento do patriarcha D. Francisco de Saldanha, que logo mandou chamar á sua presença o padre Macedo.

O prelado recebeu-o de sobrecenho descido, e severamente lhe fulminou as seguintes prohibições: de prégar nas exequias, de frequentar o theatro, de fazer versos á Zamperini, ordenando-lhe tambem que substituisse por uma cabelleira o penteado que o padre Macedo usava á italiana, com polvilhos, depois que a «diva» chegára.

O padre, até ahi besuntão, trescalava agora pivetes irritantes.

Ouvindo as fulminações do patriarcha, Macedo não perdeu a coragem nem a eloquencia.

Asseverou que nunca fizera tenção de ir prégar nas exequias.

Quanto ao facto de frequentar o theatro, defendeu-se com o exemplo dos padres da Nunciatura.

E, quanto á cabelleira, tambem recorreu ao mesmo exemplo, allegando, ainda em reforço, que a cabelleira offendia os cánones, pois que até os ecclesiasticos, se d'ella precisavam usar por virtude de alguma enfermidade, eram obrigados a impetrar de Roma um breve, que a Nunciatura taxava n'um quartinho por cada anno.

O patriarcha não quiz attender aos precedentes nem aos cánones.

Foi inexoravel quanto á cabelleira.

Mas perante as caramunhas do padre Macedo, que chorou, supplicando, consentiu-lhe que fosse ao theatro, comtanto que se escondesse ao fundo de um camarote ou forçura, que poderia ser a do auditor e do secretario da Nunciatura, bem como de outros padres italianos, amigos de Galli.

Antonio Lobo ganhou a partida quanto á «galga» da oração funebre, mas não se contentou com essa victoria, e continuou a perseguir implacavelmente o padre Macedo á conta da Zamperini.

As exequias realizaram-se, sem prégador, mas com grande assistencia das pessoas mais gradas de Lisboa, fidalgos, banqueiros, negociantes, vereadores, além dos padres da Nunciatura, do padre Macedo e de outros ecclesiasticos igualmente mundanos.

Antonio Lobo postou-se no largo do Lorêto, entre a multidão, a vêr entrar toda essa immensa legião de apaixonados, que á luz do sol e no coração da cidade não duvidavam acorrentar-se como escravos ao carro triumphal da «primadonna».

Viu chegar as trez irmãs Zamperini, em duas seges; a cantora acompanhada pelo agente Galli; as duas irmãs acompanhando-se uma á outra.

Vinham em trage de rigoroso luto, como trez graças encarvoadas.

Os zampirinistas diziam que a grande Anna ainda parecia mais bella assim, e que as plumas do chapéu faziam lembrar nuvens negras que pairassem sobre dois raios de sol: os olhos lindos e travêssos.

Outros sujeitos, como a raposa da fabula, não podendo colhêr os altos sorrisos da Zamperini, contentavam-se com os dois bagos de uva que estavam mais ao alcance da mão: as sympathicas manas da «divina» serêa.

Antonio Lobo improvisou ali mesmo um soneto, que poucas horas depois era espalhado por copia nos soalheiros mais concorridos da cidade.

Que funcção será esta no Lorêto,
Para a qual correr vejo tanta gente?
Dobrando estão os sinos rijamente,
O morto é rico, ou grande «anunalecto».

E' da gran Zamperina o pai dilecto,
Não disse bem, da «divina», excellente,
Como ouvi já chamar-lhe indoutamente,
Em uma óde, em pessimo dialecto.

Para isso se ajuntou toda Lisboa?...
Você é tolo? não sabe que hoje em dia
Da Zamperina o nome campa, e sôa?

Ajuntou-se da filha a confraria:
Fidalgos, deputados, gente boa...
E, de provedor, Galli lhe assistia.

Este soneto, dito por Antonio Lobo no grupo de amigos que o rodeiava, foi ouvido por uma airosa tafula que estava ali perto dando muito nas vistas pelo alto penteado que se chamava «telonio», e que lhe entufava a cabeça petulantemente.

Acompanhava-a outra sécia, tambem sem manto, nem chapéu, com seu «telonio» grimpante.

O padre Francisco Manuel, se ali estivesse, teria dito de ambas: que açoutavam os ares com o topete. [1]

---

[1] «Chamavam «telonios» aos toucados altos, que se inventaram em Lisboa, depois do terremoto, quando as moças iam descaradamente sem manto nem touca, açoutar os ares com o topete». «Obras» de Filinto Elisio, «Sonho dedicado ao ill.mo sr. P. M. de M.»

A tafula mostrou achar muita graça ao soneto, rindo com a sua companheira, com quem manifestamente fallava a respeito de Antonio Lobo.

Elle reparou n'isto, observou-a e, quando ella abalou, despediu-se dos amigos para seguil-a.

— Olha, disse-lhe um, tu zombas do Mattos, e não és menos lamecha que elle.

— Santo Deus! exclamou Antonio Lobo, eu não gargarejo para as janellas, nem faço versos ás «Delias» e «Dirceas». Procuro apenas, onde as encontro,

Delicias feminis, por quem me babo.

E seguiu Chiado abaixo na piugada da tafula.

XV

A guerra dos poetas

A evidencia do padre Macedo, por amor da Zamperini, veio atiçar no Pindo a sanhuda pugna que já andava accêsa entre os poetas portuguezes.

O padre era um bom rastilho para nova explosão, e contra elle desembéstaram logo duas hostes aguerridas, que marchavam ao seu encontro por motivos e caminhos diversos.

De uma das hostes era cabecilha Antonio Lobo, que directamente aggredia a pessoa de Macedo, atacando-o, a impulsos de antipathia individual, pelos seus ridiculos e fragilidades de bajojo junto de Anna Zamperini.

A segunda hoste, de que foi porta-bandeira o doutor Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, que era então um rapaz de 26 annos, transmontano por nascimento, cultor das musas e espirito tão mordaz quanto desvanecido, atacava os poetas da Arcadia na pessoa do padre Macedo, e feria pungentemente a Zamperini para que o padre sahisse á estacada e desse o flanco.

A hoste de Antonio Lobo era uma especie de guerrilha popular, que fazia arruido na rua disparando sonetos, nem sempre correctos, mas espontaneos e candentes, que logo entravam na memoria e no gosto da multidão.

A outra hoste era mais litteraria, metrificava o decasyllabo com maior cuidado, e escrevia odes e satyras para serem lidas por pessoas illustradas nos gabinetes, nas salas e nas academias.

Era uma especie de contingente emanado do famoso «Grupo da Ribeira das Naus,» que o padre Francisco Manuel

do Nascimento commandava sob o nome pastoril de «Niceno.»

Este contingente combatia por odio litterario, pois que o padre Macedo fora admittido como árcade, e o Grupo da Ribeira das Naus se compunha de dissidentes da Arcadia.

Vamos seguir por algum tempo a guerrilha de Antonio Lobo, aquella que se propunha esfolar em vida o padre Macedo pelo unico delicto de se rojar como sabujo deante da Zamperini.

Lobo não era homem que se prestasse a vingar alheios odios litterarios. Não se importava para nada com a Arcadia, nem com os árcades. Não pertencia ás academias; era um poeta das ruas. Fallava de conta propria, desabafando apenas sentimentos pessoaes.

Para recolher alguns sonetos do bravo cabecilha, comecemos por aquelle em que, referindo-se á ode do padre, agrupa allusões á questão da «cabelleira» e á prohibição de frequentar o theatro.

Sôa no sacro monte um buzina,
Ajuntam-se os antigos escriptores,
Mostra-lhe Apollo cheio de furores
A ode do Macedo á Zamperina.

Virgilio pasma, Homero não atina,
Suffoca-se de maguas e rancores;
Já Sannazaro diz: «Votem, senhores,
Acudamos depressa a esta ruina!

Varios votos se dão ao delinquente;
Que seja pelas ruas apupado...
Porém não quer Apollo, nem consente.

Mandam, emfim, que seja tosquiado,
Que uze de cabelleira ou de crescente,
E da ópera a desterro condemnado.

O caso da peruca ainda foi ridicularisado por Antonio Lobo n'outro soneto dialogado entre o padre Macedo e o cabelleireiro francez, de appellido Sutá, então muito em voga:

Macedo — Monsieur Sutá, eu quero uma peruca,
Cousa da sua mão, ultima moda;
Que me cinja a cabeça toda em roda,
E que os crespos me caiam sobre a nuca.

José Pedro[1] de falso ás vezes truca,
Faz-me esperar em casa a manhã toda;
Depois á pressa os meus cabellos poda,
E com pós e pomada a testa estuca.

[1] Cabelleireiro portuguez.

Cabelleireiro — Monsieur l'Abbé, vós tendes muita pressa ?
Macedo — Se acaso póde ser, faça-m'a hoje,
Fort bien, antes que o sol do carro desça.

Presto, monsieur Sutá, que o tempo foge !
Cabelleireiro — Eu vol-a faço mesmo na cabeça,
Que é irmã das de pau que estão na loge.

Por duas vezes retratou Antonio Lobo o padre Macedo em verso, flagellando-o como homem e como padre e fazendo-o expiar o adjectivo «divina» com que elle tinha classificado, na ode, a pessoa da «prima-donna».

Reproduzo um dos retratos, desenhado por Lobo ao correr da sua prompta improvisação :

Quem é este peralta reverendo,
Que em verso torpemente nos atrôa,
Querendo inficionar toda Lisboa,
Errada e nesciamente discorrendo ?

Quem é, torno a dizer, que pervertendo
Vai da santa moral a lição boa,
Sem que haja um vil tambor, que pise e môa
Os ossos de um tal monstro assás horrendo ?

Quem é que o puro nome de «divina»
A' Zamperina dá sem custo ou medo
De quem os idiotas mais crimina ?

Se quereis o auctor saber de tanto enredo,
E' um, de honesta côr, talvez da China,
E' o negro doutor, padre Macedo.

O morgado da Boa-Vista quiz interceder em favor do padre Macedo, mas Antonio Lobo replicou iracundo :

— Eu tenho sido o mais agradavel possivel a Vossa Senhoria, pois que ainda não disse da Zamperini cousa que se parecesse com o que tem escripto...

O morgado atalhou formidavel de colera :

— O dr. Monteiro Amaral ?

— Esse, e outros.

— O dr. Amaral já hontem pagou bem cara a sua insolente resposta á ode de Macedo. Fil-o comer terra no Rocio deante de toda a gente que passava.

— Então Vossa Senhoria deu agora em vingador de cantarinas offendidas ! Por que o não fizeram outros, e Vossa Senhoria se apressou a fazel-o ?

— Porque estavamos em casa da Zamperini uns poucos de

amigos, Anselmo Cruz, o Braamcamp, Antonio Soares de Mendonça, o Estolano e eu, e ali tirámos á sorte qual de nós havia de castigar o dr. Monteiro Amaral. Por signal que n'essa occasião bateu á porta o padre Macedo.

— E elle, perguntou ironico Antonio Lobo, tambem entrou no sorteio?

— Não. Dissémos á Zamperini que lhe não abrisse a porta, visto que pela sua qualidade de ecclesiastico não podia tomar parte na conjura, que pretendiamos realizar em segredo.

— Ah! ah! riu Antonio Lobo. Essa agora é melhor! O poeta que a «divinisou» ter ficado fóra da porta como um cão enxotado! E' boa! é boa! Essa merece perpetua memoria.

E logo começou a improvisar em voz alta um soneto n'uma torrente de inspiração:

Truz, truz. Quem bate ahi? Abra, senhora,
Sem medo, sem receio, e sem cautela:
E' Macedo, que estava só por vêl-a
Debaixo da janella ha mais d'um'hora.

— Mau! exclamou iroso o morgado da Boa-Vista, cortando-lhe a inspiração. Vossa Mercê está insupportavel com esse seu constante teiró contra a Zamperini e Macedo! Não lhe torno a contar mais nada.

— O' morgado! Estragou-me o soneto! que já não sei se o poderei acabar... Mas conclua lá o caso do dr. Monteiro Amaral.

— Com uma condição...

— Qual?

— Que não fará soneto.

— Não faço.

— Coube-me a sorte a mim, no sorteio.

— Não haveria batota por parte dos outros?

— Talvez. Nem reparei.

— E depois?

— Depois, esperei-o no Rocio, á hora a que elle costuma passar, deitei-lhe a mão ao gasnete, e baldeei-o no chão.

— Juntou-se gente?

— Pouca, porque a manobra foi rapida, e elle não oppoz resistencia.

— Ah! morgado! Vossa Senhoria póde ainda ser incommodado pela intendencia geral da policia, que não perde occasião de alardear serviços.

— Ora adeus! Defendi uma causa em que o conde de Oeiras está tão interessado como eu.

— Mas Sebastião de Carvalho gosta de Monteiro Amaral; até lhe chama «doutor em prosa e verso.»

— Sim! Sempre ha de gostar mais do proprio filho, e o conde de Oeiras bebe os ares pela Zamperini.

N'este momento chegava João Xavier de Mattos, todo esbaforido.

— O' homem! gritou-lhe Antonio Lobo. Tu vens perseguido por algum pai tyranno, que te apanhou a fazer mesura á donzella Olaia, sua filha.

Xavier de Mattos sentou-se, tomou folego, e disse:

— Não gracejes, que o caso não é para isso.

— Então cousa grave?! Querem vêr que te mataram!

— Sabe-se que foi preso hontem ao anoutecer o Garção.

— O Garção! conclamaram, surprehendidos, Antonio Lobo e o morgado da Boa-Vista.

— Sim, o Garção.

— Porquê?

— Não se sabe ao certo. Mas á bocca pequena diz-se que por causa de amores.

— Querem vêr, alvitrou Lobo, que será historia com a filha do brigadeiro Elsden?

— Por que é que diz isso? perguntou o morgado da Boa-Vista.

— Por que era visinha, e o Garção estava muito á janella, umas vezes só, outras com o Avila, um peralta que lhe frequenta a casa.

— O que foi não se sabe ao certo.

— Sim, disse reflexivo Antonio Lobo. Póde ser... deve ser talvez o amor. Garção já não é creança, mas é poeta, e elle mesmo antecipou desculpas a qualquer desatino serodio quando compoz aquelle lindo soneto que termina:

> ... Amor, nascendo moço, se faz velho,
> E um velho ter amor não é tontice.

Houve um momento de silencio, após o qual Antonio Lobo reatou o dialogo dizendo:

— Foi preso o Garção! Pois morreu a Arcadia.

— E' natural, apoiou Mattos.

— Vossas Mercês, disse do lado o morgado da Boa-Vista, já ha muito andavam a dizer que ella estava pôdre.

— Gangrenada, sim, acrescentou Lobo. Mas agora, com a captura do Garção, sobreveiu-lhe a morte.

E logo, mudando de tom:

— Ora adeus! A intendencia geral póde atulhar com árca-

des o Limoeiro, poupando comtudo o padre Macedo, para nos não tirar o divertimento. E sendo assim, cá estou eu, cá está o «Grupo da Ribeira das Naus» para ir zurzindo o padre. Isto é um joguinho em que cada um assenta vasa por sua conta e risco. Eu, por mim, jogo só... com a canalha. E não tenho perdido.

Effectivamente, como já sabemos, Antonio Lobo não pertencia ao «Grupo da Ribeira das Naus,» composto de dissidentes da Arcadia. Da sua nau independente era elle o piloto. Acompanhavam-n'o na manobra, é certo, alguns poetas populares, alguns obscuros moços de talento, que o tomavam por modelo. Mas a veia fecunda de Lobo chegaria á farta para não dar um momento de treguas ao padre Macedo.

O leitor vai ouvir outro soneto, com que Lobo açoitou o padre ainda á conta do adjectivo «divina:»

Macedo, é tempo de mudar de officio.
Tu, que eras prégador rijo, excellente,
A testa inclina, escuta paciente,
Que eu tambem de prégar tomo o exercicio.

No pulpito explicaste contra o vicio
Doutrina santa em phrase irreverente;
No theatro és a fabula da gente,
Opprobrio á religião, e a nós supplicio.

Com fé quem te ha de ouvir prégar já agora
(Oh Deus d'Abrahão, oh Numen sempiterno)
Se «divina» acclamaste a vil cantora?

Só podes ir prégar ao escuro Averno,
Que essa profana voz impia e traidora,
Não é clarim do céu, é voz do inferno.

Este soneto apenas Antonio Lobo o divulgou quando os Lorênas, informados pela intendencia geral do conflicto que o seu parente tivera no Rocio com o dr. Amaral, aconselharam ao morgado que se retirasse de Lisboa immediatamente.

Elle teve que obedecer, mas disse a Antonio Lobo que voltaria logo que por meio de cartas persuasivas pudesse abrandar a indignação dos primos Lorênas.

Com o morgado em Lisboa não teria tido Lobo a coragem de chamar «vil» á Zamperini.

O padre Macedo não respondeu nunca a Antonio Lobo, como quem não queria descer do estrado da Arcadia até ao nivel de um poeta das ruas, que levava atraz de si a canalha rôta e enlameada.

Mas respondeu a outros adversarios mais cotados; ao dr. Monteiro Amaral, por exemplo.

E' agora occasião de passarmos revista á segunda hoste que perseguiu o padre.

O «Grupo da Ribeira das Naus» constituira-se por emulação com a Arcadia, e celebrava as suas reuniões dentro do edificio do Arsenal da Marinha (d'onde lhe vinha o nome) por que era ahi que então morava Francisco Manuel do Nascimento, seu presidente.

Filinto Elysio
CHEFE DO GRUPO DA RIBEIRA DAS NAUS

Faziam parte d'esse «Grupo» Luiz Pinto de Sousa Coutinho, que foi primeiro visconde de Balsemão, Domingos Pires Monteiro Bandeira, o capitão de infantaria Manuel de Sousa, o dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, o comediographo Antonio Xavier Ferreira de Azevedo e o dr. Jeronymo Estoquette.

Abrir brecha na Arcadia, apeando no conceito publico os seus socios, era o fim que o «Grupo» tinha em vista.

Uma das suas victimas foi Garção, que n'um soneto se refere a varios d'aquelles seus rivaes e adversarios em lettras.

Diz o soneto de Garção:

CONTRA UM RANCHO SATYRICO

Pinto fidalgo (1), embaixador da Mancha,
Tu Monteiro (2) roaz, que na baralha
Vales por espadilha da canalha
Que a fama alheia com ferrêtes mancha;

(1) Luiz Pinto de Sousa Coutinho, primeiro visconde de Balsemão, embaixador em Londres.

(2) Domingos Pires Monteiro Bandeira.

Padre Niceno, (1) tu, patrão da lancha,
Carregada de drogas da antigualha,
Que o Bandeirinha (2) alvar á tôa espalha,
Pôtro que n'outro pôtro se escarrancha ;

Capitão Archimedes, (3) tu zarolho,
Manuel de Sousa que pareces Mendes,
Que da récua aproveitas o restolho ;

Ulpiano venal... (4) tu bem me entendes...
Se para estas cousas tenho dedo e olho,
Em peralvilhos jubilado tendes.

Não ha aqui referencia ao dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, que talvez ainda então frequentasse a Universidade de Coimbra.

Mas é certo que este poeta se filiou no «Grupo da Ribeira das Naus,» (5) e que foi elle que, por parte do «Grupo,» respondeu á ode do padre Macedo, custando-lhe essa empresa o ter que comer terra no Rocio pela mão do morgado da Boa Vista. (6)

Vamos lêr a resposta que tanto offendeu a Zamperini e os seus admiradores :

Assás tem Pluto á Espanha fulminado
Maus versos ; e más prosas
Com afumadas mãos tem jaculado.
Vão cantoras famosas,
Italicas, Espanicas, Francezas
De Zamperini ao torpe carro presas.

Com que saudade os pés assignalados
Deixaste, recta Astrea,
Lá de Atlante nos hombros estrellados !
Com dourada cadêa
A balança a teus pés levaste presa :
Outra ficou em que a Paixão só pesa !

---

(1) Francisco Manuel do Nascimento.

(2) Este Bandeirinha nada tem de commum, certamente, com Domingos Bandeira. E' outro individuo, que o diminutivo tem por fim differençar.

(3) O capitão de infantaria Manuel de Sousa.

(4) O dr. Estoquette.

(5) Dil-o Innocencio, «Dicc. Bib.» tomo II, pag. 193 ; e Pinheiro Chagas, «Dicc. Pop.» 1.º vol. pag. 175.

(6) Camillo Castello Branco «(Curso de litt. port., pag. 205)» attribue a resposta a Domingos Monteiro. Mas o redactor do «Ramalhete, 6.º vol., pag. 324 e seguintes, que ainda teve relações pessoaes com o dr. Amaral, diz que elle foi o antesignano da batalha litteraria contra o padre Macedo, e o auctor da resposta á ode. Isto está de accordo com o caracter expansivo e o genio folgazão de Amaral, que envelheceu alegremente compondo em 21 oitavas uma arte de alliviar certas oppressões da natureza.

Tem Venus impudica o pomo de ouro
A Minerva negado.
Não serve á Deusa bella de desdouro
Ter sempre Marte ao lado;
Do estranho voto ora a rasão concebo:
Foi Juiz o adultero Mancebo.

Tu, que d'Abril nas frescas madrugadas,
Rouxinol sonoroso,
Dás a Titan as primas alvoradas,
Se em carcere formoso
Deliciosos ouvidos adormentas,
De corações exhaustos te sustentas.

Não arrancou Quixote desvelado
Entre aerios carinhos
A Durindana mais vãmente ousado
Contra duros Moinhos,
Que tu com o verso em que a alma derreteste
Sem ouro á Zamperini acommetteste.

O voluvel penedo abaixo e acima
Vai Sisypho rolando.
Se os que nos ferem com má prosa, e rima,
Jove assim castigando
A perpetua fadiga os condemnára,
Muita lição penosa nos forrára.

Não viramos gravar entre as Estrellas
Um tão incasto nome,
Sem attentar que o claro lume d'ellas
A luz baça consome;
Nem viramos em Paphos profanados
Os vasos de ouro ao Templo consagrados.

Mas a nossa vaidade empavezada
Não consente que os Numes
Salvem d'esta estulticia descarada
D'alma os nativos lumes;
Ouzamos reprehender nossos maiores,
Vimos por presumpção a ser peiores.

A fallar verdade, se a gente compara esta réplica com as furibundas verrinas do nosso tempo, chega a parecer que ella é tão desenxabida e molle como um copo d'agua salôbra.

Mas não o foi para a Zamperini, nem para os seus enthusiastas, que logo tiraram á sorte quem havia de desaffrontar a «prima-donna,» certamente por causa do «torpe carro» e do «incasto nome.»

O padre Manuel de Macedo não se contentou com a desaffronta da cantora pelo morgado da Boa-Vista; quiz desag-

gravar-se a si mesmo não se resignando ao papel de D. Quixote, que o dr. Monteiro Amaral lhe distribuira.

A vaidade dos poetas é uma cousa mais susceptivel do que a sensitiva.

O padre Macedo recalcitrou, mas a sua tréplica faz lembrar uma descompostura dada por um gato-pingado em «toilette» funebre.

Começa por lastimar plangentemente a mordacidade e inveja do «Grupo da Ribeira das Naus:»

D'onde nasce que todos indulgentes
Com os seus vicios são, mas contra os outros
A mordaz lingua aguçam, nem perdoam
Os mais leves defeitos?... hão de a aresta
Ver nos olhos alheios; mas da tranca
Que nos seus olhos tem, caso não fazem.
Quem supportal-os pode?... casta infame!...
Da Satyra o açoute levantado
Sobre vós hoje está! vós o argumento
Dos meus versos sereis, comvosco é a briga!

Depois, como é costume dos poetas, e dos outros, faz o seu elogio para dar vulto ao contraste com os adversarios, deprimindo-os:

E tu! oh bom Lemano, que não temes
Da frenetica inveja o voraz dente...

Lemano é elle proprio; é o seu anagramma na Arcadia.

E continuando a fallar de si, e comsigo, prepara o salto aos do «Grupo da Ribeira das Naus:»

Tu que dos cães, que ladram como á lua,
Mofando sempre estás, o sacrificio,
Que te dirijo, acceita; é a Justiça
Quem o animo me accende, mal faria
Se a teu merecimento não rendesse
Algum publico obsequio. As almas nobres
Conhecem-te, e desculpam teus defeitos,
Se porventura os tens: qual é o que nasce
Sem que tenha defeitos? de corrupto
Tronco brotamos todos, pelos ramos
O veneno se infunde Se a canalha
Vil infamar-te quer, é sua a injuria.
Que mais desejas tu para vingar-te
Que o serem conhecidos? já na Praça
Seus pôdres assoalho; suas manhas
A fazer manifestas já coméço.

Mette-se agora, após a locução «vil canalha,» que não é

mau cumprimento para começar, na questão litteraria do tempo, a lucta das escolas, latina e franceza.

Accusa os da Ribeira das Naus de serem velhos e bafientos, caturras agarrados aos antigos moldes classicos dos poetas romanos e dos portuguezes quinhentistas.

Carregando n'esta nota, prosegue:

Quem por extravagante não teria
Aquelle que do hombro a solta capa
Pendente, as fofas calças enfeitando
De frescos topes, com o retorcido
Bigode feito ao ferro, e a larga espada
A' cinta posta sobre o gibão justo,
Passeiasse entre nós, desenterrando
Dos Affonsinhos as passadas modas?
Pois é este o nosso caso. Das palavras,
E dos trages a condição é a mesma.
E' ridiculo quem se affasta do uso.
Bem hajas tu, meu Mattos, tu, Basilio,
Bem hajas: que com uma nobre, e séria
Locução, do Parnarso ao bi-partido
Cimo voado tendes, corromper-vos
Não vos deixastes das Mouriscas vozes
Da rançosa antigualha! vossos versos
Com applauso serão de todos lidos;
Do Tejo sobre as ondas prateadas
Andarão vossos versos arrancados
Da fria mão da morte! vós de eternos
A fama alcançareis nos campos Lusos,
A' fresca sombra dos viçosos louros,
Que a honrada fronte adornam dos Mirandas,
Dos Camões, dos Bernardes, dos Ferreiras.

Para ferir os adversarios não duvida o padre Macedo elogiar João Xavier de Mattos, que não passou de ser um poeta de segunda ordem, e José Basilio da Gama, o auctor do «Uruguay,» que depois lhe revirou o dente.

Mas o padre queria conquistar prosélytos.

Finalmente, despede-se do «Grupo da Ribeira das Naus,» mandando cartões de visita ao «valente chefe» Francisco Manuel do Nascimento, e a alguns outros, que nomea:

Ora! eu já não posso
Demorar-me com tanta baboseira!
Charlatães importunos, já vos deixo,
Monteitos, Estoquettes, Bandeirinhas,
Valente Chefe do famoso troço
Da Ribeira das Naus, a ti primeiro,
Se ao dissabor das Satyras, quizerdes
Forrar-vos, acceitae o meu conselho,
E' santo! «conhecei-vos, e calae-vos!»

Como era de prever, o dr. Monteiro Amaral não deixou de replicar.

Entrando na questão litteraria, cahiu no laço que o padre Macedo lhe armou habilmente com o fim de afastar para o segundo plano o escandalo Zamperini.

Dou apenas uma rapida amostra, para que o leitor não se aborreça muito:

Mas voltemos agora a essa altiveza,
Com que dás leis na lingua Portugueza.
Qual uso é esse, de que Horacio falla,
Que ha de manter a lingua, e governal-a?
Será o que tu fazes de «transportes»,
De «interesses,» «conducta,» e de «ressortes,»
«Fanfarrão,» «calcular,» «terso,» e diversos
Com que salpicas tua prosa, e versos?
E' o uso da Franceza rapazia,
Sem Diccionario, sem Academia?
Esse de orações curtas, desligadas,
Que mede os teus Sermões por pollegadas?
Ou é o de finados Escriptores,
Que escreveram nos Seculos melhores,
Lidos com discreção, e só seguidos
Nos vocabulos, que andam mal suppridos,
Nos que são filhos de eruditos tempos,
Que as guerras, a ignorancia, os contratempos
Por um pouco affastaram dos ouvidos
Dos que nem são Lettrados, nem são lidos?

Monteiro Amaral deixou-se desviar da questão Zamperini, e estragou a satyra, que degenerou n'uma semsaboria academica.

O padre Macedo devia esfregar as mãos de contente.

E a pugna teria terminado aqui, se não viesse intrometter-se um terceiro combatente.

Foi José Basilio da Gama, poeta brazileiro que havia chegado a Lisboa sete annos antes; espirito inquieto, que do convivio dos jesuitas passou para o do marquez de Pombal, a quem mereceu protecção.

José Basilio era n'esse tempo um homem de trinta annos.

A sua satyra, além da levesa graciosa da phrase, tem para nós o interesse de compendiar a famosa guerra dos poetas a proposito da Zamperini, que elle não perde de vista, como vamos verificar:

Zamperini apparece; adeus, Talaia!
Zamperini em francez, em prosa, em verso;
Nas salas, nos Theatros, nas Tabernas
Tudo se enzamparina: os Homens digo,
Que as Mulheres maldita graça lhe acham.

Já de mil pretendentes rodeada
Se constitue Penélope ás avessas,
Porque a outra esperava o seu Esposo,
E esta correndo vai climas diversos
Sómente para achar alguns Ulysses.
Crê achal-os aqui, que a Fama vôa
De ser Ulysses quem fundou Lisboa.
Até que algum depare, astuta, e destra
Em olhos Basilisco, em voz Serea,
Vai fiando delgado os seus favores;
Por ella soam no estucado tecto
As dobradiças da ferrada burra
D'onde o negociante tira, e conta
As retinintes peças, que encartuxa;
Em tanto o Guarda-livros diligente
No «ha de haver» da casa escreve, e lança
Em «despezas geraes» aquelle dia:
Ferve a pêta, a anecdota, a praça, a Intriga
Chove como na rua aos Directores:
Nem te livras, asthmatico Theotonio,
Das venenosas lingoas: té Pintores
Por ter de Zamperini exactas copias
Animam os pinceis, dão vida ás côres.
O Demonio de um louco enthusiasmo
Se apodera da plebe dos Orates,
Disse Orates, querendo dizer Vates,
Que imaginando com saber profundo
Que ainda ha Saphos, e Lesbias pelo Mundo
Estrugem os ouvidos com romances,
Décimas frias, rancidos Sonetos,
Que mal entende a Actriz Veneziana,
E em os mal entender perde bem pouco.

Agora o leitor está decerto mais interessado, porque vê a Zamperini a dançar na corda bamba.

Mas deixe-me dizer-lhe duas palavras de rapido commentario.

Adeus, Talaia, é referencia aos comicos desastres tauromachicos do *aficionado* dr. João Dias Talaia, que com elles tinha dado que fallar e rir a toda Lisboa antes da Zamperini chegar.

Quer o poeta dizer que a um assumpto risivel succede outro: ao Talaia, a Zamperini.

Lembrarei por agora ao leitor que este Talaia é aquelle mesmo condiscipulo de Antonio Lobo no Collegio das Artes em Coimbra.

O *asthmatico Theotonio* é Theotonio Gomes de Carvalho, um dos administradores-inspectores do theatro da Rua dos Condes.

O poeta refere-se em seguida á famosa ode do padre Macedo, que foi no Pindo o pomo da discordia.

Eis que de Auctor sagrado Ode á divina
Pelo vulgo se espalha — «Assás tem Pluto» ; —
Saem a empatar-lhe as vasas ao caminho ;
Esquenta-se-lhe a bilis, freme de ira,
Que os Poetas teem odios do Diabo.
D'aqui Macedo Satyras fulmina,
De seus Sermões pelo teor moldadas,
Em verso solto como o proprio Auctor
De exordio, narração, invocação
Não se póde escusar nas suas obras,
Inda que só fizesse um máu quarteto.
D'ali Monteiro, qual outro Lucilo,
Estando sobre um pé, faz n'uma noite
Perdendo seu trabalho, e seu azeite,
Trezentos pares de enfadosas rimas
Em estylo dialetico-forense.
Ambos Poetas são «in victo Domino» :
Este quando o quer ser se nos presenta
Carregado da Vara de Megéra :
Aquelle traz o açoute de Thesíphone,
Com que o seu corpo castigar devia,
Resfriando a licença, penitente.

Monteiro é o dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral.

A allusão do poeta ao estylo dialetico-forense deve tirar todas as duvidas aos que suppunham que o antagonista do padre Macedo, «na guerra dos poetas,» fôra Domingos Pires Monteiro Bandeira, o qual não era bacharel em direito, mas escrivão da Mesa da Consciencia e Ordens.

Dividem-se os juizos ; defensores
Occupam do Parnaso ambos os cumes ;
Basilio faz lunatico o Macedo,
Mattos fal-o pastel de carne, e massa.
Nem te faltam, Monteiro, mil sequazes
Que offerecem verter em teu serviço
Té a ultima gotta do seu estro.
Toca-se ás armas, temol a travada !
Tempo já houve, em que a Discordia fera,
Que nos pequenos corações domina,
Derramou o seu livido veneno
Nos peitos dos Bregeiros, e Rapazes :
Viram-se então da Alfama, e da Pampulha
Tremular as bandeiras, e os Exercitos
Marcharem com furor á civil guerra,
Que os Campos infestou da Cotovia
Vós igualmente divertis Lisboa
Cuidando acreditar-vos com discordias.
Sois do Entrudo as Figuras ; sois do Inverno
Os Talaias, e a Fabula do Povo.
Por mais que a gente ria ás gargalhadas,
Moteje á vossa custa de máus versos,

Vós vos crêdes Homeros, e Virgilios,
Por vêr que quatro estupidos vos louvam.
E se alguem vos não grita «viva! bravo!
«Este verso é em phrase Horaciana!»
Sem ter vergonha o applaudis vós mesmos,
As casas atroando com palmadas,
Testas felices, bem-aventuradas!

Por ultimo José Basilio descarrega o golpe de misericordia nos dois poetas contendores, dando-lhes de conselho que tratem de outro officio:

Deixa, amigo Monteiro, de seccar-nos
Co'a antiga elocução aspera, e dura.

Voltando-se depois para o padre:

E tu, Macedo, fallo-te sincero,
Dou-te licença de queimar teus versos;
Não nasceste Poeta, tem paciencia.

Finalmente, dirigindo-se aos dois:

Deixai ambos de ser alvo das gentes,
Quichotes, cada qual por seu feitio.

O dr. Monteiro Amaral ainda resfolegou, replicando:

Macedo as suas obras defendia;
Monteiro, que ás censuras replicava,
Qualquer discordia evitar devia.
Quem a satyrisar te provocava?
Tua soltura voluntaria accusa
O que a defeza em outros desculpava.

E prosegue sempre com a preoccupação litteraria de apanhar as sincas do adversario:

Tu suppões de Penélope formosa
Seguir tudo em contrario a Zamperina,
Mas vê que trapalhada vergonhosa.
Namorada, e viandante a Cantarina
Porque da Grega o avesso bem seguisses
Finge a tua idéa, e logo desatina.
Se a outra procurava a seu Ulysses,
Esta os Ulysses procurar não deve;
Segue a idéa, e não finjas parvoices.
Penélope modesta se conteve
Entre os amantes; tu fingir devias
Que a Zamperina no regaço os teve.
Seguir a antonomásia assim podias
Ora confessa aqui sinceramente
O que era esta figura não sabias.

Basta de versos. Para não enfadar mais o leitor dir-lhe-hei apenas que José Basilio ainda contestou parodiando o final do canto IV dos «Lusiadas,» e que o dr. Monteiro Amaral lhe retorquiu n'uma satyra dialogada.

Os espectaculos no theatro da Rua dos Condes decorriam turbulentos; por isso muita gente séria os evitava.

A concorrencia, alimentada apenas pelos parciaes da cantora, diminuia.

Era principalmente a influencia do conde de Oeiras que obstava a que a intendencia geral da policia mandasse fechar o theatro.

A hostilidade que dividia os poetas facilitava frequentes conflictos; e uma violencia imposta pelos administradores da sociedade ao tenor Schiattini viera exaltar o animo dos mais pacatos adversarios da veneziana.

Com a falta de concorrencia decresceram as receitas do theatro. A «prima-donna» era, á sua parte, uma insaciavel esponja de dinheiro. O fundo social estava quasi exhausto, e a morte de Ignacio Pedro Quintella viera fechar um cofre subsidiario, que era o d'elle.

Andavam já atrazados os pagamentos, até aos artistas, incluindo o tenor Schiattini, que era uma figura indispensavel na companhia da Rua dos Condes, e que declarou que não tornava a cantar se lhe não pagassem em dia.

Perante esta difficuldade, muito embaraçosa, os administradores do theatro recorreram a uma violencia abominavel.

Metteram o tenor no hospital de S. José, dando-o por doido, e em cada noite de espectaculo mandavam-n'o buscar por dois quadrilheiros para que viesse cantar de graça.

O tenor era escoltado até ao camarim, e do camarim até ao palco.

Em scena, onde os quadrilheiros lhe não podiam chegar, vingava-se dos administradores do theatro acommodando á musica descomposturas e diatribes contra elles.

O publico dividia-se em partidos: uns riam, outros vociferavam.

Uma noite, Antonio Lobo indignou-se a tal ponto, que trepou a um banco e começou a gritar contra aquella monstruosa prepotencia.

Cresceu para elle a onda dos zamperinistas, mas Lobo mantinha-se n'uma attitude indomavel, protegido por muitas pessoas sensibilisadas pela desgraça do tenor.

Houve scenas de pugilato, e os quadrilheiros invadiram a platéa.

Antonio Lobo gritava de cima do banco:

— Torpissimo escandalo este, de matar um homem á fome e de obrigal-o a cantar! Se não teem dinheiro, fechem o theatro.

O panno desceu, o espectaculo foi suspenso, e Antonio Lobo e outros espectadores que tomaram partido por elle, sahiram do theatro, sob custodia, para a intendencia geral da policia.

O conde de Oeiras e alguns zamperinistas influentes, querendo evitar que o escandalo tomasse maiores proporções, conseguiram que as prisões não fossem mantidas.

Comtudo, el-rei D. José teve conhecimento do caso e achou que o melhor meio de contemporisar com todos era admittir o tenor Schiattini na sua capella real, retendo-o assim em Lisboa sem as agonias da fome e pondo termo á violencia sem mandar fechar o theatro.

O escandalo Schiattini, e outros que o precederam, deram origem, além das satyras em verso, a caricaturas, que circulavam de mão em mão.

Figuravam ordinariamente os argentarios da epoca, incluindo os administradores do theatro, a esvaziar as algibeiras no regaço da «prima-donna.»

N'uma d'essas caricaturas tambem apparece o padre Macedo em attitude de declamar a famosa ode, acompanhado do seguinte commentario:

Macedo, não te cances,
Pois os gostos são diversos;
Zamperini estima o ouro
E nada entende de versos.[1]

Ora n'aquella noite em que Antonio Lobo fez interromper o espectaculo na Rua dos Condes, e quando elle e os outros sahiam livres da intendencia geral da policia, foram rondar a casa da Zamperini para vêr se teria havido concilio magno depois do escandalo do theatro.

E' que elles lembravam-se do que costumava acontecer em occasiões solemnes no Olympo dos zamperinistas. Mas era tarde.

A cantora devia estar já recolhida. Nas janellas não havia luz; a porta estava fechada.

Encontraram porém, a pequena distancia do predio, um embuçado, que aliás reconheceram pelo vulto.

---

[1] «Noites de insomnia,» n.º 5, pag. 24.

Depois de terem passado por elle, disse Antonio Lobo para os outros:

— Pobre Chevalier de Montigny! que na sua qualidade de poeta apaixonado se contenta em contemplar o templo da deusa!

Os outros riram.

— Eu sou mais pratico, continuou Lobo, tenho á minha espera a Maria da Gloria. E é já tarde. Amigos, boa noite.

XVI

A filha do picheleiro

Quem é Maria da Gloria? pergunta o leitor.

Justa curiosidade.

E' a tafula do penteado em telonio, que vimos no largo do Lorêto n'aquelle dia em que se realizaram as exequias pelo pai da Zamperini.

Antonio Lobo, aproveitando os olhares e sorrisos com que ella o distinguira, seguiu-a, mais á outra sécia que a acompanhava.

Viu-as entrar na loja do confeiteiro Canavêta, e entrou tambem.

Não posso jurar que levasse dinheiro na algibeira para fazer qualquer despeza.

Mas o que sei é que entrou na loja e logo armou parola com as duas mulheres e com o confeiteiro.

Este Canavêta era um cliente certo das mundanas de Lisboa, a quem pagava favores com bolos, caricias com rebuçados, beijos com empadas.

Parece, á primeira vista, que devia fallir e acabar pobre.

Pois não aconteceu assim. Morreu por causa das mulheres, é certo, mas ainda abastado em capitaes.

Ellas foram muito ingratas com elle.

Maria da Gloria e a sua amiga eram gulosas de confeituras como todas as lisboetas. E por isso, depois de terem estado plantadas duas boas horas no largo do Lorêto, correram, n'um

passinho miudo e pulado, á loja do Canavêta, que lhes não recusaria os costumados bôlos.

E não recusou.

O que tem graça é que Maria da Gloria, pegando n'um pires de «suspiros» de Odivellas, os offereceu a Antonio Lobo.

A confeitaria, em casa do Canavêta, era roupa de francezes sempre que ali entravam mulheres faceis.

Lobo dizia facécias a respeito da Zamperini e das pomposas exequias do pai.

O confeiteiro ria-se e Maria da Gloria, principalmente, parecia desengonçar-se dentro do corpête de seda em convulsões de hilaridade.

Lobo segradava comsigo mesmo:

— Estou com a minha gente. Esta mulher já eu não largo. E os «suspiros» de Odivellas são magnificos.

Quando sahiram da loja, Antonio Lobo perguntou de relance á tafula onde morava.

— Se tem muito empenho em saber, respondeu ella, venha verificar, que eu vou para casa.

Lobo foi na piugada das duas mulheres, e viu-as entrar n'uma escada do Salitre.

Ia a entrar tambem, mas obstou a isso Maria da Gloria, dizendo-lhe:

— Eu não sou livre. Tenho a quem dar contas. Passe muito bem, cavalheiro.

Outro homem haveria ficado de cara á banda.

Antonio Lobo, porém, tinha sobeja experiencia do mundo e das mulheres... d'aquelle genero.

— Bem sei! pensou elle. Queres recuar para avançar. Farte-hei a vontade.

E desandou caminho sem se mostrar contrariado.

N'essa mesma noite, depois de ter estado a beberricar com Xavier de Mattos no armazem dos Bragas ao Rocio, e a fazer as delicias dos circumstantes a proposito das exequias, disse que desejava recolher-se mais cêdo.

Lobo morava n'esse tempo ao Castello, n'uma casa do conde da Calhêta.

A renda pagava-a ordinariamente em sonetos choramigas, tão certo é que elle, como todos os bohemios do seculo XVIII, lisonjeou os fidalgos de quem dependia.

Ahi vai um exemplo succedido com o proprio conde da Calhêta.

Endoideceu, por causa de certo namoro, o boticario d'este titular, e Antonio Lobo, explorando o acontecimento, mandou ao conde, em vez de renda do semestre, este soneto:

Eu apostei, senhor, a qual primeiro
(Foi aposta entre mim e o boticario)
Qual seria de nós ou preso ou vario,
Se elle por ter mulher, se eu por dinheiro.

Nem eu, nem elle achar melhor parceiro
Foramos, indo ao espaço imaginario;
Que elle perdeu a sciencia de herbanario,
E eu a fé em que estou de ser caseiro.

Andou comnosco o tempo fementido:
Tirou-lhe a moça a elle um bello moço,
E a mim deu-me um semestre já vencido.

Com que, meu conde, para vós appello:
Que elle está no hospital a bom partido,
Mas eu quasi entre os pobres do Castello.

Despedindo-se de Xavier de Mattos, Antonio Lobo, em vez de seguir para casa, atravessou o Rocio e ladeou os entulhos do começado Passeio Publico em direcção ao Salitre.

Viu luz na janella de Maria da Gloria. Era dos autos. Ella devia contar com um acto de audacia de tão destemido bohemio, e ageitava-lhe a occasião.

Lobo comprehendeu tudo. Puxou o cordão da tranquêta, e subiu a escada.

Sentiu um forte cheiro a alecrim queimado, e disse comsigo mesmo:

— Tão certo é que a moça me esperava, que até, para disfarçar o mau cheiro da escada, a mandou defumar.

O leitor, se não é de Lisboa, não entende bem este pormenor.

Nos predios antigos da capital, e ainda em muitos do nosso tempo, a escada não é outra cousa mais que a continuação da rua. A porta pode qualquer pessoa, seja inquilino ou não, abril-a por fóra. De modo que o aceio da escada está á disposição do primeiro individuo, que para satisfação propria o queira violar. Assim se justifica a conveniencia dos defumadoiros. A escada é de toda a gente, e não é de ninguem.

Antonio Lobo bateu no segundo patamar.

Uma voz de mulher perguntou:

— Quem é?

Lobo, fazendo voz grossa, respondeu enconchando as mãos sobre a bocca:

— Da parte do sr. intendente, abra.

— Valha-me Deus! exclamou a voz de mulher. Da parte do sr. intendente! Eu abro já.

A porta abriu-se, um golpe de claridade irrompeu sobre o patamar, e Lobo entrou fechando logo a porta sobre si.

Maria da Gloria, com um candieiro de latão levantado á altura do rosto, desatou a rir:

— Quem elle é! Da parte do sr. intendente! Ai que graça!

Lobo, simulando muita gravidade:

— Sim, da parte do sr. intendente o Amor que faz a policia dos corações; filho de Venus e... não se sabe de quem, nem ella mesma o sabia. Do marido é que não foi. Eu ainda conheci o pobre Vulcano, que me contava todos os seus desgostos conjugaes.

Maria da Gloria, através de toda esta mixorofada mythologica, um tanto escura para ella, percebeu muito bem uma coisa: e era que se tratava de uma pessoa da sua classe, a qual pessoa era Venus.

Riu a ponto de ter que poisar o candieiro, cuja luz oscillava na tremura da mão.

E, encostando-se a uma banca, dizia:

— Eu ouvia contar que o poeta Lobo era muito engraçado. Mas tanto não pensei que fosse!

Assim principiou a intimidade de Antonio Lobo de Carvalho com Maria da Gloria Morato.

Esta mulher teria n'esse tempo trinta e seis annos de idade. Era alta, elegante, possuia uma plastica bem delineada, um colorido sadio e uns olhos cheios de luz. Mas as feições eram grosseiras, tinham o excessivo relevo das raças inferiores: beiços grossos; nariz que resaltava n'um contorno duro.

A experiencia, a sciencia precoce da vida, suppria n'ella uma intelligencia clara.

Tudo quanto pensava havia-o aprendido, decorado, como se se tratasse de uma lição de grammatica: essa universal grammatica de todos os tempos, que ensina a saber viver.

Maria da Gloria era um producto vulgar da sociedade das capitaes, onde a mulher constantemente se vê rodeada de perigos e tentações.

O pai foi um honrado picheleiro, que vivêra trabalhando para sustentar com decencia a sua familia.

Adorava a filha e quereria, por seu gosto, tel-a educado para ser uma creatura impeccavel, uma alma para o céu, uma santa para o altar.

A mãe era uma creatura ladina, sem escrupulos, que não conhecia outra felicidade senão a do dinheiro.

Julgava-se sempre infeliz unicamente por ser pobre.

— Pudesse eu fazer rica a minha filha, dizia ella, e o mais pouco importava.

O marido limitava-se a dizer-lhe benignamente:

— Credo, mulher! A verdadeira felicidade vem da alegria da alma. Não vês tu que eu sou alegre?

E ella replicava-lhe desdenhosamente:

— Tu não és alegre, nem triste: tu és um pobre diabo!

Esta phrase nunca o picheleiro João Morato, bondoso como era, chegou a traduzil-a na sua verdadeira significação.

Elle sempre tinha sido, effectivamente, um pobre diabo; pobre no sentido de nunca se ter revoltado como Lucifer.

A' sua casa ia apenas gente que lhe inspirava confiança: uns velhos, uns jarretas, que pareciam inoffensivos e discretos.

Entre elles havia um antigo procurador de feitos, o Penedo, que tinha, como já tivera seu pai, provisão do chanceller-mór para exercer o cargo, e que, além da habilitação legal, tinha a fama, hereditaria na familia, de ser um rábula habilissimo em enredos judiciaes. Muito velhaco, usava oculos verdes, não tanto por necessidade como por disfarce. Os oculos occultavam-lhe a verdadeira expressão do olhar. Era um livro sempre fechado, que não deixava vêr senão a encadernação. Celibatario, tinha dinheiro herdado do pai e tambem já adquirido por elle mesmo, muitas vezes em affronta das «Ordenações.» Toda a gente o sabia rico e avarento, incapaz de fazer bem e de acudir a um indigente. Era um unhas de fome. Mas para satisfazer qualquer capricho não duvidava ir ao pé de meia, tirar de lá alguns cruzados novos, algumas peças, até alguns dobrões. Satisfeito o capricho, ficava-se a rir do mundo e a dizer muito cynico:

— O dinheiro é tudo. Depois do dinheiro, não ha nada.

Foi o seu dinheiro e a conformidade de opiniões a respeito do dinheiro que lhe conquistaram a alta consideração que a mulher do picheleiro tinha por elle, a ponto de o julgar a unica pessoa respeitavel que frequentava a sua casa.

Aos outros fallava ella ás vezes com tanto azedume como costumava fallar ao marido.

Mas para o rico procurador tinha sempre boas maneiras, subserviencias servis.

Quando Maria da Gloria andava nos quinze annos, e o desenho da sua esbelta plastica principiava a definir se em linhas ondulantes e graciosas, o procurador levava-lhe presentes, fitas, rendas, córtes de vestidos, — coisa que affligia o picheleiro.

— Vossa Mercê estraga a minha filha com mimos e louçanias. Isso é para as damas da côrte e para as sécias, nanja para as mulheres do povo.

A mulher contrapunha com azedume:

— Irra! todos os homens são feitos do mesmo barro, e to-

das as mulheres da mesma costella do pai Adão. Tu até chegas a ser ingrato e bruto.

— Nem tanto! interrompia hypocritamente o procurador.

— Sim, senhor! accentuava ella. Chega a ser ingrato e bruto com as pessoas que lhe obsequeiam a familia. Pois olhem que não são muitas.

E relanceava um olhar de lisonja ao procurador, que arteiramente observava, por detraz dos seus oculos verdes, estes frequentes episodios da vida domestica do picheleiro.

A mãe de Maria da Gloria deixava a filha na sala com o procurador, e ia para a cosinha ou para o esconso dos engommados dar as voltas da casa.

O pai estava na loja, trabalhando, sempre confiante na seriedade da mulher.

O pobre diabo, como ella lhe chamava, acabou por não estranhar as louçanias da filha, que se habituára a vêr cada dia mais garrida.

Era o costume. E não deitava malicia á liberalidade do procurador Penedo, porque a attribuia unicamente a um sentimento honesto de amizade desinteressada.

— Deixa-o gastar, dizia-lhe a mulher. Elle não tem filhos, e é muito rico. Podemos até ser os seus herdeiros, se o não afugentarmos com algum disparate.

— Mas se elle tem amizade á nossa filha, que case com ella.

— Fallar-lhe n'isso, ou darmos-lh'o a entender, era o mesmo que descobrir o jogo. Tu não tens mesmo juizo nenhum, nem vês um palmo adeante do nariz.

A mulher do picheleiro precipitou assim a quéda da filha, empurrando-a todos os dias para um abysmo, d'onde o procurador Penedo lhe acenava astuciosamente com novas garridices e tafularias.

As mães, na sua obra de educação, são como os moços de cego: conduzem a bom ou mau caminho.

Uma só vez na sua vida assume a mulher casada a maxima responsabilidade do casamento: é quando educa os filhos, principalmente as filhas.

Se ella falha nos seus deveres de fidelidade conjugal, póde envenenar toda a vida do marido, despedaçar-lhe a honra e o coração; mas se delinquiu nos seus deveres de educação maternal, o seu delicto é ainda talvez maior, e mais repugnante, porque póde perturbar irremediavelmente todo o futuro da sua geração.

Crear uma filha sem a noção da dignidade feminina, é ensinal-a a ser esposa e mãe impudica, que por sua vez irá perpetuando na familia esse odioso exemplo de degradação moral.

Foi a mãe de Maria da Gloria quem perverteu a filha, não a rodeando das cautelas e cuidados que constituem uma verdadeira muralha de terna vigilancia materna em torno da ingenuidade de uma creança, para defendel-a.

A filha do picheleiro João Morato entrou na realidade da vida por essa porta travéssa, cheia de sombras, que só dá passagem aos que, tendo delinquido, se reconhecem criminosos.

Começou pelo fim. Conheceu a torpeza, antes de conhecer o amor. E o amor é como todos os estofos delicados e bellos: uma vez manchados, não readquirem jámais a sua primitiva pureza.

Maria da Gloria nem amou, nem se sentiu amada. Não chegou a conhecer esse prazer espiritual e sublime, que se desembaraça de todos os interesses materiaes, para se librar n'um mundo de luz onde a castidade do sentimento é como o clarão branco de uma alvorada cahindo sobre o coração humano para illuminal-o.

As louçanias, a que tomou gosto, serviram-lhe como o mostruario serve ao mercador: eram um annuncio ambulante, um chamariz portatil.

E dentro do seu corpo elegante desfolhou-se uma alma, que envelheceu precocemente, como flôr maltratada.

O procurador Penedo morreu de repente, sem testamento.

A Providencia escreve direito por linhas tortas. A mulher do picheleiro expiou as suas culpas n'um grande desespero, que lhe apressou as rugas da velhice, os cabellos brancos, a rabugem, os frenesis, os explosivos odios peculiares a todos os desilludidos, e que exerceu mais uma perniciosa suggestão no espirito de Maria da Gloria.

Por sua parte, o picheleiro acabou serenamente, ignorando os erros da filha, a quem não recusou nunca os affectos paternaes, por continuar a suppol-a digna d'elles.

Esta doce illusão predispol-o para morrer tão resignadamente como sempre tinha vivido.

E, comtudo, a má sina de alguns infelizes persegue-os ainda depois da morte.

O picheleiro, que sempre tinha sido um bom e um docil, um homem honesto, que ignorava completamente os desmandos da sua casa, a perda da sua filha, arrastava, ainda depois de morto, uma como grilheta de injusta infamia, pois que os velhos do seu tempo diziam quando Maria da Gloria passava na rua:

— Ali vai a «filha do picheleiro.»

Deus do céu! a leviana justiça dos homens faz ambicionar aos desgraçados a hora em que a vossa incorruptivel justiça comece.

Só os maus a podem temer.

Mas estou certo de que o adormecer na morte, depois de uma existencia trabalhosa, deve ser uma suave consolação, alguma coisa parecida com o respirar de inebriantes aromas e com a audição deliciosa de ineffaveis harmonias.

Mais ainda. Para as consciencias tranquillas deve haver na morte uma casta voluptuosidade, o que quer que seja de sonho divino, de esforço musical de uma harpa que vai fazer ouvir a sua ultima vibração, para estalar depois.

Maria da Gloria, após a morte dos pais, achou-se despenhada n'uma sociedade de mulheres suspeitas, que tinham de ser as suas amigas e companheiras.

Uma d'ellas, a mais intima, era a Ricarda, cuja biographia se identificava tanto com a da filha do picheleiro, que pareciam decalcadas sobre um «cliché» commum.

Quando Antonio Lobo encontrou Maria da Gloria no largo do Lorêto, estava ausente de Lisboa o homem a quem ella agora pertencia.

Pertencer, deve entender-se apenas n'um sentido orçamental, financeiro; estas mulheres nunca pertencem de outro modo.

Foi amor o sentimento que Antonio Lobo lhe inspirou? Não. Já sabemos que Maria da Gloria não sentiu nunca o amor, nem em si, nem á roda de si. Todos os seus actos determinava-os apenas o interesse. Lobo era pobre, um parasita, um bohemio, que apenas trazia na algibeira, quando trazia, as esportulas que os fidalgos lhe davam ou as mealhas que elle ás vezes ganhava compondo algum folheto popular, em prosa ou verso, que os cegos apregoavam e vendiam, sem nome de auctor.

Maria da Gloria tinha ouvido falar vagamente de um poeta errante e alegre, de appellido Lobo, que mais se havia assignalado, ultimamente, na ruidosa campanha contra a Zamperini.

Ouviu-lhe recitar o soneto «das exequias», rir os circumstantes e applaudirem-n'o. Fez reparo n'elle, identificou-o com o poeta de escandalosa fama, e lembrou-se de que tinha ali um socio para as noitadas de folia, um companheiro para os prazeres extravagantes da vida airada.

Lançou-lhe, pois, a rêde, primeiro com sorrisos e olhares, depois com suspiros... de Odivellas.

Por sua parte, Antonio Lobo, em cujo coração a imagem de Therezinha de Villalva era ainda uma recordação absorvente, que o impedia de amar do mesmo modo outra mulher, viu na filha do picheleiro as facilidades de uma aventura que se encontra na rua, vinda do acaso, e que se não promette o céu, tambem não promette o inferno.

Mas a prova de que Antonio Lobo continuava a lembrar-se saudosamente de todos os factos relacionados com Therezinha, está n'um soneto que por esse tempo compoz contra a regente do Recolhimento do Anjo, quando um portuense, que viera a Lisboa e o conhecia, lhe dissera que ella continuava a abocanhal-o com inextinguivel rancor.

Esse soneto é violento contra a regente: o poeta convida-a a vir reger as subditas da «Estôpa», designação vulgar de uma casa de correcção que o ministro Francisco Xavier de Mendonça, irmão do marquez de Pombal, tinha fundado na Ribeira das Naus, para recolher ahi mulheres de costumes reprehensiveis.

Lobo deixou-se inflammar em labaredas de redivivo odio quando viu, na imaginação, Therezinha dentro da grade do Recolhimento do Anjo, e elle proprio, fulminado de surpreza, cogitando no modo de restituir aquella delicada alma de mulher á vida honesta do seu lar e dos seus campos da aldeia de Villalva.

Maria da Gloria era agora um incidente banal na vida de Antonio Lobo; nunca poderia ser uma recordação, e menos ainda uma saudade.

Todas as preoccupações e tendencias do espirito do poeta subsistiam inalteraveis, sem que Maria da Gloria as perturbasse.

Elle continuava a interessar-se do mesmo modo pelos acontecimentos do theatro da Rua dos Condes, a suciar com os seus antigos companheiros de estroinice, a frequentar as casas dos fidalgos, as lojas de bebidas e as festas publicas.

Podia Maria da Gloria acompanhal-o em excursões nocturnas, o que algumas vezes acontecia, mas nem por isso a alma do poeta estava mais radiante e completa n'essas occasiões.

Uma noite, no theatro da Rua dos Condes, conheceu Antonio Lobo um rapaz de vinte annos, natural de Setubal, aleijado de ambos os pés, e na apparencia debil, comquanto de agradavel physionomia.

Tinha o rosto largo, a testa alta e escampada, as sobrancelhas desenhadas n'um recorte perfeito, o nariz rectilineo, a bocca desfranzida n'um leve sorriso cheio de bondade e esperança.

Lobo soube-o poeta, e sentiu-se attraído para elle por essa saliente disparidade que se notava entre um espirito elevado e um corpo defeituoso, disparidade que, aliás, não tem sido rara nos poetas de todas as epocas.

Conversaram durante longo tempo.

O mancebo setubalense, com aquella facil confiança que a camaradagem litteraria inspira, disse-lhe que se chamava Thomaz Antonio dos Santos e Silva, que era pobre e andava estudando humanidades, na sua terra, a expensas do padrinho, um desembargador.

Queria ir formar-se na faculdade de medicina em Coimbra.

Viera a Lisboa para ouvir a Zamperini, de quem tanto se fallava áquem e além Tejo, e porque, sabendo a lingua italiana, não lhe seria desagradavel poder conversar com artistas italianos.

Fez uma confidencia, já muito intima, a Antonio Lobo: amava em Setubal uma menina, que desejava desposar, e a quem chamava a sua «Lésbia».

Era, segundo a moda do tempo, o anagramma de Isabel.

Retrato de Thomaz Antonio dos Santos e Silva, mais de vinte annos depois

Lobo, sympathisando cada vez mais com o moço setubalense, deu-lhe conselhos auctorisados na differença de idade e na experiencia do mundo.

— Ama Vossa Mercê uma menina a quem pretende desposar, e quer aproximar-se da Zamperini, e dos outros que ella traz, para conversar com elles em italiano?! Contente-se com ouvil-os cantar, e fuja depressa. Vá esconder-se no seu ninho de Setubal, onde o amor ideal lhe enche de flôres a vida e de sonhos a alma. Ha quantos dias está em Lisboa?

— Ha dois.

— Fuja. Não queira descer ao inferno ao «terceiro dia». Isto, aqui dentro do theatro, é tudo uma choldra: e lá fóra ainda é peior, por ser maior theatro ainda. A vida de Lisboa apenas serve para os que teem muito ou para os que não teem nada. Eu cahi de cabeça n'este «mare magnum» de iniquidades e estou cá, porque me afundei no lôdo, como todos os que são pobres. Vossa Mercê...

— Tambem sou pobre; pobrissimo.

— Qual! Vossa Mercê tem uma menina a quem ama e que o ama, tem uma alma capaz de comprehender todas as sublimidades do amor, e tem um bom padrinho que o estima e pro-

tege. Fuja; vá-se embora. Se ficasse mais tempo, desatava a fazer versos á Zamperini, para divertir os outros, como acontece ao toleirão do padre Macedo. Poupe-se a essa ultima degradação e fuja. Encha a sua vida com a felicidade de um amor puro, e creia que não póde encontrar outra maior felicidade n'este mundo.

— Como os homens são mal julgados! exclamou Santos e Silva n'um movimento de enthusiasmo. Quem me havia de dizer...

E acobardou-se de completar a phrase.

— Bem entendo. Quem lhe havia de dizer que o terrivel Lobo, lingua viperina, como essa gente me chama, poderia darlhe tão prudentes conselhos?

— Isso mesmo...

— A' cautela, ainda ninguem lhe fallou assim desde que está em Lisboa, certamente.

— Ninguem.

— E' que eu sou como os mestres cirurgiões, que concertam as pernas dos outros, e que algumas vezes partem as suas. Olha p'r'o que eu digo... Attenda-me o conselho, e não me siga o exemplo.

— Ah! sr. Lobo! disse Santos e Silva, Vossa Mercê deve ter amado muito!...

— Muito, não. Uma só vez... já não sei quando, nem onde.

N'este comenos iam ambos sahindo para o estreito corredor do theatro.

Ahi se aproximou d'elles um poetastro popular, que disse ao Lobo:

— Olha lá! Queres ouvir um soneto que eu fiz hoje ao padre Macedo?

— Pois dize.

O outro recitou:

O' Santa Birba, ó bem aventurada
Vida, de quem não reza, nem salmea!
Quantos a levam de trabalhos cheia?
Pobres tolos que não entendem nada.

Tem Macedo peruca penteada,
Bom calção, bom sapato, boa meia;
Ali acha jantar, acolá a ceia:
O' Santa Birba, ó vida regalada!

Não ha modo de vida mais jucundo:
Armar para viver o seu enredo,
E aonde acha tolão ahi dar fundo.

Do mundo, nem de Deus vives sem medo.
Em que hora e em que mez vieste ao mundo,
Em que constellação? Dize, Macedo! [1]

— Que tal te parece o soneto, ó Lobo?

— Queres que te diga com franqueza?

— Quero.

— Ainda é peior que os meus.

O poetastro teve um sorriso amarello, para cobrir a retirada, e safou-se.

Lobo voltou-se com seriedade para Santos e Silva, apertou-lhe nervosamente a mão, e despediu-se, dizendo:

— Faça Vossa Mercê o que lhe eu digo. Fuja de tudo isto, e ame a sua Lésbia. O Tejo é uma barreira de purificadora agua; evite transpol-a.

— Vou-me embora ámanhã, respondeu Santos e Silva, muito enternecido de gratidão.

E no dia seguinte atravessou o Tejo n'uma falua.

A' hora em que elle embarcou, os cegos andantes apregoavam nas ruas:

— «Tragico fim de Isabel Clesse, que vai ámanhã morrer enforcada».

Santos e Silva ouviu o pregão dos cegos, e disse comsigo mesmo:

— O Lobo tem razão; isto é um mar de lodo.

---

[1] Copiado do manuscripto n.º 7:008 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

XVII

Mézinha criminosa

O dia seguinte, que era o ultimo do mez de março de 1772, amanheceu claro e lindo, se bem que o sol parecesse de pouca dura, como é proprio da inconstancia atmospherica d'aquelle mez, que o nosso povo caracterisa, dizendo:

> Março, marcegão,
> P'la manhã dia bonito,
> A' tarde cara de cão;

ou mudando as guardas á fechadura:

> Março marcegão,
> Manhã de inverno,
> Tarde de verão.

Pouco depois do amanhecer, notava-se na cidade um alvoroço anormal, sobretudo para os lados da Cotovia.

Esperava-se de certo algum acontecimento de sensação, que parecia impressionar principalmente as mulheres, porque nos pateos, nas janellas e nas ruas ellas discutiam com vivacidade o assumpto que as preoccupava.

Ora, diga-se a verdade, alguma razão tinham para conversar e discutir, porque n'aquella manhã ia a enforcar, na Praça da Alegria, Isabel Xavier Clesse, casada com o piloto Thomaz Luiz Goilão, da carreira da India.

O leitor tambem não deixará de estranhar este acontecimento, comquanto então fosse vulgar vêr acabar na forca uma delinquente.

Não tardou muito que, n'um mesmo dia, soffressem identica pena duas mulheres, ambas pretas, depois de lhes terem sido cortadas as mãos.

E até ha de estranhar que a execução se realizasse na Praça da Alegria, porque não se lembrará, á primeira vista, de que esta Praça era então um logar quasi despovoado, uma sequencia de hortas solitarias.

A descer do alto da Cotovia, logar a que a lenda alfacinha associa galhofeiramente a memoria de Ulysses, as terras, deshabitadas, prestavam-se a ser theatro de batalha dos garotos que jogavam ali a pedrada, hasteando, impunemente, cada legião, a bandeira do seu bairro e cruzando os seus duros projecteis guerreiramente.

Estas liberdades tinham sido algum tanto cohibidas depois da creação da intendencia geral da policia, mas não haviam cessado ainda completamente; e em todo o caso, um trecho da satyra de José Basilio da Gama ao padre Macedo, serve para mostrar quão desertos eram n'aquella epoca os sitios da Cotovia, de alto a baixo:

Tempo já houve, em que a Discordia féra,
Que nos pequenos corações domina,
Derramou o seu livido veneno
Nos peitos dos Bregeiros, e Rapazes.
Viram-se então de Alfama e da Pampulha
Tremular as bandeiras, e os Exercitos
Marcharem com furor á civil guerra,
Que os campos infestou da Cotovia.

No alto ficavam as ruinas da Patriarchal queimada [1], a casa e terras do Noviciado, alguns casaes e predios habitados por familias decentes, mas desde as Taipas, correndo sobre o declivio da Cotovia, agrupavam-se os cardenhos de mulheres de má nota, como tambem acontecia, mais ao occidente, no bairro da Madragôa.

Por este motivo lhe chamou Tolentino a «suja Cotovia».

Depois, descendo a vertente, alastravam-se as hortas soli-

[1] O incendiario foi Alexandre Franco Vicente, que commetteu o delicto n'uma das noites antecedentes á vespera do Espirito Santo, em 1769.

Frei Claudio da Conceição, no «Gabinete Historico», (vol. XVII, pag. 95), diz que elle puzera fogo «á Real Egreja Parochial, quando existia no sitio da Cotovia».

tarias, que se estendiam antigamente por todo esse «valle verde», que é hoje a Avenida. A egreja de S. José fôra no seculo XVI conhecida por «S. José d'entre as hortas» e a rua do Principe chamou-se primeiro rua Nova das Hortas. Tudo campo, por ali fóra: hortas e quintas.

A forca principiou a funccionar, depois do terremoto, na falda da Cotovia e, ao occidente, em Buenos Aires, por serem logares affastados e ermos.

Agora, em 1772, já as antigas hortas tinham começado a ser retalhadas pelos fundamentos do Passeio Publico, cujas obras começaram em 1764 [1] e duraram muitos annos; mas ainda todo aquelle rincão era sitio quasi despovoado, meio solidão, meio suburbio.

Os entulhos das obras do Passeio, e das ruinas do terremoto, que ali eram despejados, tornavam escabroso o terreno do que fôra o antigo Valverde, difficultando o transito.

Dado este esclarecimento, que justifica a escolha do logar para uma execução, resta dizer ao leitor o nome da criminosa e qual a natureza do seu crime.

Isabel Xavier Clesse era accusada de haver attentado contra a vida do marido por modo tão extraordinario, que denotava uma indole e phantasia perversas.

Sobre os precedentes da criminosa e a historia do crime poderá o leitor informar-se devidamente se, reportando-se áquella manhã de março, quizer ouvir os commentarios de algumas senhoras visinhas.

Maria da Gloria Morato logo pela manhã veiu para a janella, ainda em chambre caseiro, e sem telonio na cabeça, disposta a ouvir a fallácia da visinhança, e a tomar parte n'ella.

No Salitre, talvez pela visinhança das hortas e por ser local mal povoado ainda, havia alguns páteos e soalheiros habitados por gente pobre, com quem a filha do picheleiro costumava repartir os sobejos da sua cosinha.

E' curioso o facto, mas verdadeiro, das mulheres honestas do povo confraternisarem, por necessidade, com as mulheres de maus costumes, que, soccorrendo-as, gostam de ser respeitadas por ellas.

Isto poderá explicar-se, talvez, pela sêde de consideração e respeito que punge o espirito de quem perdeu o direito ás homenagens da opinião publica.

---

[1] «Foi tambem n'este anno (1764) que se estabeleceu um Passeio publico sobre umas hortas da cera, aonde se deitavam os entulhos das ruinas da cidade. «Gabinete Historico», vol. XVI, pag. 133.»

Maria da Gloria gostava de ouvir dizer ás mulheres pobres da visinhança, quando entrava ou sahia de casa:

— Adeus, menina.

«Menina» era um doce tratamento que só tinha ouvido em casa de seu pae, e que para ella ficara perdido, como agulha em palheiro, entre os montões de fitas e rendas com que a havia seduzido o procurador Penedo.

Facil foi, portanto, a Maria da Gloria intrometter-se no fallatorio das visinhas sobre o grande assumpto do dia: a execução de Isabel Clesse.

— Não fosse ella tola — dizia a mulher de um calafate da Ribeira das Naus — que estava bem tratada na sua casa, e o marido era um mãos rôtas para ella.

— O que a perdeu, acrescentou outra mulher, foi o palminho da cara e a casquilhice.

— Não que a casquilhice, ponderava uma terceira interlocutora, tem deitado a perder muita mulher.

— Isso é verdade, visinhas, disse da sua janella Maria da Gloria. Quantas raparigas viviam honestas em casa de seus pais, até que se deixaram perder pelo engôdo das louçanias!

Fallava de si mesma, dizendo isto.

— Pois está bem de vêr que sim; é uma perdição.

— Mas o marido tambem teve culpa: não lhe désse tanto.

— Que ella, diga-se a verdade, aguentou-se muito tempo sem deixar escorregar o pé. Mas por fim...

— Por fim era já um escandalo n'aquella calçada da Estrella. O tal peralvilho porta-bandeira não lhe deixava a rua, ora para cima, ora para baixo, elle todo sorrisos, elle todo olhares. O diabo que o carregue!

— E o marido não via nada?

— O marido andava no mar.

— E quando veiu?

— Coitado! E' o costume. Depositava confianca na mulher, e os visinhos tinham medo de lhe dizer alguma coisa. O marido parece mesmo um banazola! A menina conhece-o?

A «menina» era Maria da Gloria, que respondeu:

— Não conheço. Agora o Januario Rebello, porta-bandeira do regimento do conde do Prado, é que eu vi algumas vezes.

— Pois é preciso que o marido seja um grande tanso para ter acreditado que padecia de uma doença de que se não queixava.

— A doença era... um quê, menina?

— Não sei ao certo; uma doença das entranhas.

— Um polvo... não é?

Riram-se todas as mulheres:

— Um polvo nas tripas! Só se o comeu inteiro! Ah! ah! ah!

— Agora! agora! apostrophou Maria da Gloria. Um volvo é que é.

— Isso.

— Tal e qual!

— Um volvo.

— Mas acreditar tamanha asneira!

— Não, que a mulher tinha preparado bem a roupa da cama; elle viu e acreditou.

Nova risada das mulheres.

— Credo! que porcaria! exclamou Maria da Gloria, que estava habituada a perfumar as suas roupas com a melhor «Agua de Colonia» então conhecida, a de Paulo Fenismi, italiano de nação.

— Tem razão, menina!

— E vai o tanso do marido e soffre que ella lhe dê a mézinha de agua forte!

— Não que elle não sabia que era agua-forte.

— Como ella pôde conseguir que lh'a vendessem na botica, é que eu não sei!

— Foi em duas boticas differentes, pequenas porções em cada. O criado que as foi comprar disse que era para curar os callos.

— E tinha criado! Vivia toda liró!

— Pois não vos lembrais, gentes! Os folhetos dos cegos contaram tudo o anno passado, quando foi o crime.

— Sim... sim. Tenho agora idéa.

— E tambem ella mandou comprar uma untura venenosa, com que esfregou a pelle do marido.

— Ainda por cima! Atirou-lhe toda a metralha!

— Como elle escapou é que parece milagre!

— E' um brutamontes muito rijo dos cascos.

— A Providencia não dorme... Vejam lá como tudo se descobriu!

— Isso sim! Se ella não tivesse fugido e levado comsigo todo o oiro e toda a prata, talvez o marido não tivesse desconfiado de nada.

— Era capaz d'isso, o grande patau!

— Segue-se que a Isabelinha cahiu nas mãos da justiça. Ninguem as faça que as não pague.

— Querer tirar a vida ao nosso semelhante é um peccado que brada aos céus!

— Mas os ruins figados não poupam ninguem. Olhem esse atrevido saloio que o anno passado atirou com duas pedras ao

sr. marquez de Pombal na hora do meio dia! Se lhe acerta com alguma, matava-o!

— Isso era um doido! Fazer mal a um senhor d'aquelles, que tem feito tanto bem á cidade e aos pobres! Desde que elle governa a nação, não tem faltado trabalho aos nossos homens.

— Quem governa a nação é el-rei, disse uma serigaita, do lado.

— Pois é... meu brinco. Mas el-rei dá-lhe todos os poderes, e faz muito bem. Se os fidalgos se queixam, nós é que não. Pois não é assim?

— Está bem de vêr que é.

Como a conversação ia afrouxando, Maria da Gloria despediu-se das visinhas:

— São horas. Vou-me pentear para ir vêr a execução.

— Ah! a menina vai? Tambem nós.

— Eu não, que não tenho animo, observou a serigaita perlequitete.

— Pois olha que se ha de fazer sem ti; sem a Isabel Clesse é que não.

— Queres vêr que é uma carta de convite para não faltares! disse ironicamente uma das mulheres á pequenota espevitada.

E indicava um rapaz, que parecia mariola da Ribeira, o qual trazia uma carta na mão.

— Sabem dizer-me, perguntou elle, onde móra aqui Maria da Gloria Morato?

— E' acolá, responderam duas ou trez vozes.

O portador entrou na escada de Maria da Gloria, e pouco se demorou.

Mas, emquanto isto acontecia, dizia entre si um grupo de mulheres:

— E' carta que vem «lá de cima».

— Parece. O rapaz que a trouxe tem ar de ser ganhão da Ribeira.

— E' que chegou algum hiate da carreira.

Antonio Lobo tinha acordado de mau humor por causa do fallatorio das mulheres e, deitando os olhos para o sobrescripto, disse a Maria da Gloria que desejava vêr aquella carta.

Ella respondeu-lhe frenetica:

— Lobo! Lobo! Não me faças uma scena de ciume. Tu bem sabes a minha vida.

— E' que eu já vi algures essa lettra.

Maria da Gloria, tomando animo, replicou:

— Isso é que não póde ser. Affianço-te que não.

— Hum...

— Peço-te que não tenhas ciumes, Lobo.

— Eu o que tenho é curiosidade.

— Já vejo que me não tens amor nenhum!

— Agora és tu que queres fazer scena. Deixa-te d'isso, que perdes o tempo. Sabes o que eu te peço?...

— Que é?

— Que nunca penses em dar-me uma mézinha de agua-forte.

— Credo!

— Porque eu não consentia, pódes crêr.

E, ironicamente, principiou a cantarolar, emquanto Maria da Gloria lia a carta:

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

E, lembrando-se de que tinha ouvido esta quadra a Therezinha na Palmeira, ficou mais azedo e aborrecido.

Tratou de se apressar para sahir.

Tendo lido a carta, Maria da Gloria perguntou-lhe algum tanto preoccupada:

— Já vaes sair, sem almoçar?

— Não preciso. Almóço no Talaveira, que estou hoje endinheirado. Fiz versos para os cegos. Os homens tiram sempre algum proveito da infidelidade das mulheres.

E, morto por se vêr na rua, desceu cantando:

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões.

Maria da Gloria ainda veiu ao patamar para dizer:

— Eu sempre vou vêr a execução.

E Lobo respondeu da porta da rua:

— Que te faça bom proveito.

Horas depois todo o sitio da Cotovia estava em festa, como se se tratasse de algum acontecimento alegre.

Em roda da forca, e por detraz do circulo dos soldados e quadrilheiros, agglomerava-se uma grande multidão, ávida de sensações empolgantes.

As mulheres constituiam a maioria dos espectadores.

Uma confusa resonancia parecia zumbir no ar como um trovão secco e longinquo da primavera.

Era o conjuncto formidavel dos pregões, dos gritos, das pragas, das apostrophes.

Ouviam-se guinchos de raparigas, que se sentiam beliscadas na polpa do braço; chóros de creanças entaladas no aper-

A execução de Isabel Clesse

tão; lastimas de mulheres que davam pela falta de algum objecto de ouro, porque os gatunos costumavam exercitar a sua arte de rapinancia durante as execuções.

Resoavam os pregões das pretas marisqueiras, dos vendedores de agua-ardente e de agua fresca, de ameixas seccas, de cambos de pinhões, de cúscus, de amendoas dôces e outras guloseimas populares; mas sobrelevava a todos os clamores a

gritaria dos cegos andantes, que circulavam por entre a multidão apregoando muitos folhetos allusivos ao crime e execução de Isabel Clesse.

Em geral os poetas anonymos, que cultivavam a litteratura das ruas, exploravam o sentimento publico falando ao coração do povo; por isso Isabel Clesse foi por elles pranteada a ponto de parecer que se tratava do injusto holocausto de uma victima innocente.

Um dos vates que tinham por lucrativa tuba a voz dos cegos, lastimou que a radiante formosura de Isabel Clesse fosse estrangular-se no laço de cánhamo sobre o estrado da forca:

O' misera Isabel! Quem te dissera
Que na flôr dos teus annos haveria,
Quem tirasse da verde primavera
A graça que alegrava o mesmo dia!
Quem pensára que a luz que reverbera,
Tão breve, tão sem tempo acabaria!
Que as flôres tu verias fenecidas,
E as estrellas do rosto escurecidas!
Esses louros cabellos que de raios
Poderiam servir ao sol brilhante
Descompostos os vejo com ensaios
De servirem de crepe ao teu semblante!
Essa côr purpurina com desmaios
Bem mostra que a belleza é inconstante,
Pois aqui de manhã com lumes arde,
Em cinzas se resolve pela tarde.

Outro poeta faz insipidamente um jogo de palavras com a profissão do marido e o appellido do amante:

Se buscavas a terra desejada,
Para que com fatal temeridade
Desprezas do «Piloto» a sociedade,
Para dares á costa destroçada?
Arvoraste «Bandeira» sem cautela,
Soccorros esperando; mas foi erro
Pois sem leme te vês, desfeita a vela.

Este poeta impa de moralidade: segundo elle, no que Isabel Clesse fez mal, foi em arvorar Bandeira «sem cautela».

Nenhuma lyra tem pena do marido.

Pelo contrario, um poeta, não contente com a mézinha corrosiva, ainda por cima o affronta imaginando Isabel a despedir-se de Thomaz Goilão enternecida:

Adeus, «querido esposo!» adeus, consorte,
Vou a cumprir meu fado e teu desejo.
Vou coberta de horror, cheia de pejo;
Caminho com o algoz já para a morte.

Outro poeta não só affronta o marido; vae mais longe ou mais alto, affronta tambem Deus:

Já soluça, suspira, geme e chora;
Mas emquanto o verdugo o laço tece
Para o esposo perdão ao céu implora.

Eis seus olhos se fecham... emmudece;
Sua alma sobe a vêr o Deus que adora,
Seu corpo a sepultar-se á terra desce.

Por um triz que os poetas, para o effeito de soffrer a pena ultima, não substituiam Isabel Clesse pelo marido.

E o caso é que conseguiram impressionar o coração das mulheres, ainda as que horas antes se mostravam julgadoras severas: lendo ou ouvindo lêr os versos, todas ellas choravam como cascatas, no que, segundo a versão de outro vate, imitavam n'essa hora Venus e Cupido:

Chora Venus, lamenta-se Cupido
De assim vêr ultrajada a formosura
Com tão funebre horror, fim desluzido.

Só Antonio Lobo é que, na maior parte dos sonetos que então produziu, foi menos sentimental.

O seu genio folgazão não se compadecia com taes pieguices lyricas, e o caso é que logrou arrancar alguns sorrisos ás lugubres visagens das mulheres sensibilisadas.

N'um dos sonetos, escriptos na linguagem solta que era o seu bordão habitual, diz elle, referindo-se a Isabel Clesse e á mézinha:

Se a mulher por seu gosto fosse frade,
E de S. João de Deus parca enfermeira,
Com esta vocação de cristeleira,
Mataria os irmãos por caridade!

— Isto com certeza é do Lobo, dizia um dos espectadores mais entendido em conhecer poetas pelo estylo.

— D'elle ou do Tolentino, replicava outro, que tambem se prezava de familiar com os poetas em voga.

— Sim; eu creio que será do Lobo. Mas de um d'elles ha de ser por força.

Nicolau Tolentino de Almeida regia a esse tempo uma cadeira de rhetorica, profissão que elle deixou assignalada, com grandes lamurias, nos seus escriptos.

Nascido em Lisboa, fôra a Coimbra para seguir o curso de leis.

Elle mesmo perpetuou a memoria da sua chegada a Coimbra e dos sete annos que por lá esbanjou alegremente:

Mas já vejo a branca fonte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sobre a areia dourada
Vejo ao longe a antiga Ponte.

E, depois de descrever as «troças» que soffreu como novato, conta-nos as torturas que tambem passou, decerto maiores ainda, pela falta de recursos pecuniarios:

Sete annos de verde idade,
Fui mettendo a déstra mão
Em multas d'esta entidade:
Chamou-se boa feição,
Mas era necessidade.

Achava-me sempre o dia
No tecto os olhos pregados;
A sagaz Economia,
Revoando nos telhados,
Ao conselho presidia.

Gemer em segredo pude;
Que o bom Pai, falto de meios,
Quanto cheio de virtude,
Só mandava nos correios
Novas da sua saude.

Ahi por 1765 voltou definitivamente a Lisboa, sem haver tomado outro «grau» além d'aquelle que, parece, os «veteranos» lhe deram em Coimbra por mais de uma vez.

Tendo a bossa de pretendente adulador, solicitou, como elle sabia fazel-o, uma cadeira de rhetorica, e o caso é que a obteve.

Tão certo é o proverbio: «Quem porfia mata caça».

Mas, admittido ao magisterio, tanto deplorava a sorte de aturar rapazes e de viver jungido á férula de pedagogo, que não havia fidalgo illustre e poderoso em cujas mãos não depositasse memoriaes para obter melhor collocação em alguma Secretaria d'Estado.

N'esta pedinchiche metrificada andava Nicolau Tolentino, aos trinta e dois annos de idade, na epoca em que Isabel Clesse foi executada na Praça da Alegria.

Os outros poetas não gostavam d'elle, porque os excedia na graça, na correcção, na espontaneidade e até nas lastimas e lisonjas que espalhava pelos salões das casas nobres.

Achavam que Tolentino rebaixava a dignidade das musas, aviltando a classe, e ao mesmo passo se arrogava presumpções de melhor convivencia.

Mas no fundo d'estas frequentes accusações havia rivalidade litteraria.

Os outros julgavam-se moralmente superiores a elle, por que pedinchavam menos, e porque não guindavam tão alto as suas ambições. Intellectualmente, não o poupavam, porque a consciencia lhes dizia que lhe eram subalternos.

Antonio Lobo teve para com Tolentino a mesma inconstancia de humor que para outros poetas, incluindo, como sabemos, o seu amigo João Xavier de Mattos.

Algumas vezes tratou mal Tolentino, como quando lhe disse n'um soneto:

Se velhas phrases de vidrilhos tocas,
Não honras os heroes, que tu desfructas;
A quem offereces, por canções argutas,
De pobres rimas chôchas massarocas.

Depois, parece que as relações entre Lobo e Tolentino melhoraram algum tanto, talvez por intervenção de Mattos.

Temos d'isso uma prova.

Mattos dissera n'uma das suas canções:

A saude me falta, e não me altero;
Soffro a murmuração, soffro a violencia,
Sómente o gosto de morrer espero,
Abraçado co'a minha paciencia.

Lobo, sempre galhofeiro e mordaz, prolongou a triste phantasia de Mattos, suppondo-o já morto e embrulhado n'uma «esteira de tabua», sem caldeira e sem cruz.

Apollo, ouvindo o pranto dos bréjeiros, que lastimam a perda do consocio, pergunta quem é o misero defunto.

Quem será (diz Apollo)? Oh dura ausencia!
— E' João Xavier que morreu hoje,
«Abraçado co'a sua paciencia».

Tolentino, fallando da miseria em que morreu Camões, refere-se á canção de Mattos e ao soneto de Lobo, dizendo:

Só as musas o choraram
E o enterro devia ser
Como hoje nos pinta o Lobo
O de João Xavier.

Esta referencia a Antonio Lobo denota amigavel trato, se é que não foi uma indulgente superioridade de Tolentino.

Mas a execução de Isabel Cresse deve ter terminado.

A multidão, que assistiu a esse funebre espectaculo, espraia-se agora frivolamente pelas hortas e pelas quintas mais proximas, taes como a do Cordoeiro, a de Lazaro Verde e as Terras do Guarda-Mór.

O lisboeta aproveita assim o epilogo de um crime celebre para gosar um dia alegre.

Ranchos de patuscos, sentados sobre a relva, estendem a toalha no chão e preparam-se para comer a merenda, que mandaram vir de casa ou da taberna.

Ha uma promiscuidade suspeita de homens e mulheres, por entre as arvores, nos recantos sombrios das quintas.

Os cegos andantes offerecem ainda os folhetos que lastimam a morte de Isabel Clesse, mas quem se lembra já d'ella?

Trata-se apenas de comer e foliar.

Ninguem compra agora os folhetos, e os cegos o mais que podem conseguir é que lhes dêem os sobejos das merendas por esmola.

O Thomaz dos Pós, um pobre donato muito popular, de habito franciscano e barbas compridas, vai arrastando por entre as quintas e as hortas a sua monomania de missionario.

— Irmãos, gritava elle deante de cada grupo, lembrai-vos de que haveis de ser pó como aquella que ha pouco vistes estrebuxar na forca. Porque tudo é pó, sómente pó, nada mais que pó.

E os patuscos enxotavam-n'o berrando:

— Vai-te d'aqui, Thomaz, com a prégação dos teus pós. Deixa-nos em paz, donato maluco.

Os grupos repelliam assim o pobre maniaco, e a justiça ainda foi depois mais severa com elle, porque o mandou para as galés pelo crime de prégar.

A isto allude Tolentino quando diz:

> Thomaz dos Pós fez missões;
> Ajuntou gente infinita:
> Mas inda em negros vergões
> Traz nos artelhos escripta
> A paga dos seus sermões.

Vê-se que a psychiatria estava muito atrazada no seculo XVIII.

De Maria da Gloria sei que assistiu á execução, parecendo mais preoccupada com algum pensamento que lhe dava cuidado, do que com a forca, Isabel Clesse e a multidão.

Não a vejo em nenhum dos grupos que merendam alegremente.

Suspeito que, sempre preoccupada, correu para casa e que logo que entrou começou a querer escrever um bilhete. Rasgou nervosamente uma folha de papel; depois inutilisou outra; ainda despedaçou uma terceira, até que pareceu encontrar uma formula que procurava. E então escreveu mais tranquilla o bilhete. Veiu depois para a janella, á espera de alguma das visinhas que chegasse primeiro.

Mal chegou uma, chamou-a á escada, e disse-lhe:

— Eu queria que me fizesse o favor de ir procurar o sr. Lobo e de lhe entregar este bilhete.

— Sim, menina.

— Sabe onde póde encontral-o? Ali pelo Rocio; ha de andar por ali. Mas não deixe de lhe entregar isto.

— Sim, menina. Eu sei pouco mais ou menos onde elle costuma parar. Ai meu Deus! que pena me fez a pobre Isabel!

— Tambem a mim. Mas veja se o encontra.

— Vou já, n'um pulo. A pobre rapariga, tão bonita, que até lhe ficava bem a alva!

— E' verdade. Ha de encontral-o ali pelo Rocio.

— Sim, menina, vou n'um pé e venho no outro.

Agora, os poucos que ainda pensavam em Isabel Clesse, já tinham pena d'ella, como os poetas; incluindo as proprias mulheres dos páteos do Salitre, que antes da execução a julgavam com severidade.

Antonio Lobo recebeu no Rocio o bilhete, leu-o e sorriu-se.

— Tem resposta? perguntou a portadora.

— Não, respondeu Lobo. Diga lá que já o esperava.

Um bohemio com quem Lobo estava n'essa occasião, perguntou-lhe:

— E' uma conquista, seu maroto?

— Não, disse elle tranquillamente. E' uma desconquista.

O bilhete que Lobo recebeu e guardou na algibeira, dizia:

«Lobo, conheci hoje que me não tinhas amor nenhum. Não posso, nem devo continuar a amar um ingrato. Tudo está acabado entre nós. Não voltes mais aqui, e adeus.»

Antonio Lobo já, como dissera, esperava este bilhete, desde que Maria da Gloria recebeu pela manhã a carta e ficou perturbada.

Elle conhecia bem a tactica de todas as mulheres d'aquella especie.

Uma só coisa parecia inspirar-lhe algum interesse:

— Mas que diabo! eu ia jurar que conheço a lettra do sobrescripto.

E, por mais que quizesse lembrar-se, não atinava quem fosse.

Um amigo disse-lhe á noite:

— Vi hoje na Praça da Alegria a Maria da Gloria.

— Ah! viste? respondeu Lobo. Ella tambem foi a enforcar?

— Só se tu foste o algoz.

— Não. Ella é que me estrangulou esta manhã.

— Como?

— Despedindo-me.

— Depois de alguma scena?

— Não. Antes da scena, logo que o tyranno da peça appareceu nos bastidores.

— Mas quem é o tyranno?

— Não sei, nem me dá isso grande cuidado, apesar de me parecer que lhe conheço a lettra.

— Eu não sei quem seja.

— Sabe ella, e é o que basta.

— Estás contrariado?

— Eu! até foi bom. Depois de ámanhã é o sarau nas Picôas e eu preciso todo o tempo até lá para dar crena aos sapatos e arranjar umas fivellas maltezas. Tens tu algumas?

— Não.

— Nem eu. Onde diabo as hei de ir arranjar? Bem vês que não tenho tempo para pensar em mais nada.

XVIII

O sarau das Picôas

Decerto que o leitor conhece um interessante opusculo do marquez de Rezende, intitulado «Pintura de um outeiro nocturno e um sarau musical ás portas de Lisboa no fim do seculo passado».

Este opusculo é um feixe de «recordações e imagens», pittorescamente agrupadas, sem embargo de algumas inexactidões flagrantes.

O auctor remonta-o aos primeiros annos do reinado de D. Maria I, que foi acclamada em 1777, e comtudo faz concorrer ao sarau a *prima-donna* Zamperini, que já então não estava em Portugal.

Mas, apesar do anachronismo, este facto mostra quão viva era ainda, alguns annos depois, a ruidosa tradição que a Zamperini deixou em Lisboa, tradição que o marquez de Rezende recebeu e aproveitou, preferindo sacrificar a chronologia a ter de renunciar á presença da *prima-donna* n'uma festa que elle suppõe realisada em 1777.

Ora o que é certo é que, no solar das Picôas, a familia Freire de Andrade, hoje Camarido, recebia semanalmente, desde muitos annos, toda a nobreza, todos os escriptores e todos os artistas, nacionaes ou estrangeiros, que brilhavam em Lisboa n'aquella época.

Era um «salão litterario», como sempre tem havido algum em Lisboa, a partir do reinado de D. Manuel, especialmente da

pequena côrte de sua filha a infanta D. Maria, até ao salão Kruz, da rua Formosa, em nossos dias.

Os estrangeiros que chegavam a Lisboa com recommendação ou aqui se faziam recommendar por algum titulo, facilmente podiam frequentar salões distinctos, entre elles o dos Freires de Andrade nas Picôas.

O famoso aventureiro José Balsamo, quando esteve em Lisboa, foi apresentado na grande roda, graças á belleza, que não á virtude, de sua mulher Lourença Fedisiani.

Anna Zamperini tambem se fez ouvir nos saraus das Picôas, porque muitas mãos, em cujos dedos brilhavam anneis brazonados, lhe abriram as portas d'aquelle palacio illustre.

Já sabe o leitor que Antonio Lobo de Carvalho, no dia da execução de Isabel Clesse, estava convidado para um sarau nas Picôas, e eu dir-lhe-hei agora que esse sarau era de maior vulto que os ordinarios, por festejar o anniversario natalicio de um dos filhos do venerando ancião Fernando Martins Freire de Andrade.

O marquez de Rezende não se esqueceu de mencionar, como frequentador d'aquelle palacio, «o mordaz Lobo», palavras suas.

A Zamperini ia encontrar, no palacio das Picôas, mais uma vez, o seu intransigente adversario Antonio Lobo, mas era aquelle um terreno neutro onde ella não tinha que temer-lhe as arremetidas.

A esse tempo Zamperini começava a descer do zenith, por que as algibeiras dos seus mais abastados admiradores começavam tambem a estar cansadas de frequentes e profundas sangrias.

Os poetas aproveitavam o momento, esperançados em que tivesse soado a hora do seu triumpho, porque Anna Zamperini era sufficientemente perspicaz para não prescindir de uma guarda pretoriana, que lhe defendesse a gloria e a fama.

Vendo rarear os argentarios, voltava-se com melhor sombra para os poetas, a fim de que lhe não faltasse em louvores o que já lhe ia faltando em dinheiro.

E se alguns poetas, como Antonio Lobo, se mostravam intransigentes em recusar-lhe culto, outros, habilmente attrahidos por ella, iam engrossando as fileiras dos zamperinistas versejadores.

Quando a *prima-donna* entrou, essa noite, no solar das Picôas, levava a pungir-lhe a memoria um soneto de Antonio Lobo, em que elle exagerava, é certo, a decadencia da artista, mas em que havia, aliás, um certo fundo de verdade, e era isso o que mais incommodava a famosa cantora.

Dizia o poeta que ella ia resvalando á pobreza.

Isto era manifestamente uma exageração com o fim de maguar; mas Zamperini bem sabia que as maiores fontes de receita estavam exhaustas.

Assim a Zamperini hoje se estreita
A comer pão de rala...

Nem tão longe. Ella comia ainda o pão fino de Meleças [1] e até o pão de ló dos conventos, ensopado em velho Porto ou Madeira. Mas o aureo Pactolo já corria para a sua algibeira menos caudaloso e torrencial; era agora um regato escasso, escasso, sobretudo, para alimentar o fausto e brilho com que ella e as irmãs se acostumaram a viver.

Os bens da gente de theatro são como os bens do sachristão:

Cantando vem,
Cantando vão.

Antonio Lobo concluia o soneto dizendo que a Zamperini, de queda em queda, ainda havia de chegar a ir morar para a rua d'elle.

Ora o poeta residia já então á Madragôa, sitio incompativel, desde velha data, com a decencia dos costumes.

Isto era um pesado aggravo, que devia maguar a Zamperini, mas já outros poetas lhe haviam dito cousas igualmente crueis.

Comtudo, ao que ella dava maior peso, no intimo da sua consciencia, era «á diminuição das receitas», como diria hoje um ministro da fazenda nos debates de S. Bento.

Começava a boquejar-se que era sobre o presidente do senado da camara que recahia agora a maior responsabilidade do «orçamento da despeza» e que, logo que o marquez de Pombal tivesse conhecimento d'este facto, mal iria á Zamperini e, portanto, ás suas duas galantes manas.

Mas o primeiro ministro andava muito preoccupado com a reforma da Universidade, e havia partido para Coimbra em setembro, não tendo por isso tempo para inquirir do que se passava no theatro da Rua dos Condes e em casa da Zamperini.

De mais a mais não seria missão facil, nem isenta de pe-

[1] São dois logares do concelho de Cintra, nas freguezias de Bellas e Rio de Mouro, onde n'aquelle tempo, principalmente, se fabricava o melhor pão de trigo que vinha ao mercado de Lisboa.

rigos, a de lhe dar noticias desagradaveis sobre acontecimentos em que estava envolvido o nome do seu filho primogenito.

A formosa «estrella» da Rua dos Condes e Antonio Lobo não eram os unicos adversarios que, n'essa noite, se encontravam reunidos sob o tecto do solar das Picôas.

Ali estava tambem o padre Manuel de Macedo, que não tinha menores aggravos de Lobo que a Zamperini; e que, nas mesmas salas, fazia cara alegre ao passar hombro a hombro pelo dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, por José Basilio da Gama, e por varios outros que o haviam flagellado á conta da celebre ode.

Ali os socios da Arcadia se baralhavam, perpassando de sala em sala, com os seus implacaveis emulos, do Grupo da Ribeira das Naus.

Ali o conde de Oeiras tinha de roçar o braço por muitos dos mais figadaes inimigos de seu pae e da sua familia.

Ali, finalmente, no campo neutral das Picôas, sob o pacifico influxo das Musas, reinava a mais apparente harmonia entre pessoas que intimamente se detestavam.

Nicolau Tolentino de Almeida abeirou-se, logo ao começo do sarau, da mesa em que o marquez de Angeja estava jogando o isque com o marquez de Lavradio, o conde de S. Lourenço e o conde de Ville Verde.

— Excellentissimos senhores, disse o poeta, tenho a honra de saudar todos os illustres parceiros de tão preclara partida.

— Olá, sr. Tolentino! responderam os quatro fidalgos correspondendo familiarmente ao cumprimento.

— Então não joga? perguntou o marquez de Angeja.

— Eu! meu sr.! Não jogo por duas razões, e comtudo bastaria uma só.

— Comece pela principal.

— A principal é vossas excellencias não quererem que eu jogue.

— Nós?!

— Ora essa?!

— Porquê?!

— Diga lá.

E Tolentino, aproveitando a occasião de metter memorial, respondeu:

— Porque ainda se não dignaram despenar o pobre mestre de meninos e fazel-o subir ao setimo céu de uma secretaria de estado.

Riram-se os quatro fidalgos, e todos elles disseram uma palavra amavel ao poeta.

— Vamos a vêr agora a outra razão.

— A outra é que eu não gosto nada d'esta moda do isque, com perdão de vossas excellencias, que o estão jogando.

— Mas por quê?

— Por quebrar a cabeça, e exigir silencio e concentração de espirito para tomar sentido nas cartas. Bem se vê que é jogo de inglezes, cabeças frias e meditativas.

Aquillo a que os portuguezes do seculo XVIII chamavam «isque» não era outra coisa senão o «whist», que principiava a ter voga entre nós.

Tolentino, que foi sempre adversario d'este jogo, orthographava «isque», como quasi toda a outra gente: mas Garção escreveu — Wiske.

— Vamos indo com as modas, respondeu o conde de S. Lourenço.

— Eu, meus senhores, contestou Tolentino, direi, sempre com o respeito devido a vossas excellencias, que prefiro a bisca e o truque, em que fui criado.

— Mas ha ainda outro que lhe não desagrada decerto... sublinhou com affavel ironia o marquez de Angeja.

— Ah! bem entendo, meu senhor. A Banca é o rei dos jogos. Fazer um vistoso parolim é ganhar uma batalha terrivel. Mas... não chega a tanto um pobre mestre de meninos, por que os banqueiros lhe não consentem que aponte a palmatoria, sua unica riqueza.

— Ah! parceiro! apostrophou o marquez de Angeja ao conde de Lavradio. Essa carta agora!...

— Perdão! perdão! disse Tolentino. A culpa foi minha; o tal isquesinho não é jogo que permitta desvios de attenção. Desculpem vossas excellencias.

E affastou-se da mesa dos quatro fidalgos.

O padre Francisco Manuel do Nascimento dizia ao ouvido do dr. Monteiro Amaral, n'outra sala:

— Não posso vêr aquelle homem que acolá está. Contende-me com o systema nervoso.

O dr. Monteiro Amaral olhou disfarçadamente, e viu José Manuel Pinheiro, secretario da Junta do Gran-Pará e Maranhão.

— E' um assassino, proseguiu Francisco Manuel. Assassino da lingua portugueza, que vae retalhando a golpes de francezia. E' o francelho-mór d'este reino, uma peste de homem, que estraga tudo em que põe a mão.

Mas de repente fez-se grande silencio nas salas.

Ia começar o outeiro, rompendo os poetas o sarau com os costumados louvores e felicitações ao dono da casa por motivo do fausto anniversario natalicio de um dos seus filhos.

Depois seguiram-se os motes e as glosas, os jogos floraes dos repentistas, e ainda a longa recitação de poesias com que vinham munidos os poetas que não eram improvisadores.

Durante todo este tempo Anna Zamperini esteve sendo assediada pelo «Chevallier» de Montigny», encarregado dos negocios de França, o que dava alguns engulhos ao conde de Oeiras, sempre preoccupado em vigial-os de longe com mal disfarçado interesse.

Montigny era um poeta, que se propunha conquistar as mulheres pelo amor, mediante a suggestão estonteadora do verso. O «vil metal» cheirava-lhe a repugnante trafico de chatins. Tinha uma paixão ardente pela Zamperini, mas para conquistal-a seguia pelo caminho mais longo: a poesia. Ella entendia pouco d'isso, e muito de dinheiro. D'aqui o não poderem identificar-se, e o perder elle tempo a rondar-lhe a casa, a visitar-lhe o camarim, a seguil-a por toda a parte.

N'aquella noite das Picôas intentou o cavalheiro de Montigny vibrar o golpe de misericordia ao resistente coração da Zamperini.

O poeta illudia-se mais uma vez, porque ella só tinha garganta e algibeira.

Mas, ainda assim, Montigny tomou n'essa noite as suas precauções.

Além de uma epistola em verso, levou-lhe uma carta em prosa, de leitura mais rapida, na qual resumia em poucas linhas o que dizia na epistola metrificada.

Era a ultima palavra do seu amor, o ultimo cartuxo queimado, a confissão decisiva de que a amava loucamente: «la folie de vous aimer»

Julgava elle que as circumstancias o favoreciam, visto saber-se que os argentarios começavam a desertar.

Possuo uma copia manuscripta d'esse duplo documento amoroso.

A epistola, composta em alexandrinos pareados, é muito extensa, e eu, para não fatigar o leitor, limito-me a traduzir os quatro primeiros versos:

Zamperini, é tamanha a tua formosura,
Que o meu amor por ti vai até á loucura.
Teu encanto allucina e faz loucos diversos.
Mas o maior sou eu, que te dedico versos.

Pobre sr. de Montigny! está-se vendo, logo n'este inflammado introito, a alma ingenua de um rapaz francez, sincero

como todos os rapazes, galanteador como todos os francezes, com mais coração do que «porte-monnaie», simples encarregado de negocios na carreira diplomatica.

Isto de confessar-se o maior louco de todos, no amor, aos pés de uma cantatriz, é o mesmo que dizer-lhe: «vá pensando primeiro nos outros todos e deixe-me para o fim, que eu estou certo, porque não posso fugir-lhe».

Ah! se a mocidade soubesse!...

Mas que o cavalheiro de Montigny estava loucamente apaixonado bem o mostrou elle, se ainda fosse precisa mais uma prova, no sarau das Picôas, sentado junto da Zamperini a dizer-lhe finezas, a requebrar-lhe olhares, a dar-se em espectaculo á curiosidade e maledicencia de todos os convidados.

O padre Manuel de Macedo, nada contente, desforrava-se dizendo aos seus intimos:

— Vejam aquillo! Eu chamei-lhe divina no papel. Mas o Chevallier de Montigny vae mais longe: divinisa-a no salão.

A carta em prosa, transumpto da epistola em verso, é, como já disse, um recurso de que o poeta lançou mão para ter algumas probabilidades de se fazer lêr pela «prima-donna».

A epistola decerto a não leu ella; mas a carta, por ser curta, e em prosa, talvez a lesse... se é que leu.

O padre Manuel de Macedo e outros muitos vates poderiam testemunhar, por experiencia propria, que os versos não eram instrumento efficaz para render a Zamperini.

Dizia a carta do sr. de Montigny:

«Eu junto esta breve carta a uma Epistola assaz longa, a fim de que possaes lêr em prosa, como em verso, que tenho o bom gosto de vos admirar e a loucura de vos amar. Tendes um banqueiro, um joalheiro, um mordomo, um pintor e um postilhão; não vos falta senão um poeta. Se o meu estylo vos agrada, dar-me-hei por muito feliz em entrar ao vosso serviço n'essa qualidade. Não esqueçaes que as personagens mais celebres na historia do mundo, os generaes victoriosos, e as bellas que subjugam todos os corações, só adquirem uma reputação immortal pelas obras dos poetas; e se é doce na velhice contemplar em uma tela sempre fresca a figura encantadora que aos dezoito annos contemplavamos no espelho, não é menos doce folhear com mão tremula uma collecção de ternos bilhetes e assestar a luneta para reler apaixonados versos. Já vos fizestes retratar a oleo; fazei-vos celebrar em verso. Querereis acceitar a minha dedicação e dar-me uma resposta? Permittir-me-heis ir estudar a vossa casa a materia dos meus poemas? Só essa idéa me envaidece. Mas consenti ao menos que, espe-

rando as vossas ordens, eu tenha o prazer de me assignar com o mais profundo amor,

o mais humilde e o mais apaixonado entre aquelles que ambicionariam ser vossos escravos

Assignado: *Metrophoby*».

Era o pseudonymo do sr. de Montigny, mantida a inicial do seu appellido de familia.

Havemos de confessar que a phrase — para ir estudar a vossa casa a materia dos meus poemas — é o mais subtil eufemismo de que ha noticia.

Esta phrase vale bem toda a outra prosa, e até todos os poemas, do joven diplomata francez.

Pobre sr. de Montigny! mal diria elle, n'aquella noite das Picôas, tão cheio de vida, de mocidade e amor, que a morte o estava ameaçando de perto e que dentro de pouco o empolgaria na flôr dos annos, cortando impiedosamente todos os seus anhelos e sonhos.

Montigny falleceu d'ahi a um anno, no palacio que então habitava o marquez de Macedonio, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Napoles, residente em Lisboa desde 1767.

Frei Claudio da Conceição diz no «Gabinete Historico»: [1]

«No dia 8 de agosto (de 1773) morreu em Lisboa o cavalleiro Montigny, encarregado dos negocios de França n'esta côrte: sepultou-se na egreja de S. Luiz, que a nação franceza tem em Lisboa, ás Portas de Santo Antão. Os ministros estrangeiros, o corpo da nação franceza, e muitas outras pessoas de distincção, assistiram tanto ao seu enterro, como ás suas exequias feitas na mesma igreja no dia seguinte».

Não diz que a «prima-donna» Zamperini assistisse aos actos funebres, e comtudo ella devia essa homenagem de respeito á memoria do homem que tanto a amou e cantou.

O cavalheiro de Montigny não póde ser ainda hoje um nome indifferente a Portugal, pois que seguiu com interesse em Lisboa a evolução do theatro portuguez, independentemente da influencia que no seu coração exercia a paixão pela Zamperini.

N'um officio, datado de 12 de agosto de 1771, dizia elle ao duque de Bouillon que todos os esforços do marquez de Pombal tendiam a promover o adeantamento e progresso das artes e

[1] Vol. XVII, pag. 104.

das manufacturas, e até o dos theatros, e concluia noticiando que o theatro nacional estava sendo construido por meio de subscripção; que se tinham mandado buscar actores á Italia; e que se traduziam as peças francezas. [1]

Ora, a esse tempo, não só já havia opera nos theatros do Bairro Alto e da Rua dos Condes, mas até já havia começado o ruidoso periodo da Zamperini.

O theatro em construcção devia ser o do Salitre.

O cavalheiro de Montigny foi substituido em Lisboa pelo marquez de Clermont d'Amboise, na qualidade de embaixador de França, o qual habitou, no palacio do marquez de Macedonio, os mesmos aposentos em que Montigny falleceu.

No festival das Picôas, succedeu-se ao outeiro dos poetas um primoroso serviço de bufete, a que o marquez de Rezende chama «lauta merenda», e depois começou o sarau musical em que Anna Zamperini cantou com o tenor Caporalini o duetto «Ah cari palpiti» da burletta de Cimarosa «Il matrimonio secreto», sendo acompanhados ao piano, um dos primeiros pianos de Pleyel que chegaram a Lisboa, pelo professor João Cordeiro da Silva.

Este musico, sempre muito scismatico com doenças, não se sentava ao piano sem ter a seu lado pessoa de confiança que lhe voltasse a solfa com toda a cautela para... se não constipar.

N'essa noite solicitou esse obsequio de Nicolau Tolentino de Almeida, seu amigo, que ficou de pé junto ao piano, immovel, com os olhos pregados na Zamperini.

A cantora perturbou-se com o olhar insistente de um homem, que ella sabia ser poeta satyrico e que não andava contado no numero dos zamperinistas.

Muito nervosa, no meio de uma tempestade de applausos, quando acabou de cantar não teve mão em si que não dissesse ironicamente ao poeta:

— Parece que o sr. Tolentino nunca me viu!

Elle replicou de prompto, gravemente:

— De graça é a primeira vez.

Cantaram ainda outros artistas da companhia da Rua dos Condes, Trebbi, Schettini, Felicaldi, etc., mas o grande «clou» do sarau musical foi Anna Zamperini, a qual despertou tamanha ovação de palmas e bravos, que mais uma vez irritou os nervos do padre Francisco Manuel do Nascimento.

---

[1] «Quadro elementar das relações diplomaticas» pelo visconde de Santarem, vol. XVIII, pag. 14.

Dizia elle n'um grupo de amigos:

— Vejam Vossas Mercês o que é ser estrangeiro em Portugal! A nossa grande Luiza de Aguiar, com a sua linda voz de meio-soprano, encantadora no registo grave, se quiz ganhar a vida, desde que chegou esta maluca da Zamperini, teve de ir para o Porto, e por lá está! E' bonita, canta bem, mas ca-

O sarau nas Picôas

sou com o rabequista Todi, e é honesta. O' diabo! má recommendação! Nasceu ali em Setubal; se tivesse nascido em Italia, outro gallo lhe cantaria! Ao Galli, quando metteu hombros á empresa da Rua dos Condes, só porque era italiano, todos lhe quizeram levar dinheiro. O pobre João Gomes Varella tem-se amolado na empresa do Bairro Alto pela culpa de ser portuguez. Até lhe fazem satyras! Melhor lhe teria ido se continuasse

a ser boticario. Pois tem lá a irmã da Todi, a Cecilia Rosa, que é uma primeira-dama de se lhe tirar o chapéu.

— Metteu n'um chinelo a Maria Joaquina, disse o dr. Jeronymo Estoquette.

— E' verdade que metteu! proseguiu o padre Francisco Manuel. Até me lembro do final de um soneto que dizia:

Mas apenas Cecilia fez ensaios,
Uma Rosa venceu tantos candores,
Um sol fez encobrir tão puros raios!

— Sim... sim, disse o capitão Manuel de Sousa. Isso eram lamentações postas na bocca de Maria Joaquina. E comtudo ella tem valor na comedia; quasi tanto como Cecilia Rosa na tragedia.

— Tanto não! ponderou Francisco Manuel. Mas a emulação faz prodigios. Maria Joaquina foi-se atrevendo, menos mal, com alguns papeis tragicos. No canto, porém, Cecilia Rosa era-lhe muito superior.

N'este momento soaram duas palmadas fortes.

— O que é agora?

O padre Apolinario da Silva enfiou o olhar ao longo das salas e disse:

— E' a sr.ª D. Caetana Cardoso que vai cantar.

— Bem! bem! exclamou o padre Francisco Manuel. Isso ha de ser modinha portugueza. Estou com a minha gente.

Pouco depois ouvia-se uma voz bem timbrada e suave cantar uma das mais estimadas canções da epoca: «De saudades morrerei».

Este numero do sarau foi applaudido com o sincero enthusiasmo de portuguezes que acabavam de ouvir a sua bella lingua glosada sobre um melodioso estribilho musical.

Não havia n'aquelles applausos nenhum fim reservado, como quando cantou a Zamperini ou qualquer das outras damas italianas, que mais ou menos tinham arregimentado partidaristas interesseiros ou fanaticos.

Premiava-se o merito da cantora na pessoa de uma senhora distincta, e festejava-se esse como protesto da alma nacional contra a inundação da musica italiana, que tinha invadido os theatros, os palacios e até as ruas.

Antonio Lobo de Carvalho, percorrendo as salas, teve vontade de se benzer trez vezes quando viu encostado a uma porta, em attitude contemplativa, o morgado da Boa Vista.

— Vossa Senhoria aqui! exclamou elle admirado.

— E' verdade, respondeu o fidalgo. Estava observando a galanteria com que a condessa de Assumar sabe menear o leque.

— Quando chegou?

— Ha dois dias.

— Por mar ou por terra?

— Por mar.

— Foi-lhe então levantado o interdicto?

— Consegui que os primos Lorênas consentissem na minha vinda a Lisboa, sob condição de que não frequentaria o theatro da Rua dos Condes, nem me intrometteria mais em questões da Zamperini.

— Já lhe fallou?

— Não; nem quero fallar. Ouvi-a cantar ha pouco. Estou no proposito de respeitar fielmente a prohibição. Então o que tem feito, Lobo?

— O mesmo que fazia antes de Vossa Senhoria se ausentar: perder o tempo e gastar a vida.

— E amores?

— Amores! repetiu com uma ligeira sombra de tristeza Antonio Lobo.

— Nunca mais teve noticias de Villalva?

— Nunca mais. Tenho sido um ingrato. Mas para que se ha de atiçar um fogo, que uma vez atiçado não teria remedio?

— Ao menos ha de ter tido algum passa-tempo... Conte lá isso, homem.

— Ah! essas coisas são fogos de vista, que estalam agora e logo se apagam.

— Mas então?

— Agora acabou justamente de queimar-se uma d'essas ephemeras bagatellas.

— Diga lá.

— Não era nenhuma vestal, nem nenhuma conquista de envaidecer ninguem. Conheci por acaso uma rapariga que mora ao Salitre...

— Ao Salitre?

— Sim.

— E como se chama?

— Maria da Gloria.

— Maria da... disse o morgado e deteve-se.

— Vossa Senhoria conhece-a?

— Eu!... Não. Que idéa!

— Pois o certo é que passei algum tempo com essa rapariga, mas agora fui posto no olho da rua, como se despede um criado.

De repente, Antonio Lobo sentiu-se assaltado por um pensamento que o incommodou.

— Vossa Senhoria chegou ha dois dias?

— Ha dois dias.

— E não escreveu uma carta logo que chegou?

— Que me lembre não.

— Ah! morgado! não diga isso. Eu vi o sobrescripto. Pareceu-me conhecer a lettra, e não me acudia de quem fosse. Agora vejo que era a sua. Dê-me palavra de honra que não era.

O morgado da Boa Vista respondeu serenamente:

— Era.

— Ah! morgado! Eu estou innocente d'esta culpa: ignorei sempre quem fosse a pessoa da provincia, em quem Maria da Gloria me fallava mysteriosamente.

— Acredito.

— Mas como o diabo as tece!

— Bom foi que acontecesse assim, porque de outro modo eu não viria a saber com tanta certeza o que Maria da Gloria fizera na minha ausencia. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa: calculava.

— Eu é que fui imprudente em fallar de mais. Este meu genio!

— Nunca se é imprudente em fallar francamente a um amigo. Imagine que eu, vindo a sabel-o por alguem, exigiria que me dissesse a verdade. Dizia ou não?

— Dizia.

— Pois ahi tem.

— Mas a prova de que eu ignorava a verdade está na franqueza com que fallei a Vossa Senhoria.

— E' claro. Não vale a pena justificar-se mais, meu caro Lobo.

O morgado da Boa Vista poz amigavelmente a mão sobre o hombro de Antonio Lobo e foi-o guiando para a sala do bilhar, como para cortar um incidente em que o poeta parecia ainda mais constrangido do que o morgado.

Estava jogando uma partida, n'essa occasião, o padre Francisco do Campo Grande, homem corpulento, com as faces crivadas de variola, e que tinha a paixão do bilhar.

Em roda havia um grande numero de espectadores, que riam muito com o padre.

Quando o morgado e Antonio Lobo entravam na sala do bilhar, dizia um dos circumstantes ao acerrimo bilharista:

— O' padre! diga lá uma coisa.

E o padre apontando o taco á bola:

— Direi se souber.

— E' certo que Vossa Mercê uma vez, celebrando missa, em vez de dizer «Orate fratres», se enganou, e disse «Carambolou o parceiro»?

Estrondosa gargalhada de todo o auditorio.

O padre Francisco, tendo-lhe falhado a tacada, começou a pôr giz no taco e disse mansamente:

— Ahi ha mais e menos. Eu enganei-me effectivamente. Mas o que disse foi: «Perdoai, irmãos, á rapaziada, que se ri de mim nas Picôas, porque elles do jogo do bilhar não percebem patavina».

XIX

A chanfana

Oito dias depois do sarau das Picôas, Antonio Lobo de Carvalho tinha ido, com alguns amigos, passar o dia a Sacavem em casa do seu antigo condiscipulo João Dias Talaia Souto-Maior.

O pretexto d'esta excursão era, como sempre, mais uma tourada, das muitas que o Talaia, «aficionado» tão enthusiasta quanto desastroso, promovia frequentes vezes.

Este Talaia, que o leitor conhece vagamente desde que Antonio Lobo fez uma rapida paragem em Coimbra, comquanto não fosse tolo e tivesse recebido o grau de bacharel em canones, tornava-se ridiculo por duas manias infelicissimas: a de tourear e a de fazer versos.

Ora a verdade é que toureava tão mal como poetava, não distinguindo entre o toureio das Musas e o das rezes para o effeito de maltratar umas e outras.

Antonio Lobo, posto que sempre conservasse com elle relações de amizade, não o poupava a cada novo desastre, especialmente tauromachico. Talaia nem se offendia, nem descoroçoava: era de boa feição. Não lhe faltasse publico para o vêr tourear, dissessem os cartazes que tomava parte na corrida o dr. Talaia, e estava contente. Pouco lhe importava que os espectadores se rissem, e entre elles, principalmente, o seu amigo Antonio Lobo, que lhe levava sempre uma «troupe» de bohemios, e cujo genio galhofeiro desde Coimbra o divertia.

N'esse dia o dr. Talaia fizera coisas do arco da velha, como aliás era costume seu.

Estando já morto um touro, que certo escravo mulato do conde de Obidos derrubara valentemente, o dr. Talaia descarregou duas tremendas cutiladas... no touro.

Toda a praça riu estrepitosamente d'esta furia tauromachica do desastrado doutor. E Antonio Lobo improvisou, a proposito, um soneto jovial:

Não dês Talaia, não, contra o preceito
N'esse bruto, que em fim te não resiste:
Não se estrague o valor n'uma acção triste,
Onde illeso ficou o teu respeito.

Corra embora a cachões sangue no peito
Cada vez que o aggressor no campo existe;
Mas o boi já morreu, como tu viste,
A's mãos do teu collega, em postas feito.

Este collega era o escravo mulato do conde de Obidos, tão «aficionado» como o doutor, se bem que muito mais valente e perito do que elle.

Cedo já, diz Talaia; já não provo
N'este curro estas armas reluzentes,
Que á historia hão de servir de assumpto novo:

Só as fevras, que eu sinto mais valentes,
E' ser isto co'um boi, não ser co'um «Lobo»,
Que lhe abrira a cabeça até os dentes.

Lobo recitou este soneto, de pé, na trincheira, e o publico, logo que o viu em attitude de recitar, suspendeu a gritaria, para ouvil-o.

Os espectadores applaudiram ruidosamente o poeta, obrigando-o a repetir o soneto.

— Tem coisas este Lobo! dizia um.

— E' levado do diabo! affirmava outro.

— Não as poupa a ninguem! E mais elle e o Talaia são amigos de tu.

— Muito. Ouvi dizer que andaram juntos na escola.

De repente armou-se uma baralha no logar em que Antonio Lobo recitara. Muitas pessoas acorreram áquelle ponto, saltando degraus, empurrando, acotovellando, querendo saber o que era. Outras, de pé, gesticulavam, barafustavam, discutiam porque tinham visto o que se passara ou porque... não tinham visto nada.

— O que foi?
— O que é?
— O Lobo bateu em alguem?
— Alguem bateu no Lobo?
— A coisa é com elle.
— Eu vi um homem bater-lhe.
— Porquê?
— Não sei. O Lobo ainda quiz defender-se, mas cahiu, e o outro foi sobre elle.
— Alguem que tomou as dôres pelo Talaia.
— Qual! o Talaia não se importa com chalaças.
— Então por que seria?
— Ha de saber-se. Vamos vêr o que foi.

Pouco depois Lobo era retirado em braços, com a cabeça aberta, a cara ensanguentada, e os quadrilheiros levavam preso um rapaz, que teria pouco mais de vinte e cinco annos, e parecia muito exaltado.

Alguns dos espectadores que estavam mais proximos de Antonio Lobo, contavam do seguinte modo a historia do conflicto.

Logo que elle acabou de recitar o soneto, aquelle rapaz poz-se a pé, bateu-lhe no hombro e disse:

— Eu é que sou capaz de abrir-lhe a cabeça.

Lobo, estupefacto, replicou-lhe:

— Não o conheço; não sei quem é!

O rapaz, cada vez mais pallido, retrucou:

— Conheço-o eu; sei que é um grande canalha.

A esta palavra, Lobo volta-se de repente e avança para o desconhecido; mas escapa-lhe um pé, cáe, e então o aggressor descarrega-lhe uma forte mócada na cabeça.

Tudo isto se passou rapidamente.

Alguns espectadores ainda agarraram o rapaz e o aggrediram, mas elle, se bem que subjugado, disse serenamente:

— Eu fiz o que elle pedia ao Talaia: abri-lhe a cabeça, não sei se até aos dentes.

Depois acudiram os quadrilheiros, e levaram-n'o preso.

Aventou-se a hypothese de que o rapaz era amigo do Talaia, e o quizera desaffrontar.

Veiu o doutor, e declarou que nem sequer conhecia de vista aquelle mancebo; quanto ao soneto, declarou tambem que elle nunca tomava á má parte as facecias do seu antigo condiscipulo e amigo Antonio Lobo de Carvalho.

A' noite dizia-se em Lisboa que o Lobo tinha sido morto na corrida em Sacavem.

— Pois elle toureou!

— O dr. Talaia pegou-lhe a mania!?

— Não foi um touro que o matou, foi um homem.

— Porquê?

— Não se sabe!

— Vingança de alguma versalhada, talvez.

— Seria o alferes Constantino que se quizesse vingar do soneto que ahi corre contra a mulher d'elle, e que dizem composto pelo Lobo?

— Não, não era o alferes Constantino.

— Então quem diabo seria?

Ora, como já dissemos, nem o proprio Lobo sabia responder a esta pergunta.

A' noite, quando elle voltou de Sacavem e appareceu no Rocio, saudaram-n'o como a um resuscitado, pois que a imaginação popular o tinha dado por morto.

— Coisa ruim não tem perigo, dizia alegremente Antonio Lobo.

— Mas por que foi isso?

— Eu sei lá! Sabe-se a rasão do diluvio universal: foi a maldade dos homens. Sabe-se a origem da guerra de Troya: foi a formosura de Helena. Só não se sabe a causa por que certo muchacho, que eu não conheço, me quiz pôr hoje os miolos ao sol.

— Mas é esquisito!

— Tambem acho, concordava jovialmente Antonio Lobo; muito mais esquisito para mim do que para Vossas Mercês.

Toda a gente, ouvindo esta e outras chistosas respostas de Lobo, desatava a rir da excentricidade de um homem, que não parecia preoccupar-se de haver sido espancado sem saber por quem e por quê?

— Mas quem será o brutal sujeito? perguntavam-lhe alguns amigos no intuito de provocar novas facecias.

— Ora quem será?! E' qualquer representante d'esta vil humanidade, que eu tantas vezes tenho atanazado com gana. Acreditem que por tão modico juro vale a pena ir amontoando um grosso capital de maledicencia. Não cahisse eu, e o homemsinho apanharia a sua conta, que eu n'outro tempo experimentei o braço n'estas lides, e sahia-me melhor do que o Talaia nas touradas. Ora quem será elle?! E' um inimigo retardatario, um odio feito pessoa, que esteve a abeberar uma vingança durante mezes, talvez annos. Isto foi mócada d'escabeche, que esteve de vinha d'alhos á espera de ter consumo. Teve, e acabou-se. Vira a gente a folha, e pensa n'outra coisa.

— Não andaria mulher no caso?

— Qual mulher! Eu não offendo Dulcineas, que reclamem

um D. Quichote vingador. Só um homem teria a este respeito motivo para se julgar aggravado por mim, ainda que inconscientemente o aggravei; mas esse não era capaz de pensar em semelhante tolice. Finalmente, meus amigos, vamos a vêr se nos podemos divertir esta noite para apagar da memoria das gentes a lembrança tetrica do caso estupendo de Sacavem.

— Vamos a isso! disseram muitas vozes.

— O que ha de ser?

— Proponham um alvitre.

— Querem ir ceiar ao Isidro?

— Vá feito!

— Elle hoje ha de ter chanfana fresca.

— A' chanfana! á chanfana!

E largaram por ali fôra, em grupo, para a casa de pasto do Isidro.

O leitor quer decerto saber o que era a chanfana.

Não admira, porque um joven principe, que teria então 11 annos de idade, e fôra baptisado com o mesmo nome de seu augusto avô el-rei D. José, tambem por aquelle tempo perguntou o que era essa famosa chanfana, de que tanto ouvia fallar.

Creança intelligente, parecendo fadada para altos destinos, tinha a aguda curiosidade que é propria de todas as creanças intelligentes.

A pergunta do principe constou na cidade, e não só deu assumpto a varias composições poeticas, mas tambem poz em maior voga a chanfana, que desde essa hora passou das choças da Ribeira para as casas de pasto mais notaveis.

E' que tambem constou que o joven principe D. José não se contentara apenas com a resposta que lhe deram, e quiz avalial-a praticamente, dignando-se comer chanfana no Paço.

Antonio Lobo foi um dos poetas que promptamente acudiram á curiosidade do neto de el-rei.

Compoz um soneto, que transcrevo textualmente com a rubrica que o antecede:

Perguntando o Principe do Brazil D. José — Que cousa era chanfana?

D'alto barrete, á laia de turbante,
Os braços nus, a faca na cintura,
Co'um panno por timão á dependura,
Trabalha o Isidro, a turco semelhante.

Do elastico bofe inda pingante,
Da barriga do porco alva gordura,
Faz por tal modo uma tal qual fritura,
Que aos toneis cheios toca a sé vacante!

Esta, principe augusto, é que eu approvo,
Chanfana santa, assaz famigerada,
Com que o turco amofina o nosso povo.

O peor é que lambe d'estocada
Aos peraltas o seu cruzado novo,
Menos a mim, que nunca paguei nada.

Isto era já no periodo de aristocratisação da chanfana, em seguida á pergunta do principe, quando tanto o Isidro como o Almeida e o Talaveira levavam aos peraltas um cruzado novo por essa indigesta petisqueira.

Mas Antonio Lobo, aproveitando o assumpto e a opportunidade, tambem descreveu a chanfana na sua primitiva feição popular, entrançando uma réste de sonetos, de que vamos arrancar alguns:

Lá onde d'antes era situada
Essa antiga Ribeira,[1] em negras choças
Estão vendendo enlabuzadas moças
Arroz com açafrão, sardinha assada.

Sócos nos pés, as pernas sem ter nada,
Roupinhas de baêta, argolas grossas,
Aos tostões do gallego fazem móssas
C'o feijão, com a isca, co'a canada.

Ali de humilde boi já esfolado
O molle bofe se lhe vae frigindo,
E em prato o põem, que nunca foi lavado.

Toda a plebe á chanfana vae surgindo,
Mas depois saem d'este coe damnado
Ora dando encontrão, ora cahindo.

Lobo não se contentou com descrever o aspecto sujo das choças da Ribeira Velha, e das moças que preparavam a chanfana.

Accentuou a pintura do interior das tascas n'outro soneto, que é um bello quadro da vida plebêa de Lisboa no seu tempo:

Em casa terrea com dois bancos sujos,
Mesa de pinho a quem um dos pés falha,
De estôpa em cima sordida toalha,
E de roda fumando alguns marujos;

[1] Antiga Ribeira, porque monsenhor Paulo de Carvalho Mendonça, irmão do marquez de Pombal e fallecido em 1770, tinha, sendo presidente do senado da camara, mandado construir o caes da Ribeira Nova.

A porta sempre cheia de sabujos,
E defronte, sentada sobre a palha,
De Guiné e d'Angola essa canalha,
Vendendo mexilhões e caramujos;

De louro á porta um grande mólho atado,
Cortina rôta, e sobre o fogareiro
Da chanfana o banquete costumado:

Pois quem vir isto assim fuja do cheiro,
Que se entrar, por querer d'este guisado,
Sairá sem comer, e sem dinheiro.

Nicolau Tolentino tambem interveio no assumpto, e por um triz se não accendeu outra guerra entre os poetas como tinha acontecido a respeito da Zamperini e do padre Macedo.

Fallar da chanfana entrara em moda, e o que é certo é que o publico, dando maior attenção aos poetas do que hoje, se mostrava interessado pelo assumpto... apesar de indigesto.

O soneto de Tolentino vae servir-nos para um duplo fim: como contribuição para a historia da chanfana e como parallelo de caracter entre o seu auctor e Antonio Lobo.

Diz Tolentino:

Comprada em asqueroso matadouro
Sanguinosa fressura, quente e inteira,
E cortada por gorda taberneira,
Cujo cachaço adorna um cordão d'ouro;

Cabeças d'alhos com vinagre e louro,
E alguns carvões que saltam da fogueira,
Fervendo tudo em vasta frigideira
C'os indigestos figados do touro;

Suavissimo cheiro, o qual augura
Grato manjar, mas que por causa justa
Dá um sabor que nem o demo o atura:

Isto é chanfana; e sei quanto ella custa;
Deu-me o berço, dar-me-ia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta.

No final d'este soneto, Nicolau Tolentino não pôde, a proposito da chanfana, reprimir a sua bossa de adulador de pessoas gradas.

Mette memorial, como sempre.

Dá a entender que foi creado com a chanfana e que terá de morrer n'esse mesmo regimen culinario se lhe não acudir a mão generosa do principe D. José.

Para conseguir o effeito da sua habitual pedinchice, não duvida dizer que na infancia se alimentou a chanfana, o que não deve ter sido inteiramente verdade, porque o pae de Tolentino era advogado de causas forenses, e vivia decerto menos mal, a ponto de poder mandar o filho para Coimbra.

Por sua parte, Antonio Lobo, no final de um dos sonetos, revela-se o bohemio que sempre fôra, declarando que o Isidro nunca lhe apanhou dinheiro pela chanfana.

Quando elle a comia, eram sempre os outros que pagavam.

Tolentino só quer dinheiro; Lobo até se gaba de o não ter.

Vejamos, porém, como foi que esteve para rebentar nova guerra entre os poetas.

O soneto de Tolentino não passou sem contestação; sahiu a contradictal-o um sujeito chamado Caetano Pinto de Moraes Sarmento.

O leitor não ouviu nunca fallar d'este poeta, certamente.

E o que eu mesmo sei da sua vida é apenas o que Antonio Lobo nos deixou escripto ácerca d'elle.

Era filho de um barbeiro, e parece que vaidoso, aperalvilhado, velhaco, com fumos de poeta e de fidalguia.

Lobo chama-lhe «ôdre de vento».

Da familia dos Pintos o morgado,
Primeiro tolo sem contrariedade.

Está bem de vêr que eram inimigos, e que Pinto temia o Lobo, o que zoologicamente parece natural.

Mettendo-se na questão da chanfana, não é com o Lobo que o Pinto investe; mas com Tolentino, sem respeito algum, porque lhe chama desdenhosamente — o tal Tolentino.

Não é esta, senhor, a de que falla,
A chanfana do figado do touro,
Nem se aduba com alhos, nem com louro,
Como o tal Tolentino quiz pintal-a.

Uma carne, que deixam de sangral-a,
Mais asquerosa que a do matadouro,
Com toucinho, que o ranço fez côr de ouro,
E pedregoso arroz, que o dente estala;

Carneiro resequido, e não assado,
Gallinha, que mais conta que anno e dia,
Com os sêccos pasteis sem ter picado:

Eis aqui de que falla a fidalguia:
Isto é chanfana, insipido bocado
Que forjam os cyclópes da ucharia.

Vem mais um poeta, tambem obscuro, Luiz Joaquim da Frota, e envolve-se na contenda, passando em revista o que os outros disseram sobre a chanfana:

Tolentino, senhor, foi quem traçou
Da chanfana o retrato natural;
Bem que sem pimentão, toucinho e sal,
Muito mal o guizado temperou.

Lobo apenas o Isidro nos pintou
De turbante adornado, e de avental;
Posto que uma imagem tal e qual
Da mais fina chanfana nos mostrou.

Pinto toma os pinceis da phantasia,
E subindo ao sentido figurado,
Foi colorir as fézes da ucharia.

Seu quadro é bom; seria consumado,
Se a sua tão creança fidalguia
Não tivera no quadro respirado!

Esta ultima estocada ao Caetano Pinto de Moraes Sarmento confirma as prosapias de fidalguia, que Lobo lhe attribue. Frota tambem lhe ferra a unha, dando a entender que, sendo o pai barbeiro, a nobreza da familia, começando no filho, era apenas recemnascida.

Felizmente, este rompimento de hostilidades não se azedou mais, nem continuou.

Mas veja-se o mau séstro que teem os poetas de estar sempre em divergencia uns com outros.

Pelo que elles disseram, o principe D. José ficaria sem perceber o que era chanfana, se os criados da real ucharia lh'o não tivessem dito a preceito.

O leitor, á falta de leccionista profissional, tambem de certo ficou sem uma nitida idéa do assumpto, mas isso não é coisa que lhe deva causar grande desgosto.

O que convém saber é que Antonio Lobo e os outros sucios foram, effectivamente, ceiar chanfana ao Isidro e que o poeta, sem vintem na algibeira, acceitára contente a ceia como solemne desaggravo da mócada de Sacavem.

Lobo estava magnifico de pilheria n'essa noite, como quem nada se importava com a resolução d'este desagradavel problema: quem foi que lhe abriu a cabeça, e porquê?

João Xavier de Mattos, apesar de ter feito protesto de não comer chanfana, por andar arrazado de saude á conta de noitadas e ceiatas, quebrou o protesto, comeu e bebeu bem, mos-

trando-se tão alegre como nas suas melhores noites de chalaça e apetite.

O banquete, como elle dizia, ia proseguindo animado, quando de repente entrou na loja do Isidro o beneficiado Domingos Caldas Barbosa.

Trazia cara de caso.

— O padre por aqui! Grande novidade ha de ser!

A ceia da chanfana

Lobo e Caldas davam-se bem. Lobo poupara-o sempre; estimava-o, e era retribuido. Até, lastimando n'um soneto a sorte de ambos, sobretudo a falta de dinheiro, lhe disse um dia:

Outra vida sigamos, que eu approvo:
Faze-te cego, eu moço malhadiço.
Se has de levar um cão, levas um Lobo.

Caldas, por sua parte, tinha um caracter leal e dedicado. Innocencio diz a respeito d'elle: «Consta que fôra homem prestavel e estudioso, de trato ameno, disposto sempre a interessar-se por seus amigos, e a obsequial-os no que podia, ainda que alguns se houvessem para com elle ingratamente».

Pois a sua entrada na loja do Isidro, n'aquella noite, e os passos que já tinha dado antes, são a confirmação plena da informação que nos deixou Innocencio.

— Grande novidade ha de ser! insistiu Antonio Lobo.

O padre calou-se. Uma voz disse:

— Quem cala, consente.

Apertaram com elle: que desembuchasse; que despejasse o sacco; que puzesse as cartas na mesa.

Finalmente, Domingos Caldas Barbosa resolveu-se a dizer:

— O motivo da minha vinda aqui interessa principalmente ao Lobo. Se elle quizer conversar comigo á puridade, dir-lhe-hei o que me trouxe cá.

Lobo olhou para elle e perguntou:

— E' o caso de Sacavem?

— E'

— Então, meu Caldas, podes fallar em voz alta, e pôr tudo em pratos limpos.

Isidro, que estava cabeceando com somno, debruçado no balcão, accordou a disse:

— Já lá vão. O' rapaz! vai mudar os pratos áquelles senhores.

Riram-se do «qui-pro-quo» os commensaes.

Novamente instado por Lobo, o padre Caldas contou:

— Já se sabe quem é o homem de Sacavem.

— Já!? exclamaram muitas vozes.

— Então quem é o meu... assassino? perguntou Lobo sorrindo.

— Lá vamos. Apenas me constou o que tinha acontecido, fui á intendencia geral para saber noticias, pois constava que o Lobo ficára malferido, e até se dizia que era já morto.

— Ah! maroto! interrompeu Antonio Lobo. Cheirava-te a enterro rico!

Xavier de Mattos reprehendeu-o:

— Deixa contar o caso, sem interrupções.

— Soube então, proseguiu Barbosa, que o aggressor...

Lobo cortando a narrativa:

— Linda e macia palavra... para me não offender.

— Chiu! Cala-te lá!

— Que o aggressor era filho de um fanqueiro da rua Nova da Princeza.

Lobo, muito admirado:

— Filho de um fanqueiro! Mas não conheço!

— Conhece-te elle, e tanto basta, disse João Xavier. Vamos ao fim.

— E', continuou Barbosa, um estouradinho que não faz senão gastar o dinheiro, que o pai honradamente ganha vendendo pannos e lençarias na sua loge.

— Como se chama? perguntou Lobo.

— Lourenço Ramos.

— O pai ou o filho?

— O filho.

— Ah! sim, disse João Xavier. Tenho idéa de haver um fanqueiro chamado Ramos, ahi por pé do largo dos Torneiros.

— Já lhe namoraste alguma filha por força! acudiu Antonio Lobo.

— Homem! tu és peor que um algarvio! Deixa fallar o Caldas.

— Pois o tal Lourenço estouradinho, continuou o beneficiado, está com uma mulher que diz ter grandes aggravos do Lobo.

— De mim!?

— Sim, de ti.

Antonio Lobo ficou suspenso, perturbado.

Mulher que pudesse ter aggravos seus, havia só uma, que elle julgava incapaz de planear uma vingança. Era Therezinha.

— E como se chama essa mulher?

— E' uma sécia de contrabando.

— Ah! é uma sécia! exclamou Antonio Lobo, tão desopprimido, como se lhe houvessem tirado de cima do peito um peso enorme.

— Uma mulher, disse o Caldas, a quem tu, segundo ella declara, tolheste interesses e commodos.

Antonio Lobo perguntou de repente:

— Maria da Gloria?

— Isso mesmo.

— Ah! já sei. Mas querer vingal-a o tal estouradinho!? Ainda se fosse outra pessoa...

— O morgado da Boa-Vista? perguntou Barbosa.

— Sim, o morgado.

— Ella contou tudo na intendencia, aonde tambem foi chamada.

— Então o que disse?

— Que o morgado, a quem tu foste dizer que ella te recebia na sua ausencia...

— Fui, sim, porque ignorava que o morgado fosse o dono da casa. Cahi n'uma ratoeira imprevista.

— Que o morgado, proseguiu Barbosa, a deixou logo que o soube, e foi adejando para os braços da Ricarda, que ella considerava a sua primeira amiga.

— Isso é a vulgar perfidia do official do mesmo officio, disse Lobo. Mas que falta póde fazer á Maria da Gloria o morgado, se ella já tem o estouradinho?

— E' sol de pouca dura. Ella julga-se desgraçada, e a ti o auctor da sua desgraça. Diz que não te ha de dar mais uma hora de descanso na vida.

— Ora essa! Tem graça!

— Foi ella que induziu o peralvilho a ir provocar-te em Sacavem, sabendo que tu não faltarias a uma tourada do Talaia. Pois o que é certo é que lá estão ambos presos na intendencia, ella e o tal Lourencinho da rua Nova da Princeza.

— O que não é de todo mal feito, observou Lobo.

— Sim... se a coisa ficar por aqui.

— Pois ainda haverá segundo acto da tragedia?

— Maria da Gloria teve o despejo de dizer que ha de dar comtigo doido.

— Querem Vossês vêr, disse Lobo rindo, que ainda me acontece como ao Schiattini: el-rei tem pena de mim, e nomea-me cantor da sua real capella!

E simulou querer afinar a voz, como se fosse cantar, o que despertou geral hilaridade.

— Pois senhores, disse elle d'ahi a momentos, faltava na minha historia amorosa este baptismo de sangue. Estou um galan completo. Tenho agora a marca do sacrificio na cachimonia: sou uma victima do amor. Querem Vossês saber uma coisa? Vou jogar. Infeliz nos amores, feliz no jogo.

— Deixa-te d'isso, aconselhou paternalmente Domingos Caldas Barbosa.

— Não. Vou tentar um parolim. Devo estar em sorte, ou não ha verdade nos proverbios.

Levantaram-se da mesa alegremente, e sahiram.

O grupo dispersou-se. Uns, como Domingos Caldas Barbosa, recolheram-se a casa. Outros acompanharam Lobo á rua dos Correeiros, onde, como já sabemos, o Mendes estucador dava tavolagem a pontos conhecidos.

Lá encontraram Nicolau Tolentino, muito embuçado no seu josésinho de camelão.

João Xavier de Mattos dirigiu-se logo a elle, dizendo:

— Então, apesar de todos os protestos!...

— Ora, meu caro João Xavier, protestos são palavras vans,

que se repetem e desfazem como bolas de sabão. Agora mesmo sahiu d'aqui um taful depennado, a jurar e a trejurar que não jogará mais. Ha de voltar ámanhã, se Deus quizer.

E, a proposito, recitou os quatro primeiros versos de um soneto seu:

> Que tornas a apontar, prometto, e attesto;
> Que eu, passaro bisnau, fino garoto,
> Depois de já ter feito o mesmo voto,
> Jogo o que trago, e jogarei de resto.

Depois, fallando ao ouvido de João Xavier, disse-lhe Tolentino:

— Aquillo do Lobo foi coisa de pouca monta? Elle já está bom!

— Não valeu nada.

— Antes assim.

E logo, dando attenção ao jogo, vozeou Tolentino ao banqueiro:

— Jogo doze vintens á sota de copas. E' a minha dama.

O Mendes estucador começou a tirar as cartas, espremendo-as entre os dedos queimados de cigarro. Tolentino perdeu. Antonio Lobo levantou o parolim que fizera e exclamou contente:

— Está salva a verdade dos proverbios!

E, muito animado, continuou a jogar com audacia, sendo-lhe a sorte favoravel.

Banqueiro e pontos ficaram subitamente assustados, quando d'ali a pouco ouviram bater á porta por modo que não era o combinado com os frequentadores da casa.

— Serão os quadrilheiros? tal foi a anciosa interrogação de todos os olhares.

Rapidamente trataram de acautelar o dinheiro e os baralhos, e o Mendes mandou á porta a mulher, a illustre bastarda do duque de Cadaval, como ella dizia vaidosamente, que estava sempre á mão para acudir a estas occorrencias, em que o medo aconselhava todos os disfarces e prevenções possiveis.

Houve momentos de silencio e terror.

Por fim, a solicita esposa do banqueiro voltou, sorrindo, com uma carta na mão, e disse:

— Não é nada de cuidado: uma carta para o sr. Antonio Lobo. Trouxe-a um almocreve a quem primeiro disseram, segundo contou, que Vossa Mercê tinha hoje sido morto em Sacavem; depois que estava na loge do Isidro; e por ultimo o proprio Isidro lhe disse que Vossa Mercê devia estar aqui. O homem larga de manhã e queria entregar hoje a carta por força.

Antonio Lobo olhou para a carta, olhou para os circumstantes e exclamou furioso:

— Que mais teremos ainda?! Estragaram-me o jogo!

XX

Pobreza e independencia

Felizmente, a carta não trouxe más noticias.

Pelo contrario, era um convite do padre capellão da Conceição de Beja, antigo amigo de Antonio Lobo, instando com elle para que fosse tomar parte, com alguns amigos, no outeiro do abbadeçado, que devia realizar-se dentro de oito dias.

Dizia o padre na carta:

«Traze quem quizeres, comtanto que tenha prenda de poeta ou instrumentista. Poesia e musica é que as minhas freiras querem. Despezas todas, incluindo as da jornada, pagas pelo convento. Vai ser festa de arromba. Se precisares de algum dinheiro adeantado, falla com o almocreve, que vai prevenido. Rogo-te que não faltes, porque está a meu cargo a organização do outeiro, e eu não quero ficar com cara de tolo».

Lobo leu a carta, e disse para João Xavier:

— Olha que tem sido uma noite de sorte! Vê isto.

João Xavier, inteirado do texto da missiva, mostrou-se muito satisfeito.

— Boa occasião, alvitrou elle, para eu reapparecer por alguns dias na Vidigueira, á ida ou á volta.

— O que não será preciso como demonstração de que tu és um funccionario pontualissimo, replicou ironicamente Antonio Lobo.

— Não que eu tambem quero, de passagem, abraçar o meu

amigo dr. Alho Mattoso, na sua herdade de Villa de Frades. Ha que tempos pensava em ir fazer-lhe uma visita! mas faltava-me o melhor...

— E' verdade! apostrophou Antonio Lobo. Agora por dinheiro! Onde está o almocreve?

E correu á porta, mas a mulher do Mendes, sahindo ao corredor, disse-lhe que o almocreve entregára a carta e descera logo.

— Estavamos bem arranjados, contestou Lobo, se eu hoje não tivesse a algibeira quente!

João Xavier, a quem, por aquelles motivos, sorria a idéa de ir ao Alemtejo, tratou immediatamente de arrancar o Lobo á tavolagem, e de combinar com elle a partida para o dia seguinte, receioso de que o dinheiro ardesse com a costumada rapidez.

Effectivamente, graças aos esforços de João Xavier, recrutaram alguns repentistas e atravessaram ao outro dia para Setubal, onde Lobo quiz avistar-se com o joven Santos e Silva para o tentar a acompanhal-os.

— Que não, que não podia, disse-lhe o moço poeta, por que nem o padrinho desembargador, nem a sua querida Lesbia, lhe permittiriam uma nova ausencia tão proxima da que fizera quando veiu a Lisboa ouvir a Zamperini.

Conversando de assumptos litterarios, disse Santos e Silva haver em Setubal um menino que promettia vir a ser um grande poeta pela facilidade com que improvisava em convivencia com outras creanças da sua idade.

— Como se chama? perguntou Lobo.

— Manuel Maria Barbosa du Bocage.

— Francez?

— A mãe é de origem franceza, mas o pai é portuguez e advogado n'esta villa.

— Que idade tem o pequeno?

— Pouco mais de sete annos.

— E' assombroso! Deus queira que elle não degenere, como eu degenerei.

Santos e Silva sorriu d'esta phrase do Lobo e acompanhou o sorriso com um gesto negativo de cabeça.

De Setubal seguiu a caravana dos poetas para o Torrão, onde um dos do rancho tinha parentes, e do Torrão jornadearam para Beja, através da charneca, nas tradicionaes carretas puxadas a muares, que então constituiam o melhor systema de viação adoptado n'aquella provincia.

Era a primeira vez que Antonio Lobo, bem como alguns dos companheiros, entrava em terras do Alemtejo.

O minhôto é quasi sempre soberbo dos bellos panoramas da sua provincia, e a dizer a verdade tem razão para o ser.

Comtudo o Alemtejo, posto que proporcionalmente menos povoado e muito mais despido de vegetação que o Minho, offerece pela vastidão do territorio, pela amplidão das herdades ou das charnecas, e pelos aspectos tanto da cultura como da vida agricola, um interesse novo e picante, que prende a attenção do homem do norte.

Lobo ia observando, com viva curiosidade, a physionomia

Um «monte» no Alemtejo

da provincia transtagana, o interior dos «montes» onde pernoitavam e comiam, sendo sempre recebidos com bizarra hospitalidade; os usos e costumes domesticos, os processo de lavoira, o typo das mulheres e dos homens, dos ciganos, dos ganhões, dos maltezes, dos pastores, dos mendigos e das creanças.

— Que diabo! dizia elle. Aquillo em Lisboa é uma Cápua, que enerva todas as actividades da vida humana. Cai a gente ali, e não quer vêr mais nada senão o que todos os dias vê. E' um captiveiro voluntario, onde se estraga pela estagnação o gosto de viver. Pois, n'este nosso pequeno paiz, ha mais, ha muito que vêr e admirar; ha uma variedade cambiante, que deleita o espirito, sem quebrar a unidade do sentimento nacional. Não sei se Vossês entendem isto?

— O que eu entendo, retrucava um, é que mais depressa,

n'esta moedeira somnolenta da carreta alemtejana, posso triturar a espinha dorsal, do que o sentimento... quê? Como disseste tu?

— Nacional é que elle disse, recordava outro.

— Pois isso, menino, é que eu ainda não moí; o mais vai tudo moído.

— Barbaros! exclamava Antonio Lobo. Vossês, em perdendo de vista o Isidro e a chanfana, pensam que o mundo acabou! Pois ha aqui muito que admirar sem phantasias de poeta lunatico. Entre o Alemtejo e a minha provincia noto differenças consideraveis. O que lá é propriedade dividida e retalhada, é aqui extensa herdade e grande cultura. O boi, esse pacifico e trabalhador animal do Minho, é aqui desbancado pelo gado muar, que puxa a carreta, a carroça e a nora.

— Ora vejam lá como o Lobo vai ralado de saudades pelo boisinho minhôto! Limpem-lhe as lagrimas; façam favor.

— Ha bois que valem mais do que Vossês, que nunca prestaram para nada.

— Pouco mais ou menos como tu.

— Exacto; é por isso que reconheço a superioridade do boi.

Passando por um grande rebanho de ovelhas negras, guardadas por um pastor e dois cães, perguntou Lobo ao conductor da carreta:

— E' baldio este terreno?

— Não, senhor. São terras que ficam de pousio, de trez em trez annos, e servem para engordar os gados.

— Mas foram lavradas?

— Nós cá dizemos alqueivadas. Foram, sim senhor.

— Não ha no Alemtejo ovelhas brancas? Que diacho! só vejo ovelhas pretas!

— As brancas dão-se melhor no alto Alemtejo, lá para Portalegre e Castello de Vide.

— Ah! Lobo! Lobo! confessa que te faz falta um cordeirinho branco para compor um idyllio!

— Um idyllio! disse elle. Que peste! Eu nunca pude supportar as semsaborias bucolicas.

E, concentrando-se, Antonio Lobo continuava mentalmente o confronto entre o Alemtejo e o Minho, invadindo-lhe o espirito, n'uma penetrante saudade, a doce recordação da sua provincia natal, especialmente do tempo que passou na Palmeira, onde conheceu e amou Therezinha.

Nunca, como n'essa viagem pelo Alemtejo, elle tinha pensado tanto n'ella desde que sahira do Porto.

Pondo os olhos na monotona aspereza de terras infindas, ou na vastidão de um ceu que parecia mais abrazado do que

luminoso, onde de vez em quando passavam aves de rapina, a aguia e o milhafre, Antonio Lobo reconstituia a paizagem minhôta, a terra verde, o rio claro, o céu azul, o canto das aves, a mulher cantando.

Mas a unica mulher do Minho que elle via n'essa hora, na tortura de uma recordação suave, era aquella linda cachopa de Villalva, sempre cantando, trabalhando e sorrindo.

— O que será feito d'ella? perguntava a si mesmo. Talvez casasse com o pobre Miguel.

Mas o seu coração queria repellir esta hypothese, que desvalorisava a lealdade e a dedicação de Therezinha.

Depois, como que procurava justifical-a se isso tivesse acontecido:

— Sim, casou decerto. E' bem natural que o fizesse. Pois havia de estar á espera de um noivo, que não podia voltar nunca?

E recordava-se, nitidamente, do primeiro e unico beijo que lhe furtára, no dia em que abandonou a Palmeira: parecia-lhe sentir ainda nos labios o contacto de uma face macia e casta como a petala de uma rosa.

— O beijo, pensava elle, recebe o fluido magnetico do corpo em que toca: é puro ou impuro não pela intenção de quem o dá, mas pelo fluido que absorve. Um beijo póde ser malicioso, mas se fôr dado n'uma mulher honesta, é como a onda que vae quebrar-se n'uma roca de coral. E se a mulher não fôr virtuosa, o beijo mais innocente inflamma-se, arranca uma centelha como o fuzil á pederneira.

E jurava a si mesmo que, no beijo que furtou á Therezinha, a innocencia d'ella o purificou tanto n'esse momento como se fosse uma agua lustral cahindo dentro da sua alma e sagrando-a.

Foi sob todo este influxo de recordações saudosas que elle avistou os muros negros de Beja e a negra Torre de Menagem, rodeados de campinas mortas e silenciosas, onde raras manchas verdes de olival ou vinha quebravam a monotonia da cultura dos cereaes.

Sentia-se triste e acabrunhado; suppunha-se a mil leguas de distancia das povoações alegres e cantantes do seu Minho luminoso.

— Tu vaes meditabundo, ó Lobo!

— Ainda choras pelo boisinho trabalhador?

— E a ovelhinha branca, que pena!

— Diabo! disse Lobo. Em Guimarães as pedras negras do castello e da muralha não são tão feias como estas!

E logo, disfarçando os seus pensamentos, acrescentou:

— Hei de vingar-me de toda esta fadiga na ucharia e garrafeira das freiras.

— Evohé! gritou um.

— Por Marianna Alcoforado! berrou outro.

— Irra! regougou Antonio Lobo. Não me fallem de mulheres que escrevem cartas delambidas! Isso é gentinha que eu não posso soffrer.

O capellão do convento recebeu-os com grande alegria e levou-os para a hospedaria que lhes fôra destinada.

Era uma casa de taipa, isto é, com paredes de terra com-

Beja

primida, camadas de cal e pedras miudas; e com pavimentos de tijolo.

— Que diabo de casas estas! exclamava Lobo. Não ha pedra?

— Falta nas visinhanças da cidade.

— E não ha madeira para assoalhar as casas?

— Tambem não ha.

— Então o que teem Vossês cá? perguntou Lobo.

— Teem freiras, e já não é mau, respondeu um dos poetas.

O capellão, muito risonho, explicou-lhes que o abbadeçado tinha d'esta vez maior brilho por ser o primeiro que no convento da Conceição se fazia depois que o illustre bispo Cenaculo regia a diocese.

Era, pois, uma dupla homenagem ao prelado e á abbadeça.

E, para lisonjear os seus hospedes, foi-lhes mostrar um esconço onde estava a garrafeira que elles deviam esgotar, uma formidavel bateria de garrafas cheias do melhor vinho de Beja, de Cuba, da Vidigueira e de Ferreira.

— Caspite!

— Bravo!

— «Per Baccho!»

Depois do abbadeçado, cujas festas constituiram um brilhante triduo, ainda, a instancias das freiras, se demoraram os vates mais trez dias em folguedos que deram brado.

Fallou-se muito de uma ceia que elles promoveram para se divertir á custa de um rapaz, que os servia como criado.

Metteram-lhe na cabeça que o nome romano de Beja, «Pax Julia», se referia a uma illustre matrona, que no tempo de Julio Cesar ali passou de viagem e casou, por paixão, com um camponez lusitano, sendo esta a primitiva origem da cidade.

— Pois tu nunca tinhas ouvido fallar na D. Julia? perguntava Antonio Lobo ao criado.

— Ouvia algumas vezes fallar em Julia, sim, senhor; mas a historia, tão explicada, ninguem m'a tinha contado ainda.

— Ficas agora sabendo que Vossês, os de Beja, são filhos de uma fidalga romana; e quem sabe se seria teu parente o rapaz com quem ella casou?

— Não que eu não tenho parentes.

— Como não tens parentes?

— Sou engeitado.

— Mais uma razão: pódes ser o representante longinquo de alguma fragilidade de D. Julia, que nas romanas não havia que fiar. Pois, amigo, vamos remir a vossa ingratidão, realizando ámanhã uma ceia de despedida para honrar a memoria da preclara D. Julia, illustre matrona, setima filha de Sexto Pompeu, o qual casou oito vezes, e teve nove mulheres, porque uma foi illegitima.

A ceia effectuou-se, e a ella assistiram o capellão das freiras e outros bejenses de bom humor.

Ficou-se-lhe chamando «a ceia de D. Julia», e esta expressão servia depois, n'aquella cidade, durante os ultimos annos do seculo XVIII, para designar alguma comesaina formidavel, copiosamente regada de vinhos.

Antonio Lobo, que não gostára da cidade, gostou da vida que ali teve n'esses alegres oito dias; e a lembrança de Therezinha esvaiu-se-lhe nos fumos bacchicos que o traziam contente e folgado.

João Xavier de Mattos quiz, após breve demora na Vidigueira, leval-o comsigo para Villa de Frades, em visita ao dr. Joaquim Antonio Alho Mattoso,[1] e facil foi captar-lhe a annuencia.

---

[1] Foi este bacharel, em cuja casa Mattos falleceu mais tarde, que o mandou sepultar na egreja matriz e pôr-lhe um epithaphio sobre a campa (1789).

Os outros poetas seguiram directamente para Lisboa.

Na herdade do dr. Alho Mattoso teve Antonio Lobo occasião de observar mais deitdamente a vida alemtejana, cujos aspectos tanto o haviam interessado durante a jornada para Beja.

Dentro d'essa herdade havia um mundo que elle desconhecia inteiramente: era pelo menos uma vasta cidade, fechada por muros brancos, contendo uma abundante população agricola de homens, mulheres, creanças, animaes domesticos e bestas de trabalho.

O «monte» ficava sobre uma collina, n'um dos extremos da herdade: «monte» quer dizer a casa de habitação do dr. Alho Mattoso, á qual se agrupavam outros edificios menores, dependencias suas.

Sentia-se ali dentro a riqueza e a abundancia, provenientes de uma grande propriedade agricola.

Solteirão maior de quarenta annos, o dr. Mattoso vivia com todos os regalos e commodidades que sobejariam á vida, pacifica e farta, de uma familia numerosa.

Quando Antonio Lobo viu a despensa, declarou-se assombrado deante das grossas mantas de toucinho, empilhadas em salmoira, e das varas de paios, chouriços, linguiças, cacholeiras, farinheiras e murcellas, que, pendentes do tecto, completavam o fumeiro; dos potes de azeite, das azadas de queijo, das talhas de azeitonas, dos balaios de ovos, das saccas de arroz, dos costaes de bacalhau, como elle nunca tinha visto nem em Guimarães, nem na Palmeira, onde as ucharias dos frades pareciam reles despensas comparadas com a de um rico celibatario do Alemtejo.

— Santo Deus! exclamou Antonio Lobo. E lembrar-se a gente de que em Lisboa se celebra a gloria da chanfana, como sendo uma coisa digna de preoccupar o espirito de um principe!

O dr. Alho Mattoso, mostrando-lhe a sua casa, levou-o tambem á cosinha, vasta, com uma lareira enorme, onde o fogo chammejava constantemente. Dir-se-ia que se estava n'um mosteiro; em Tibães, por exemplo. Todo o arsenal culinario, em cobre, ferro, estanho, arame e barro revestia as paredes de alto a baixo, sumptuosamente, espelhando os clarões rubros da lareira, onde a lenha estalava ardendo.

Depois o dr. Mattoso mostrou-lhe os celleiros, a queijeira, as cavallariças, os palheiros, a atafona, o laneiro, a pocilga, a capoeira, o pombal, o forno, em cuja «alpendorada» dormiam os maltezes e os mendigos; as arrecadações de carros e apparelhos de lavoura; as arribanas do gado; o casão do carpinteiro; emfim, todo esse conjunto de variadas dependencias de

um «monte», a que no Alemtejo se dá o nome generico de «cabanas».

Antonio Lobo sentia-se divertido e feliz dentro d'esta colonia agricola, especie de cidade e de campo, onde fremiam actividades, laboravam officinas, e se confundiam no ar os ruidos das ferramentas e dos utensilios de trabalho com as vozes dos animaes e dos homens; e onde havia ociosos e inuteis, parasitas e vadios, desconhecidos suspeitos, criminosos errantes, ciganos pilharengos, a escoria vil que nas grandes cidades costuma viver da esmola, da burla e do furto.

Entretinha-se a observar a lida rural, os processos de cultura, a labuta quotidiana do Alemtejo; mas o que principalmente lhe prendia a attenção era a fauna transtagana, sobretudo o pária, o lixo humano, a que elle chamava «seu irmão»: o maltez que a herdade alimenta e que diz mal do proprietario, quando á noite, em volta da fogueira, tem a barriga cheia de assorda ou atabefe; o cigano, acampado á parte, quasi sempre junto ás mêdas de lenha; a creança, malteza vagabunda, sem familia e sem guia, que é ali acolhida caridosamente como n'um asylo protector e que ali permanece regenerada; o adventicio, o caldeireiro, o vendedor ambulante, que vem de toda a parte, sem passaporte, nem folha corrida, e que no «monte» encontra hospitalidade e tolerancia.

— Grande terra o Alemtejo! dizia Antonio Lobo, onde os vadios como eu podem contar com o pão nosso de cada dia sem terem que pedil-o a Deus Nosso Senhor! Terra de hospitalidade e protecção, onde a fome não existe, e a cosinha de um «monte» é a cosinha de toda a gente. Creia Vossa Senhoria, dizia elle ao dr. Alho Mattoso, que me parece que já d'aqui não saio mais, porque a minha cara de certo lhe inspirará mais confiança que a de um desconhecido barbadão que eu vejo ha dias na herdade, e que Vossa Senhoria não sabe quem é, nem isso lhe importa.

— Esteja o tempo que quizer, meu caro Lobo, respondia-lhe o generoso hospedeiro, pois que somos dois a folgar com a sua demora, o Mattos, que já parece vender saude, e eu, que tenho a companhia de duas pessoas cuja conversação litteraria e convivencia amena são deleitosa distracção aos meus cuidados e aborrecimentos de celibatario.

O dr. Alho Mattoso proporcionava aos seus dois hospedes excursões de recreio e festas campestres para os ter sempre entretidos, pois que em verdade desejava demoral-os.

Percorreram juntos as melhores herdades circumvisinhas, em Cuba, Selmes, Vidigueira, Sant'Anna e Villalva.

— Pois tambem aqui ha Villalva! exclamou Antonio Lobo,

impressionado, quando ouviu nomear a freguezia d'este nome.

— Ha, respondeu o dr. Mattoso. Havemos de lá ir visitar a Gandra, propriedade de uma senhora tão respeitavel como distincta.

Lobo fallava muitas vezes, desde então, no passeio a Villalva.

— Esse nome deu-lhe no gotto! dizia o dr. Mattoso.

— E' que tambem no Minho ha uma povoação assim chamada.

A Villalva alemtejana, freguezia limitrophe com a de Villa de Frades, fica na vertente septentrional de uma ramificação da serra d'Alpedreira.

Desce sobre a planicie, e é banhada por uma ribeira que vae desaguar na de Odivellas.

A herdade da Gandra pertencia n'esse tempo, como o dr. Alho Mattoso dissera, a uma senhora, D. Maria Engracia Bellem, viuva rica e quasi sexagenaria, que fez amavel acolhida ao jurisconsulto, seu visinho, e aos dois hospedes que elle lhe apresentou.

Ao cabo de vinte e quatro horas, quando pensavam em retirar-se, D. Maria Engracia pediu-lhes que se demorassem mais alguns dias, mostrando-se encantada com a presença dos dois poetas, especialmente de Antonio Lobo, cujos ditos chistosos a divertiam immensamente.

— O marido d'esta senhora, dizia o dr. Mattoso, era um lavrador taciturno, bom homem, mas sombrio, que fallava pouco e só tratava dos seus negocios. De modo que D. Maria Engracia parece apreciar muito o seu genero, meu caro sr. Lobo, não só por ser novo sob este tecto, mas tambem pouco vulgar na nossa provincia, onde os aspectos da natureza e as condições da existencia tornam o homem pouco expansivo e alegre.

Por sua parte, D. Maria Engracia dizia ao dr. Alho Mattoso:

— Peço ao meu bom visinho que retenha na minha casa os seus hospedes, porque elles são como um raio de luz que entrou aqui e desassombrou o meu espirito. Não tenho filhos, não tenho familia, passo semanas, mezes, annos até, que não fallo senão com os meus criados ou com o meu abegão, porque as visitas são raras e cerimoniosas. Com a chegada de Vossa Senhoria e dos seus companheiros entrou aqui a alegria. Então este sr. Lobo, ainda mais que o sr. João Xavier, é dotado de um genio tão jovial, que ninguem póde estar triste ao pé d'elle! Estimavel pessoa o sr. Antonio Lobo!

— Minha senhora, replicava-lhe Lobo, eu não sou o que pareço; sou muito peor. A minha graça, se a tenho, é como o

assucar que os boticarios deitam nas drogas amargas, para que os doentes possam engulil-as melhor. Tenho o azedume proprio de todos os inuteis e de todos os pobretões, que a cada momento se despeitam por encontrar em toda a parte uma pessoa mais feliz do que elles.

— Um homem intelligente, contestava D. Maria Engracia, nunca é inutil; e se não é rico, tem direito a aspirar a uma situação em que deixe de o não ser. Vossa Mercê, fóra de Lisboa, mudaria completamente o seu teor de vida, teria menos distracções, mas talvez mais commodidades; sobretudo, teria paz e saude, que lhe fariam perder o azedume de que se queixa, e que aliás não enxergo.

Lobo, ouvindo-a, dizia comsigo mesmo:

— E' curioso! Que estranha influencia tem este nome de Villalva no meu destino! Na Villalva do Minho, encontrei o coração de uma rapariga, tão linda como a sua aldeia. Na Villalva do Alemtejo, mais arida e triste, venho encontrar, cuido eu, o coração de uma viuva rica e velha!

Escusado será dizer que, preoccupado com esta singular coincidencia, o pensamento de Antonio Lobo fugia para a Villalva do Minho.

João Xavier de Mattos disse um dia a Lobo, na presença do dr. Alho Mattoso:

— Homem! casa com a velha. Tu ainda não percebeste que ella morre por ti?

Antonio Lobo sorriu-se.

O dr. Mattoso acrescentou:

— Se Vossa Mercê, sr. Lobo, me permitte liberdades, a que eu não tenho direito ainda por ser o mais recente dos seus amigos, comquanto na sinceridade possa igualar os que mais antigos forem, dir-lhe-hei que seria um optimo casamento. Esta senhora, com ser idosa, é de presença e trato agradavel, como vê. Quanto a honestidade, não se lhe conhece uma falta. A sua casa vale um punhado de mil crusados. Um tio do marquez de Olhão, homem violento, tem procurado captar a estima de D. Maria Engracia, sem que ella se mostre resolvida a desposal-o, certamente por lhe conhecer o genio e calcular tambem que o unico mobil a que elle obedece é o dinheiro. No Alemtejo, meu caro sr. Lobo, ha uma fidalguia de coração que se não julga inferior á fidalguia de raça.

— Creio bem, respondeu Lobo; e Vossa Senhoria o está demonstrando agora com as suas boas palavras. Mas o casamento é para mim como um hieroglypho do Egypto: não o sei lêr.

João Xavier acudiu do lado:

— Eu tenho-me dado a estudar, estes dias, o coração da mulher aos sessenta annos. E' como um rescaldo suave, que não abrasa, mas aquece. Esta senhora está namorada de ti, sem faceirice ridicula, nem obstinação impetuosa. Conserva a dignidade no amor, a temperatura calma de quem, sentindo ainda o coração, pondera claramente as responsabilidades dos seus annos. Offerece-te a sua riqueza, a sua casa, o seu affecto, e consegue fazel-o sem te vexar e sem vexar-se. O teu proprio desinteresse parece captival-a ainda mais, porque só está habituada a que lhe cobicem o dinheiro.

— E n'uma coisa tambem eu por minha vez tenho reparado, disse o dr. Alho Mattoso. Nos primeiros dias, D. Maria Engracia deu á sua casa um ar de festa, promovendo bailes e descantes dos ganhões, saltos dos ciganos, e uma corrida de novilhos. Mas desde que Vossa Mercê lhe despertou algum affecto, ella aproveitou habilmente a nossa aprendizagem do isque, para reimprimir á sua casa a feição de tranquillidade habitual e mostrar a Vossa Mercê a pacifica vida que o póde esperar aqui, ao lado d'ella.

— Já uma vez, replicou Lobo, eu poderia ter casado em condições de muito menor abastança, mas de bem maior felicidade... O meu genio, o meu instincto de liberdade e independencia, por ventura a imposição do meu destino, venceu o coração, contrariou esse ephemero e delicioso sonho. Não casei então que era moço; hoje começo a envelhecer e tenho já invenciveis habitos de solteirão liberrimo. Vossa Senhoria, em materia de casamento, lembra um pouco frei Thomaz: olha para o que elle diz, não olhes para o que elle faz.

Ao cabo de oito dias, o dr. Alho Mattoso disse aos dois poetas que não podia abandonar por mais tempo a sua casa, e combinou-se que na madrugada seguinte se despediriam da illustre hospedeira.

Quando D. Maria Engracia soube isto, mostrou-se preoccupada. Durante a partida do isque, ella tinha hesitações sobre as cartas que devia jogar ou que já haviam sahido. A memoria falhava-lhe n'essa noite. No fim do jogo, resolveu-se a chamar Antonio Lobo de parte e a dizer-lhe:

— Vejo-me embaraçada para significar a Vossa Mercê quanto eu desejaria que continuasse a viver em Villalva, n'esta mesma casa, como senhor d'ella e marido da proprietaria.

— Minha senhora, respondeu Lobo, eu agradeço profundamente o testemunho de estima que me dispensa, e a que me confesso grato. Mas eu seria um marido intoleravel, por que sou um espirito rebelde ao casamento; contentar-me-hei com ser um sincero venerador de Vossa Senhoria.

E beijou-lhe respeitosamente a mão.

— Que tolo! dizia d'ahi a momentos João Xavier.

— Ah! meu caro sr. Lobo! ousou dizer o dr. Mattoso. Isso é o que se chama atirar a felicidade pela janella fóra. Chame-me, embora, frei Thomaz. Fallo-lhe com toda a minha franqueza de alemtejano.

Prolongou-se durante trez mezes a estada de João Xavier e Antonio Lobo na herdade do dr. Alho Mattoso.

Voltaram algumas vezes á Gandra, e ahi passaram dias, sendo Lobo sempre recebido com o mesmo affectuoso acolhimento.

D. Maria Engracia não revelava o menor despeito, antes timbrava em significar ao poeta a constancia de um sentimento discreto, mas sincero.

Lobo era sempre o mesmo homem, jovial, communicativo e sarcastico.

Passara os quarenta annos sem quebra do bom humor, do genio mordaz que lhe conhecemos desde a mocidade.

Envelhecia rindo, podendo facilmente conter as recordações saudosas do passado, por mais que intimamente o pungissem.

Duas coisas, dizia elle, me contentam da inutilidade da minha vida: ter a algibeira leve, e a consciencia tão leve como a algibeira.

Tambem costumava traduzir esta mesma idéa por um rifão, que elle declarava ter adoptado como divisa: «Pobrete, alegrete».

Todos, na herdade, a partir do dr. Mattoso, gostavam de Antonio Lobo, que umas vezes conversava com os ciganos, outras com os maltezes, agora com os velhos, logo com as creanças.

— Como Vossa Mercê póde entreter-se com essa gente! dizia-lhe a miude o dr. Mattoso.

— A minha resposta é sempre a mesma, contestava Lobo. Ouvindo-os, folheio mentalmente o grande livro da vida, a historia da humanidade, que é o maior de todos os dramas, uma tragedia monstruosa.

Certo dia explanou esta resposta, dizendo:

— E sabe Vossa Senhoria uma coisa? E' que eu sinto-me perto d'esses desgraçados. Com um pouco menos de intelligencia, teria nascido igual a elles, e então, em vez de dormir n'um dos melhores quartos do «monte», dormiria na «alpendorada» do forno; e, em vez de comer gallinha ou abetarda á mesa de Vossa Senhoria, comeria sopas com toucinho no meio dos maltezes.

O dr. Mattoso, escutando-o, dizia comsigo mesmo:

— Singular homem este, que não tem onde cahir morto, e recusa ser o dono da Gandra!

Uma vez, no intuito de prevenil-o contra quaesquer perigos, o dr. Mattoso aproveitou o primeiro ensejo para dizer-lhe:

— Vossa Mercê conversa muito com as ciganas, especialmente com as raparigas, e consinta que o avise de que, entre esta raça cosmopolita, os homens são intransigentes quanto á honra das mulheres. Poder-se-ia pagar caro um delicto, que contrariasse o sentimento geral da raça.

— Sei perfeitamente; mas em todo o caso agradeço a boa intenção do aviso. Não ha malicia no meu trato com as ciganas; apenas curiosidade de observar costumes e praticas interessantes, se bem que exoticas. Prefiro, naturalmente, conversar com as raparigas, porque a cigana é precoce, e, depois dos vinte annos, começa a envelhecer; até os olhos, que são dois bellos luzeiros, principiam a apagar-se. Gosto que ellas me contem um pouco da sua raça; eu entretenho-me a perscrutar o que posso. Até já sei canções das ciganas. Quer Vossa Senhoria ouvir?

E, com o seu bom humor habitual, Antonio Lobo cantou:

A' noche estube en chiqué,
Dama, para pirabar-te;
Pé, non ha podido sé,
Qu'estabas con el avate.

O dr. Mattoso ria de o ouvir cantar em rumanho.

— Ora agora, proseguiu Lobo, para ser inteiramente leal com Vossa Senhoria, dir-lhe-hei que outro dia uma das ciganitas, que traz na ponta das tranças um laço de fita verde...

— Bem sei; é talvez a mais bonita.

— Isso mesmo... se me offereceu para ir ser minha criada em Lisboa.

— Pois não é vulgar. Ellas não se desaggregam facilmente da sua raça e dos seus costumes. E Vossa Mercê o que lhe respondeu?

— Que eu nunca tive criados em parte nenhuma.

— Bem respondido! observou, sorrindo, o dr. Mattoso, por que podia ser uma grande cilada.

— Perdão! bem respondido, porque é uma grande verdade.

Uma vez vieram cartas de Lisboa para João Xavier de Mattos.

— Que vai lá por essa Sodoma? perguntou-lhe Antonio Lobo.

— Queres vêr?

— Não.

— Mas queres saber?

— Dize.

— Ainda que te seja desagradavel?

— Isso é-me indifferente. Pois ainda ha alguem em Lisboa que tenha tempo para se lembrar de mim? Quem é?

— Maria da Gloria.

— Então não é ninguem. Mas dize sempre.

— Conta aqui o Barbosa que ella tem espalhado que fugiste de Lisboa com medo da sua vingança implacavel.

Lobo ficou um momento pensativo, e disse:

— Sim... ha trez mezes que andamos por fóra. Prefiro não ter vergonha a ter medo. Amigo, vamos embora, e ha de ser hoje mesmo.

— Que diabo de tolice!

— Hoje mesmo.

E d'ali a horas partiam do Alemtejo para Lisboa.

XXI

Rua!

Estamos em 1774.

A Zamperini continúa a cantar no theatro da Rua dos Condes, mas os seus espectaculos não produzem já receita que possa equilibrar as despezas da companhia.

Succedem-se umas operas a outras, sem melhoria de exito pecuniario. Succedem-se uns artistas a outros, mas fogem a breve trecho como os ratos quando presentem a ruina de um predio.

Comtudo o theatro enche-se de espectadores, porque o conde de Oeiras distribue entradas gratuitas para sustentar, ao menos apparentemente, o culto da sua «diva».

A sociedade empresaria falliu, julgando-se os accionistas muito felizes por não serem obrigados, segundo o estatuto, a renovar o capital extincto.

Não ha vadio em Lisboa que se não faça admittir como «claqueur»: a onda dos borlistas cresce todas as noites á porta do theatro.

E', como hoje dizemos em giria theatral, toda a «irmandade da Senhora da Graça».

Mas, em nossos dias, o borlista permitte-se a liberdade de sahir dizendo mal do espectaculo a que assistiu por favor.

Em 1774 o caso mudava um pouco de figura, porque parecia arriscado offender o conde de Oeiras, filho do primeiro

ministro, comendo a isca de uma opera e desfeiteando depois o anzol com que elle pescava espectadores.

Toda a gente sabia, comquanto o marquez de Pombal continuasse a ignoral-o, que a sustentação do theatro e da familia Zamperini pesava exclusivamente sobre o conde de Oeiras.

A «prima-donna», a sós com as irmãs, mostrava-se muito preoccupada com o proximo fim do seu reinado em Lisboa.

Ella tinha a esperteza que a mulher de theatro copía das heroinas das peças e das outras actrizes, mais velhas ou mais ladinas.

A escola dos bastidores dá, como nenhuma outra escola, a «sciencia da vida».

Anna Zamperini via bem a questão, receiava uma de duas coisas: que o conde de Oeiras, arruinado, alijasse a carga; ou que o marquez de Pombal, sabendo o que se passava, praticasse alguma violencia para salvar o filho de uma ruina completa.

Pois não arcára elle com a poderosa Companhia de Jesus, não insistira pela sua extincção, e essa Companhia não acabava de ser extincta por um breve de Clemente XIV, vendo assim o marquez esmagados aquelles que tão porfiadamente combatera?

O proprio marquez não fez alarde da sua victoria solemnisando a derrota dos jesuitas com um «Te-Deum» cantado em todas as egrejas de Lisboa e com trez noites de luminarias publicas?

E o que era, a par da Companhia de Jesus, a companhia... da Rua dos Condes?

Essa bem podia elle esmagal-a sem o auxilio de breves pontificios; bastava-lhe uma ordem, uma palavra, a pressão de um dedo da sua mão omnipotente.

As operas, por melhor que fosse a escolha, não conseguiam levantar financeiramente o theatro: o exito da «Isola d'amore», de Sacchini, e do «Amore senza malicia», de Ottani, cantadas em abril e maio d'esse anno, ensaiadas e representadas em menos de um mez, fôra tão pouco lucrativo como o de outras muitas operas anteriormente postas em scena.

Conhecendo bem o falso terreno que pisava, sentindo zumbir-lhe nos ouvidos, como um enxame de vespas, aquelle terrivel soneto em que Lobo lhe prophetisára que ella ainda havia de ir morar para o bairro da Madragôa, Anna Zamperini soube com inquietação que o mordacissimo poeta tinha regressado a Lisboa depois de uma ausencia de alguns mezes.

Elle viria, com novas satyras e sarcasmos, descarregar-lhe o golpe de misericordia, justamente no momento de maior perigo.

A cantora não se enganou.

Durante os ultimos mezes de 1773 e os primeiros de 1774, Antonio Lobo continuou a sua pertinaz campanha de opposição á companhia Zamperini.

As circumstancias favoreciam-n'o agora mais que nunca.

— O naufragio, dizia elle por toda a parte, já pouco póde tardar. O chaveco da Rua dos Condes navega desarvorado e com grande rombo no casco. Até os adjectivos do padre Macedo, que é o calafate da casa, já não são querena que preste.

Anna Zamperini, para amordaçar Antonio Lobo, decidiu recorrer ás habilidades proprias do seu sexo e da sua profissão, á sciencia de viver aprendida, por copia de bons modelos, nos bastidores e nos camarins.

Traçou um plano, que, segundo todas as probabilidades, devia dar bom resultado.

Encarregou uma das suas irmãs, Felicia, a mais velha, a quem não faltavam seducções plasticas, de provocar amorosamente Antonio Lobo.

As duas manas Zamperinis assistiam sempre aos espectaculos n'uma das frisas ou «forçuras», que ficavam ao nivel da platéa, e que não costumavam ser frequentadas pelas damas portuguezas, exceptuando as noites de enchente real.

Mas, aproveitando a sua qualidade de estrangeiras e tambem a circumstancia de serem pessoas de casa, isto é, da familia da primeira «estrella» da companhia, nem tendo que guardar o decoro que pertence ás mulheres honestas, conversavam, nos intervallos, das frisas para a platéa com os «habitués», que lhes offereciam raminhos de flôres, rebuçados e outras galanterias.

Antonio Lobo nunca lhes tinha sido apresentado, pois que desde o principio se alistára na phalange dos adversarios da «prima-donna».

Mas dissera uma vez, e isso constava no theatro — pequeno mundo onde tudo se sabe — que das trez Zamperinis a que valia menos como mulher era a cantora.

Tambem se sabia no theatro que elle, encarecendo a belleza das suas patricias, estava sempre disposto a desdenhar das mulheres estrangeiras, que ordinariamente só pensavam em chatinar com os seus encantos.

Ora o plano, audazmente traçado por Anna Zamperini, era complexo, porque abrangia uma plena desforra de todas estas opiniões emittidas, em momentos de expansiva franqueza, por Antonio Lobo.

O que é certo é que uma noite, inesperadamente, Felicia Zamperini, vendo entrar o poeta no theatro, se dignou dispen-

sar-lhe olhares maviosos, cuja significação não admittia duvida.

Elle não attingiu logo todo o alcance d'este amavel logro, e contentou-se em dizer a João Xavier:

— As Zamperinis estão cada vez mais perto do naufragio. Até já se não esquivam a encarar os poetas que não dão tréguas á irmã, nem a ellas podem dar garantia de lhes offerecer alguma joia de preço.

— Bem sei por que dizes isso, tornou-lhe João Xavier. E' que a Felicia tem-te feito esta noite um namoro descarado. Parece querer arvorar a bandeira branca da paz, em nome da familia.

— Meu caro amigo, quem no Alemtejo passou noventa dias entre maltezas e ciganas, não deixa de achar attractivos na mulher que sabe toucar-se e vestir-se. E' uma especie de perinha dôce depois de um longo regimen de fumeiro.

— Estás um pouco mudado!

— E' verdade. Vai-me cansando a guerra. Talvez seja acção reflexa do Alemtejo, onde a grandeza das terras influe no espirito do homem dilatando-o generosamente. Começo agora a sentir os effeitos da tizana benefica. Eu tenho esta noite consentido em deixar-me namorar — e n'isto é que está a minha generosidade — o que é muito differente de me fazer eu namoradiço como qualquer peralvilho de cuteliqué. Para onde queres tu que eu me volte? Para a Maria da Gloria, que me daria que fazer, se a não tivessem enxotado de Lisboa? Para a D. Maria Engracia, a quem recusei a mão e a Gandra? Para a cigana dos laços verdes, immunda e honesta, a cheirar a azeite no cabello? Para quem mais?...

E, subitamente, uma nuvem de tristeza lhe poisou no semblante: tinha-se lembrado de Therezinha.

Mas logo, rebatendo este pensamento, readquiriu o seu bom humor e continuou muito discursivo, como quasi sempre.

— Eu, entre a Zamperini e o padre Macedo, não hesitarei um momento: sou pela cantora, que é mulher, contra o padre, que é tolo. E quanto ás irmãs, meu amigo, visto que não ha ciganos dispostos a desaffrontal-as de cochilla em punho, está-me parecendo hoje que ellas não são para recusar, caso espontaneamente se declarem dispostas a esquecer os aggravos feitos á «divina» cantatriz, sua illustre mana.

— Todavia são estrangeiras, o que prejudica a tua patriotica theoria do monopolio nacional.

— São, mas não me podem roubar, porque eu não tenho nada que me roubem. E' uma d'ellas que vem hoje ao meu encontro e me diz com o olhar e com o sorriso: «Vossa Mercê defende as portuguezas, sem interesse nem proveito. Pois fi-

que-se embora com ellas, que eu quero ser gentil com um adversario, galardoando-lhe o seu mesmo patriotismo, já que as suas patricias o não fazem por gratidão. Pensassem todos os italianos tão patrioticamente, e nenhuma das Zamperinis teria necessidade de andar expatriada por longes terras.» O' João Xavier! olha que é honroso e justo. Uma reconciliação é sempre nobre. Deixa-me agora, que lá está a Felicia a arvorar outra vez a bandeira branca da paz. E' o inimigo que se rende. Sejamos humanos e... homens.

O que é certo é que o «signum pacis» já fluctuava benigno nos olhos de Felicia havia trez ou quatro dias, quando uma noite Antonio Lobo, atravessando o Rocio para ir á Rua dos Condes, encontrou o morgado da Boa-Vista junto ao palacio da Inquisição.

Foi o morgado que o deteve, tocando-lhe no hombro.

— Não me engano! exclamou Lobo. Por onde se tem gastado Vossa Senhoria?

— O mesmo digo eu a respeito de Vossa Mercê. Cheguei ha trez dias de França, onde passei alguns mezes. Não o pude vêr antes de partir, por mais que o procurasse!

— Estive no Alemtejo, em Villa de Frades.

— Onde fica isso?

— Para os lados de Beja.

— Gostou?

— Muito. Passei excellentemente. Mas Vossa Senhoria não tem apparecido na Rua dos Condes!

— Não, respondeu o morgado, sorrindo; por causa dos primos Lorênas, preciso guardar as apparencias.

— E deu-se bem por França?

— Oh! excellentemente. Grande e alegre paiz aquelle. Mas deixemos esse bello assumpto para melhor occasião. Agora vamos a outra coisa. Eu estava morto por encontrar Vossa Mercê para lhe dar uma explicação.

— A mim?

— Certamente. Tenho que pedir-lhe desculpa da desagradavel occorrencia de Sacavem, para que eu involuntariamente concorri. Pratiquei talvez uma leviandade...

— Por modo nenhum.

— O caso foi que Maria da Gloria negava impudentemente que me houvesse atraiçoado. Exigia provas com irritante altivez. Tive de dizer-lhe tudo, e fallei no seu nome, meu caro Lobo, que era a prova decisiva. Ella então lembrou-se de que Vossa Mercê havia reconhecido a minha lettra no sobrescripto de uma carta, e attribuiu a denuncia sua, por vingança, o meu rompimento. Disse-lhe que da parte de Vossa Mercê não houve

proposito algum de prejudical-a; mas apenas uma referencia a factos em que me não suppunha interessado. Ella parecia ter ficado convencida da verdade. Mas d'ali a dias, sabendo da minha intimidade com a Ricarda, perdeu a cabeça, deu por paus e por pedras, e conseguiu levar o filho do fanqueiro a praticar o desatino de Sacavem. Mas ainda a historia não pára aqui.

— Então que mais?

— Eu tambem tive um conflicto com o rapazote.

— Sim?

— Provocou-me, e posso garantir-lhe que d'uma cajadada matei dois coelhos: vinguei a Vossa Mercê e a mim.

— E o peralvilho ficou ensinado de vez?

— Entrou em casa bem zurzido, e o pai, não podendo já supportar-lhe as estroinices nem os gastos, mandou-o á socapa para o Brazil.

— Eu sabia que elle tinha embarcado, mas ignorava esse pormenor. Quando regressei do Alemtejo, perguntei pelo chechisbeo, por o não encontrar no meu caminho, como esperava. Foi então que me disseram que a familia se desfizera d'elle mandando-o para longe.

— Tambem já sabe de certo o que aconteceu á Maria da Gloria?

— Sei. Tratei de saber. Está degradada em Castro Marim. Constou-me no Alemtejo que ella andava a diffamar-me por Lisboa, e vim com o proposito de lhe enterrar uma mordaça pela bocca dentro. Mas não foi preciso, porque eu a chegar e ella a ir para Castro Marim.

— Tambem me diffamava, dizendo que eu era o mais villão dos fidalgos portuguezes. Sabe que ella atirou vitríolo á cara da Ricarda?

— Sei que foi degradada por isso.

— Tornára-se mais raivosa desde que perdeu o Lourencinho, que por amor d'ella já andava na mão de todos os agiotas. E então, desesperada, deu-lhe para se vingar na Ricarda por minha causa.

— E diga-me Vossa Senhoria: A Ricarda, que não tenho visto, ficou muito queimada?

— Algum tanto, especialmente no pescoço. Mas conte-me o que tem feito por cá?

— Nada. O mesmo que fiz no Alemtejo.

— Nem a respeito de amores?

— No Alemtejo não pensei n'isso durante trez mezes.

— Custa a crêr!

— Mas é verdade.

— E em Lisboa?

Lobo sorriu-se e disse:

— Eu já tenho medo de fallar de amores a Vossa Senhoria...

O morgado sorriu-se tambem, e respondeu:

— Póde fallar á vontade, que eu tenho aprendido á minha custa a não ser leviano, ainda quando se trate de amores faceis.

— Mas sempre é bom acautelar. Ahi vai uma pergunta por minha vez. Vossa Senhoria, desde que regressou de França, tem-se avistado com a Zamperini, apesar de não ir ao theatro?

O morgado sorriu e disse:

— Bem sabe que prometti aos primos Lorênas não zamparinar mais, e, pelo que respeita á cantora, tenho cumprido a minha palavra. Agora haveria ainda outra razão: é que sou amigo do conde de Oeiras, e não quereria desgostal-o. Mas pelo que respeita ás irmãs da Zamperini, não tomei compromisso nenhum, e alguma coisa ha effectivamente, n'estas ultimas quarenta e oito horas.

Foi Antonio Lobo quem agora sorriu, exclamando:

— Mau!

O morgado da Boa-Vista, surprehendido com esta exclamação, perguntou:

— Mau, por quê?

— Primeiro que tudo: Vossa Senhoria refere-se a ambas as irmãs ou apenas a alguma d'ellas?

— Cartas na mesa: refiro-me á Margarida.

— Respiro!

— Mas então?

— E' que a Felicia tem-me dado um ar da sua graça ha trez ou quatro dias.

Agora foi o morgado que sorriu, dizendo:

— Bom!

— Bom, por quê?

— Porque Vossa Mercê encostou-se a boa arvore: eu posso auxilial-o n'essa empresa. Já se avistou com ella?

— Ainda não.

— Pois ha de avistar. Mas, ó meu caro Lobo, quem havia de dizer, ha ainda um anno, que Vossa Mercê embarraria pela familia Zamperini?

— Voltas do mundo. Olhe, morgado, pelo padre Macedo é que eu não hei de embarrar, nem quero.

Tornou o morgado a sorrir-se, e disse:

— Ora ainda bem que encontrei o meu caro Lobo. Já me fazia falta o seu bom humor.

Depois entraram em minuciosas confidencias.

O morgado lastimou que a Zamperini estivesse impondo ao

conde de Oeiras dispendiosos sacrificios, que elle não poderia supportar por longo tempo.

— A corda não tarda a rebentar, disse elle. E quando o marquez o souber, rebentará, com estrondo, fulminantemente.

Confirmou que as irmãs da Zamperini eram muito mais accessiveis depois que a cantora apenas podia dispôr do bolso do conde de Oeiras, e que a propria cantora atraiçoaria o conde, se não tivesse medo d'elle e do seu valimento. A situação estava sendo embaraçosa para as trez irmãs.

— Agora entendo tudo! disse Lobo. Felicia e Margarida procuram amparar a irmã na decadencia. Vossa Senhoria concorre com dinheiro para as urgencias do estado. Eu sou um canudo da opinião publica, que convém entupir. Pois já estou entupido. Quando é que Vossa Senhoria se digna apresentar-me á sua cunhada Felicia?

O morgado largou a rir e disse:

— Vossa Mercê tem coisas! A' minha cunhada! Póde ser hoje mesmo se quizer.

— Pois seja.

— Irei por excepção hoje á Rua dos Condes para auxiliar o meu caro poeta. Mas não volto lá, nem será preciso. E uma vez não são vezes.

Durante o espectaculo Lobo viu entrar na frisa das irmãs Zamperini um porteiro do theatro, e chamar de parte Margarida.

Esta, por sua vez, chamou Felicia, com quem fallou ao fundo da frisa.

Entretanto o porteiro fingia entreter-se, discretamente, a olhar para os camarotes fronteiros.

Depois, Margarida tirou do seio uma carteirinha, escreveu n'uma folha, arrancou-a, dobrou-a, e entregou-a ao porteiro.

Antonio Lobo disse de si para si:

— Isto é que é um serviço de amor bem organizado! Até trazem no seio a secretária. Pobre morgado! alguem hoje o atraiçôa.

D'ali a pouco voltava á platéa o morgado da Boa-Vista e dizia a Lobo:

— Está tudo combinado. Ámanhã cearemos os quatro.

— Como fez Vossa Senhoria isso?

— Escrevendo á Margarida.

— Então o bilhete que ella recebeu, ha bocado, era seu?

— Era.

— Já vejo que foi para responder-lhe que ella tirou do seio a secretária!

— Cale-se, homem! que me faz perder de riso.

— Decididamente, disse Lobo, os poetas são os maiores tolos do mundo. Eu não haveria passado de uma troca de olhadellas, se não tivesse a boa fortuna de encontrar Vossa Senhoria. Assim, apanhei ceia e amor. Em conclusão, sou um grande tanso, e o morgado é um homem pratico. O seu a seu dono.

— Eu devia-lhe uma indemnisação. Trato de pagar o que devo. Quero desmentir Maria da Gloria, provando que não sou o mais villão dos fidalgos portuguezes.

E o morgado cantarolou «Ah cari palpiti», o lindo duetto do «Matrimonio secreto».

Pouco depois rompia a orchestra; o espectaculo continuava.

E então havia já no olhar de Felicia Zamperini mais alguma coisa do que uma esperança: havia uma promessa.

Nada d'isto passou despercebido ao padre Manuel de Macedo, em cujos labios se steriotypou um sorriso ironico e impertinente.

— Eu racho aquelle padre! dizia Antonio Lobo ao morgado.

— Não faça tolices, respondia-lhe tranquillamente o fidalgo.

O que é certo é que Felicia Zamperini procurava denunciar publicamente a vassalagem de Lobo, por esse vulgar sentimento de vingança generosa, que tanto lisonjeia o orgulho das mulheres.

Ella queria mostrar rendido aos seus encantos um dos mais ferozes adversarios da irmã.

Esse era o plano combinado com a cantora.

O padre Macedo, especie de perdigueiro ao serviço da familia Zamperini, farejou, com fino olfacto, a aproximação de um... «Lobo».

E no seu sorriso, ironico e impertinente, havia como que uma dolorida expressão de desalento e despeito: «Todos são aqui felizes, menos eu».

A famosa ode, que tamanho escandalo fizera, subia-lhe aos gorgomilos e entalava-o.

O morgado da Boa-Vista morava, a esse tempo, na rua das Portas de Santo Antão, no segundo andar de um predio de modesta apparencia, que hoje está reconstruido.

Alfaiára com elegancia e riqueza o seu ninho de homem solteiro: «garçonnière», como dizem os francezes. Ali dentro reinava ainda D. João V: mobilia doirada e estofos claros. [1]

---

[1] As mobilias doiradas continuaram a ser moda, a despeito da pragmatica de 1749, que dizia: «Só poderão ser doiradas, ou prateadas as molduras dos espelhos, paineis, placas e pés de bofetes».

Esta pragmatica, dada por um rei quasi morto, ficou sempre lettra morta

Este apparato, em contradicção flagrante com o exterior modesto do predio, era um turbilhão de luz que surprehendia e deslumbrava as mulheres e confundia algum tanto os homens, especialmente os bohemios que pela primeira vez entravam ali.

As duas Zamperinis chegaram pouco antes da meia noite, findo o espectaculo, n'uma sege que o morgado tinha posto, havia dois dias, á disposição de Margarida.

Já alguem, sabendo d'esta galante generosidade, havia dito que, no momento em que o conde de Oeiras largasse a presa, Margarida seria substituida n'aquella sege pela cantora, que o morgado preferia ás irmãs.

E, a dar-se esse caso, uma coisa se prophetisava: que o fidalgo da Boa-Vista, apesar da promessa feita aos primos Lorênas, caminharia cegamente para uma completa ruina.

Margarida e Felicia traziam na cabeça mantilhas brancas, guarnecidas de rendas de Malines.

Quando as tiraram, uma onda de perfumes caros evolou-se perturbadoramente dos decotes, que punham a descoberto bustos marmoreos, onde o reflexo das luzes cahia em palpitações scintillantes.

Essas duas Zamperinis tinham a alegria, a garridice, a desenvoltura, que pertencem ás mulheres da raça latina, com excepção das portuguezas, e que a liberdade dos costumes, quando adoptada como norma de vida, exagera e desculpa.

A mulher de Portugal é, na sua raça, a mais sóbria de gestos e palavras, a de genio mais grave e concentrado. Falta-lhe a mobilidade e o gorgeio das francezas, das hespanholas e ainda das italianas. Não canta; falla: mas um doce tom de sinceridade e firmeza aquece habitualmente a sua voz. Os seus olhos, quasi sempre bellos, raras vezes são travêssos. A sua physionomia habitual tem o que quer que seja de lago sereno, que não promette naufragios, como o olhar provocante, oceano revolto, das outras latinas.

Que influencia, physiologica ou mesologica, póde ter determinado este facto?

Não sei. Mas a educação portugueza, por tantos seculos severa e austera, deve ter sido um dos factores que o produziram.

A portugueza foi, durante gerações successivas, educada para o lar domestico e para o convento; d'ella se dizia, por largo tempo, que sahia de casa apenas trez vezes para ir á igreja: baptisar-se, casar-se, e sepultar-se.

Podia a vida conventual tolerar costumes reprehensiveis, como já tivemos occasião de vêr; mas a mulher portugueza, lançada n'esse meio, não adquiria, ainda assim, a petulan-

cia de outras da sua raça em identidade de condições sociaes.

Sei que não falto á verdade, se disser que Antonio Lobo, ao vêr entrar as duas Zamperinis, se lembrou do estalajadeiro Rebôto, achando-lhe razão mais uma vez.

O que faltava nas duas irmãs, para completar o encanto da sua presença, era o prestigio artistico da outra.

A ceia do morgado da Boa Vista

Mas essa falta suppria-a de algum modo a lembrança de que justamente havia na familia uma «prima-donna», que até de longe parecia enviar ás irmãs, para completar-lhes a attracção, um reflexo da sua celebridade.

A ceia começou com um brilho de alacridade que não seria possivel se, em vez de haver á mesa dois portuguezes e duas italianas, houvesse duas portuguezas e dois italianos.

Os vinhos preciosos da garrafeira do morgado, que já os bohemios tinham preconisado mais de uma vez, punham irisações estonteadoras no crystal dos copos e na alegria dos espiritos.

Antonio Lobo estava em veia, prodigo de engraçados ditos, onde já a malicia penetrava como a ponta de um punhal que rasgasse a phrase e descobrisse as intenções.

De repente, sentiu-se bater á porta.

— Quem será? perguntou Felicia.

— Algum dos nossos amigos, respondeu tranquillamente o morgado.

— Que fará o favor de não deixar entrar, disse jovialmente Antonio Lobo, para não desacertar a conta.

O criado, um velho escudeiro que seguia o morgado para toda a parte, foi vêr quem era, e voltou com um bilhete na mão.

— E' para entregar ás senhoras, disse o escudeiro gravemente.

— Um bilhete! commentou o morgado com surpreza.

— De minha irmã! exclamou, assustada, Felicia Zamperini.

— A esta hora! o que será? interrogou Margarida, muito nervosa.

Felicia leu, empallidecendo extremamente.

— Santo Deus! apostrophou ella com voz tremula e commovida. Minha irmã, depois do espectaculo, foi intimada por ordem do marquez de Pombal para sahir de Lisboa dentro de quatro horas.

— Como?! perguntou o morgado.

— Cebolorio! berrou Antonio Lobo, sem que as Zamperinis comprehendessem o que elle tinha dito.

As duas irmãs sahiram na sege com afflictiva precipitação, como se fugissem espavoridas deante da colera tremenda do grande marquez.

E, já quando a sege rodava na rua, dizia o morgado:

— Estava de prever. Logo que o marquez soubesse, a bomba era certa.

Lobo, por sua parte, caramunhava dizendo:

— O que estava de prever era o enguiço que preside ao destino do mais infeliz de todos os poetas que teem vindo ao mundo desde Homero até hoje. Irra! que má sorte! Esta só a mim acontece! Sabe Vossa Senhoria por que o marquez expulsa a Zamperini?

— Sei; é para salvar o filho.

— Qual! é por eu me ter aproximado da Felicia, e a Felicia ser irmã da Anna, e a Anna ser a amante do conde de Oeiras.

O morgado, rindo, perguntou:

— E onde fica a Margarida?

— A Margarida é irmã da Felicia, e a Felicia é irmã da Anna, e a Anna é a amante do conde de Oeiras, e o conde de Oeiras é filho do marquez de Pombal, e eu sou um tumba que hoje encalixtei toda esta gente, e a Vossa Senhoria tambem.

Depois fez uma pausa e disse com apparente gravidade:

— Morgado! como ninguem póde luctar contra os decretos do marquez de Pombal, acabemos de ceiar resignadamente.

Não supponha o leitor que eu preparei um lance de novella fazendo-lhe crêr que o grande marquez se dignou honrar com um raio de subita cólera a «prima-donna» da Rua dos Condes.

Lá o diz Verdier em a nota ao «Hyssope», quando noticía que, meado o anno de 1774, «o marquez de Pombal fez sahir de Lisboa a Zamperini».

Camillo Castello Branco amplia esta informação, dizendo a respeito do conde de Oeiras: «O sagacissimo pai espiara-o até dar-se a crise da logreira dama se manter a expensas d'elle, sem o concurso dos capitalistas. Chegado o momento, Zamperini foi expulsa do paiz, por ordem do ministro».[1]

Não admira nada que tal ordem desabasse fulminantemente, no fim de um espectaculo, sobre a cabeça da cantora. Os processos do marquez eram rapidos e decisivos, quando tratava de expulsar alguem.

N'aquelle mesmo anno, em janeiro, um decreto obrigou a sahir de Lisboa, no praso de quarenta e oito horas, o desembargador José de Seabra e Silva, então accessor do marquez no exercicio de secretario de estado dos negocios do reino.

Os motivos ainda hoje não são nitidamente conhecidos.

Doze annos antes fizera sahir da côrte, dentro de quatro horas, o cardeal Acciaiolli, nuncio apostolico.

Em 1768 havia empregado igual processo com o parocho de Santa Isabel e provisor do patriarchado, dr. José Mendes da Costa, que de uma só pennada foi desnaturalisado e banido.

Agora, com a Zamperini, não se tratava d'um negocio de Estado, de uma questão politica; o marquez procedia «pro domo sua», procurando salvar o filho das garras da cantarina.

Tocava-lhe por casa: por isso a ordem foi expedida n'um momento de formidavel cólera.

Felizes os pais que, em lances identicos, podem ser marquezes de Pombal.

---

[1] «Noites de insomnia», n.º 5, pag. 22.

D'esta mesma opinião, quando soube do acontecido, foi a serenissima princeza da Beira, D. Maria Francisca, futura rainha de Portugal, que n'um impeto de convicção profunda exclamou:

— Os theatros deviam ser prohibidos, bem como toda essa peste de comicas e cantarinas.

XXII

Rei de bronze e ministro de ferro

Nos primeiros dias de junho de 1775 era extraordinaria a animação, que alvoroçava jubilosamente a cidade de Lisboa, e lhe duplicava o movimento pela chegada de seges, liteiras e carrêtas que transportavam familias das mais remotas provincias do reino.

Apesar de cahir uma calma intensa, que já despertava o apetite de ir veranear para o campo, a população da cidade não arredava pé fóra de Portas, e n'uma festiva azáfama mandava dealbar o exterior dos predios, limpar o pó das vidraças, espannar o peitoril das sacadas, ao mesmo passo que, no interior dos domicilios, preparava aposentos confortaveis para receber hospedes, por obsequio ou negocio.

Innovou-se n'esses dias uma industria de occasião, a de alugar janellas e quartos por motivo da proxima inauguração da estatua equestre de sua magestade el-rei D. José I, o «Reformador».

O pregão d'esta grandiosa solemnidade publica soára ao longe como transmittido por uma tuba ingente, que se fez ouvir nos mais reconditos valles e nas mais longinquas montanhas de Portugal, tentando a curiosidade dos leaes subditos de sua magestade fidelissima.

O facto era inteiramente novo para os portuguezes, que não estavam ainda habituados a vêr estatuas nas praças publicas.

Os monumentos patrioticos limitavam-se até então, além de alguns templos notaveis, a singelos padrões commemorativos de victorias militares.

Um rei de bronze era coisa ainda não vista pela nossa gente.

De mais a mais, não se tratava apenas da figura do rei, com todo o seu apparatoso revestimento de armas brancas.

Havia tambem um cavallo fundido que o rei montava, e na imaginação do bom povo da provincia não sei se a curiosidade de vêr o cavallo seria superior á de vêr o rei.

Outros animaes, não em bronze, mas em marmore, deviam outrosim atiçar a curiosidade do portuguez ingenuo, e vinham a ser as figurações symbolicas do pedestal: o corcel que, mal domado pela mão do Triumpho, atropella um prisioneiro de avantajada estatura, e o elephante, que faz grupo com a Fama, e calca outro prisioneiro de vulto não menos avantajado.

Os provincianos, ouvindo soar em suas terras a troante descripção da estatua, preoccupavam-se menos com o sentido politico das allegorias, do que com a representação zoologica que as concretisava, porque a imaginação popular impressiona-se sempre, e muito, com o maravilhoso que resulta da exhibição plastica de uma fauna gigantesca.

Entrara por um ouvido ao povo e sahira por outro a informação de que o corcel representava a Europa e o elephante a Asia, e ambos o predominio da corôa portugueza n'aquellas duas partes do mundo.

O que elle queria vêr era os bichos, em bronze e em marmore, as alimarias, o elephante e ainda as serpentes que pisa o cavallo montado por el-rei, dando-se-lhe pouco de saber que ellas significassem as difficuldades e embaraços que foi preciso esmagar para conseguir a rapida reedificação de Lisboa.

E n'esse ardente interesse animalista do povo entrava tambem em grande parte o desejo de vêr, em carne e osso, com a sua cabelleira e luneta tradicionaes, o marquez de Pombal, «bicho formidavel», leão na sanha, elephante na força, cobra no salto, maior que o rei, maior que o monumento, maior que Portugal.

O rei era uma figura quasi apagada a par da do seu primeiro ministro, e se todas as verdades se pudessem dizer, e melhor ainda representar, quem devia estar sobre o pedestal e sobre o cavallo, era o marquez, com o sceptro na mão direita, com as redeas na mão esquerda, isto é, com o poder real em ambas as mãos, passando o sr. D. José a occupar modestamente o medalhão de que, no pedestal, resaltava a véra effigie do marquez.

Todas as circumstancias concorriam, pois, para attrair forasteiros a Lisboa, além de uma outra, que não deixava de lisonjear o sentimento nacional, e vinha a ser que tanto a modelação como a fundição da estatua eram producto de artistas portuguezes, Joaquim Machado de Castro e Bartholomeu da Costa.

Isto pelo que respeitava ao monumento, que o vêr reedificada uma cidade, que o terremoto arrazára e que tinha resurgido mais bella e mais ampla do que fôra, era tambem naturalissima tentação no espirito dos provincianos.

A noticia da conducção da estatua e da sua montagem sobre o pedestal, factos já celebrados com trez dias de regosijo publico, que um vistoso bando annunciára, chegou a todos os confins do paiz e acabou de resolver os animos que hesitavam ainda perante o incommodo e fadiga de uma viagem á côrte.

Finalmente amanheceu, radiante de luz e alegria, o dia de terça feira 6 de junho, destinado para a cerimonia da inauguração, e anniversario natalicio de el-rei, que n'esse dia completava 61 annos de idade.

Ao romper d'alva salvaram o castello de S. Jorge, todas as outras fortalezas da capital, e os navios surtos no Tejo.

A cidade accordou em jubilo, com esse communicativo alvoroço que, por occasião das grandes festas publicas, não poupa os mais indifferentes e os menos interessados n'ellas.

Na Praça do Commercio, ainda não completa, ultimavam-se á pressa os retoques provisorios do seu aformoseamento, especialmente no pavilhão redondo que foi construido sobre a cortina do caes, para acommodar grande numero de espectadores; e no arco triumphal, que marca o centro da fachada norte da Praça, e que apenas veiu a ser fechado em nosso tempo, mas que n'aquelle dia devia servir para dar mais brilhante passagem ás tropas. Preenchiam-se com madeira pintada as lacunas da alvenaria, tanto no arco como nos dois torreões, e tambem na fachada occidental. Alisava-se melhor o lastro de areia encarnada, que já de vespera ficára atapetando o vasto recinto da Praça. Abriam-se de par em par as janellas das secretarias e repartições publicas, adornadas de sanefas, cortinas e colchas de damasco carmezim. Compunham-se com arte as prégas do alto envoltorio de tafetá vermelho, que velava a estatua. O intendente geral da policia, acompanhado pelos corregedores dos bairros, com os seus respectivos alcaides, escrivães, meirinhos e quadrilheiros, dava instrucções sobre o modo de regular o transito e accesso do cortejo durante a cerimonia.

Pouco depois das nove horas da manhã já as embocaduras das ruas, confinantes com a Praça do Commercio, estavam

guardadas por soldados de cavallaria, que obstavam á passagem dos maltrapilhos, e apenas deixavam entrar ordenadamente, grupo a grupo, as pessoas que se apresentavam decentemente vestidas.

A multidão não podia ser mais variegada no aspecto, mais pittoresca nos trajes: era o minhôto, com a sua jaquêta de trinta botões, e a minhôta com as suas roupas garridas, flammantes de vivas côres; era a lisboeta de josésinho sobre os hombros e lenço branco na cabeça; era a saloia de mantéo e carapuça, saia curta e bota amarella; era o campino do Ribatejo, de jaleca ao hombro, barrete verde, e collete vermelho; era o alemtejano de jaqueta de alamares, faixa encarnada e chapéu redondo; a varina de camisa bordada, collete estreito, meia branca e chinella polida; era, n'uma palavra, um vasto catasol ondulante de cidadãos de todas as provincias, de portuguezes da montanha e do valle, de gentes do norte e do sul do reino.

O «brouhaha» da multidão resfolegava de impaciencia e curiosidade, como um oceano que respirasse fremente, e apenas se aquietou quando, pelo meio dia, entraram na Praça oito figuras vestidas ao gosto de tragedia, e a cavallo, precedidas de ternos de musica, as quaes derramaram no chão louros, murtas e flôres.

Era, finalmente, o inicio da solemnidade, ou, como hoje dizemos, o primeiro numero do programma.

Logo depois organizou-se o prestito de carruagens que conduziam o senado da camara e a junta do commercio, e se dirigiram para a calçada da Ajuda a fim de acompanhar o marquez de Pombal desde o seu palacio.

As janellas estavam occupadas pela côrte e seus altos dignitarios, incluindo as damas e açafatas, bem como pelo corpo diplomatico estrangeiro.

A familia real viera incognita, pela manhã, e aposentara-se nas salas da mesa da consciencia ao occidente da Praça.

El-rei D. José, adoentado e triste, parecia assistir indifferente a esse pomposo espectaculo: era ali um espectador como os outros, pois que n'aquelle dia todas as honras pertenciam á sua estatua, e não á sua pessoa, e se a pessoa apparecesse officialmente, prejudicaria a estatua; o rei de bronze, offerecido ás gerações futuras, supplantava o rei mortal, que sentia avisinhar-se o termo de seus dias.

Aquella estatua era o prologo da posteridade, e o rei sentia-se talvez mais frio do que a estatua, porque o sol de um dia de junho a devia ter aquecido.

O marquez de Pombal e seu filho o conde de Oeiras, ambos de capa e volta, com chapéus de cocáres brancos, condu-

zidos n'uma carruagem da casa real, escoltada por uma companhia de dragões, e seguidos por numeroso e brilhante cortejo, vieram esperar a hora do programma no palacio novo do senado da camara, onde se apearam.[1]

Logo depois quatro regimentos de infantaria entraram na Praça, bem como esquadrões de cavallaria que, passando por debaixo do arco triumphal, foram postar-se atraz da estatua, dando a impressão de quererem seguir o cavallo em que el-rei partia n'aquelle momento para a immortalidade.

A's trez horas da tarde chegaram os reis d'armas, arautos e passavantes, com os timbales, clarins e oboés da casa real, e começou a desfilar o luzido prestito, que acompanhava ao marquez de Pombal e ao conde de Oeiras, e era formado, em duas alas, pela junta do commercio, senado da camara e casa dos vinte e quatro.

No couce do prestito vinham o esculptor, o fundidor e os principaes mestres-de-obras que trabalharam no monumento.

As musicas, collocadas nos pavimentos terreos de ambos os pavilhões, entoaram o hymno real.

O marquez e seu filho, parando na frente da estatua, receberam os cordões da cortina.

Um vento rijo, que sopràva do mar, fel-a papejar violentamente, e rompeu-a no momento em que devia descerrar-se.

Apenas a cabeça do rei ficou a descoberto, como estrangulada.

D. José I empallideceu, e a multidão, suspensa de curiosidade, conservou-se silenciosa, de cara no ar, os olhos arregalados, n'uma attitude de sôfrega observação.

Foi preciso que um meirinho subisse ao pedestal e a muito custo, no meio de um grande silencio espectante, fosse, pouco a pouco, desvelando a estatua.

Quando a cortina cahiu, o marquez de Pombal, chapéu erguido na mão, plumas ao vento, fez vénia á estatua, curvando o joelho até quasi tocar em terra, no que foi imitado por todos os assistentes, e um rei d'armas, agitando um lenço branco, proferiu solemnemente em voz alta: «Viva D. José I, rei de Portugal».

Soaram todas as musicas, estalaram foguetes, ribombaram salvas de artilharia; os reis d'armas soltaram vivas a que o povo correspondeu; versos e flôres vieram adejando das janellas cahir sobre a multidão.

---

[1] Este palacio, edificado de 1770 a 1774, vinha desde o novo largo do Pelourinho até á rua do Oiro. Ardeu em 19 de novembro de 1863.

O marquez, com o seu cortejo, deu volta ao monumento, e repetiu a vénia antes de retirar-se para a casa da junta do commercio, cujas janellas lhe estavam reservadas.

Pouco depois entrava na Praça um vistoso carro que representava o «Templo da immortalidade», com muitas figuras allegoricas, ricamente vestidas.

O carro deu trez voltas ao monumento, e após elle desfila-

A estatua equestre

ram por deante da estatua os regimentos da guarnição, em continencia militar.

Anoitecia quando as tropas recolhiam a quarteis e a multidão começava a dispersar-se pelas ruas da Baixa.

Era apenas uma breve pausa nas festas d'aquelle dia, primeiro do triduo consagrado ás solemnidades da inauguração.

As illuminações publicas promettiam ser deslumbrantes, e o vento refrescava a calma de junho, o que tornava agradavel a temperatura.

A' noite, além das illuminações, havia ópera no theatro do palacio da Ajuda, sarau e ceia na casa dos vinte e quatro, academias litterarias em varios conventos, e grande bôdo, por bi-

lhetes de admissão, offerecido pelo senado da camara aos municipes nos amplos armazens da alfandega.

O bôdo foi um brodio, uma comesaina colossal, uma ingente rapina pantagruelica.

De trezentas arrobas de dôce, que deviam chegar para trez dias, duzentas e cincoenta desappareceram n'essa primeira noite, devoradas e arrebanhadas pelos felizes portadores de bilhetes de admissão.

A' porta da alfandega affluiam grossas ondas de povo, que por qualquer modo obtivera o direito de ingresso. Era enorme ali o apertão. Os criados do marquez de Pombal e do conde de Oeiras haviam distribuido por sua conta e risco grande numero de bilhetes a parentes, amigos e conhecidos. Todos queriam entrar, ninguem queria sahir; e alguns que sahiam, levavam cabazes cheios de bolos, latas de conservas, saccos de confeitos, garrafas de vinho, frascos de licôr, a pretexto de o fazerem por incumbencia dos vereadores ou dos funccionarios do senado.

Era um saque em fórma, realizado no meio de um torvelinho cahotico, de um pandemonium espantoso, que desorientava os copeiros, os serventes e fiscaes.

Antonio Lobo, arrastado pela multidão, achou-se dentro do edificio da alfandega, sem que ninguem lhe perguntasse pelo bilhete, que não tinha. Aconteceu isso a muitas outras pessoas.

— Ah! disse elle com os seus botões, querem que eu coma? Pois faço-lhes a vontade; comerei e beberei.

Se bem o disse, melhor o fez. Mas não se alargou tanto nas libações, que ficasse embriagado. Teve medo de si mesmo, porque detestava o marquez de Pombal, não só por suggestão da nobreza, mas tambem, agora, de conta propria, depois da mallograda ceia em casa do morgado da Boa-Vista, e porque não tinha feito outra coisa, desde pela manhã, senão procurar o reverso comico de toda aquella esplendorosa solemnidade, que elle classificara de — palhaçada pombalina.

Rira, comsigo proprio, dos versos que tinham chovido sobre a multidão, e ferviam-lhe satyras, na cabeça, ao marquez, ás salvas, ás luminarias e aos poetas.

Até já mentalmente aconsoantára o principio de um soneto picaresco:

Trovejaram os poetas da manada,
E seguiu-se uma chuva muito fria
De versos, que no campo da poesia
Mui grande perda fez co'a enxurrada.

Mandou Phebo chamar toda essa asnada,
Para os corrigir d'isto, e da ousadia
De fallarem na estatua, que devia
Por elle unicamente ser louvada.

Mas a multidão mettera-o aos empurrões dentro da alfandega, quando ia pensando nas rimas dos tercetos com que o soneto devia terminar.

Bebeu cautelosamente, para evitar a embriaguez, mas quando voltou á Praça do Commercio, e respirou o ar fresco da noite, sentira-se bem disposto e satisfeito.

D'ali a pouco, a sua attenção foi attraída para a escada da casa dos vinte e quatro, onde os homens bons da cidade deviam estar effectuando o annunciado sarau. Ouviu arruido, gritos, pragas, viu muita gente a fugir e quadrilheiros correndo, para conter o povo.

— Será alguma coisa ainda por causa do genovez? pensou Antonio Lobo.

E quedou-se em observação.

O genovez era João Baptista Pelle, que dias antes fôra preso como suspeito de querer fazer voar a carruagem do marquez por meio de explosivos.

A policia procurava os cumplices do italiano, que elle, posto a tratos, nem assim mesmo denunciou.

Mas o arruido não fôra causado por nenhum facto que se relacionasse com o supposto attentado de João Baptista Pelle.

Outra era a causa, e semelhante á do apertão na porta da alfandega.

A sala da casa dos vinte e quatro não tinha capacidade para receber mais de oitenta pessoas. Haviam sido distribuidos, por comprazer com instantes solicitações, uns trezentos convites. Ora emquanto o juiz do povo discursou, e se cantou por musica um hymno a «José Augusto» (que era, aliás, o augusto José, rei de Portugal e dos Algarves) e um chuveiro de sonetos, decimas e oitavas asphyxou oitenta aborrecidos espectadores, os duzentos e vinte restantes convidados espiavam na rua o momento de começar a ceia.

E quando lhes pareceu que era chegada a occasião opportuna, enfiaram em tropel pela escada acima, como horda de famintos e lambareiros, empurrando as sentinellas, que por sua vez os repelliram á coronhada, estabelecendo-se um conflicto de que resultou todo o arruido.

Esta refréga durou alguns minutos, e no theatro da acção ficaram patentes os vestigios d'ella: fivelas perdidas, espadins

quebrados, plumas de chapéus, luvas e lenços dispersos pelo chão.

Antonio Lobo, quando observava o tumulto, cuja causa desconhecia, sentiu tocarem-lhe no hombro.

Voltou-se rapidamente, e logo reconheceu o dr. Alho Mattoso, de Villa de Frades.

— Vossa Senhoria por aqui! exclamou Lobo. Que surpreza agradavel!

— Mais surprehendido, e não menos agradavelmente, me confesso eu — disse o dr. Mattoso — por encontrar a esta hora, na Praça do Commercio, um poeta que devia estar na casa dos vinte e quatro ou em qualquer outra parte onde hoje brilham poetas.

— Bons poetas! respondeu ironicamente Antonio Lobo. E' que eu não sou correeiro, como o juiz do povo, nem sapateiro, nem alfaiate, nem de nenhum outro officio como os deputados das classes. Tambem não sou frade de S. Francisco para tomar parte n'essa famosa academia, que pela variedade das linguas parecerá uma Torre de Babel, e que deve estar-se agora celebrando no convento de Nossa Senhora de Jesus. Sou apenas um homem feliz, a quem a multidão empurrou para dentro da alfandega, e que lá ceiou regaladamente, como tantas vezes o fiz em Villa de Frades na casa de Vossa Senhoria. Mas diga-me uma coisa: quando chegou, e onde está?

— Cheguei ha dois dias, e vim acompanhando a D. Maria Engracia, que morreria de desgosto se não viesse a Lisboa. O meu caro poeta bem sabe decerto por quê...

Lobo illudiu a resposta dizendo:

— Por causa da estatua.

— Por causa de quem não quer deixar de parecer menos frio que o bronze.

Lobo baixou um pouco a voz e replicou:

— Então deve ser o marquez de Pombal, que é um ministro de ferro.

— De bronze, de ferro ou de carne e osso, trata-se de Vossa Mercê, a quem eu, por mais que o procurasse, não tinha podido encontrar ainda. E não era porque a D. Maria Engracia, com toda a sinceridade da sua alma de alemtejana, me não recommendasse a cada momento que lhe désse aviso da nossa chegada. Mas aonde? Lisboa é grande, e n'esta occasião tem o dobro da gente. Vão lá encontrar uma determinada pessoa, a não ser por acaso!

— Especialmente uma certa pessoa que não tem casa certa.

— Sim, eu não sabia, ou me esqueceu, a morada de Vossa Mercê.

— Nem eu sei... respondeu Lobo sorrindo.

— Sempre de bom humor!

— Mas onde é que se hospedaram?

— Na «Estalagem transtagana».

— Onde é isso?

— Na rua dos Douradores. [1]

— Ah! já sei. Que tal a hospedagem?

— Irregular, como não póde deixar de ser n'esta occasião, estando a casa cheia de gente. Mas nós temos mais alguma commodidade, porque comemos n'uma saleta á parte.

— E por onde anda agora a sr.ª D. Maria Engracia?

— Anda decerto a vêr se póde encontrar Vossa Mercê.

— Sósinha?

— Não. Acompanhada por outra senhora, que encontrámos na mesma estalagem, e ambas por dois criados que D. Maria Engracia trouxe do Alemtejo.

— A outra senhora tambem é alemtejana?

— E' de Ponte do Lima. Sei apenas que se chama Isabel Julia, mas parece ser pessoa muito respeitavel. Conhecemol-a ha dois dias na estalagem. E para a D. Maria Engracia foi uma felicidade.

— Tambem para Vossa Senhoria, que póde ter maior folga.

— Engana-se. Eu andava por aqui em serviço da D. Maria Engracia, sem que ella, aliás, exigisse tanto.

— Como assim?!

— Ella procurava Vossa Mercê de conta propria, e certamente estimava que eu o procurasse como obsequioso auxiliar. Dividiam-se assim as forças para envolver mais facilmente o inimigo. E a manobra, sem obedecer a um plano de guerra, deu comtudo bom resultado. Cá está prisioneiro o inimigo! Vou conduzil-o ao quartel-general.

— Agora?!

— Pois decerto. Desejo ser agradavel á minha patricia e visinha, que merece todas as attenções do meu respeito.

— Agora de noite?

— Para os vencidos não ha noite, nem dia. Não quero que me fuja o prisioneiro, e que a minha cabeça tenha de responder por elle.

— Mas uma sécca amorosa custa um pouco a soffrer depois de uma boa ceia.

---

[1] O decreto de 5 de novembro de 1760, comquanto destinasse cada arruamento da Baixa a determinados officios, permittiu que na rua dos Douradores as casas, que não fossem occupadas por esta classe, pudessem servir a tendas, tabernas, estalagens, etc.

— Não será do mesmo parecer o tio do marquez de Olhão, que ahi anda no rasto de D. Maria Engracia, e que abomina a Vossa Mercê, desde que o soube seu rival.

— Rival! A rivalidade suppõe concorrencia, e eu não disputo a mão d'essa dama.

— Tanto não disputa, que a recusou, mas disputa-a elle, e vê um perigo em Vossa Mercê.

— E eu vejo n'elle um grande tolo. Mas não me rala isso agora, que estou contente como um rato que tivesse devorado um queijo. Não sirvo para amorios, meu caro doutor. E' contra o meu genio.

— Pois eu sirvo com gosto a D. Maria Engracia. Nós, os alemtejanos, somos uns pelos outros. E a boa senhora tantas vezes falla em Vossa Mercê, que até já a D. Isabel Julia disse: «Eu propria estou com curiosidade de conhecer esse sujeito, que todos procuram, e que não apparece nunca».

— E que tal... a D. Isabel Julia?

— Cabeça branca.

— Outra velha!

— Nem tanto. Physionomia de doença ou desgosto.

— Só me apparecem d'essas!

— Isso agora é menos certo, porque o João Xavier, que merendou hoje comnosco, e que tambem ficou de procurar Vossa Mercê, contou vagamente a historia de uma ceia em casa do morgado da Boa-Vista...

— Pois elle contou isso, o linguareiro?! Ha quarenta e oito horas que não vejo esse diabo de homem, que decerto anda a merendar com os forasteiros pelas estalagens, mas quando o vir hei de justar contas com elle.

— E as senhoras estavam tão interessadas no conto, que se mostraram aborrecidas de elle o deixar em meio.

— Pois foi mais longe do que devia, porque o conto não teve meio; ficou apenas no principio.

— O que não póde ficar apenas no principio é a historia d'este meu feliz encontro. Vossa Mercê tem a bondade de chegar agora comigo á rua dos Douradores?

— A D. Maria Engracia ainda decerto se não recolheu a casa; deve andar a vêr as luminarias.

— Não tem duvida; esperaremos. E entretanto Vossa Mercê ceiará.

— Outra vez não póde ser. E' que eu ceei á custa da cidade e estou municipalmente repleto. Preciso tomar ar, fazer exercicio. Mas irei ámanhã cumprimentar a sr.ª D. Maria Engracia.

— E' um subterfugio, que me desgosta.

— Não é. Dou a Vossa Senhoria a minha palavra de honra.

— Bem; acceito-a. A que horas irá?

— A's que Vossa Senhoria me indicar.

— Então ás oito, para almoçarmos juntos.

— Pois seja. Vá Vossa Senhoria tranquillo com a minha palavra de honra. Não faltarei.

— Então, meu caro Lobo, até ámanhã.

O poeta apartou-se, dizendo com os seus botões:

— Que maçada me espera ámanhã!

E logo, mudando o rumo ao pensamento, procurou compôr os tercetos que deviam completar a satyra contra os poetas da estatua.

Foram á correcção centos e centos;
E tendo-os Phebo em pé, e á mão esquerda,
Os reprehendeu de seus atrevimentos.

Mas depois encontrou conhecidos, que andavam a flaino, chalaçou e riu com elles, e o soneto ficou ainda incompleto n'essa noite.

Quando o dr. Alho Mattoso entrou na estalagem da rua dos Douradores, já lá encontrou as duas senhoras que, apesar de mortas de fadiga, estavam esperando por elle para saber se, mais feliz que ellas, teria encontrado Antonio Lobo.

O dr. Mattoso procurou disfarçar a verdade para tornar ainda mais agradavel a surpreza.

— Então? perguntou elle.

— Nada! respondeu D. Maria Engracia. Estará talvez doente. E Vossa Senhoria?

— Nada, tambem.

— Se nós fossemos á intendencia geral da policia pedir que nos ajudasse?... aventou, com timidez, a dama alemtejana.

O dr. Mattoso sorriu e disse:

— A procurar o menino perdido? Ora, minha senhora, a policia ainda não conseguiu encontrar os cumplices de João Baptista Pelle e comtudo bem os tem procurado! Ella não póde querer servir-nos melhor do que ao marquez de Pombal.

— Dê Vossa Senhoria alguma idéa, disse D. Maria Engracia a Isabel Julia.

— Eu! Fraca sou para dar idéas, sobretudo quando se trata de procurar uma pessoa n'uma terra que não conheço.

— Tem razão! Pobre senhora D. Isabel! quanto eu a terei enfadado com estas minhas impaciencias...

— A mim?! Nada, absolutamente nada.

— Não quero que esteja triste, nem aborrecida por minha causa.

— Não, minha senhora, eu não estou triste e menos ainda aborrecida. E' modo meu.

De repente o dr. Mattoso levantou-se da cadeira em que se havia sentado, e apostrophou triumphante:

— Saibam que fui nomeado intendente geral da policia da côrte e reino.

Maria Engracia e Isabel Julia olharam surprehendidas uma para a outra.

— Fui, sim, proseguiu o dr. Mattoso, porque o marquez de Pombal se convenceu de que era eu n'este reino a unica pessoa apta para exercer esse cargo. Lá vai a bomba: achei o homem!

— Achou!? exclamaram as duas senhoras ao mesmo tempo.

— Achei. E vem ámanhã almoçar comnosco ás oito horas.

— Até que emfim! disse D. Maria Engracia.

— Ainda bem! commentou Isabel Julia. Ainda bem... por que a sr.ª D. Maria Engracia o estima.

— E comtudo elle é um ingrato! reflexionou, com desalento, a viuva Bellem.

— Um ingrato... repetiu Isabel Julia. Parece ser. Mas ha tanto d'isso!

— Minhas senhoras! trovejou o dr. Mattoso. Vou tomar conta do meu cargo.

E, pegando n'um candeeiro de latão, fez venia, dizendo:

— Uma noite bem descansada.

— Muito boa noite, responderam as duas damas.

XXIII

Dezesete annos depois

A viuva Bellem sahiu do seu quarto logo ao romper do dia, e foi chamar Isabel Julia, com quem sympathisava tanto, que lhe parecia conhecel-a já desde muito tempo.

Achou-a a pé, com a physionomia perturbada.

— Passou mal a noite, minha boa amiga? perguntou carinhosamente D. Maria Engracia. Consinta que lhe chame minha boa amiga, porque os impulsos do coração dão ás vezes mais direitos do que a longa acção do tempo.

— Oh! minha senhora! quanto me penhora tratando-me assim! Acredite que tambem a estimo muito, e que até me parece ter sido Deus que preparou este nosso encontro.

— Pois, minha boa amiga, ha de certamente ter estranhado todo este meu alvoroço em idade que devia ser de fria reflexão. Mas que quer? Por mais excepcional que isto lhe pareça, eu amo Antonio Lobo.

— Já o tinha comprehendido...

— Sabendo a minha vida, ha de desculpar-me.

— Se a desculpo!

— Casei, á vontade de meus pais, com um homem honrado e sério, mas nada carinhoso. Era triste, concentrado, de muito poucas fallas. Respeitei-o sempre, como devia, mas não cheguei a amal-o nunca. Enviuvei e a mim mesma perguntava se

uma mulher podia chegar á velhice sem ter amado, e se isso era viver. Sabe a minha boa amiga quem me respondeu?

— Foi o coração.

— Foi, sim, quando vi Antonio Lobo, o homem mais engraçado e independente que ainda conheci. Mas a sua resposta, minha boa amiga, faz-me crêr que tambem tem soffrido por amor.

— Alguma coisa.

Houve um momento de silencio.

— Eu receio ser indiscreta, disse D. Maria Engracia. Mas acredite que, por uma sympathia tão rapida como sincera, a sua vida me interessa.

— Eu agradeço muito os bons sentimentos de Vossa Senhoria para comigo, e creia que os retribuo mais ainda do que póde imaginar. Assim, não tem que receiar ser indiscreta.

— Ainda bem! Ah! eu suspeito que tenha amado...

— E não se engana.

— Casou?

— Não casei.

— Amor mal correspondido?

— Sim... talvez. Nem eu sei bem.

— Como?! Não sabe?!

— Não sei, é certo, porque o homem, a quem amo desde a mocidade, se não casou comigo, tambem, segundo ultimamente pude averiguar, não casou com nenhuma outra.

— Mas fizeram algum juramento n'esse sentido?

— Nenhum.

— E' extraordinario! Agora começo eu a interessar-me ainda mais. E vê-o? Vivem na mesma terra?

— Não, minha senhora. Ha muitos annos que o não vejo.

— Parece um caso de novella!

— Pois é inteira verdade.

— E, diga-me, havia de ter muito quem a quizesse desposar; mas recusou sempre?

— Muito não. Houve um rapaz da minha creação que gostava de mim e quiz casar comigo.

— Morreu?

— Morreu o anno passado. Coitado d'elle! não teve felicidade nenhuma por minha causa!

— Tem muita pena?

— Isso tenho, porque foi muito bom para mim. E' certo que eu o tratei com a dedicação de uma irmã: era um sentimento sem mancha, um affecto innocente. E assim foi sempre. Quando o pobre rapaz estava doente, era eu a sua enfermeira. Assisti-lhe á morte, fechei-lhe os olhos, e se elle ainda vivesse,

eu, para lhe poupar desgostos, não teria vindo procurar nas festas de Lisboa alguma distracção, de que bem preciso.

— E o outro?

— Vive longe.

— Decerto; para o não ter visto ha muitos annos! No reino?

— Sim, no reino.

— Póde ser que viesse tambem ás festas.

— Se eu o encontrar, dou-me por bem paga de ter vindo a Lisboa.

— Não o tem procurado?

— Penso n'elle, e desejo muito vêl-o antes de morrer.

— Para recomeçar a amal-o?

— Não, minha senhora. Para continuar a amal-o lealmente, sem lh'o fazer lembrar.

— Admiro a sua coragem!

— Não é coragem; é resignação.

— O nosso caracter é differente, mas os nossos destinos são parecidos. Cada uma de nós ama um ingrato. O coração não me enganou logo que a vi... Ha de dizer-me os signaes d'elle. Quero ajudal-a a procural-o, tanto quanto me tem ajudado a mim. Seremos desde hoje duas dedicadas amigas.

— Certamente. Mas os signaes d'elle... nem eu os sei bem agora.

— Ora essa!

— Se estiver tão velho como eu, não o reconhecerei decerto, come elle tambem me não reconhecerá a mim.

— Ser velha! Então que direi eu!

— Pois Vossa Senhoria não vê como está branco o meu cabello!

— Vossa Senhoria! Bem quizera eu que me não tratasse assim.

— Então como quer que eu a trate?

— Pelo meu nome, mas sem cerimonia nenhuma. Não lhe parece que o «tu» fica bem entre duas amigas?

— Pois seja assim. Direi apenas... Maria Engracia.

— E eu... só Isabel Julia, tambem.

Abraçaram-se com essa impetuosa necessidade de expansão, que é propria dos corações atormentados.

D. Maria Engracia carinhosamente continuou a interrogar com vivo interesse:

— Dize-me, Isabel, qual de vós é mais velho?

— Elle.

— Muitos annos?

— Quatro apenas.

— Ah! suspirou a alemtejana. Isso é uma pequena differença.

— Mas eu agora é que devo parecer mais velha.

— Tontinha! E que modo de vida tem elle? E' fidalgo?

— Não; não é fidalgo. Do que vive, ignoro; se ha tantos annos que não sei nada da sua vida!

A's oito horas da manhã o dr. Mattoso annunciou n'um berreiro:

— Cá está o homem!

A viuva Bellem veiu a salêta receber Antonio Lobo, com o alegre semblante de quem se avista, finalmente, com uma pessoa cuja presença desejava.

— Vamos já almoçar, dizia o dr. Mattoso, que temos hoje muito que vêr. E' preciso chamar a D. Isabel. Ella já estará a pé?

— Ha muito tempo, respondeu a alemtejana. Eu mesma vou buscal-a.

Quando Antonio Lobo viu assomar á porta da salêta essa figura de mulher, extremamente pallida, com o cabello todo branco, notou-lhe alguns traços de semelhança physionomica com a Therezinha de Villalva, e ficou impressionado.

Mas conteve-se, dizendo a si proprio:

— Não, não póde ser ella. Esta senhora é muito mais velha. Ha apenas alguma coincidencia de feições. De mais a mais esta Isabel Julia é natural de Ponte do Lima...

Continuando a vêr na imaginação a Therezinha, que elle tinha conhecido nova e alegre, radiante de frescura e mocidade, tranquillisava-se certificando a si mesmo:

— Não poderia estar tão velha. Nem a voz é a mesma que eu ouvia cantar na Palmeira e que parecia o gorgeio de uma ave. O sotaque é bem minhôto, sim, mas Isabel tambem é do Minho, que admira, pois!

Era que elle, habituado a viver entre muita gente, não suspeitava, sequer, quanto o habito do silencio, longo e triste, torna inconsistente e hesitante a voz humana.

Por sua vez, Isabel Julia sentia-se abafar nas palpitações violentas do coração. Tinha nos ouvidos um ruido semelhante ao de muitos sinos que tangessem tumultuariamente; e um nevoeiro ondulante, zebrado de manchas pardacentas, turvava-lhe a vista. Receiou perder os sentidos e denunciar-se.

O leitor já adivinhou decerto que Isabel Julia era a Therezinha de Villalva.

Era ella que não queria morrer sem tornar a vêr Antonio Lobo, e por isso viera a Lisboa aproveitando justamente uma occasião em que, pela affluencia de forasteiros, poderia vêl-o

com probabilidades de não ser reconhecida. Mas quantas incertezas a rodeiavam n'esta sua arrojada viagem! Seria elle ainda vivo? Residiria ainda em Lisboa? Lograria ella encontral-o e reconhecel-o? Se é vivo, dissera Therezinha comsigo mesma, hei-de vêl-o, custe o que custar; hei-de reconhecel-o por força, porque o meu coração ha de dizer-me: «E' aquelle».

Isabel Julia (Therezinha)

E com esta fé viva, capaz de operar prodigios, se decidiu a deixar por algum tempo a sua querida terra, o seu dôce ninho de recordações saudosas, e a fazer uma longa viagem, sósinha, com as cautelas e mysterios de quem viesse praticar um crime.

Quando viu Lisboa, teve um momento de desanimo. Como poderia ella encontrar Antonio Lobo entre tanta gente, n'uma

terra tamanha? Dir-se-ia que a tinha assaltado, de subito, a phobia dos grandes espaços. A cidade, com os seus vastos edificios e arruamentos pombalinos, fez-lhe medo. Therezinha quasi chegou a arrepender-se de ter fugido ás seis arvores e aos dois outeiros da sua pequenina aldeia de Villalva.

Tomou uma estalagem ao acaso e n'ella encontrou a Providencia, o imprevisto auxilio com que o céu acode a todos os desgraçados: maná no deserto, jorro de agua no Horeb, taboa de salvação no naufragio.

Tendo por companheiros de estalagem o dr. Mattoso e D. Maria Engracia, ouviu fallar de Antonio Lobo. Era a Providencia que misericordiosamente lhe punha nas mãos um fio conductor. Manifestamente os dois alemtejanos referiam-se ao poeta. Elle estava, pois, vivo e solteiro ainda, porque D. Maria Engracia não tinha sabido occultar o sentimento que Lobo lhe inspirára. Therezinha não quiz mal áquella mulher pela coincidencia de amarem ambas o mesmo homem. Pelo contrario, achou providencial esse encontro, e agradeceu-o com fervorosa gratidão ao anjo protector dos desgraçados. Ella não vinha disputar a ninguem o amor de Antonio Lobo; vinha unicamente vêl-o, acalmar o coração saudoso, e preparar-se para morrer, tranquillamente, na paz de Deus e da sua aldeia.

Foi ainda o Providencia que lhe valeu na occasião em que entrou na salêta onde Antonio Lobo estava.

Pôde dominar-se, readquirir a sua habitual coragem, a que ella tão singelamente chamava resignação.

A pouco e pouco, o coração foi socegando; o nevoeiro desfazendo-se.

E podendo então observar esse homem, que tinha sido o unico amor de toda a sua vida, Therezinha escutou uma voz interior, que lhe dizia:

— Santo Deus! como tambem está velho! Quem poderia adivinhar n'elle, desprevenidamente, aquelle endiabrado rapaz da Palmeira?!

E ao sentarem-se á mesa do almoço, quando Lobo lhe dirigiu uma pergunta, Therezinha sentiu escaldar-lhe as faces um rubor honesto: era a recordação do beijo que elle lhe havia furtado.

— Ja sei que Vossa Senhoria é do Minho, e de Ponte do Lima. Mas não tem parentes em Santo Thyrso?

Therezinha estremeceu de commoção.

— Já não tenho parentes em parte nenhuma, disse ella, vencendo-se.

— E' que eu... conheci outr'ora varias familias d'essa terra, que é proxima da minha.

— Mas por que faz Vossa Mercê essa pergunta?

— Porque... tambem conheci lá uma pessoa, de quem a sr.ª D. Isabel me dá alguma idéa.

De novo se alvoroçou o coração de Therezinha.

— Não, disse ella, procurando atalhar o dialogo, e conter-se; não tenho parentes em parte nenhuma.

— Parece soffrer?

Therezinha sorriu e disse:

— Não soffro; sou velha. Digamos as coisas como ellas são.

— Sempre a pensar-se velha! exclamou D. Maria Engracia. Tem tido desgostos, que pesam ainda mais que a velhice.

— Desgostos? interrogou Antonio Lobo.

A certeza de não haver sido completamente esquecida e o gradual regresso á convivencia foram a pouco e pouco afinando a voz de Therezinha, restituindo-lhe alguma parcella da sua antiga melodia.

Comtudo já não era, e não fôra nunca mais, o mesmo gorgeio d'outr'ora: é que a voz humana tem tambem a sua primavera; o tempo desaninha do vergel de cada alma os rouxinoes que a mocidade inspirou.

No soffrimento e na velhice, ainda que seja prematura, a voz vai adquirindo lagrimas e perdendo canticos.

Mas Therezinha, readquirindo os habitos de convivencia, foi-se exercitando no trato social, que a educação lhe insinuára, e que um instincto senhoril favorecia.

Por isso respondeu a Antonio Lobo já com maior desembaraço:

— A minha amiga quer dizer que não póde ser alegre quem vive longe do mundo e já não tem familia. Mas agora, no meio de todas estas grandes festas de Lisboa, não se deve fallar das tristezas de cada um.

— Pois decerto, obtemperou o dr. Mattoso. E o caso é que temos hoje muito que vêr. Dizem-me que são deslumbrantes os carros e as figuras da casa dos vinte e quatro.

— Queira Deus que sejam melhores que os poetas! disse Antonio Lobo.

E esta phrase foi o ponto de partida de uma longa serie de chistosos ditos, em que Lobo, animando-se progressivamente, prodigalisou toda a scintillante mordacidade do seu espirito.

Mas sempre que tinha de se dirigir a Isabel Julia, o fazia com respeitosa deferencia e attenciosa compostura.

Evidentemente, aquella dama, ainda ha instantes desconhecida para elle, infundia-lhe um sentimento de veneração, que os cabellos brancos e os sulcos da face de Isabel Julia apparentemente justificavam.

A verdade é que Antonio Lobo achava na physionomia d'ella uma vaga recordação do passado, como que uma evocação muito longinqua e confusa da Therezinha de Villalva; e, mais talvez que na physionomia, no polido acanhamento, na modestia senhoril com que ella respondia a todas as perguntas.

— A mulher do Minho, pensava elle, quando não seja um anjo de innocencia, está muito longe de ser um demonio de astucia. Therezinha era uma alma simples, sincera e crédula; assim deve ser ainda, se acaso vive.

Mas esta recordação apenas o entristecera nos primeiros momentos; depois sentiu-se alegre, de uma alegria quasi doida, como se essa mesma recordação o tornasse subitamente feliz n'aquelle dia.

— Vossa Mercê está hoje divino! dizia-lhe o dr. Mattoso.

— Perdão! não queira Vossa Senhoria usurpar o vocabulario do padre Macedo.

— Direi então que está graciosissimo.

— E' que me subiu a estatua á cabeça. Deus queira que o peso do cavallo me não esmague a mioleira.

João Xavier, chegando n'esta occasião, ainda tomou parte no almoço; e contribuiu para estimular a graça picante de Antonio Lobo.

Rindo se levantaram da mesa. Isabel Julia não era por certo a menos contente d'aquellas cinco pessoas que almoçaram juntas na salêta da «Estalagem transtagana».

E' que ella repetia a si mesma, n'um delicioso encanto de saudade rediviva:

— Ainda se lembra de mim! Eu sou a pessoa que elle disse ter conhecido em Santo Thyrso.

O dr. Mattoso, habituado a ser obedecido na faina agricola da sua herdade, era quem dava as vozes de commando no respeitante ao horario de cada dia.

— Vamos para a rua, disse elle, que a sr.ª D. Maria Engracia e eu já não vêmos Lisboa ha muito tempo, e a sr.ª D. Isabel não a viu nunca. Os nossos poetas, se não teem destino certo, far-nos-hão o favor de servir-nos de guias. Ahi pela uma hora da tarde precisamos estar de plantão na Praça do Commercio, porque as festas principiam ás trez horas.

Antonio Lobo respondeu logo que podiam dispôr do seu prestimo de «cicerone».

D. Maria Engracia mostrou-se discretamente satisfeita com esta resposta; deante de Lobo não ultrapassava nunca as conveniencias que a sua idade lhe impunha. E Isabel Julia sentiu inundar-lhe a alma uma onda de intima felicidade, que os seus olhos traíram levemente n'um relampago de alegria.

Bem aproveitadas as horas, sob o commando do dr. Mattoso, viram, n'esse pouco tempo, o mais que foi possivel.

Lobo desempenhou-se pontualmente do seu papel de «cicerone» e, por um sentimento de conveniencia, que era n'elle excepcional, repartiu attenções e delicadezas entre D. Maria Engracia e Isabel Julia, sem maior deferencia para uma ou para outra.

N'aquelle dia não se enfadava de acompanhar damas, bem ao contrario do seu genio inquieto e insubmisso; parecia, sem que elle o pudesse explicar a si proprio, que a presença de Isabel Julia lhe aligeirava o encargo que voluntariamente assumira.

E mostrando um edificio, indicando uma rua, fazendo notar uma pessoa que passava, acudiam-lhe graciosas referencias, que tornavam suave a peregrinação de arruamento em arruamento.

— O marquez de Pombal, explicava elle ás duas senhoras, destinou cada rua da Baixa para determinado mister. Esta rua em que vamos passando agora, é a dos Sapateiros. Todas as artes e officios teem, pois, sua rua, menos os poetas, que n'esta prerogativa ficam abaixo dos sapateiros. E sabem por quê?

— Não sabemos.

— Porque em Lisboa são tantos os poetas, que não haveria rua onde pudessem caber todos.

Mais adeante dizia Antonio Lobo, indicando uma sege que passava:

— Aquelle sujeito que ali vae, dentro da sege, tem mandado para o céu milhares de almas.

— E' medico? perguntou o dr. Mattoso.

— Não, é inquisidor, mas desde que o marquez de Pombal saltou como raposa no gallinheiro do Santo Officio, ficou valendo menos cincoenta por cento.

Referia-se ao alvará e regimento de 1774 que, acabando com a odiosa omnipotencia da inquisição, a reduziram a ser apenas um tribunal regio.

— Como Vossa Mercê escapou da fogueira ou da polé, é que eu não sei! disse a meia voz o dr. Mattoso.

— E' verdade! Muitas vezes me deitei com medo de vir a ser carne assada no primeiro auto de fé.

— Creio que, ao menos por esta providencia, não deixará de applaudir o marquez.

— Eu sou o homem mais contradictorio d'este mundo. Aborreço o marquez — disse elle parando cautelosamente no meio do grupo — porque é um despota, e tenho de applaudil-o ás vezes; aborreço os frades e vivi excellentemente entre os padres cruzios da Palmeira, no Minho...

Isabel Julia atalhou a phrase, dizendo n'um impulso involuntario:

— Eram bons esses padres?

— Tão bons, que conservo d'esse tempo uma agradavel memoria. Os dias que passei entre elles foram os mais ditosos da minha vida.

O coração de Isabel Julia bateu desordenadamente, como o de uma avesinha que se visse de repente colhida na mão de uma creança estouvada.

— Um bom confessor, disse D. Maria Engracia, ironisando gravemente a phrase, ainda teria que notar outras contradicções nos peccados de Vossa Mercê.

— Pois se eu, minha senhora, sou o homem mais contradictorio d'este mundo!

A' uma hora da tarde, estavam de plantão no Terreiro do Paço, como o dr. Mattoso ordenára militarmente.

Ali passaram duas horas, que o bom humor de Antonio Lobo encurtou deleitosamente.

João Xavier havia-se escapado.

Lobo dissera quando deu pela falta d'elle:

— Foi na piugada d'alguma Filis ou Dircea. Ha de morrer com este sestro.

— Felizmente para nós, no dia de hoje, Vossa Mercê pensa de outro modo, replicou, com um leve toque de ironia amavel, D. Maria Engracia.

E Isabel Julia pensava, decerto, n'uma doce confidencia da sua alma:

— Tambem Antonio Lobo teve outr'ora uma Filis... Fui eu.

Cêrca das trez horas da tarde, uma estrondosa girandola de foguetes deu signal de que do Largo do Passeio Publico ia partir para a Praça do Commercio o prestito de carros triumphaes promovido pela casa dos vinte e quatro e pelo juiz do povo.

A multidão vozeou de contentamento, desabafando a sua justa impaciencia, pois que havia longas horas que esperava esse momento.

Ondas de povo quizeram forçar as embocaduras das ruas, que as sentinellas defendiam, porque na Praça do Commercio já não cabia mais ninguem.

Até sobre os telhados dos edificios das secretarias de estado havia espectadores.

O primeiro carro que desembocou da rua Augusta foi o que representava a America, guiado por duas figuras que symbolisavam a Generosidade e a Riqueza.

Este carro procurava dar uma apparatosa idéa da fauna e

da flora americanas. Dentro d'elle vinham dez musicos instrumentistas e dez dançarinos mascarados. Era acompanhado por um rancho de mulheres do Campo de Sant'Anná, que vestiam roupas azues e saias côr de rosa, genero pastoril, tudo agaloado de ouro; na cabeça coifas côr de rosa bordadas de prata e chapellinhos brancos redondos, com laços de fita pendentes.

Lobo commentou dizendo:

— A America vem á frente por ser costume que os pais, quando saiem á rua com a familia, se façam preceder pelos filhos mais novos.

Chegou em segundo logar o carro da «Africa», guiado pelas figuras do Temor e da Paz, e obedecendo a identica intenção de symbolismo geographico, com o mesmo recheio de musicos e dançarinos. Era acompanhado pelo rancho das mulheres da Ribeira do Peixe, que trajavam á hespanhola, de branco e preto, com mantilhas brancas agaloadas de ouro, roupinhas de lhama de prata, e coifas brancas bordadas a ouro.

— Que bicho tamanho é aquelle? perguntou Isabel Julia, indicando a pôpa d'este carro.

— E' um elephante, explicou Antonio Lobo.

— Existe ou é fabula?

— Existe, e é assim mesmo.

— Nunca tinha visto!

— Feliz de Vossa Senhoria, que para vêr grandes animaes teve de vir a Lisboa.

Seguia-se o carro da Asia, guiado pelas figuras da Sujeição e da Victoria.

A' prôa levava a figura de um camello.

— Este animal conhece-o Vossa Senhoria, disse jovialmente Antonio Lobo a Isabel Julia, porque existe tanto em Lisboa como na provincia.

— Pois nunca tinha visto nenhum!

— O' minha senhora! o que não falta n'este reino são camellos!

Em torno do carro agrupava-se a dança das hortelôas, que vestiam de verde com galões de ouro, coifas da mesma côr, tambem bordadas a ouro, bandas de flôres a tiracollo e ramalhetes nas mãos.

Vinha depois a figuração da Europa, guiada pela Gloria dos Principes e pela Honra.

Da pôpa d'este carro resaltava elegante, sobre um alto pedestal, a matrona Europa, trajada de vestes magestosas, corôa real na cabeça, nos hombros manto imperial: na mão direita um templo, na esquerda um sceptro.

— Ahi vem a mamã! commentou Antonio Lobo.

— A mamã de quem? perguntou D. Maria Engracia.

— De nós todos. Se não fosse tão enchicharrada, beijava-lhe agora a mão.

Este carro era acompanhado pela dança das collarejas, que vestiam saias azues e roupinhas côr de rosa, agaloadas de prata, coifas azues com lavores argenteos, e arcos de flôres nas mãos.

Isabel Julia pediu que lhe explicassem o que eram collarejas.

— São propriamente as mulheres de Collares, em Cintra, disse Antonio Lobo, mas dá-se este nome a todas as regatôas que vendem fructas e legumes.

Rapidamente, tomando um tom menos grave, Lobo voltou-se para o dr. Mattoso, perguntando-lhe:

— E agora, que se acabou o mundo, o que virá?

O dr. Mattoso consultou o programma, de que methodicamente se havia munido [1], e respondeu:

— Agora vem o carro de Apollo, depois o do Oceano, e por ultimo o de Portugal triumphante.

— Apollo, meu amo e senhor, lá vem elle! apostrophou Lobo.

E indicava o carro, em que o deus da poesia, sentado n'uma tripode e coroado de louros, vinha dominando outras figuras, de complicada fabulação, que o dr. Mattoso, lendo o programma, explicava em voz alta.

A côr predominante n'este carro era a verde.

— Ora vejam! disse Lobo. Para os poetas, o verde! A casa dos vinte e quatro conhece-os bem.

Riram-se as damas, e o dr. Mattoso, sempre preoccupado em seguir o programma, reprehendeu amavelmente:

— O' homem de Deus! até já me perdi!

— Estava eu no verde, replicou Lobo com fingida seriedade, e todos os meus collegas tambem. Por esta indicação poderá Vossa Senhoria orientar-se. Bem! vou calar-me.

Passou o carro do Oceano, com Têtis e quatro nymphas, um tritão, o Tejo, o Douro e um renque de janellas d'onde sahia, esvoaçando, um enxame de papeis com versos.

— Não posso dizer nada? perguntou Lobo.

— Não, senhor, respondeu o dr. Mattoso, sorrindo.

Finalmente, appareceu o carro de Portugal triumphante,

---

[1] Era a brochura intitulada «Narração dos applausos com que o juiz do povo e casa dos vinte e quatro festeja a felicissima inauguração da estatua equestre, etc.»

com uma vistosa representação das sciencias e artes liberaes personificadas em figuras de ricas e variegadas roupas.

Precediam este carro cincoenta comparsas que, passando sob o arco triumphal, se dividiram em duas alas e assim entraram na Praça.

Collocados todos os carros nos logares que o programma lhes designava, começaram a mover-se, por sua ordem, para ir fazer vénia á estatua, com suas danças e symphonias, coisa muito de vêr e ouvir.

Então toda a attenção dos espectadores se fixou nas evoluções choreographicas dos ranchos que bailavam deante do monumento, e tanto se aquietou a multidão, que distinctamente se percebiam os accordes, suaves e festivos, dos musicos instrumentistas.

Parecia que a brisa do Tejo trazia um concerto longinquo de vozes de sereias, com que os ouvidos se deliciavam n'um vago arroubo.

Os carros sahiram da Praça do Commercio pela mesma ordem por que tinham entrado.

Todo este espectaculo foi longo, mas imponente.

Isabel Julia dizia com ingenuidade:

— Nunca vi coisa tão linda, nem pensei que pudesse haver!

E o dr. Mattoso, commandando militarmente, ordenava:

— Agora, vamos merendar. Vossa Mercê, sr. Lobo, vem tambem comnosco. Eu já tenho muita fome.

Lobo gostou d'este convite, que o prendia mais ao grupo. A si proprio se estranhava pela paciencia com que ia aturando o sentido amoroso que intencionava, posto que discretamente, algumas phrases de D. Maria Engracia. Mas a companhia que mais lhe agradava no grupo era a d'essa adoravel creatura minhôta, ao mesmo passo tão grave e tão ingenua, que lhe infundia sympathia e respeito.

— Muito me faz esta Isabel Julia lembrar da Therezinha de Villalva! repetia elle a si proprio quando a ouvia fallar. Duas irmãs não seriam mais parecidas!

A's vezes a suspeita de que fosse realmente Therezinha penetrava no espirito de Antonio Lobo, alvoroçando-o. Na conversação, chegava a armar-lhe laços, que pudessem provocar uma revelação involuntaria.

Durante a merenda d'esse dia empregou elle o artificio de suscitar um assumpto que se prendia a recordações do passado na vida de ambos. Fallou dos costumes agricolas do Minho, especialmente das vindimas.

O olhar agudo de Antonio Lobo procurava surprehender a menor impressão na physionomia de Isabel Julia.

— Vossa Senhoria, dizia elle, ha de ter presenceado a folia das vindimas, e alguns episodios ternamente galantes que as animam.

— Nós já estamos tão costumados, respondeu ella serenamente, aos costumes do campo, que nem damos por elles.

— Mas ha um episodio, insistiu Lobo, que eu presenciei na Palmeira, e que me ficou sempre na lembrança.

— Qual?

— O de se encontrarem no cimo de uma arvore, durante a vindima, dois namorados, que procuram assim occasião propicia de trocar a occultas suspiros de amor.

Isabel Julia, cuja commoção era intensa ao ouvir esta recordação do passado, conseguiu sustentar a mascara da impassibilidade, respondendo:

— Pois confesso francamente que tenho sido até hoje das pessoas illudidas pelos namorados. Mas d'aqui por deante hei de reparar.

— Não é ella, concluiu Antonio Lobo, vendo inutilisados os seus engenhosos ardis.

E' que elle, durante os felizes tempos da Palmeira, não chegára a conhecer toda a fina tempera do caracter de Therezinha.

Depois da merenda, foram vêr a illuminação e o fogo de artificio na Praça do Commercio.

D. Maria Engracia sentia-se lisonjeada de que Lobo a acompanhasse de dia e de noite: a esperança renascia no seu coração.

O proprio Lobo continuava a estranhar-se:

— E' curioso! sinto-me agora bem ao pé d'esta gente! Melhor ainda do que no Alemtejo!

N'essa noite houve serenata na grande sala da alfandega, e em seguida baile.

Suas magestades e altezas assistiram apenas á serenata; el-rei, adoentado e melancolico, parecia constrangido sob o peso da sua propria apotheóse.

O marquez de Pombal, mais vigoroso e satisfeito do que el-rei, assistiu ao baile. De pé, firme n'uma attitude magestosa, observou attentamente, através da sua luneta, a primeira quadrilha em que o conde de Oeiras dançou com a embaixatriz de Hespanha.

Quando, na Praça do Commercio, Antonio Lobo viu passar as carruagens da familia real, que recolhia ao paço, ficou dizendo no grupo:

— Eu, se fosse el-rei, tambem fazia o mesmo, com a differença de que, tendo ouvido a musica de David Peres, em vez

de ir para casa, vinha para o meio do povo, onde se está muito bem.

— Então não tem pena de não assistir ao baile? perguntou D. Maria Engracia.

— Eu! Nenhuma. Dizem que na mesa da ceia ha um lago com todas as embarcações do Tejo em miniatura. Eu gostava de barquinhos quando era creança. Agora prefiro chegar ao caes e vêr os navios verdadeiros. Tambem dizem que não custará menos de cem mil cruzados a ceia. Pois que lhes faça muito bom proveito. Eu hoje merendei com Vossas Senhorias: portanto, dispenso os serviços de Braz Troiano.

Era o copeiro encarregado da ucharia que forneceu esta ceia colossal.

D. Maria Engracia ficou contente com a resposta de Lobo, e a esperança de o ter por marido creou mais uma raiz no seu coração anhelante.

Quinta feira, terceiro dia das festas, repetiu-se a exhibição dos carros e danças; e á noite a illuminação e o fogo de artificio na Praça do Commercio.

Sexta e sabbado continuou o grupo, sempre acompanhado por Antonio Lobo, a visitar a cidade.

No domingo, Isabel Julia disse á mesa do almoço:

— Peço a Vossas Senhorias que me façam ainda mais um obsequio.

— Qual? perguntaram todos ao mesmo tempo.

— O de me acompanharem ao escriptorio da carreira maritima do Porto, para eu me prevenir tomando logar.

— Como?! perguntou o dr. Mattoso.

— Já! exclamou Antonio Lobo.

— Não, minha boa Isabel, disse D. Maria Engracia, isso é que não póde ser. Por ora não te vais embora.

XXIV

Era ella!

Justamente na tarde d'esse domingo, 11 de junho de 1775, foi o tio do marquez de Olhão á «Estalagem transtagana» cumprimentar D. Maria Engracia.

Estavam merendando quando elle se fez annunciar.

— Valha-me Deus! exclamou a alemtejana. Este homem é tão violento, que sempre a sua visita me incommoda. O' Isabel, fazes o favor de me acompanhar á sala, para que elle se demore menos?

Isabel Julia levantou-se immediatamente e foi com D. Maria Engracia receber o fidalgo, que estava de physionomia carregada, e que mais sombrio ficou ainda quando viu que a viuva Bellem se fizera acompanhar por uma pessoa para elle desconhecida.

Após um breve prefacio de cortezia pouco serena, em que o visitante explicou que não quizera incommodar D. Maria Engracia durante os trez dias de festejos roubando-lhe tempo, esta mesma phrase lhe serviu para entrar logo na materia das suas mallogradas pretensões.

— Tanto mais, disse elle, que Vossa Senhoria tem andado acompanhada por uma especie de D. Quichote de la Mancha, que maneja a lyra em vez da durindana, mas que não é por isso menos irrisorio.

D. Maria Engracia fez-se muito pallida; Isabel Julia estremeceu de indignação.

A viuva Bellem quiz cortar a verrina do truculento fidalgo, e disse:

— Não sei que mal fez a Vossa Senhoria o meu bom visinho, dr. Alho Mattoso!

— Minha senhora! não esteja a querer illudir-me. Bem sabe que me refiro a esse valdevinos chamado Antonio Lobo, que não tem onde cahir morto, nem familia que o recommende, e que anda explorando a sua companhia inconvenientemente.

Isabel Julia levantou-se da cadeira, ficou a olhar, indecisa, para o fidalgo durante um momento, e disse por fim:

— Peço licença a Vossa Senhoria para lhe dizer que o senhor Antonio Lobo nos tem prestado, a nosso pedido, o serviço de mostrar-nos a cidade, que eu, principalmente, não conhecia. Elle, pois, é que nos tem obsequiado acompanhando-nos.

O fidalgo voltou-se, muito assomado, para D. Maria Engracia e replicou:

— Vossa Senhoria apenas me disse o nome e não a qualidade d'esta dama, que tão habilmente procurou associar como cumplice nos seus amores com o astuto Lobo.

Isabel Julia aprumou-se altivamente, tirou pelo braço da viuva Bellem, e retorquiu:

— Eu não posso demorar-me aqui. Não sei se queres ficar; mas decerto não consentirás que eu torne a ser desfeiteada por este senhor.

D. Maria Engracia levantou-se tambem. E Isabel Julia, tirando-lhe insistentemente pelo braço, levou-a para fóra da sala.

O fidalgo, apopletico, repetia em voz alta: «Por este senhor! Que grande atrevida! tratar-me por este senhor!»

O dr. Mattoso e Antonio Lobo, quando viram as duas senhoras voltar tão depressa á salêta onde elles continuavam merendando tranquillamente, exclamaram:

— Então já?!

D. Maria Engracia, excessivamente perturbada, explicou o que se tinha passado, attenuando, porém, o sentido irritante das referencias que o fidalgo fizera a Antonio Lobo.

— A Isabel, disse ella, que tem muito mais coragem do que eu, cortou ás minhas hesitações com uma altivez digna de uma rainha.

E, n'uma effusão de agradecida amizade, abraçou-a e beijou-a muitas vezes.

Isabel Julia desculpava-se sorrindo:

— Eu sou do Minho e não sei nada da cortezia que se usa na côrte. Talvez fizesse mal, mas fiz o que teria feito na minha

terra deante de um homem insolente. Desculpem-me por quem são...

O dr. Mattoso atalhou-a, dizendo:

— A sr.ª D. Maria Engracia precisava ter sempre ao seu lado esta dama. Se assim fosse, não tornaria a soffrer as importunações de tão violento sujeito.

E Antonio Lobo, que de mais havia comprehendido tudo o que se passára, disse com exaltação:

— Esse homem ha de pagar-me a insolencia com que se portou deante de duas damas. Temos tempo de ajustar contas. Não perde pela demora.

— Peço perdão! interrompeu Isabel Julia, procurando calmar o espirito de Antonio Lobo. Elle, por agora, já foi bem ensinado, como se diz na minha terra.

— A Vossa Senhoria, tornou Lobo, mais sereno, apresento os meus agradecimentos, pois que claramente entendo que tomou a minha defesa.

— Sim... eu sou muito grata aos favores de Vossa Mercê, e certamente não consentiria que ninguem o desacreditasse na minha presença; mas sou muito grata tambem á Maria Engracia, que pelas suas bellas qualidades merece que ninguem lhe falte ao respeito. Se eu fosse homem, acrescentou intencionalmente, seria o primeiro a estimal-a, poupando-lhe o menor desgosto.

Antonio Lobo entendeu de sobra esta cortez allusão. E Maria Engracia de novo abraçou e beijou Isabel Julia, ainda com maior enternecimento.

Pouco tempo depois, na ausencia das duas damas, dizia o dr. Mattoso a Antonio Lobo:

— Esta D. Isabel Julia é mulher para fazer a felicidade de um marido.

Lobo, a quem tão inesperada opinião contrariou vagamente, replicou sorrindo:

— Vejo que o celibato de Vossa Senhoria está um pouco abalado!

— E' a minha razão que falla. Pois não lhe parece tambem isto? Completa mulher, não ha duvida!

— Altamente estimavel, é certo.

— Digo-lhe mais, meu caro Lobo, se D. Maria Engracia a tivesse por companheira, Vossa Mercê acabaria por ser o proprietario da Gandra.

— Isso agora é ir um pouco longe!...

— Não é. D. Isabel saberia preparar suavemente os acontecimentos.

— Casar eu!

— Tem-se visto coisas mais espantosas.

Lobo, sorrindo, baixou a voz e disse:

— Resolvido a casar, preferia Isabel.

— Tambem eu... respondeu o dr. Mattoso, sorrindo por sua vez.

Isabel Julia consentiu em ficar mais algum tempo na capital: custava-lhe, apesar de saudosa da sua terra, abandonar o paraiso que a Providencia lhe entremostrára como justa compensação do muito que tinha soffrido.

Posto que incompleta, a sua felicidade era já muito maior do que ella poderia haver sonhado.

D. Maria Engracia quiz que passassem o Santo Antonio em Lisboa.

— E' a maior festa da cidade, reforçava Lobo. Fazem bem em querer vêl-a.

— Ha descantes e fogueiras? perguntou Isabel Julia.

— Lisboa endoidece de alegria n'essa noite, explicava o poeta. Ha descantes, fogueiras, luminarias e bailaricos.

— Na minha terra é pelo S. João que se faz tudo isso. Gosto tanto da noite de S. João na minha terra! Sinto-me quasi sempre triste n'essa noite, e comtudo gosto muito de que ella chegue.

— Sim, respondia Lobo, é deliciosa a noite de S. João no Minho. Algumas vezes me tem lembrado tambem com saudade. Mas Lisboa festeja mais Santo Antonio do que S. João, pelo motivo, aliás justo, de Santo Antonio ser lisboeta. Bom tempo, em que nasciam santos em Lisboa! Já não ha d'isso.

— Proponha-se Vossa Mercê a seguir o exemplo de Santo Antonio, replicou Isabel Julia, sorrindo.

— Elle! exclamou o dr. Mattoso. Elle só era capaz de imitar Santo Antonio n'uma coisa.

— Qual? perguntou Lobo.

— Quebrar as bilhas ás raparigas na fonte.

— Estou velho para quebrar bilhas.

— Como são de barro... não custam muito a quebrar, replicou ironicamente o dr. Mattoso.

— Se forem de barro, disse Isabel Julia, não vale a pena quebral-as.

— E' que Vossa Senhoria, tornou o doutor, acha que todos os corações são de ouro, como o seu.

— E é verdade! concordou D. Maria Engracia.

N'aquelle tempo, as festas populares de Santo Antonio não estavam localisadas n'um unico bairro ou arruamento. A Praça da Figueira, onde hoje principalmente se concentram, não existia ainda; fôra só em novembro d'esse anno que el-rei D. José concedeu ao senado da camara o terreno necessario para a edi-

ficação de um amplo mercado, no sitio onde estivera o Hospital de Todos os Santos. As danças e descantes do povo, as luminarias e fogueiras, os fogos de artificio, o chiar das gaitas-de-folles, espalhavam-se por toda a cidade, mas adquiriam maior animação nos mercados da Ribeira Velha e do Rocio, constituidos por cabanas ou barracas portateis, e junto ás ruinas da Real Casa de Santo Antonio, que o terremoto derrubára, e onde uma provisoria construcção de madeira permittia que se celebrassem os actos religiosos em honra da imagem do Thaumaturgo, prodigiosamente salva da tremenda catastrophe.

A' beira do Tejo tambem ardiam fogueiras, na linha dos caes, espelhando na corrente do rio, como grandes manchas de sangue, os seus rubros clarões.

Nas lojas de commercio e na fachada de muitos predios improvisavam-se nichos ou thronos, que resplandeciam de lumes e flôres, entre as quaes, principalmente, os lindos cravos de Lisboa, tão vivos e mimosos nas suas côres variegadas.

A estes nichos ou thronos correspondiam outros tantos arraiaes, onde a dança pulava, e o canto popular parecia voar ás estrellas confundindo o amor com a devoção.

D. Maria Engracia, Isabel Julia, o dr. Mattoso e Antonio Lobo andaram percorrendo a cidade, de arraial em arraial, e, pelo que respeita a Isabel Julia, todos os seus trez companheiros a estranharam n'essa noite de festa.

Achavam-n'a mais triste e concentrada.

Realmente, assim era. Uma vaga saudade da sua terra, da sua pequena aldeia de Villalva, parecia constrangel-a no meio da vasta cidade, que sorria em jubilo n'essa noite á luz das fogueiras e ao som dos descantes populares.

Na noite de S. João, em Villalva, a lembrança de Antonio Lobo costumava assaltal-a doloridamente na solidão da sua alma, em quanto as raparigas cantavam e bailavam á roda das fogueiras chammejantes.

Agora, em Lisboa, na noite festiva e ruidosa do Thaumaturgo, Therezinha estava ao pé de Antonio Lobo, ouvia a sua voz, lia a expressão do seu olhar, comprehendia o que se passava na sua alma, porque tinha a certeza de que não era para ser agradavel a D. Maria Engracia que elle acompanhava o grupo; nem podia duvidar de que a recordação do passado estivesse ainda viva no seu coração; e comtudo a saudade de Villalva, n'uma noite de festa, embora triste para ella, parecia chamal-a de longe como um ecco choroso, que viesse carpindo-se pelo ar á distancia de muitas leguas.

Fez tenção de partir para que na noite de S. João pudesse estar em Santo Thyrso; queria tornar a ouvir a voz das rapa-

rigas cantando, e as risadas com que ellas, felizes e contentes, a entristeciam tanto.

Algumas palavras de D. Maria Engracia tiveram, porém, a força bastante para fazel-a mudar de opinião.

Isabel Julia perguntára-lhe:

— No Alemtejo é tambem alegre esta noite?

— Não tanto como em Lisboa, respondeu a viuva Bellem. O canto alemtejano tem menos vida e animação; dizem que os mouros o fizeram triste. Mas tambem ha descantes e fogueiras na minha freguezia de Villalva.

— Como?! Como se chama a tua freguezia?!

— Villalva.

Arrependida d'este involuntario movimento de surpreza, que Antonio Lobo não presenceára felizmente, Therezinha procurou dominar-se, dizendo:

— E' curioso! No Minho tambem tenho ouvido fallar em qualquer freguezia de Villalva.

— E' que os nomes das terras se repetem como os das pessoas.

— Achas bonita a tua terra?

— Estou habituada a viver n'ella. E queres que te diga? Custar-me-hia trocal-a por Lisboa.

— Tambem eu.

— Mas tu tinhas um meio muito facil, e que a mim me daria muito prazer, de ficares sabendo ao certo se a minha Villalva é bonita ou feia.

— Então?

— Indo passar comigo uns dias no Alemtejo. Nunca viste a nossa provincia, e olha que não é para despresar. O Lobo, que tambem é muito affeiçoado ao vosso Minho, gostou de a vêr, segundo disse.

— E de Villalva gostaria tambem?

— Parece que sim.

— Seria talvez das commodidades e obsequios que encontrou na tua casa.

— Não. Dizia-se agradado da terra. Vou perguntar-lh'o deante de ti.

— Não; não quero. O que ha de elle dizer, na tua presença, senão que a terra lhe agradou muito?

— Tens razão. E tu o que dizes á minha lembrança?

— Digo que...

D. Maria Engracia atalhou affectuosamente:

— Dizes que sim. Seja, embora, por poucos dias.

— Quantos?

— Quinze, vinte, um mez.

— Ah! isso não póde ser. E' muito. Eu não sou grande proprietaria como tu, mas tambem não posso abandonar a minha casa por tanto tempo.

— A questão é que vás comigo; o mais resolverás depois.

— Pois sim... quatro ou cinco dias, apenas.

— Tão pouco! Olha que nem vale a pena. Tu não sabes como são fatigantes e longas as jornadas nos caminhos e carrêtas do Alemtejo.

— Não importa. Eu estou habituada á falta de commodidades na provincia.

— Agora vais comnosco. A' volta faço-te acompanhar pelos meus criados.

Therezinha sorriu.

— Eu não tenho medo, disse ella. Fui creada no campo.

— Sabes lá o que é a charneca?! Só, não vens tu; Deus te livre! Mando comtigo a minha Gertrudes, que é uma criada antiga, da maior confiança; e dois criados, pelo menos.

— Oh! que estado maior! Nem o marquez de Pombal, outro dia, quando se inaugurou a estatua!

— Tudo será preciso desde o Alemtejo até Lisboa. E, se quizeres, mando-os seguir comtigo para o Minho

— Credo! Não é preciso. Eu vim sósinha, e não me aconteceu mal nenhum.

— Pois então está dito. Dás-me n'isso o maior prazer. Decerto não tornaremos a vêr-nos mais...

— Sim, decerto; se não quizeres ir passar uns dias comigo n'uma choupana, abrigo de uma pobre minhôta como eu.

— Esqueces-te de que sou mais velha do que tu. Posso lá fazer uma jornada d'essas!

— Depois, mais tarde, quando tiveres marido que te acompanhe.

— Marido! Quem? o Lobo?

— Sim, o Lobo, por que não? Que melhor podia elle desejar? Tu és uma bella alma, Maria Engracia.

— O Lobo, bem vês, não tem genio para casado. Quer ser livre. Está habituado a esta vida perdida de Lisboa. Queres que te diga? E' um desgraçado.

— Infeliz d'elle! Tens razão.

— Mas é o seu feitio. De mais a mais sou uma velha.

— E elle já não é nenhum rapaz.

— Poderia proporcionar-lhe, isso sim, alguns meios de subsistencia. E tinha gosto em o fazer. Não prejudicava ninguem. Não tenho herdeiros forçados. Era talvez uma tolice como qualquer outra. Mas dizem que duas vezes somos creanças.

— Creança no pensar, é elle, em não ter acceitado ainda a

felicidade que tu lhe offereces tão generosamente. Se eu o pudesse aconselhar...

— Pois tu farias isso?

— Farei, se tiver occasião. Talvez tenha no Alemtejo, se elle, a pedido do dr. Mattoso, quizer acompanhar-nos. Digo-te mais, Maria Engracia. Imagina tu que eu gostava d'elle...

— Seria bem natural.

— Pois seria. Mas ainda assim eu o aconselharia a casar comtigo, porque já conheço bem o teu coração, e porque eu nunca poderia offerecer-lhe as mesmas vantagens que tu. Sou pobre, e tu és rica. E eu, n'esse caso, desejaria que elle morresse melhor do que parece ter vivido sempre.

— E's um anjo, Isabel! Cada vez admiro mais o teu nobre caracter.

Maria Engracia abraçou e beijou Therezinha com ternissima cordealidade.

— Deixa vêr se o dr. Mattoso, disse Therezinha, o resolve a ir comnosco.

— Talvez vá, se tu lhe pedires.

— Eu!

— Tu, sim. Elle trata-te com muita estima e respeito. E isso me tem contentado, porque vejo que faz justiça ás tuas boas qualidades.

— E' que elle não parece mau...

— Sim, cuido que tem bom coração; o genio é que é arrebatado.

— Má cabeça. Mas talvez que tu conseguisses guial-o melhor na vida socegada do Alemtejo.

— Era a minha esperança.

— Pois não tem elle andado tão socegado estes dias?

— Tem, sim.

— Vês? Empurral-o para esse caminho seria prestar-lhe um grande serviço. O que ha de ser a velhice d'elle, sem meios, sem familia, sem o carinho de ninguem?

— E' verdade!

— Que eu tambem não tenho familia. Estou quasi como elle. Menos pobre, graças a Deus.

— Não tens familia, porque não queres.

— Como assim?

— O dr. Mattoso faz-te muitos elogios. Tenho a certeza de que casaria comtigo, se tu quizesses.

— Ah! Maria Engracia, não digas isso. Eu não casarei nunca.

— A's vezes não te comprehendo! Amas um homem, não casas com elle, não casas com nenhum outro, e nem sequer procuras vêl-o!

— Isso é que tu não sabes, minha querida amiga.

— Já o viste?

— Talvez...

— E elle viu-te?

— Se viu, não me reconheceu.

— Não se fallaram?

— Fomos como duas pessoas que nunca nos tivessemos amado... tanto.

— Mas isso é triste.

— Se não póde ser d'outro modo...

— E não me disseste nada!

— Tens razão. Pesa na minha consciencia esse remorso. Perdoa-me. Mas as condições em que o vi não me deixavam proceder d'outra maneira. E' um segredo da minha alma, um segredo que tem vivido sempre comigo, e que comigo ha de ir para a sepultura. A ti, Maria Engracia, disse o mais que podia dizer, acredita.

— Seja como fôr. Embora nem sempre te comprehenda, porque tens um genio muito differente do meu, admiro-te e amo-te.

No dia 14 de junho, pela manhã, partiram para o Alemtejo... todos quatro.

Isabel Julia obedecera n'essa jornada á suggestão da palavra — Villalva. Era uma coincidencia que ella tomou como um designio do seu destino. Lobo ia attraído, inconscientemente, pela grata sensação que lhe dava a presença de Isabel Julia. Maria Engracia julgava-se feliz pela companhia de Antonio Lobo, e o dr. Mattoso principiava a sentir um subtil encanto na convivencia de Isabel Julia.

Através do Alemtejo, o tom alegre da conversação, principalmente animada por Antonio Lobo e pelo dr. Mattoso, agora mais fallador e communicativo, não pôde attenuar no espirito de Isabel Julia a severa impressão que lhe davam os montados tristes, a charneca immensa, os «montes» solitarios.

— Então que dizes á nossa provincia? perguntou-lhe D. Maria Engracia.

— Acharás natural, certamente, que eu goste mais do Minho.

— Isso decerto, observava o dr. Mattoso, porque é a sua terra. Mas não se póde julgar apenas pelas apparencias. Olhe que no interior do Alemtejo ha muito que apreciar. Isto é como certas pessoas, de physionomia carregada, mas de brando coração.

E Antonio Lobo, mais perscrutador, perguntava:

— Eu, que tambem sou minhôto, gostava de lhe ouvir dizer qual é a maior differença que nota entre as duas provincias.

— Não sei bem, respondia com timidez Isabel Julia. Parece-me que no Minho a gente está menos só; que a vida é mais conchegada. Tenho pena de não saber dizer o que sinto... Mas lá, acho eu, as arvores aproximam-se mais do nosso coração; juntam-se comnosco; tudo parece estar mais perto de nós.

— Ha mais vida, dizia Antonio Lobo, auxiliando a expressão timida de Isabel Julia. Ouve-se a cada momento cantar a alma da terra. E o arvoredo, effectivamente, parece ter braços, que nos enleiam fraternalmente.

— Isso mesmo! applaudia Isabel Julia. E' tal e qual o que eu sinto; mas não sei dizel-o assim.

O que é certo é que a primeira impressão que Isabel Julia recebeu, ao entrar no Alemtejo, não foi desvanecida na Gandra, onde aliás observou com interesse os trabalhos da vida agricola, os aspectos do campo, os processos da lavoira.

N'este ponto, mais entendida do que Antonio Lobo, fazia perguntas, comparava, emittia opinião.

A respeito de Villalva dizia a si propria:

— A minha terra é um jardimsinho. Esta não é de todo feia; mas póde lá comparar-se!

E apertava com ella a saudade, uma dôce saudade muito penetrante, que lhe avivava recordações do passado, como se todas não fossem inspiradas por uma pessoa que estava ali presente...

A's vezes a saudade é como o ecco; sôa muito longe da voz que o provocou.

Foi com sacrificio que Isabel Julia annuiu a passar na Gandra a noite de S. João, para no dia seguinte partir; pela primeira vez deixou de ouvir, n'aquella noite, as canções da sua terra.

— Mas, cogitava ella, estando eu ao pé de Antonio Lobo, que razão terei para sentir-me tão triste como lá? Pois não era n'elle que eu pensava, n'elle, unicamente? Vejo-o agora perto de mim, e decerto o não verei mais. Hei de sentir-me alegre por força...

E o caso é que não sentiu.

Os festejos e tradições da noite de S. João no Alemtejo não lhe causaram estranheza; vaga melancolia, sim. Ouviu algumas das trovas do Minho, e encontrou quasi as mesmas superstições: o ovo partido, os papelinhos, a herva benta. Apenas desconhecia o vaticinio da alcachofra, o costume, tão arreigado no sul, de cortar esta flôr, passal-a pela chamma da fogueira e pôl-a depois ao relento toda a noite, para vêr se reflorescе na manhã seguinte.

— Admira não termos lá esta crença! dizia Isabel Julia.

Não faltam cardos no Minho, e isto que chamam alcachofra é a flôr do cardo.

— Do cardo de coalho, explicava o dr. Mattoso. Tambem lhe chamamos «cardo de dencas» ou «penqueira».

— Pelo amor de Deus! galhofava Antonio Lobo. Esse nome tira toda a poesia á superstição.

— Mas então, perguntava Isabel Julia, se a alcachofra estiver reflorida pela manhã, o que significa?

— E' signal de casamento.

— E se não estiver?

— Ficará solteira a pessoa que a consultou.

O dr. Mattoso propoz que todos quatro fizessem a experiencia da alcachofra.

Isabel Julia percebeu-lhe a intenção.

Um dos motivos por que ella queria deixar a Gandra, apezar das instancias que faziam para que se demorasse, era a galanteria que principiava a transparecer nas palavras do dr. Mattoso.

A idéa de que elle chegasse a declarar-se francamente, assustava-a.

— Por minha parte, disse Isabel Julia, não é precisa a experiencia; quer á alcachofra reverdeça, quer não, ficarei solteira toda a vida.

Mas o dr. Mattoso insistiu no alvitre, e quatro alcachofras foram queimadas na fogueira.

Rapazes e raparigas cantavam em côro ao som da viola:

Não sei que tem o Baptista
No dia em que quer nascer,
Que, sejam velhos ou moços,
Tudo faz endoidecer.

Ora viva
E ora viva!
Viva o Baptista, e viva!
Viva o Baptista, e viva!

Foi ao som dos cantos populares que Isabel Julia disse em confidencia a Antonio Lobo:

— Muito estimaria vir a saber que Vossa Mercê tinha desposado Maria Engracia.

— Olhe que não é hoje a noite de S. Gonçalo, respondeu elle; mas de S. João.

— Vossa Mercê está brincando. Eu é que não estou. Maria Engracia merece encontrar um homem que a estime; não sei que haja melhor coração. E' boa, é rica, poderia fazer feliz

Vossa Mercê. Depois vem a velhice, vem a doença... E' triste não ter ninguem no mundo. Não leva decerto a mal que lhe faça este pedido: seja bom para si e para ella.

Antonio Lobo demorou em Isabel Julia um olhar enternecido.

Depois, sorriu, e disse:

— Tudo isso é verdade, minha senhora, mas, pelo que me respeita, faça Vossa Senhoria de conta que mais uma alcachofra deixou de reflorir.

— Tenho pena. . disse Isabel Julia, affastando-se.

Os seus olhos estavam inundados de lagrimas, e o seu coração arfava vertiginosamente.

As fogueiras crepitavam levantando no ar um turbilhão de faulhas, que faziam lembrar borboletas de oiro revoluteando doidas.

O rosmaninho e o alecrim, ardendo, perfumavam de agrestes aromas o ambiente da herdade.

Uma voz de homem cantava provocante de galanteria campestre:

Que é das moças d'esta terra
Que não as posso encontrar?
Certo é que ellas não querem
O Baptista festejar!

— Os versos do Minho, disse o dr. Mattoso a Isabel Julia, hão de ser de pé-quebrado como estes.

— De versos, respondeu ella, não entendo nada.

— E, comtudo, interveio Lobo, certamente que Vossa Senhoria os ouviria algumas vezes em sua honra. O Minho é terra de poetas. Em Ponte do Lima nasceram dois, e dos melhores: Diogo Bernardes e seu irmão Agostinho da Cruz. De certo, façamos essa justiça ao Minho, já algum poeta prestou homenagem a Vossa Senhoria. Diga se não é verdade...

Isabel Julia sorriu maguadamente.

— Esse sorriso, continuou Lobo, envolve uma affirmação e uma saudade.

— Sim... respondeu Isabel Julia, commovida; fizeram-me uns versos, mas ha já muitos annos.

— Seria indiscreção pedir-lhe que m'os dissesse?

— Se me lembrarem...

— Versos d'esses não se perdem da memoria.

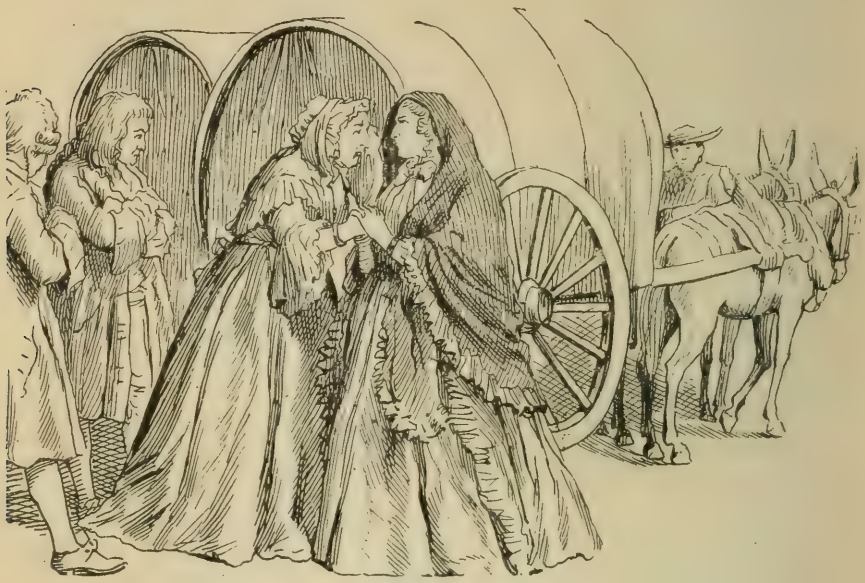
— Pois, quando me lembrarem bem, far-lhe-hei a vontade.

— Eu, disse Maria Engracia, se tivesse nascido poeta, tambem havia de te cantar, minha pomba sem fel.

O dr. Mattoso observou:

— Ha, principalmente, uma poesia do coração: é a sinceridade.

— Mas os taes versos tambem eram sinceros, respondeu Isabel Julia, com vivacidade impetuosa.



Ao partir da Gandra

No dia seguinte, logo pela manhã cedo, apparelharam-se duas carrêtas para a jornada.

Pendiam ainda, dos ramos das arvores, as ultimas gottas do bemdito orvalho da noite de S. João, que os primeiros raios de sol faziam brilhar como fulgidos diamantes.

Uma das carrêtas devia conduzir Isabel Julia e a criada Gertrudes; a outra transportaria mais dois criados da Gandra, comitiva para o caminho.

— Bem me custa que vás, dizia, chorosa, Maria Engracia; e logo no dia de hoje, que é de tamanha festa em todo o mundo, até na Moirama! Mas tu queres por força... Sósinha é que de modo nenhum te deixaria ir.

A manhã foi desabrochando clara e alegre. Mas os corações estavam tristes, oppressos.

— E as nossas alcachofras?! lembrou o dr. Mattoso.

— E' verdade!

— Vamos vêl-as.

Nenhuma das quatro havia reflorido.

— Penso que fallaram verdade, disse sentenciosamente o doutor.

E Isabel Julia, cortando este incidente, começou a fazer as suas despedidas.

D. Maria Engracia chorava. O dr. Mattoso enrolava uma folha verde entre os dedos. Antonio Lobo tinha um olhar vago, que parecia perder-se na immensidade do céu e da terra.

Isabel Julia enxugou duas lagrimas e, no momento em que ia subir á carrêta, disse, sorrindo com esforço:

— E' verdade, sr. Lobo! Lembraram-me os versos. Sempre os quer ouvir? São estes:

Se te esqueci? Esquecer-te! Jámais.
Amo-te e fujo; fujo e amo-te mais.

Rapidamente entrou á carreta, soluçando n'um estrangulamento de commoção:

— Adeus! adeus!

Antonio Lobo, como fulminado de assombro, ouvia resoar dentro da sua alma aturdida uma voz que lhe dizia em segredo:

— Era ella!

Epilogo

Antonio Lobo de Carvalho soffreu n'aquelle dia um profundo abalo moral, que não conseguiu modificar completamente o seu genio mordaz e irritavel, mas que algum tanto o attenuou, avivando-lhe sentimentos nobilitadores da natureza humana.

Conservou, é certo, ruins paixões, taes foram aquellas que o levaram a não deixar de perseguir o padre Manuel de Macedo, a aggravar o marquez de Pombal na desgraça, e a brigar frequentes vezes com o tio do marquez de Olhão, a quem, como sabemos, tinha jurado vingança.

Mas, pelo que respeita a este ultimo, havia no odio de Antonio Lobo alguma coisa que podia desculpal-o: era o resentimento de haver o fidalgo offendido Therezinha na presença de D. Maria Engracia, e por causa d'ella.

João Bernardo da Rocha escreveu no «Portuguez» (tomo x, pag. 356) que Antonio Lobo fôra mandado matar aleivosamente pelo tio do marquez de Olhão, em desaffronta de um soneto cruelmente aggressivo.

Illibemos, a este respeito, a memoria do fidalgo.

Innocencio Francisco da Silva, no 1.º tomo do supplemento ao «Diccionario bibliographico», lembra que José Maria da Costa e Silva attribue o referido soneto ao «Camões do Rocio», e que, sendo d'elle, mal se comprehende que Antonio Lobo pudesse vir a soffrer por um delicto que outro havia praticado cincoenta annos antes.

Acrescenta que a pessoa visada no soneto era o marquez monteiro-mór, em 1735, isto é, na infancia de Antonio Lobo.

Camillo Castello Branco acceita como bons estes reparos, dizendo: «... o sr. Innocencio Francisco da Silva, posto que não decida qual haja sido a morte do poeta, com justificados motivos desabona a affirmativa de João Bernardo da Rocha». [1]

E' até provavel que o fidalgo, sendo mais velho que Antonio Lobo, morresse primeiro.

Mas não ha duvida que ficou accêso o odio entre os dois desde a violenta occorrencia na «Estalagem transtagana», odio que se desmandou em repetidos conflictos, incluindo vias de facto.

Quanto ao padre Manuel de Macedo, nunca mais Antonio Lobo o deixou em paz.

Bastará dar um exemplo.

Depois do marquez de Pombal ter sido desterrado, aconteceu ir Macedo prégar na egreja de Santa Joanna em acção de graças pelas melhoras de certo fidalgo: n'esse sermão, o orador abateu os meritos e serviços do marquez, que n'outras occasiões havia louvado servilmente.

Lobo cahiu-lhe logo em cima com um soneto causticante:

Hontem n'essa cadeira da verdade,
Por maior dos heroes o conheceste,
E no mesmo logar hoje o fizeste
O monstro mais cruel d'iniquidade!

Explica-nos emfim por piedade,
Já que tanto o exaltaste, e o abateste,
Se é mentira o que então nos propuzeste,
Ou o que essa oração nos persuade.

Se foi mau, porque teve então louvores?
E se é bom, por que é monstro, e causa medo?
Eu não posso entender taes oradores!

Para mudar o ser é muito cedo:
Hontem tudo era luz, tudo hoje horrores.
Mas, emfim, são discursos do Macedo!

Antonio Lobo apenas queria ferir o padre, e não desaggravar o marquez, que até na decadencia continuou a flagellar.

---

[1] Curso de litteratura, pag. 343.

Haja vista este soneto, aliás um dos menos duros entre os que appareceram sobre a destituição e exilio do marquez de Pombal:

Erarios, casamentos, jesuitas,
Fidalgos, jacobeos, o novo plano,
Fabricas de chapéus, peças de panno,
E almas tambem no purgatorio afflictas:

Guapos jardins, cascatas esquisitas,
E os toneis, que o Mansilha [1] encheu ha um anno,
Tudo são obras do marquez paisano,
Umas famosas, outras inauditas.

Muitos por honra, e todos com inveja
Lhe beijaram a mão de gral pesada,
Como se fôra um copo de cerveja:

Mas elle, emfim, morreu, sem ser á espada;
Que um boi dos grandes, por feroz que seja,
Recolhido ao touril já não faz nada.

Em 1782, quando a morte veiu pôr termo ao exilio do marquez de Pombal, Antonio Lobo parece hesitar na animadversão com que até ahi o julgára, dizendo:

Se elle foi bom, ou mau, não o disputo,
Que isto toca a mais alta jerarchia.

Mas insiste na aggressão ao padre Macedo, a proposito do fallecimento do marquez:

Restam hoje as exequias d'esta morte;
E para prégar n'ellas o Macedo,
Que está prompto a mentir de toda a sorte.

A influencia benefica exercida nos costumes de Lobo pelo abalo que lhe causou a presença de Therezinha, manifestou-se, principalmente, n'uma revivescencia de sentimentos religiosos, e no carinho suave com que lhe escrevia frequentes cartas para Villalva, acceitando d'ella o appello á justiça divina, que recompensaria a ambos, reunindo-os talvez, n'um mundo de eterna paz e bemaventurança, além da sepultura.

---

[1] Frei João de Mansilha, provincial da ordem de S. Domingos, procurador em Lisboa da Companhia de Vinhos do Alto Douro, e grande amigo do marquez de Pombal.

Isto, no coração de Therezinha, que uma fé sincera e calma tinha avigorado sempre, era um presentimento de morte proxima.

Assim veiu a acontecer, porque aquella que fôra outr'ora a linda camponeza de Villalva, falleceu dois annos depois, ao cabo de trez dias de resignado soffrimento.

Morreu pelo coração, exhausto de haver praticado heroicos esforços de coragem.

Nas suas disposições testamentarias, deixou a Antonio Lobo quanto possuia, «para que ao menos na morte pudesse elle ter o socego, que lhe faltára em vida, e que prepara a alma, pela conformidade, para a viagem eterna».

Assim se explica, como diz o prefacio ás «Poesias» de Lobo, que o poeta, na hora da morte, tivesse alguns bens para legar, e que fosse seu testamenteiro um Manuel Jacinto de Oliveira, caixeiro de commercio, morador na freguezia de S. Julião.

Antonio Lobo de Carvalho morreu christãmente, recebendo os sacramentos da Egreja.

Dir-se-hia que a alma de Therezinha velava por elle d'além da campa, pedindo a Deus o perdão de todos os erros de uma vida malbaratada em desatinos e loucuras.

Lobo expirou a 26 de outubro de 1787, com pouco menos de sessenta annos de idade, na sua agua-furtada, onde muitos annos viveu, da famosa rua da Madragôa, que hoje se chama de Vicente Borga.

No dia seguinte foi sepultado na egreja do convento de Jesus, actualmente parochial das Mercês.

FIM

ERRATAS

Paginas		Linhas		Onde se lê		Deve ler-se
57	—	7	—	obtemporou	—	obtemperou
89	—	20	—	exisse	—	exigisse
96	—	39	—	mu	—	um
105	—	38	—	Amal-a tu?	—	A'mal-a tu?
128	—	51	—	Dantes prendiam-n'a ali a alagria	—	D'antes prendiam-n'a ali a alegria
170	—	29	—	Soneto ridicularisar	—	soneto a ridicularisar
192	—	6	—	Os zampirinistas	—	Os zamperinistas
256	—	30	—	e por quê?	—	e por quê.
263	—	24	—	accordou a disse:	—	accordou e disse:
312	—	10	—	veiu a salêta	—	veiu á salêta

INDICE

PARTE I

PECCADOS DA MOCIDADE

Pag.

I — A explosão da pesqueira 9
II — Dia de S. Bartholomeu 20
III — Encontro do Occidente com o Oriente 37
IV — Triumpho astucioso do Oriente 50
V — O bando do Lobo 62
VI — Consequencias de uma rapaziada 75
VII — Despedida em verso 87
VIII — Therezinha 100
IX — Amor puro 112
X — Cahir do ceu 125
XI — Um atoleiro e uma pomba 136
XII — Nova separação 149

PARTE II

DELICTOS DA VELHICE

XIII — Na vida airada de Lisboa 163
XIV — Chegada da Zamperini 178
XV — A guerra dos poetas 194
XVI — A filha do picheleiro 212
XVII — Mézinha criminosa 224
XVIII — O sarau das Picôas 239
XIX — A chanfana 253
XX — Pobreza e independencia 267
XXI — Rua ! 282
XXII — Rei de bronze e ministro de ferro 296
XXIII — Dezesete annos depois 309
XXIV — Era ella ! 324
Epilogo 338

PQ
9261
P46L6

Pimentel, Alberto
O lobo da Mandragôa

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 14 05 014 8